



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Ana Bárbara Rios Cardoso Ferreira Batista

# A MATA DA CERCA EM GOUVEIA

UM LUGAR PARA A RECONEXÃO NATURAL  
E A EXPERIMENTAÇÃO SENSORIAL

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,  
orientada pelo Professor Doutor João Paulo Cardielos  
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia  
da Universidade de Coimbra.

Julho de 2020



# **A Mata da Cerca em Gouveia**

**Um lugar para a reconexão natural e  
a experimentação sensorial**

**Ana Bárbara Rios Cardoso Ferreira Batista**

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura  
Orientação do Prof. Doutor João Paulo Cardielos

Departamento de Arquitetura  
Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra  
Julho, 2020



Todas as referências estão elaboradas segundo as normas APA.  
As citações transcritas na língua original apresentam-se traduzidas  
pela autora em nota de rodapé.



A esta Terra,  
e aos irmãos e irmãs que brotaram dela comigo.





## Resumo

O projeto de reinventar a Mata da Cerca nasce do desafio prático de reinventar a cidade de Gouveia, no âmbito da disciplina de Atelier de Projeto II C. Este contexto espacial, juntamente com as temáticas teóricas de Território e Paisagem justificam as estratégias de projeto da turma, e enquadram o trabalho de projeto individual.

O processo de desenvolvimento da investigação parte do facto da cidade estar inserida no Parque Natural da Serra da Estrela e é auxiliado pelo estudo das matérias da ecologia e da fenomenologia, com referências complementares.

Põe-se em contraste a Mata da Cerca com o Parque das Pedras Salgadas e explora-se, numa dinâmica teórica, os estudos de Ian McHarg, na componente prática da ecologia na arquitetura e as teorias de Christian Norberg-Schulz, na frente fenomenológica. Esta morfologia proposta procura rever a necessidade de entrar em contacto com os ciclos naturais, enquanto promove uma exploração corporal dos sentidos. A soma destas temáticas vai-se traduzir na abordagem prática de projeto, tanto a nível da turma como individual, e será refletido na forma urbana e arquitetónica que o espaço assumirá.

Assim, o projeto para a Mata da Cerca pretende construir uma espacialidade que suscite uma consciencialização da relevância do contacto equilibrado entre o ser e os seus próprios sentidos, bem como dos sistemas naturais que o rodeiam, para uma evolução saudável da arquitetura e da sociedade.



## Abstract

The *Mata da Cerca* project is born from the practical challenge of reinventing the city of Gouveia, within the scope of *Atelier de Projeto II C* subject. This spatial context, along with the theoretical questions on Territory and Landscape justify the class project strategies, and enframe the individual project work.

The investigation development process starts from the fact that the city is located in the *Serra da Estrela* Natural Park and is then supported by studies of ecology and phenomenology, with complementar references.

A contrast is set between *Mata da Cerca* and the *Pedras Salgadas* Spa & Nature Park, and it is explored, in a theoretical dynamic, the studies of Ian McHarg, in the practical field of ecology in architecture and the theories of Christian Norberg-Schulz, on the phenomenological front. This morphology seeks to review the urgency on the contact with the natural cycles, while promoting a sensorial exploration with the body. The sum of this matters will translate in the practical ideology of the project, both of the class and individual, and will be reflected in the urban and architetonic design that the space will assume.

Thus, the *Mata da Cerca* project seeks to build a spatiality that raises an awareness on the relevance of the balanced contact between the being and his own senses, as well as of the natural systems that surround him, towards a healthy evolution of architecture and society.



# CONTEÚDOS

<b>Introdução</b>	<b>15</b>
<b>Desconexão</b>	<b>29</b>
<b>Conexão</b>	<b>67</b>
<b>Contexto projetual</b>	<b>119</b>
<b>A Mata da Cerca</b>	<b>163</b>
<b>Considerações finais</b>	<b>237</b>
<b>Índices</b>	<b>243</b>
<b>Anexos</b>	<b>265</b>



***That land is a community is the basic concept of ecology,  
but that land is to be loved and respected  
is an extension of ethics.”***

“A Sand County Almanac: And Sketches Here and There”  
Aldo Leopold, US, 1949

“Que a terra é uma comunidade é o conceito base da ecologia,  
mas que a terra tem de ser amada e respeitada é uma extensão de ética.”





## **Introdução**

15



## Oportunidade

O desafio “Reinventar Gouveia” foi lançado, no ano letivo de 2018/19, à turma de Atelier de Projeto II.C, coordenada pelo Prof. Doutor João Paulo Cardielos. Foi celebrado um Protocolo entre o Município de Gouveia e o Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra que estabelece o compromisso, por parte dos alunos, de observar Gouveia através de uma nova perspetiva e trazer visões inovadoras para potenciar os valores económicos, sociais e ambientais da cidade.

Esta investigação individual debruça-se, mais profundamente, sobre as relações ambientais e do património edificado da cidade, e o modo como estas dinâmicas podem contribuir para uma evolução do *status quo*, de acordo com um desenvolvimento saudável e sustentável.



## Objeto de estudo

O objeto de estudo, em concreto, situa-se na Mata da Cerca abrangendo também a área envolvente: uma propriedade senhorial constituída por percursos, tanques e canais de água, fontes, alinhamentos de árvores, um anfiteatro, uma capela, uma casa senhorial, três casas de apoio e ainda casebres de apoio à exploração agrícola. O terreno encontra-se hoje muito fragmentado, sendo composto por programas públicos e privados. O coberto vegetal revela uma condição de abandono e a parte onde se encontram os principais corpos edificados, está num estado aparente de desuso.

A par do exercício prático em questão, complementa-se a investigação com conteúdos teóricos sobre as matérias da paisagem e ecosofia com Ian McHarg, um dos pioneiros a abordar a questão da ecologia ligada à prática do desenho urbano no início dos anos 70, e ainda as visões mais recentes de Elizabeth Meyer e Paul Selman; e com o mundo da fenomenologia na arquitetura, com uma atenção especial ao espírito do lugar de Christian Norberg-Schulz, autor contemporâneo e complementar de McHarg. A par com outras perspetivas precursoras de René Descartes (1596-1650), Baruch de Espinosa (1632-1677), Georg Simmel (1858-1918), Merleau-Ponty(1908-1961) e Juhani Pallasmaa (1936).



## Objetivos

Esta dissertação debruça-se sobre uma relação imersiva, entre a percepção do corpo no espaço e o meio natural que o rodeia. Apoiando-se em investigações feitas em anos anteriores, por alunos do Departamento de Arquitetura de Coimbra, como Hugo Cunha, em “Ecologização da Arquitetura”, e também na Faculdade de Arquitetura do Porto, como “O Espaço do Corpo” de Maria Eduarda Cardoso. Esta investigação pretende fundir estes contributos teóricos sobre paisagem, ecologia e fenomenologia do espaço com o objetivo presente, de os transferir para o desenho prático na arquitetura. O trabalho desenvolve-se, mais profundamente, numa exploração das espacialidades que proporcionam estas experiências imersivas do que propriamente no projeto de execução e no detalhe construtivo.

O objetivo concreto é o de perceber como se pode, através do desenho, proteger uma paisagem rica, como esta que encontramos em Gouveia, promovendo novas dinâmicas turísticas e potenciando ligações aos ritmos da natureza, que muito contribuem para a saúde mental e física do ser humano e das sociedades, e que têm vindo a ser, cada vez mais, alvo de procura. A pergunta à qual se pretende responder é: Quais são as espacialidades arquitetónicas que estimulam e proporcionam esta relação?





# Metodologia

A descoberta de Gouveia começou primeiramente em grupo, com a turma de projeto, onde foram conduzidas pesquisas documentais e um trabalho de campo aprofundado. Foram estabelecidos contactos com o Presidente da Câmara de Gouveia e demais dirigentes municipais, com o objetivo de aferir quais os contornos do objeto que estamos a estudar, para depois podermos responder, concebendo uma estratégia projetual que coletivamente identifica e propõe soluções para os problemas que surgiram.

A estratégia foi posteriormente continuada, já a nível individual, para a realização do projeto alvo desta dissertação, onde é desenvolvida uma investigação com três frentes de pesquisa simultâneas.

A primeira frente consiste em obter uma base documental sólida sobre os paradigmas que levaram o desenvolvimento da sociedade ao ponto onde se encontra presentemente, os acontecimentos que levaram a uma desconexão do meio natural e dos próprios sistemas que nos são intrínsecos; analisar com um olhar crítico as patologias que surgiram desses paradigmas e de que modo podem ser reversíveis, ou ajustadas à nova realidade ecológica que nos confronta, e como esses sistemas complexos-naturais-sociais podem conviver num mesmo espaço.

Esta base documental surge tanto a nível bibliográfico como de obras construídas ou projetos. Reúne um conjunto de ferramentas e métodos que podem contribuir para o objetivo de reconectar a ecologia humana com os próprios lugares onde esta se insere.

Num segundo momento é, através da prática do esquisso, ao experimentar espacialidades que suscitem um espírito crítico na prática da arquitetura, que se prepara o desenvolvimento daquela que será a terceira componente. Trata-se de criar espaços destinados aos momentos de pausa e reflexão, convívio e reunião, lazer e pedagogia, de modo a que o ser que os experiencia possa percorrer um caminho de autodescoberta, enquanto absorve conhecimento sobre o meio natural em que se encontra.



## **Estrutura**

Como reflexo da metodologia praticada, a estrutura da dissertação irá desenrolar-se com uma primeira parte de cariz teórico, histórico e analítico, e uma segunda parte, de exercício de desenho e projeto prático.

A primeira parte desdobra-se em duas temáticas: primeiramente, investigam-se as origens da desconexão da sociedade relativa aos sistemas naturais; e, já numa segunda abordagem, tenta-se compreender qual o caminho traçado em direção à reconexão humana com esses mesmos sistemas.

Na segunda parte explicam-se mais detalhadamente os processos analíticos, as estratégias desenvolvidas em grupo, sobre a cidade de Gouveia, e as suas intenções inerentes.

Finalmente, a concretização do projeto individual para a Mata da Cerca, como reflexo de todo o trabalho desenvolvido, é exposto nesta última etapa. Em formato de anexo segue o levantamento visual da Mata da Cerca, os painéis de apresentação e todo o processo criativo, composto por esquiços, maquetes e painéis anteriores, que estiveram por trás do desenvolvimento de toda esta dissertação, para uma melhor compreensão das intenções, hesitações, referências e conclusões provisórias do trabalho.



## Motivação pessoal

O interesse pelo meio ambiente e a natureza que me rodeia nasceu antes do início desta investigação. Desde cedo, a vida na montanha foi-me inculcida por herança familiar. As férias na casa familiar na Aldeia do Piódão eram o *highlight* do ano. Havia uma sensação inexplicável de contacto que não se sentia na vida urbana de Coimbra. A Serra do Açor e as suas redondezas eram um lugar onde a felicidade se sentia, a triplicar, e até a tristeza sabia menos mal. Claro está que não soube dar razão a estas sensações até bem mais tarde.

No terceiro ano de Faculdade consegui convencer os meus colegas de grupo a fazer uma investigação, no âmbito da cadeira de Urbanismo, com o Prof. Dr. Carlos Martins e a Prof. Dra. Carolina Coelho, sobre a Aldeia do Piódão. Assim começou a minha jornada da Natureza e da Paisagem.

Foi mais tarde, no primeiro ano de mestrado, em Erasmus, na Facoltà di Architettura de La Sapienza, Università di Roma, com a cadeira de Tecnologie per il Recupero del Patrimonio Edilizio e Ambientale (Tecnologias para a Recuperação do Património Edificado e Ambiental), que percebi que o meu conhecimento sobre as matérias da sustentabilidade, Natureza e ambiente, eram nulos.

Esta Dissertação de Mestrado surge da necessidade pessoal de compreender a origem dessas temáticas, para poder, mais tarde, aplicar o conhecimento obtido na vida profissional e pessoal.



## **Desconexão**

29





## Origens

Foi na era clássica, na Grécia antiga, que se encontrou uma das bases de organização cívica do ocidente. Esta sociedade procurava dar explicação aos eventos naturais e sociais que experienciava através da sua estrutura religiosa. Assim, temos os deuses como personificações de Homens que simbolizam diferentes elementos e eventos naturais, resultando numa religião politeísta.

Este sistema de organização social e moral refletia um grande poder atribuído à perícia do Homem, como ser superior, mas conferia também à Natureza e aos Deuses uma grande força telúrica, constituinte da parte da vida que o Homem não poderia controlar. Assim, o Homem e a Natureza eram vistos como parceiros de um trabalho recíproco.

Infelizmente, o balanço entre o peso do Homem e da Natureza, na cultura grega, como dois trabalhadores equiparáveis não deixou marca permanente na sociedade ocidental, passando a partir daí a atribuir o maior cargo ao ser humano e às suas ações.

31

Foi com a adoção das crenças monoteístas que se iniciou a desconexão moral perante a Natureza.

Na civilização romana, apesar da base da sua mitologia resultar de um natural sincretismo com a cultura grega, e de ter começado, numa primeira fase, como uma religião politeísta, fatores como a hierarquização social, que concede ao Imperador o *status* de deus na terra, que reflete os desejos dos deuses, revelaram logo à partida um certo desequilíbrio nos ideais Deus-Natureza-Homem.

Foi na adoção de crenças monoteístas, com o nascimento do Judaísmo, do Cristianismo e Islamismo, que este desequilíbrio se tornou paradigma das civilizações vindouras. Os seus livros sagrados ditam uma força, um deus, que criou a Natureza, os seres-vivos e o Homem. A atribuição da força criadora da vida no universo a um ser



externo, desconhecido e impalpável, proporcionou uma desconexão sem precedentes com a verdadeira fonte de vitalidade.

A Natureza passou a ser simplesmente o pano de fundo em que decorrem todas as atividades humanas, ou melhor, a fonte de exploração para o Homem solidificar a sua posição como ser soberano. Como Ian McHarg, professor e arquiteto paisagista da Universidade da Pensilvânia, refletiu no seu livro de 1969 “Design with nature”:

*Among us it is widely believed that the world consists solely of a dialogue between men, or men and God, while nature is a faintly decorative backdrop to the human play. If nature receives attention, then it is only for the purpose of conquest, or even better, exploitation – for the latter not only accomplishes the first objective, but provides a financial reward for the conqueror.*

(McHarg, 1995, p.24)

33

O resultado desta nova crença foi uma dissociação da ‘Natureza como mãe de todos os seres’, e a proclamação do Homem como ser sobreinteligente que soube ler os sinais de deus, garantindo-se assim, a si próprio, a supremacia total na terra.

Tradução livre: “Entre nós, acredita-se que o mundo consiste apenas de um diálogo entre Homens, ou entre Homens e Deus, enquanto que a natureza é meramente um pano de fundo da atividade humana. Se a natureza recebe atenção, é somente para o propósito de conquista, ou melhor, exploração - pois a última não alcança só a primeira, mas também garante uma recompensa financeira para o conquistador.”



**Fig. 1** - Praça de S. Pedro, Roma

## Antropocentrismo

Continuando no processo evolutivo deste ideal fundado à imagem do Homem, é no acordar do Renascimento que assistimos à solidificação destes conceitos.

O renascer da mente, pós Idade Média, retornou a visão da sociedade para a era clássica, para o interior do Homem e do intelecto, e tornou-os os principais objetos de estudo dos primeiros contornos da ciência. Estes estudos colocavam o Homem no centro do universo, já que este era o único ser que, através dos seus sentidos, conseguia transformar os estímulos recolhidos em informação e guardá-la, de forma a aplicá-la mais tarde em seu próprio benefício.

Assim, durante o período medieval, na cultura ocidental, tínhamos um consciente coletivo regido pelo medo hegemónico da religião e da monarquia, mas este só afetava parcialmente a natureza. A grande concentração humana encontrava-se confinada na muralha e o que se encontrava no exterior era utilizado para atividades agrícolas, pastorícias, ou florestas, só aparentemente deixada intocada.

35

Com o renascimento o panorama alterou-se. Aumentou exponencialmente a procura pelo meio urbano pelo que os limites da muralha se foram expandindo, engolindo assim mais espaço agrícola e explorando muitos mais recursos naturais, para dar resposta à ostentação, principalmente arquitetónica, que cada vez mais se pretendia.

É neste momento histórico que se começa a perceber que o poder do Homem sobre a Natureza se começou a desenvolver. Quando antes reinava um medo relativo à religião e à monarquia, começa a sobressair a condição burguesa que irá entrar na disputa. A força poderosa de ‘deus na terra’ transferiu-se para o ‘Homem Iluminado’, detentor da riqueza e da cultura.

Ao caminhar por qualquer cidade renascentista, percebe-se que as fundações presentes são muito mais autoritárias do que humanitárias (McHarg, 1995), ou mesmo



36

**Fig. 2** - Vista aérea do Jardim de Versailles, Paris



**Fig. 3** - Vista aérea dos Jardins da Vila d'Este, Tivoli

religiosas. Podemos observar este facto nas igrejas e nas sublimes basílicas que, sobre um pretexto religioso, eram usadas para provar a riqueza e a ostentação entre cada família e até mesmo fazer frente ao papado, enquanto a qualidade de vida do comum cidadão era simplesmente ignorada. De acordo com estas bases, pode constatar-se o princípio de uma patologia dos sentidos.

*During Renaissance the five senses were understood to form a hierarchical system from the highest sense of vision down to touch. The renaissance system of the senses was related with the image of the cosmic body: vision was correlated to fire and light, hearing to air, smell to vapour, taste to water, and touch to earth.*

(Pallasmaa, 2012, p. 7)

É segundo esta premissa que conseguimos perceber tal ostentação, a visão como sentido privilegiado e acessível a toda a hierarquia social, sem uma necessidade de chegar próximo do objeto, serve como meio de comunicação do poder instalado.

Já na fase barroca, com os jardins das *Villas e Palazzos*, a sociedade ocidental conseguiu demonstrar algo mais. O desenho do jardim foi a prova final de que a Natureza era um meio para o Homem explorar, em seu proveito, sem qualquer tipo de considerações sobre as leis complexas que a formam. Segundo as palavras de McHarg, nestes jardins, como Villa d'Este, Versailles ou os Jardins de Boboli, a natureza era disposta sem qualquer consideração por associações ou comunidades de espécies. Só a beleza visual era considerada e os elementos naturais eram domesticados, como cães ou gatos, em jaulas

Tradução livre: “Durante o Renascimento os cinco sentidos eram compreendidos de forma hierárquica, do mais alto sentido da visão até ao mais baixo, o tato. O sistema renascentista dos sentidos estava relacionado com a imagem do corpo cósmico: a visão era relacionada com o fogo e a luz, a audição com o ar, olfato com o vapor, paladar com água, e o tato com a terra.”





geométricas. *The garden symbolizes domesticated nature, the wild is beyond. It is indeed only the man who believes himself apart from nature who needs such a garden.*<sup>1</sup> (McHarg, 1995, p.72)

O ego humano foi ainda mais elevado com esta manipulação desadequada do meio natural e a imagem do jardim é o prémio do Homem sobre a Natureza.

*This is the image of the anthropomorphic, anthropocentric man; he seeks not unity with nature but conquest. Yet unity he finally finds, but only when his arrogance and ignorance are stilled and he lies dead under the green sward. We need this unity to survive.*<sup>2</sup>

(McHarg, 1995, p. 24)

Este apontamento de McHarg é visto como uma forte metáfora. Por mais que a humanidade se tenha vindo, ao longo da história, a convencer da sua superioridade e a lutar contra a força dos sinais que lhe são apresentados, o Homem regressa sempre ao seu lugar de origem.

Tradução livre:

<sup>1</sup>“O jardim simboliza a natureza domesticada, o selvagem fica além. De facto, só o Homem que acredita em si próprio separado da natureza é que precisa de tal jardim.

<sup>2</sup>“Esta é a imagem do Homem antropomórfico e antropocêntrico; ele não procura unidade com a natureza mas sim conquista. Ainda assim, encontra a unidade, mas só quando a sua arrogância e ignorância estão silenciadas e ele repousa morto debaixo da relva. Precisamos que esta unidade sobreviva.”



## A Revolução Científica

A saturação do cenário barroco e rococó, com a sua ostentação e luxo visual, trouxe um desejo de mudança. A atenção da sociedade ocidental virou-se mais uma vez para os tempos clássicos e a sua racionalidade, tranquilidade, harmonia de espírito e de composição.

Este novo paradigma social fez da Razão o principal objetivo a alcançar, através do conhecimento e do racionalismo. Assim, contra os antigos dogmas religiosos e morais, assistimos ao solidificar da Ciência e, com ela, a ascensão do ser humano a um novo patamar de poder, como ser onisciente. O Homem encontrou aqui a maneira mais perigosa de explorar a natureza, algo que mudou a face da Terra para sempre.

Desde que os nossos ancestrais começaram a manejar paus e pedras para facilitar a caça, ou que começaram a adaptar bens naturais para construir um abrigo ou um cerco, que demonstraram grande engenho em moldar as matérias brutas para sua benesse. O ser humano não é, de longe, o animal mais forte, o mais veloz ou o mais ágil, e todos os instrumentos ou ferramentas por ele alguma vez criados serviram para potenciar alguma ação humana de forma mais precisa e eficaz. A Revolução Industrial não foi diferente em nenhuma maneira. A máquina surgiu como uma extensão dos membros do Homem e facilitou em muito a produção em massa, que veio mudar a qualidade de vida dos seres humanos, e a maneira como vivem no seu meio envolvente.

Pode-se refletir que, tal como muitas outras descobertas, a adoção da máquina surgiu como um bom princípio. Foi o ‘duplicar’ das mãos humanas para que se pudessem concentrar-se em mais tarefas, simultaneamente, e ainda mais relevante, foi a velocidade com que estas novas mãos construiriam coisas. A condição humana parece recair sempre no mesmo erro: exagero na aplicação de novas descobertas e a sua exploração até à



saturação.

Estes novos métodos de produção vieram reforçar fortemente o ideal capitalista, que já se instalara por volta do Renascimento, e começaram a moldar ativamente o sistema económico. Nos primórdios da era humana, quando este ser não se demonstrava ainda grande ameaça perante a natureza, era comum haver trocas de bens alimentares ou de esconderijos. Os bens mais escassos eram altamente valorizados e guardados, como o ouro, a prata ou o incenso, no entanto, os bens realmente essenciais à vida eram vistos como algo fora do seu alcance e controlo, tais como a água, a terra, o vento ou o fogo, e não entravam no sistema de valores. Hoje não podemos dizer o mesmo. Acontece que, por volta deste período industrial os valores atribuídos às comodidades aumentaram, somos agora incapazes de dar valor aos processos indispensáveis mas desenvolvemos uma aptência extrema por bens efémeros. (McHarg, 1995)

Tais desenvolvimentos no sector secundário proporcionaram uma desconexão exponencial com a natureza. O cidadão comum, consumidor final, perdeu completamente a consciência da perceção dos processos, e tornou-se indiferente à verdade de que tudo nasce do seio natural. Começou-se assim a separar aquilo que é natural daquilo que é artificial, como se se tratasse de duas categorias pares da criação, quando é claro que uma está dependente da outra e o mesmo não acontece em sentido inverso. Perdemos a noção da origem de tudo aquilo que consideramos valioso. Esta visão do mundo como uma matéria prima falha em avaliar e incorporar processos físicos e biológicos: perdemos o conhecimento empírico dos nossos antepassados (Mc Harg, 1995).

Ao juntar o Iluminismo e as premissas da Revolução Industrial numa mesma receita, não é de estranhar a origem do pensamento moderno. As certezas que havia com a Ciência e o desenvolvimento tecnológico, juntamente com algumas bases clássicas, instigaram a sociedade a acreditar que não havia uma representação na história que fizesse jus a esta nova era.



**Fig. 4** - *Plan Voisin*, Paris, Le Corbusier, 1925

A Arquitetura Moderna nasce assim com uma necessidade de se desfazer das ordens clássicas e dos ornamentos do passado, adotando uma linguagem que razou toda a bagagem histórica, até à data em que procurou novas formas e novas espacialidades para representar o Homem Moderno. Foi com este apagar do quadro, a folha em branco, que os arquitetos começaram a refletir, de um ponto de vista social, qual deveria ser o novo modo de vida, quais os novos hábitos a satisfazer, e qual a filosofia que os deveria suportar. Nasce assim a ideologia da cidade como fábrica, os edifícios urbanos como máquinas que a fazem trabalhar e o controverso *motto*, *Form follows Function*, cunhado por Louis Sullivan, que nunca o fez com a intenção de instalar um paradigma de funcionalismo radical.

A cidade fábrica, constituída por máquinas funcionantes que servem o propósito pretendido, não se afasta muito da realidade que encontramos nos sistemas naturais. O erro consiste no facto de se considerar esta máquina de modo simplista, de modo a poder ser aplicada de forma igual em todo o lugar. *As últimas décadas têm revelado de modo cada vez mais límpido que essa abordagem pragmática tem como resultado um ambiente esquemático e descaracterizado, que não oferece possibilidades suficientes para a habitação humana.* (Nesbitt, 2006, p. 472) Este método não se revela no todo Natural, não se revela num meio natural específico, num ecossistema, e também não se revela no próprio funcionamento da mente e corpo humanos. O Funcionalismo que reinou nesta época falhou ao desconsiderar a memória ou a identidade, o *sense of place*. Encontramos assim muitas obras arquitetónicas que não pertencem ao lugar onde estão construídas mas sim, que poderiam encontrar-se em qualquer outro ponto do planeta, obras que não estão pousadas no seu chão mas sim flutuantes num espaço concetual e intelectual.

*L'uomo moderno ha per lungo tempo creduto che la scienza e la tecnologia lo avessero liberato da una dipendenza diretta dai luoghi.*





*Questa certezza' si è rivelata un'illusione; l'inquinamento ed il caos ambientale sono improvvisamente apparsi come una spaventosa nemesi, con il risultato di ricondurre alla sua piena importanza il problema del luogo.<sup>1</sup>*

(Norberg-Schulz, 1997, p.18)

Com *Form follows function* temos uma máxima que parece ter um fundo teórico razoável embora estejamos habituados a crer que todas as formas naturais são como são pois servem a função que lhes é designada.

*They believe [the naturalists], as we have learned, that nature is process, but they also believe that form and process are indivisible aspects of a single phenomenon. That is, that which is seen to be is an important aspect of that which is. It is a valuable mode for understanding and one indispensable for expression.<sup>2</sup>*

47

(McHarg, 1995, p.163)

Não fosse a obsessão humana de organizar tudo em pirâmides hierárquicas, tal equívoco não aconteceria. Ambos os conceitos são partes indivisíveis da mesma ação, que revelam não só forma e função, mas que mutam consoante a sua saúde, a sua evolução, e o seu estado social perante outros seres.

Tradução livre:

<sup>1</sup>“O homem moderno, durante muito tempo acreditou que a ciência e a tecnologia o tinham libertado de uma dependência direta dos lugares. Esta ‘certeza’ foi revelada uma ilusão; a poluição e o caos ambiental apareceram precisamente como um nemesi assustador, com o objetivo de redirecionar o problema do lugar à sua plena importância.”

<sup>2</sup>“Eles [os naturalistas] acreditam, como aprendemos, que natureza é processo, mas também acreditam que forma e processo são aspetos indivisíveis do mesmo fenómeno. Ou seja, aquilo que se vê que é, é um aspeto importante daquilo que é realmente. É um modo valioso para a perceção e indispensável para a expressão.”



*It is important to recognize the realm of life's essential attribute: change that is reflected in form. This exhibits, not simple multiplication, but relative growth of the parts, better described as rhythm than as mere modular increase.*

(McHarg, 1995, p. 163)

Podemos assim descartar este dogma modernista que em nada serve o paradigma atual. A raça humana cria objetos tão permanentes e com recursos tão penosos para a natureza que não pode dar-se ao 'luxo' de fazer edifícios fechados, esperando que a sua função se confine a mesma para a eternidade.

*E tal como a vida, e o universo vivo em geral – processo orgânico feito de mudanças – Hübner não pretende que os seus edifícios sejam definitivos ou dados por terminados, pois como refere “o mundo já sofreu o suficiente com a arquitetura terminada. (Cunha, 2013, p.172) Torna-se assim urgente a adoção de um pensamento complexo sobre os sistemas, de uma ecologia do lugar e de um processo contínuo de projeto, em que este pode mutar, ser permeável e aberto às necessidades presentes em cada território em específico.*

49

*Retomando a alusão metafórica «mecânico versus orgânico», recuperamos a afirmação proferida por Alvar Aalto, de que a casa em crescimento deve substituir a máquina de viver, “(...) mais do que desenhada pode considerar-se gerada e em consequência o ambiente converte-se numa totalidade dinâmica de órgãos em interação.*

(Cunha, 2013, p.52)

Tradução livre: “É importante reconhecer o reino do atributo essencial à vida: mudança que é refletida em forma. Isto apresenta não uma simples multiplicação mas sim um crescimento relativo entre as partes, melhor descrito como ritmo do que meramente como progresso modular.”



## **Alienação dos Sentidos**

Desde a Arquitetura Moderna até aos dias presentes, temos assistido a uma grande melhoria nestes conceitos de ecologia, sustentabilidade e aproximação à natureza. Muitos cientistas, biólogos, urbanistas, arquitetos, engenheiros e sociólogos dedicam-se hoje a pensar estes conceitos e a explorá-los praticamente, contudo, não passam de pequenas exceções num estado ainda demasiado prematuro, quando confrontados com a urgência necessária. A herança capitalista que nos governa define que o baixo custo e o máximo rendimento são os objetivos finais, e que o fator humano se traduz simplesmente em números.

O resultado desta ganância, a par com a tecnologia avançada das maquinarias e a globalização do planeta, trouxe vários problemas à sociedade atual. Vivemos numa realidade em que a construção standardizada é prioridade, a aglomeração urbana está a quebrar recordes de sobrepopulação, o contacto social é cada vez mais evitado devido ao ritmo stressante que é exigido à vida na cidade e as pessoas estão cada vez mais desligadas das suas origens, do seu meio e delas próprias.

Um fator que herdámos da Revolução Industrial e adotámos à nossa vida na cidade, foi o standard dos objetos e dos edifícios, é mais fácil e barato produzir várias coisas iguais do que dar o devido detalhe a cada objeto em particular. Esta é mais uma medida que foi tomada com as melhores intenções, e garantiu um aumento na qualidade de vida e conforto em geral. Mas tal como na natureza, tal como nos sistemas humanos não há dois problemas distintos que possam ser resolvidos de maneira igual. Como Norberg-Schulz teoriza no seu livro “Genius Loci - Paesaggio, Ambiente, Architettura” quando um Homem habita, ele está localizado num espaço e exposto a um carácter ambiental, isto traduz-se num sentido de orientação e identificação. Para uma pessoa se sentir segura num certo lugar, onde habita, ela tem de saber onde pertence, mas também, ser capaz de



se identificar com esse mesmo ambiente. Acontece que o fenómeno da standardização e a própria globalização das cidades vai contra este sentido de pertença que um ser necessita para se sentir ‘em casa’.

*Nelle società primitive persino i più piccoli dettagli ambientali sono conosciuti e pregni di significato, componendo strutture spaziali complesse. Invece nella società moderna l'attenzione è quasi esclusivamente concentrata sulle funzioni 'pratiche' dell'orientamento, mentre l'identificazione è lasciata al caso. Ne risulta che l'abitare vero e proprio in senso psicologico, è sostituito dall'alienazione. È perciò necessario raggiungere una comprensione più profonda dei concetti di 'identificazione' e di 'carattere'.*

*(Norberg-Schulz, 1997, pp. 20-21)*

Em “Design with Nature”, McHarg apresenta um estudo que fez sobre a cidade da Pensilvânia, onde se avaliam os níveis de doenças e patologias, tanto físicas como psicológicas, e são mapeadas segundo o local onde as pessoas vivem na cidade. Não será de estranhar que, quando sobrepostas, o maior foco incida nas áreas mais densas, quer a nível de edificado, quer a nível de população.

*Stimuli, either superabundant or infrequent, can be important stressors. When there are very many stimuli, as in city center, and even*

Tradução livre: “Nas sociedades primitivas até os pequenos detalhes ambientais são conhecidos e repletos de significado, compondo estruturas espaciais complexas. Por sua vez, na sociedade moderna, a atenção é quase exclusivamente concentrada nas suas funções ‘práticas’ de orientação, enquanto que a identificação é deixada ao acaso. Acontece que o abitar propriamente dito num sentido psicológico, é substituído pela alienação. É portanto necessário alcançar uma compreensão mais profunda dos conceitos de ‘identificação’ e de ‘carácter’”





*more importantly, when most of these are meaningless, they act as noise. It becomes necessary to exclude them. When the exclusion is effected or when the majority of stimuli have no meaning, there can occur sensory deprivation. Both are serious stresses. Studies of sensory deprivation have shown it to produce hallucinations. (...) This paradox of sensory overload and deprivation sounds suspiciously like anomie and The Lonely Crowd* [análise sociológica sobre o carácter americano por Nathan Glazer].

(McHarg, 1995, p. 195)

Acima explicava-se a ascensão do Homem perante a Natureza e, mais tarde, a da divindade de alguns Homens perante o resto dos Homens (McHarg, 1995). O comum civil, hoje, tornou-se a máquina para os mestres do capitalismo, igualmente standardizada, da qual se espera que aprenda de igual forma, que opere de igual forma, que execute o melhor trabalho pelo menor valor possível, e o mais rápido possível. A experiência da vida é baseada em malabarismos de horários e tostões, com uma pequena percentagem de tempo para ser aplicado na paixão, na emoção, no conhecer e na verdadeira conceção do habitar.

Sefan Behling, executivo sénior da empresa Foster + Partners e diretor da componente de investigação em design sustentável, e em novos materiais para construção, defende que um grande desafio das cidades e dos edifícios onde habitamos é precisamente a privação

Tradução livre: “Estímulos, quer sejam em abundância ou com pouca frequência, podem ser fatores relevantes. Quando existem muitos estímulos, como no centro da cidade, e mais relevante, quando estes não têm significado, atuam como barulho. Torna-se necessário excluí-los. Quando essa exclusão é feita, ou quando a maioria dos estímulos não têm significado, pode ocorrer privação sensorial. Ambos são problemas sérios. Estudos sobre privação sensorial mostraram que a condição pode causar alucinações. (...) Este paradoxo de sobrecarga sensorial e privação soa suspeitamente a anomalias e à “The Lonely Crowd”.



sensorial. Ele exemplifica como os escritórios onde grande parte da população das cidades trabalha, é descrita como caixas pretas empilhadas completamente seladas, sem janelas, onde se instalam sistemas de ventilação e iluminação artificiais. Behling compara este ambiente a um estudo desenvolvido pela CIA, onde colocaram pessoas numa sala branca, sem qualquer estímulo sensorial. Passado 24h na experiência, as pessoas começaram a revelar os primeiros indícios de alucinação e passado 48h, entraram em colapso mental.

*Sensory deprivation is as bad for your brain as the lack of stimulation is to your muscles. You all know the phenomenon having a plaster cast and then your muscles suffer from atrophy and basically disappear. The same, in very simplistic terms, happens to your brain if you do not stimulate it, it will actually change plasticity and shrink.*

*In order to fight that, your brain creates hallucination.*

(Behling, Ted Talks, 2015)

57

Esta comparação revela que o ser humano construiu uma sociedade em que é aceitável reduzir as necessidades essenciais ao bem-estar, em prol de faturação e produtividade comercial. Esta veloz produtividade e sentimento de alienação ao longo dos dias cria represálias mentais severas.

*The incredible acceleration of speed in our time has collapsed time into the flat screen of the present, upon which the simultaneity of the world is projected. As time loses its duration and its echo in the primordial past, man loses his sense of self as a historical being, and*

Tradução livre: “Privação sensorial é tão mau para o cérebro como é a falta de estimulação para os músculos. Todos conhecem o fenómeno de ter gesso e os músculos ficam atrofiados e desaparecem. O mesmo acontece, em termos simples, com o cérebro se ele não for estimulado, ele muda a sua neuroplasticidade e diminui. Para combater isso, o cérebro cria halucinações.”



*is threatened by the 'terror of time.'*<sup>1</sup>

(Pallasmaa, 2012, p. 36)

A Arquitetura Moderna, implantou no ser humano uma maneira um tanto superficial de conceber a arquitetura e o meio em que vive. Com a adoção de novas linguagens e vanguardas extremistas, eliminando quase completamente a bagagem que vinha intrínseca no nosso ADN desde sempre, a criação do edifício e da cidade tornou-se algo maioritariamente visual e concetual. *Modernist design has housed the intellect and the eye, but it has left the body and the other senses, as well as our memories and dreams, homeless.*<sup>2</sup> Assim começou o grande problema relativo à visão no topo da pirâmide hierárquica dos sentidos. Este problema desenvolveu-se hoje na arquitetura, pensada através de imagens estáticas, que não revelam uma profundidade sensorial ao seu máximo potencial e que mais uma vez refletem um obliúvio da memória corporal da espécie humana. *An architectural work is not experienced as a collection of isolated visual pictures, but in its full material and spiritual presence.*<sup>3</sup>

59

Ao analisar o dia-a-dia percebe-se que o Homem é sobre-estimulado pela visão constantemente, quer pela maneira como nos surgem anúncios, com cores cuidadosamente estudadas por psicólogos para captar uma maior atenção, quer pela maneira como os nossos *smartphones* e computadores estão organizados, quer pelas redes sociais que usamos, até à comida que comemos, minunciosamente escolhida através de arquétipos visuais do 'alimento perfeito'.

Tradução livre:

<sup>1</sup> "A incrível aceleração de velocidade do nosso tempo colapsou o tempo no ecrã raso do presente, onde a simultaneidade do mundo é projetada. À medida que o tempo perde a sua duração e o seu eco no passado primordial, o Homem perde o seu sentido de ser como um ser histórico, e é ameaçado pelo 'terror do tempo.'"

<sup>2</sup> "O design moderno abrigou o intelecto e a visão, mas deixou o corpo e os outros sentidos, bem como as nossas memórias e sonhos, sem casa."

<sup>3</sup> "Uma obra arquitetónica não é experienciada como uma coleção de imagens visuais isoladas, mas sim na sua total presença material e espiritual."



É uma escolha lógica fazer da visão o sentido principal, é o mais acessível, o mais rápido a ser traduzido no cérebro e também aquele em que o ser humano mais confia, por ser dificilmente induzido em erro. Acontece que, como já vimos acima, os distúrbios que advêm de garantir todo o poder a um só elemento de um todo, este torna-se imperfeito e desequilibrado.

*The inhumanity of contemporary architecture and cities can be understood as the consequence of an imbalance in our sensory system. The growing experience of alienation, detachment and solitude in the technological world today, for instance, may be related with a certain pathology of the senses. The dominance of the eye and the suppression of the other senses tends to push us into isolation, detachment and exteriority.*

(Pallasmaa, 2012, pp. 9-10)

61

Torna-se, portanto, premente que o Homem se volte a considerar como um todo para que possa curar os seus distúrbios sensoriais e procurar uma forma criativa, e não destrutiva, de se relacionar com o seu ambiente.

*Yet, it is true that while many people can assemble letters, words and sentences and be literate, fewer people are as conversant with the language of color, texture, mass, form and the meanings they reveal. (...) Yet, it is not that they fail to respond to these – only in death can*

Tradução livre: “A desumanidade da arquitetura e das cidades contemporâneas pode ser compreendida como a consequência de um desequilíbrio no nosso sistema sensorial. A crescente experiência de alienação, desapego e solidão no mundo tecnológico de hoje em dia, por exemplo, podem estar relacionados com uma certa patologia dos sentidos. A dominância da visão e a supressão dos outros sentidos tende a empurrar-nos para o isolamento, desapego e para a exterioridade.”





*this be avoided – but that the meaning discerned is only a small part of that which is visible. The information is as operative as is the perception of the observer.*<sup>1</sup>

(McHarg, 1995, p. 171)

É necessário então, abrir todos os sentidos, para se poder ser mais sensível sobre os significados do que nos rodeiam e para que possamos voltar a considerar o espaço de habitar como um lugar que serve a totalidade dos seres existentes e, por conseguinte, ‘construímos’ a Terra que serve a todos os sistemas nela presentes.

A espécie humana tem uma louvável bagagem de conhecimento mas também métodos negros de a aplicar no meio que habita.

*Such is our inheritance. A ragbag of ancient views, most of them breeding fear and hostility, based on ignorance, certain to destroy, incapable of creation. Show me the prototypical anthropocentric, anthropomorphizing man and you will see the destroyer, atomic demolition expert, clear feller of forests, careless miner, he who fouls the air and the water, destroys whole species of wildlife: the gratified driver of bulldozers, the uglifier.*<sup>2</sup>

(McHarg, 1995, p.76)

Tradução livre:

<sup>1</sup>“Enquanto que muitas pessoas conseguem escrever cartas, palavras e frases e ser literadas, menos pessoas são tão conversantes com a linguagem da cor, textura, materialidade, forma e os significados que elas revelam. (...) Mesmo assim, não é que elas falhem em reagir a estas - só na morte isto acontece - mas o significado obtido é só uma pequena parte daquilo que é visível. A informação é tão produtiva quanto a percepção de quem observa.”

<sup>2</sup>“Tal é a nossa herança. Um saco de visões antiquadas, a maioria delas a alimentar o medo e a hostilidade, baseadas na ignorância, determinadas a destruir, incapazes da criação. Mostrai-me o protótipo do Homem antropomórfico e antropocêntrico e verás o destruidor, perito em demolição atómica, assumido destruidor de florestas, mineiro sem consciência, aquele que polui o ar e a água, destrói espécies inteiras de vida selvagem: o satisfeito motorista de escavadoras, o ‘disformizador’ (que provoca coisas feias).”



Torna-se então um objetivo adicional, tentar aferir como podemos aprender com estes erros, saber quando é que agimos corretamente e transformar essas lições em criação positiva, não só para o bem da Humanidade como também para todo o ecossistema em que ela se insere.

*The central preposition of this book has been that creativity and destruction are real phenomena, that both have attributes, that fitness and unfitness – in the evolutionary sense – are expressions of these, as are health and disease.*

*We need to know where are the environments of health for there the environment is fit, the adaptations are creative. There is a creative-fit-healthy environment. What are its components? All this we must know to create the humane city.*

(McHarg, 1995, p.195)

É precisamente a esta pergunta de Ian McHarg que se pretende responder na componente prática desta dissertação, usando a Mata da Cerca como meio exploratório.

Tradução livre:

“A proposição central deste livro tem sido que criatividade e destruição são fenómenos reais, com atributos, de aptidão e inaptidão - no sentido evolucionário - as expressões destes são a saúde e a doença.

Precisamos de saber onde se encontram os ambientes saudáveis pois neles o ambiente é apto, as adaptações são criativas. Existe um ambiente criativo-apto-saudável. Quais são os seus componentes? Precisamos saber isto tudo para criar a cidade humanizada (no sentido compassivo do termo).”







## Uma segunda visão sobre Origens

Se se considerar a casa onde se vive, a Terra, e a cidade onde se reside, o Universo, verifica-se que o conceito de Natureza é muito mais amplo do que se está habituado a considerar. De facto, o Dicionário online da Porto Editora, define essa palavra como *[com maiúscula] conjunto de todos os seres, animados ou não, que constituem o Universo*. Georg Simmel (1858-1918) define a Natureza como *o nexo infindo das coisas, a ininterrupta parturição e aniquilação das formas, a unidade ondeante do acontecer, que se expressa na continuidade da existência espacial e temporal* (Simmel, 1913 como citado em Ramos, 2012). Mas, devido a toda a sua bagagem histórica, o Homem cresceu a distanciar-se da Natureza, visualizando-a como um termo separado de si mesmo e, muitas vezes, como um conceito minoritário quando comparado com a ‘sua própria grandeza’.

Se observarmos de um ponto de vista astrofísico e cosmológico, percebemos que as leis que regem a comunidade humana estão muito distantes das que são realmente as leis intrínsecas à vida na Terra e no Universo. Como era explicado em “Design with Nature”, a vida só pode ser transmitida por vida e, assim, só o facto de ser um ser vivo, liga todos os seres vivos a nós e isso significa que estamos fisicamente ligados desde a origem até aos dias de hoje. Esta teoria é fundamentada através da proposição de que tudo é energia. Se o máximo de conhecimento que obtemos até agora sobre o nascimento de toda a matéria é que tudo começou como energia, então só nos leva a concluir que tudo é energia, simplesmente, com ‘receitas’ diferentes de interação e agrupamento.

*This suggests an ecological value system in which the currency is energy. There is an inventory of matter, life forms, apperceptive powers, roles, fitness, adaptation, symbioses and genetic potential.*





*Consumption optimally involves the employment of energy in the raising of levels of matter.<sup>1</sup>*

(McHarg, 1995, p.197)

Assim sendo, e retomando as premissas monoteístas que se falava no início do capítulo anterior, poderia-se supor que Deus e a Natureza são uma mesma identidade, simplesmente com nomenclaturas diversas. Podendo então concluir-se que se a Natureza é composta por energia, e o Homem é um agente da Natureza, então o ser humano é também um agente do processo de Deus. *If devine there is, then all is divine. If so, then the acts of man in nature are sacramental.*<sup>2</sup> (McHarg, 1995, p. 68)

Descendo à dimensão da nossa casa, a Terra, torna-se premente o abandonar do método hierárquico, típico do Homem de reger a vida, juntamente com a visão do topo da pirâmide e abolir qualquer ideologia hierárquica relativa aos processos naturais. *The biosphere does not consist of a pyramid of organisms but of ecosystems in which many different creatures coexist in interdependence, each with its own process, apperception, roles, fitness, adaptations and symbioses*<sup>3</sup> (McHarg, 1995, p. 197). A Natureza funciona como um sistema de sistemas complexos, que se completam e se melhoram com a adaptação, processo ao qual chamamos evolução.

É no ato de evoluir que a Natureza encontra forma de restaurar sempre o seu equilíbrio entre todos os seres. Os elementos constituintes adaptam-se sempre para ser e

Tradução livre:

<sup>1</sup> “Isto sugere um sistema de valores ecológicos em que a ‘moeda’ é energia. Existe um inventário de matéria, formas de vida, percepção de poderes, papéis, aptidão, adaptação, simbiose e potencial genético. O consumo otimizado envolve o emprego de energia no crescimento dos níveis de matéria.”

<sup>2</sup> “Se existe um divino, então tudo é divino. E sendo assim, os atos do Homem na natureza são sacramentais.”

<sup>3</sup> “A biosfera não consiste numa pirâmide de organismos mas sim em ecossistemas, nos quais muitos seres vivos diferentes coexistem em interdependência, cada um com os seus processos, percepções, papéis, aptidões e simbioses.”



criar algo melhor, perecendo assim os componentes que não têm uma capacidade adaptativa positiva, ou seja, saudável.

*The ecological view requires that we look upon the world, listen and learn. The place, creatures and men were, have been, are now and are in the process of becoming. We and they are here now, co-tenants of the phenomenal world, united in its origins and destiny!*<sup>1</sup>

(McHarg, 1995, p. 29)

McHarg apresenta-nos depois o conceito de *fitness*, traduzido como ‘aptidão’, para poder explicar como é feita a seleção natural dos elementos considerados saudáveis e os não saudáveis. *The concern with fitness involves meaningful form, and it was seen that evolution has been in this business for a long time and that man is only one of its products. Thus meaningful form is not limited to man and his works, but to all things and all beings*<sup>2</sup> (McHarg, 1995, p. 165). Assim, podemos concluir que o sucesso de um objeto, de um ser, ou de todo um ecossistema está dependente da boa comunicação da sua forma porque, caso contrário, a sua expressão não é transmitida e a sua função fracassa. *Now the fact that things and creatures exist is the evidence that they are fit – they then represent meaningful form*<sup>3</sup> (McHarg, 1995, p. 165).

Com a negação de toda a ideologia simplista a que nos acostumámos desde a revolução das máquinas, obtemos agora um pensamento que aceita a complexidade

Tradução livre:

<sup>1</sup>“A visão ecológica requer que se olhe perante o mundo, que se ouça e que se aprenda. O lugar, os seres vivos e os Homens estiveram e estão num processo contínuo de transformação. Nós e eles somos aqui agora, coinquilinos do mundo fenomenal, unidos na origem e no destino.”

<sup>2</sup>“A problemática da aptidão implica forma com significado, e foi visto que a evolução tem estado neste negócio por muito tempo e que o Homem é só um dos seus produtos. Por isso, forma com significado não está limitada aos Homens e aos seus trabalhos, mas sim a todas as coisas e a todos os seres.”

<sup>3</sup>“O facto de que as coisas existem e os seres vivos existem é a prova de que eles são aptos - então eles representam uma forma com significado.”



intrínseca nos sistemas da Natureza. Como Hugo Cunha, aluno de Arquitetura, refletiu na sua tese “A Ecologização da Arquitetura”: *O conhecimento complexo rejeita a simplificação que dissolve os complexos; comporta o adquirido de tudo o que traz a análise e a distinção; apela à união da complexidade e da simplicidade; tem por missão religar, distinguindo sempre as partes do todo, e o todo das partes, ou seja, estabelece o circuito: todo – partes* (Cunha, 2012). Toda esta linha de pensamento se torna ainda mais pertinente quando se percebe que é precisamente o facto de observar os fenómenos naturais com processos simplistas, através de métodos esquemáticos e diagramáticos, de certa forma redutores, que causa grande parte dos atrofios que temos presentes na nossa sociedade. Mas a magia está no inverso: *If one accepts the simple proposition that nature is the arena of life and that a modicum of knowledge of her processes is indispensable for survival and rather more for existence, health and delight, it is amazing how many apparently difficult problems present ready resolution.*<sup>1</sup> (McHarg, 1995, p. 7)

Desde o seu tempo primitivo que o Homem esteve intrinsecamente dependente e conectado com o seu meio natural. A sua sobrevivência dependia do conhecimento das terras, dos ventos e das águas. *Nei tempi passati la sopravvivenza dipendeva da un ‘buon’ rapporto con il luogo, in senso fisico e psichico*<sup>2</sup> (Norberg-Schulz, 1997, p. 18). Estes primeiros homens podiam não ter uma noção de leis científicas ou matemáticas mas através da observação e da racionalização dos acontecimentos que se sucediam, ele aprendia a gerir os seus bens e a minimizar os riscos. As suas ações eram feitas com um senso de respeito e de honestidade perante o meio e sem um sentido de desonra ou de ganância.

Tradução livre:

<sup>1</sup> “Se se aceitar a simples proposição de que a Natureza é a arena da vida e que o conhecimento dos seus processos é indispensável para a sobrevivência e ainda mais, para a existência, saúde e alegria, é espantoso como problemas aparentemente difíceis apresentam uma rápida solução.”

<sup>2</sup> “Em tempos passados a sobrevivência dependia de uma boa relação com o lugar, no sentido físico e psíquico.”



Nos dias correntes o mesmo não se verifica. O Homem está profundamente desconectado da origem do que lhe é essencial e dominado por uma ideologia de independência e superioridade que não lhe é nativa. *O ser humano contemporâneo está fundamentalmente desterritorializado. Os seus territórios existenciais originários – corpo, espaço doméstico, clã, culto já não se assentam sobre um terreno firme, mas agarram-se a um mundo de representações precárias e em perpétuo movimento* (Cunha, 2012, p. 122). Como era explicado anteriormente, há uma união genética, que nos conecta com a origem do Universo e com os primórdios da nossa raça.

*The body knows and remembers. Architectural meaning derives from archaic responses and reactions remembered by the body and the senses. Architecture has to respond to traits of primordial behavior preserved and passed down by the genes. Architecture responds not simply to the functional and conscious intellectual and social needs of today's city-dweller; it must also remember the primordial hunter and farmer concealed in one's body. Our sensations of comfort, protection and home are rooted in the primordial experiences of countless generations.*

(Pallasmaa, 2012, p. 43)

É necessário que estes valores voltem à tona do consciente coletivo da Humanidade, para que possamos devolver a nossa mente ao nosso corpo e o nosso corpo ao nosso meio.

Tradução livre: “O corpo sabe e lembra-se. O significado em arquitetura deriva de respostas e reações arcaicas na memória do corpo e dos sentidos. A arquitetura tem de responder às marcas do comportamento primordial preservado e passado em geração pelos genes. A arquitetura não responde somente às necessidades funcionais, conscientemente intelectuais e sociais do habitante; ela deve também lembrar-se do caçador e agricultor primordiais escondidos no seu corpo: A nossa sensação de conforto, proteção e lar estão enraizadas na experiência primordial de infindas gerações.”





## O espaço de existir

Edmund Husserl (1859-1938) começou por definir a fenomenologia como uma investigação sistemática da consciência e dos seus objetos. Merleau-Ponty (1908-1961) defendia que a perceção humana não poderia ser estudada em termos científicos porque eles não compreendiam fatores de grande relevância, como a emoção e a imaginação. Mais tarde, Norberg-Schulz (1926-2000) definiu a fenomenologia como uma metodologia que requer um 'regresso às coisas', com o objetivo de se distanciar de adereços e construções mentais ou abstrações. Em "Genius Loci", como já vimos anteriormente, defende-se a necessidade do ser humano das sensações de orientação e identificação. A primeira é relativamente fácil de obter, sendo que é uma sensação quase instintiva e portanto, a que tem um reflexo mais prático na sociedade moderna.

*Come molte fondamentali intuizioni, la distinzione tra terra e cielo può sembrare banale. Ed invece la sua importanza risulta evidente se uniamo a questa la definizione di Heidegger per 'abitare': 'Il modo in cui tu stai ed io sto, il modo in cui gli esseri umani stanno sulla terra, è abitare...'. Ma 'sulla terra' già indica 'sotto il cielo.'*

(Norberg-Schulz, 1997, p. 10)

Algo que a sociedade contemporânea já não reflete tão intuitivamente é o último conceito, de identificação. Existe uma grande lacuna na arquitetura corrente que falha em traduzir esse sentido de identificação, pela falta de expressão plena de significado mas também pelo descartar dos elementos naturais como parte essencial à vida. Este défice

Tradução livre: "Como muitas intuições fundamentais, a distinção entre terra e céu pode parecer banal. E, no entanto, a sua importância torna-se evidente quando unimos a esta, a definição de Heidegger para 'habitar': 'O modo em que tu estás e eu estou, o modo em que os seres humanos estão sobre a terra, é habitar...'. Mas 'sobre a terra' já indica 'debaixo do céu.'"



resulta depois na alienação do espaço psicológico do ser, como se viu previamente. Esta lacuna levou Norberg-Schulz a considerar um outro termo a adicionar à sua teoria, o de ‘espaço existencial’, que traduz as relações fundamentais entre o Ambiente e o Homem. *Il concetto di spazio esistenziale viene suddiviso nei termini complementari di ‘spazio’ e di ‘carattere’ in accordo con le funzioni psichiche base di ‘orientamento’ e di ‘identificazione’* (Norberg-Schulz, 1997, p.5). Assim, a função da arquitetura traduz-se numa boa ‘concretização de espaço existencial’ e é no ato de construir que se deve encontrar o balanço entre os domínios físicos (espaço) e psíquicos (carácter) do ser humano.

*Nesse ponto [no ato de construir], ele atende às necessidades do Homem de realizar suas potencialidades na natureza e faz a mediação, como elemento catalisador fundamental, entre os três estados da existência humana: primeiro, sua condição de organismo que tem necessidades fundamentais; segundo, sua condição de ente sensível e hedonista; terceiro, a sua condição de consciência cognitiva autoafirmativa.”*

(Nesbitt, 2012, p. 480)

O que parece intrometer-se no processo desta ‘boa’ concretização de espaço de existir é a insistência nos bens efémeros, como se explicava previamente. O ser humano depositou grande importância nos seus artefactos, teóricos e físicos, mas esqueceu-se de dar o devido valor às ‘coisas’ propriamente ditas e ao que realmente lhe garante a vida.

*La nostra esistenza quotidiana è fatta di ‘fenomeni’ concreti: gente,*

Tradução livre:

“O conceito de espaço existencial é subdividido nos termos complementares de ‘espaço’ e ‘carácter’ de acordo com as funções psíquicas base de ‘orientação’ e de ‘identificação.”



*animali, fiori, alberi e foreste, pietra, terra, legno e acqua, città, strade e case, porte, finestre e mobili; ed è ancora fatta di sole, luna e stelle, di nuvole che si muovono, di notte e giorno, di stagioni che passano.*<sup>1</sup>

(Norberg-Schulz, 1997, p. 6)

Estes são os elementos que, na obra de Norberg-Schülz, se consideram ‘realidade’, são aqueles que de facto fazem parte da fonte da vida e que são muitas vezes negligenciados pela atenção humana. *Tutto il resto, come atomi e molecole, numeri e dati di ogni genere sono astrazioni o strumenti, elaborati per servire scopi diversi da quelli della nostra vita quotidiana. Oggi è divenuto errore comune confondere gli strumenti con la realtà.*<sup>2</sup> (Norberg-Schulz, 1997, p. 6)

Aqui pode definir-se a vital prioridade de valorizar os elementos que realmente compõem a vida. Os instrumentos e artefactos simplesmente nos vão assegurando uma vida regrada mas a sua origem está precisamente na compreensão total dos elementos primordiais. É o adicionar de cada vez mais leis e dogmas que vai fazendo com que as layers de conhecimento se vão acumulando ao ponto em que já não há uma compreensão generalizada de quais são as origens essenciais. *It is life that endures, not artifacts.*<sup>3</sup> (McHarg, 1995, p. 172)

Torna-se então claro o problema Homem, Natureza e cidade. Não é que se tenha descartado totalmente a Natureza, simplesmente as camadas que foram acumuladas esconderam a sua relevância na forma de artefacto.

Tradução livre:

<sup>1</sup>“A nossa existência quotidiana é feita de ‘fenómenos’ concretos: pessoas, animais, flores, árvores e florestas, pedra, terra, madeira e água, cidades, estradas e casas, portas, janelas e mobílias; e é também feita de sol, lua e estrelas, de nuvens que se movem, de noite e dia, de estações que passam.”

<sup>2</sup>“Tudo o resto, como átomos e moléculas, números e dados de qualquer tipo, são abstrações ou ferramentas, elaborados para servir fins diversos daqueles da nossa vida quotidiana. Hoje tornou-se um erro comum confundir as ferramentas com a realidade.”

<sup>3</sup>“É a vida que subsiste, não os artefactos.”



**Fig. 5** - Jardim japonês Shinjuku-Gyoen, Tóquio

*Clearly the problem of man and nature is not one of providing a decorative back-ground for the human play, or even ameliorating the grim city: it is the necessity of sustaining nature as source of life, milieu, teacher, sanctum, challenge and, most of all, of rediscovering nature's corollary of the unknown in the self, the source of meaning.*

(McHarg, 1995, p. 19)

Dos melhores exemplos práticos que se pode mencionar de um equilíbrio entre a 'realidade' e a mão humana é o jardim japonês. É na cultura medieval japonesa que encontramos o início desta prática paisagista com uma qualidade sublime. O jardim serve não só como um elemento espacial funcional, ele transmite o ideal do Homem na Natureza e traduz a necessidade vital para a sobrevivência e saúde do ser humano.

*A vida humana não tem a pretensão de se opor à natureza e não se empenha em controlá-la, mas antes busca uma associação íntima com a natureza a fim de unir-se com ela. Pode-se até mesmo dizer que, no Japão, todas as formas de exercício espiritual são tradicionalmente realizadas no contexto da inter-relação do homem com a natureza.*

(Nesbitt, 2012, p. 496)

O jardim japonês é sensivelmente decorado com elementos que se traduzem num respeito e conhecimento extremo sobre o meio. Toda a sua filosofia baseia-se na observação da natureza e da vida humana, traduzindo-a em elementos naturais que simbolizam a

Tradução livre: "Claramente o problema do Homem e a Natureza não é o de guarnecer um papel de fundo para a ação humana, ou até de melhorar a cidade sombria: é a necessidade de assegurar a natureza como fonte de vida, meio, professor, santuário, desafio e, acima de tudo, de redescobrir a importância da natureza desconhecida no próprio ser, a fonte de significado."



86

**Fig. 6** - Jardim japonês Shinjuku-Gyoen, Tóquio



**Fig. 7** - Jardins Boboli, Florença



felicidade, a melancolia, a vida e a morte, a sensação de que nada é eterno, tudo sofre mutação. Estes jardins descrevem-se geralmente com Sakuras, a cerejeira japonesa, Áceres Vermelhos, pequenos animais que simbolizam a fecundação e evolução, efeitos de água corrente, elemento que garante a vitalidade, pedras que formam cascatas e simbolizam a paternidade e a maternidade de onde nasce a água; e a ponte, para uma ilha no centro dos lagos, que representa a transição para um estado consciente mais elevado, a elevação da espiritualidade.

*Esse tipo de sensibilidade engendrou uma cultura que diminui a ênfase na fronteira física entre a residência e a natureza circundante e que, ao contrário, instala um limiar espiritual. Ao mesmo tempo em que protege a habitação humana da natureza, procura trazê-la para dentro da casa. Não há uma demarcação clara entre interior e exterior, mas uma permeabilidade recíproca.*

(Nesbitt, 2012, pp. 496-497)

87

O jardim é o símbolo metafísico da sociedade no Tao, Shinto e Zen, religiões orientais. Não é que se pretenda aqui impor uma visão exógena do ocidente, procura-se simplesmente provar que é necessário trazer o conhecimento natural e interpretá-lo em simbolismos que nos identifiquem a níveis mais profundos da vida, e aplicá-los no “espaço existencial” do quotidiano. *If the adaptation of the western view towards this more encompassing attitude required the West to accept Tao, Shinto or Zen, there would be little hope for any transformation.* (McHarg, 1995, p. 29)

Retomando o ícone do jardim barroco, com os seus eixos retos, formas geométricas e flora cuidadosamente podada, podemos ver que as premissas do Homem ocidental são

Tradução livre: “Se a adaptação da visão ocidental em prol desta atitude mais abrangente dependesse do Ocidente aceitar o Tao, Shinto ou Zen, haveria pouca esperança por alguma transformação.”



a divindade exclusiva do Homem, o domínio e subjugação da Natureza, enquanto que as da cultura japonesa, entre outras culturas orientais, são o Homem completamente submerso na natureza. *Num jardim de ordem estático, uma erva silvestre é indesejável, produz uma sensação de desordem. Num jardim de ordem dinâmica, esta mesma erva indica que o lugar está em evolução. A desordem consistiria, em interromper esta evolução* (Ábalos, como citado em Cavadas, 2020). Para que possa suceder esta evolução, terá de se retirar o melhor dos dois mundos e fundi-los num Homem que não só está inserido na Natureza e a par dos seus processos, como também reconhece a sua singularidade como ser vivo e carrega as suas oportunidades e responsabilidades perante Ela.

(momento do contraditório)



**Fig. 8** - Projeto para um jardim inglês

## A Revolução Ambiental

Foi no séc. XVIII, em Inglaterra, que a Europa viu uma aproximação aos conceitos de Natureza e paisagem do oriente. Este país, que se encontrava descuidado, entregue às mãos de agricultores e de uma má gestão de espaços verdes e construídos, conseguiu neste período dar um salto impressionante em direção a uma ecologia do lugar. *Starting with a denuded landscape, a backward agriculture and a medieval pattern of attenuated land holdings, this landscape tradition rehabilitated an entire countryside, allowing that fair image to persist to today.*<sup>1</sup> (McHarg, 1995, p. 72)

A paisagem renasceu em Inglaterra com um novo paradigma, a Natureza deixou de ser o animal doméstico dos objetivos barrocos e os arquitetos paisagistas começaram a considerar o jardim como um pequeno pedaço de natureza ‘bruta’ contida num espaço. *In the 18th century in England landscape architects ‘leaped the fence,’ and saw that all nature was a garden.*<sup>2</sup> (McHarg, 1995, p. 72)

Esta nova visão considerou princípios ecológicos de alta relevância, muito antes de estes se tornarem na ciência que conhecemos hoje. À falta de tal conhecimento, os Paisagistas focaram-se em espécies nativas e relações simbióticas entre elas para construir o novo Jardim. *The ruling principle was that ‘nature is the gardener’s best designer’ – an empirical ecology.*<sup>3</sup> (McHarg, 1995, p.72) Este regresso ao Homem empírico, que aprende com os fenómenos naturais que ocorrem perante os seus olhos, foi um momento crucial para a agricultura e ecologia ocidentais, permitiu curar muitos espaços do estado decadente

Tradução livre:

<sup>1</sup>“Começando com uma paisagem desnuda, uma agricultura antiquada e padrões medievais de propriedades debilitadas, esta tradição reabilitou toda a paisagem de campo, permitindo que essa imagem se mantesse até hoje.”

<sup>2</sup>“No séc. XVIII, em Inglaterra, os arquitetos paisagistas ‘saltaram a cerca’, e viram que toda a natureza era um jardim.”

<sup>3</sup>“O princípio dominante foi que a ‘natureza era o melhor designer do jardineiro’ - uma ecologia empírica.”



**Fig. 9** - Jardim Beth Chatto, Colchester

deixado pela Idade Média e permitiu assim que estes se curassem a si mesmos a partir do seu interior. *Man the artist, understanding nature's laws and forms, accelerated the process of regeneration so well indeed that who today can discern the artifice from the untouched? Nature completed man's works.* (McHarg, 1995, p. 74)

Num panorama mais recente, e após todas as 'revoluções' que verificámos no segundo subcapítulo, foi no século passado que as grandes mudanças no mundo da ecologia e sustentabilidade começaram a ser discutidas.

Tudo começou em 1962, com Rachel Carson e a publicação do seu livro "Silent Spring", publicação onde se debateu com temas como o uso de pesticidas na agricultura e a poluição em massa do meio ambiental. Em "Silent Spring", Carson defendeu a importância de proteger o meio ambiente, não só para o bem do Homem como para o bem de toda a biodiversidade do planeta.

Em 1972, sob comissão do Clube de Roma, fundado em '68, Dennis Meadows publica o livro "The Limits to Growth" do qual foi coordenador. Este relatório, retratou quase literalmente, através de programas de simulação, quais os limites do crescimento e exploração dos recursos naturais. Livro este que influenciou consideravelmente a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano mais tarde nesse ano, em Estocolmo, organizada pela ONU.

Já em Abril de 1987, a Comissão Brundtland, coordenada por Gro Harlem Brundtland, mestre em saúde pública com uma visão de saúde que abrange muito mais áreas do que a medicina, publicou "Our Common Future", um relatório que veio definir o conceito de desenvolvimento sustentável. *O desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que encontra as necessidades atuais sem comprometer a habilidade das*

Tradução livre: "Homem, o artista, ao perceber as leis e as formas da natureza, acelerou o processo de regeneração com tanto sucesso que quem hoje consegue diferenciar o artificio do intocado? A Natureza completou o trabalho do Homem."





*futuras gerações de atender às suas próprias necessidades* (Nações Unidas).

Toda a reunião destes esforços para gerar consciencialização ambiental e climática levou a que, em 1992, se realizasse a maior conferência das Nações Unidas, no Rio de Janeiro, intitulada de ‘Cúpula da Terra’, tratando o meio ambiente como o domínio de mais urgência a ser tratado. Dessa conferência surgiu a ‘Agenda 21’, um guia de ações detalhadas sobre que medidas tomar para ir de encontro ao desenvolvimento sustentável. Entre as quais, a proteção da atmosfera, uma gestão segura dos resíduos tóxicos e ação de combate contra a desflorestação, a desertificação, a poluição da água e do mar e a destruição das comunidades de peixes. Ficou o compromisso de, em 20 anos, assegurar que estas medidas se verificassem e se reduzisse em 20% as emissões de carbono para a atmosfera, comparativamente a 1990.

Passados vinte anos da 1ª Cimeira da Terra, e após muitas outras conferências que trataram subtópicos específicos e garantiram apoios a países com mais dificuldades, voltaram-se a reunir os representantes de cada governo na Cimeira Rio+20, para verificar os resultados e garantir que o panorama geral se mantinha atualizado consoante as necessidades existentes. Por fim, em 2015, foram estabelecidos os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável em sintonia com os Objetivos de Desenvolvimento para o Milénio. Estes pretendem garantir que até 2030, todos os objetivos são cumpridos por todas as nações e que ninguém é deixado para trás, tratando-se não só de objetivos para proteger o meio-ambiente, como também erradicar a pobreza, a fome, garantir a igualdade de género e a educação com qualidade e implementar, de uma vez por todas, uma economia verde e circular.

A par desta revolução institucional, verificou-se também na arquitetura uma mudança de paradigma. Após as Grandes Guerras começou a desenvolver-se um estudo mais profundo de componentes sociais, económicas e geofísicas. Enquanto que nos anos 20-30 o estudo da *landscape* se resumia a pequenos jardins públicos ou espaços entre edifícios, foi no pós-guerra que se começou a experimentar no caminho da *modern*



*landscape*, investigando sobre padrões sociais, ideais espaciais, materiais e vocabulários estéticos novos. (Corner, 1999)

Antes de Rachel Carson, havia já um movimento de conservação e preservação de certas áreas mas nada direcionado para a proteção do ambiente como um todo. As universidades e colégios mais prestigiados descartavam de certa forma o assunto. Ian McHarg contribuiu vivamente para a mudança dessa realidade. Ensinou disciplinas completas, que retratavam desde o início do Universo e do Homem, até a religiões e filosofias, explicava a ligação fisiológica e psicológica que o ser humano tinha com a natureza, até que finalmente introduzia o pensamento ecológico (McHarg, 1995). Foi pouco antes dos anos 80 que vimos também o nascer da *land art* e, com as temáticas do meio ambiente a chegar a um consenso, vemos então as primeiras unidades curriculares universitárias a estudar as questões do ambiente, a introduzir noções como topografia, geografia, lugar, ecosofia e ecologia a um nível teórico e projetual. *The landscape does not sit silent awaiting the arrival of an architectural subject. The site – the land – speaks prior to the act of design.* (Meyer, 1997, p. 71)

97

Passados cinco anos desde a atualização dos ODS, verificam-se sim, grandes progressos na atualização de indústrias, no surgimento de novos comércios sustentáveis e arquiteturas verdes mas, o que parece ainda não acompanhar é o consciente coletivo do ser humano. Todas estas medidas tomadas por chefes de estado, primeiros ministros, estudiosos qualificados e arquitetos prestigiados por todo o mundo, chefes de indústrias e CEO's são substancialmente relevantes, mas a informação tem de ser traduzida corretamente para atingir até o comum civil.

*There has been recognition that the distinctiveness of places,*

Tradução livre: “A paisagem não se encontra parada e silenciosa à espera de um sujeito arquitetônico. O sítio - o território - fala antes do ato de desenhar.”



*regions and even countries relies heavily on landscape characteristics and that, ubiquitously and insidiously, powerful forces are eroding this. Further, we have become increasingly aware that landscape contributes centrally to people's quality of life, and thus requires a more systematic and geographically comprehensive approach than simply preserving the prettiest areas for those fortunate enough to be able to gaze on them.*

(Selman, 2006, p. 1)

As decisões ambientais da vida de um cidadão, estão pouco ou nada nas suas mãos, porque mesmo contrariado, ele tem de continuar o seu trabalho, convenha-se 'pouco ético', para poder subsistir.

Ressalta-se assim a necessidade de um 're-renascer' da paisagem (sendo o primeiro renascer o movimento naturalista do séc. XVIII), não só para uma pequena percentagem elitista mas para que esta possa alcançar uma área mais vasta de mentes. Esta investigação surge precisamente com o objetivo de mostrar a uma pequena comunidade portuguesa como se valoriza o seu património natural e como podemos plantar a semente de onde brotam todos os bens essenciais à vida.

Tradução livre: "Tem vindo a haver o reconhecimento de que a identidade dos lugares, regiões e até países, depende fortemente de características paisagísticas e que, omnipresentemente e traiçoeiramente, forças poderosas estão a erodir esta identidade. Tornámo-nos gradualmente conscientes de que a paisagem contribui centralmente para a qualidade de vida das pessoas, e isso requer uma abordagem mais sistemática e de inclusão geográfica do que simplesmente preservar as áreas mais bonitas, para os sortudos o suficiente que têm a possibilidade de as admirar."



## O espaço dos sentidos na Natureza

As relações entre as realidades existenciais do Homem são fundamentais quando consideramos o espaço em que existimos, entre as quais, o meio, o corpo e a mente. É a percepção da interdependência entre elas que permitiu e continua a permitir ao ser humano de racionalizar a informação que recebe e de realizar todos os seus ‘grandes’ feitos. Mais do que esses feitos, interessa perceber como interagem todos esses componentes.

José Gil, filósofo e pensador português, dizia nas suas “Metamorfoses do Corpo”, *O sujeito de percepção situa-se no limite, na zona fronteira entre o interior e o exterior* (Gil, 1997, p. 154 como citado em Cardoso, 2016, p. 29). Este fenómeno revela-se não só nas interações mente-corpo, como no corpo-meio, como no meio-mente, ciclicamente e não necessariamente por esta ordem. Assim, podemos concluir que a experiência da vida humana é um constante intercâmbio entre ‘dentros’ e ‘foras’.

Com René Descartes, filósofo e matemático francês de grande relevância no desenvolvimento da Revolução Científica, encontramos a visão Cartesiana da relação mente-corpo. Percebe-se que os considerava duas entidades completamente distintas, sobre a qual a mente ganhava exponencialmente ao corpo. Tentado explicar assim que o Homem só existia, para si próprio, na medida em que ele possuía uma mente pensante. Se esta se ‘desligasse’ então o Homem não teria conhecimento de si próprio e não ‘existiria’. Esta teoria transformaria a vida humana num filme, no qual a consciência era somente uma expectadora do desenrolar das atividades naturais e instintivas.

Hoje, sabemos que a atividade do corpo tem reflexos na atividade da mente e que a atividade da mente tem reflexos na atividade do corpo. Benedito de Espinosa, filósofo holandês contemporâneo de Descartes, trouxe uma abordagem muito diferente e muito mais verosímil ao olhar científico. Ele defendia que o Homem só conhece os limites da sua existência, na medida em que ele encontra outras coisas e é esse choque entre domínios





que permite a um ser de definir-se a si próprio.

*A mente humana não percebe nenhum corpo externo como existente, exceto através da ideia das modificações do seu próprio corpo. Noutras palavras, a mente conhece-se apenas através do encontro com outras coisas, o que está em completa contradição com Descartes “penso, logo existo”, onde uma mente conhece-se a si mesma por pensar. Spinoza, pelo contrário poderia ter dito algo como “eu encontro, logo existo.”*

(Lambert, 2001 como citado em Cardoso, 2016, p. 26)

Esta noção de ‘encontrar’ revela-se na mente que encontra pensamentos, emoções, dilemas e os reflete em ação corporal, e no corpo que encontra objetos e espaços que o permitem sentir e refletir mentalmente.

Sobre isto, Pallasmaa refletiu: *Instead of the Cartesian eye of the outside spectator, however, Merleau-Ponty’s sense of sight is an embodied vision that is an incarnate part of the flesh of the world: ‘our body is both an object among objects and that which sees and touches them’* (Pallasmaa, 2012, p. 11). E assim justifica o título do seu livro “The Eyes of the Skin”, que já indica que temos um corpo que não só ‘vê’ através dos olhos, mas que sente a ‘visão’ através de cada poro e a sente em cada extremidade do seu espaço físico e psíquico.

*Este espaço possui uma parte que se estende e abre para o exterior e uma parte que se espalha para o interior. O corpo por um lado recebe*

Tradução livre: “Em vez da visão Cartesiana do espectador externo, o sentido de visão de Merleau-Ponty é uma visão corporal que é intrínseca à carne do mundo: ‘o nosso corpo é tanto um objeto entre objetos, como um objeto que vê e toca os outros objetos.”



*a luz exterior, por outro ensombra-se no interior de uma luz própria (a que uma certa filosofia chamou 'consciência') que ilumina pensamentos, sensações, imaginações.*

(Gil, 1994, p. 54)

Prosseguindo com o raciocínio das simbioses mente-corpo-meio, resta refletir sobre a relação interior-exterior dos dois primeiros relativo ao último. Anteriormente, já se refletiu sobre como o meio, mais do que influenciar o ser humano, dita o seu caminho, na saúde e na doença. Viu-se também que o ser humano, mais do que os outros seres tem uma capacidade de traduzir os processos do meio natural em informação e conhecimento. A Arquitetura nasce precisamente desse fenómeno.

*It is evident that the architecture of traditional cultures is essentially connected with the tacit wisdom of the body, instead of being visually and conceptually dominated. Construction in traditional cultures is guided by the body in the same way that a bird shapes its nest by movements of its body. Indigenous clay and mud structures seem to be born of the muscular and haptic senses more than the eye.*

(Pallasmaa, 2012, p. 16)

É precisamente esta visão da arquitetura que se pretende enaltecer nesta investigação. A Arquitetura surge na sociedade como uma extensão dos nossos corpos, que nos serve e nos representa de forma significativa. Ela deve portanto, servir e representar a totalidade

Tradução livre: “É evidente que a arquitetura de culturas tradicionais está essencialmente conectada com a sabedoria do corpo, em vez de ser visualmente e conceptualmente dominada. A construção em culturas tradicionais é guiada pelo corpo da mesma forma que um pássaro modela o seu ninho com os movimentos do seu corpo. Estruturas indígenas de argila e lama parecem nascer mais dos sentidos musculares e hápticos do que da visão.”



dos nossos domínios. *The timeless task of architecture is to create embodied existential metaphors that concretize and structure man's being in the world.*<sup>1</sup> (Pallasmaa, 2012, p. 50)

*Nella delimitazione, carattere e spazio si associano, e a ragione possiamo riconoscere con Venturi che l'architettura è <il muro tra l'interno e l'esterno>.*<sup>2</sup> (Norberg-Schulz, 1997, p. 15)

Tal como o cérebro é o órgão que faz a fronteira entre o corpo e a mente, *Somos um dentro e um fora de um corpo que existe num constante dentro e fora de espaços.* (Cardoso, 2016, p. 30) É, por isso, importante que estes elementos estejam em plena sintonia com a complexa dualidade que forma a realidade dos seus domínios. Só com a aceitação dessa complexidade é que o cérebro se poderá tornar um bom mediador entre ambas as dinâmicas, tal como a arquitetura só poderá suceder se for uma boa mediadora entre todos os internos-externos existentes.

107

O que parece falhar ideologicamente no mundo, como o conhecemos hoje, cheio de patologias e perceções disformes da realidade natural em que estamos inseridos, é fundamentalmente uma hipermetropia e uma miopia da visão. Hipermetropia pois o Homem tem dificuldade em perceber, ao perto, o dom que lhe foi atribuído. Miopia porque tem uma enorme aversão em compreender, ao longe, que quem lhe atribuiu esse mesmo dom foram precisamente os elementos naturais com quem ele tenta medir forças.

*In times long past, when man represented no significant power to*

Tradução livre:

<sup>1</sup> “A eterna tarefa da arquitetura é a de criar metáforas existenciais incorporadas que concretizem e estruturam a maneira do Homem ser no mundo.”

<sup>2</sup> “Na delimitação, carácter e espaço associam-se e, na verdade, podemos reconhecer com Venturi que a arquitetura é ‘o muro entre o interno e o externo.’”



*change nature, it mattered little to the world what views he held. Today, when he has emerged as potentially the most destructive force in nature and its greatest exploiter, it matters very much indeed.*

(McHarg, 1995, p. 26)

O desejo para hoje e amanhã é que o Homem se possa curar das suas doenças da 'visão' e com algum altruísmo, pôr em prática o seu eficaz método de processar a informação natural e perceber a sua capacidade estonteante de gerar vida, de gerir ecossistemas e de proporcionar saúde, não só para ele mesmo, como para todos os seres que estão com ele neste processo simbiótico que é a vida e que garante a nossa evolução na Terra.

Em conclusão, nos prévios capítulos teóricos, abordaram-se quatro espectros diferentes de relação com o meio ambiente: a dimensão da Casa e da Cidade; a dimensão da Natureza domesticada nos espaços; a dimensão fenomenológica de como é que o corpo se coloca perante a Natureza; e, a representação prática da Natureza refletida em experiência simbólica. Em suma, o trabalho procura defender que é necessário um distanciamento da visão da Natureza como propriedade material do ser humano. No projeto da Mata da Cerca, procura-se uma filosofia que se desligue do conceito de Natureza como produto de consumo visual e instantâneo, e que fomente uma exploração dinâmica pessoal e social.

Tradução livre: "Há muito tempo, quando o Homem não representava um poder significativo para mudar a natureza, interessava pouco ao mundo que visões ele tinha. Hoje, quando ele se ergueu como, possivelmente, a força mais destrutiva da Natureza e o seu maior explorador, interessa muito."





## Duas palavras sobre Turismo e Identidade

Com a evolução dos meios de transporte e a facilitação de deslocação entre cidades e países, quer a nível monetário como a nível de velocidade com que se percorre tais distâncias, nota-se uma grande adesão à viagem, como tal não acontecia até então. Hoje, 'viajar' está na lista de qualquer cidadão que não viva no limiar da pobreza.

Esta adesão em massa, explorada ao seu expoente máximo, levou a uma saturação doentia de locais uma vez belos e autênticos. Centros históricos e locais sagrados foram implodidos, mantendo a fachada mas afugentando todo o conteúdo nativo que lá se encontrava, tudo para dar resposta à crescente população turística que, de outra forma, diminuiria exponencialmente a qualidade de vida dos habitantes locais. Este fenómeno foi e continua a ser de tal forma brutal, que hoje é muito difícil encontrar uma cidade autêntica, se não impossível.

Assim, vemos o perder de várias identidades puras e o adotar de ícones dessa antiga identidade, explorados e comercializados como produtos de tal forma, que passam a ser eles próprios os símbolos da cultura. *A cultura é encenada para o turismo, mas a encenação provoca o resgate da cultura. (...) a cultura produto e a cultura 'autêntica,' a cultura inventada reinventando a identidade* (Banducci & Barretto, 2001, p. 14).

Mas o propósito da 'viagem' nem sempre foi como tal. Na sua origem, o ato de se deslocar começou como expedições, para caçar ou, mais tarde, para descobrir novas riquezas. Já no século XVII começamos a ver o significado de 'viajar', praticado maioritariamente na Europa e designado como *grand tour*, ato que implicava grande investimento monetário, muito tempo dispensado sendo que não havia data fixa de retorno e sempre com uma intenção de procura de conhecimento e enriquecimento pessoal.

*...apesar de desconfortável, difícil e muito cara – oferecia prazeres sofisticados associados à convivência com eruditos e à apreciação de pinturas, esculturas e das ruínas*



*de antigas civilizações.* (Banducci & Barretto, 2001, p. 52)

Ao estudar esta investigação de Alvaro Banducci e Margarita Barretto, o primeiro, doutorado em Antropologia e a segunda, mestre em Turismo, depara-se com uma visão interessante sobre a 'origem' da viagem. Os autores desconstroem etimologicamente a palavra inglesa *travel* que é associada à palavra francesa *travail* à qual são associados os significados de *trouble*, *work* e *torment*. A origem latina da palavra é *trepalium*, uma antiga ferramenta de tortura (Banducci e Barretto, 2001). Esta palavra deu origem à palavra portuguesa 'trabalho' mas ainda, em Italiano, *travaglio*, tem uma sinonímia penosa de afligir, angustiar, crucificar, tormentar, martirizar. Assim, podemos concluir que o ato de viajar era uma espécie de sofrimento que o autor se comprometia voluntariamente a sentir, sabendo que não iria ser fácil, que iria sofrer e que iria ser incómodo. Mas só nesse incómodo é que se retiraria o fruto da viagem, como um sair da zona de conforto para ver o mundo lá fora e poder trazer esse conhecimento para dentro de si.

*Na viagem, portanto, o agente envolvido é um sujeito, uma individualidade experimentando uma determinada trajetória própria, e nesses termos é absolutamente ativo, movendo-se por seu esforço e por sua vontade, embora sem descartar a oportunidade de se defrontar com algo encantatório.*

(Banducci & Barretto, 2001, p. 53)

Foi mais tarde, no século XIX que começou a surgir a definição de turista, em oposição à de viajante. O turista era aquele que procurava somente o prazer na sua viagem, é o espectador a quem lhe é dado uma imagem do mundo. Na sua viagem, o indivíduo tem a oportunidade de ser passivo ou ativo nas suas experiências com o mundo. Assim, podemos considerar que o turista é passivo e o viajante é ativo, já que o viajante se submete ao mundo, enquanto que o turista só 'vê' o mundo. (...) *a experiência de ir lá (going there)*,



*a experiência de estar lá (being there) e o que resulta disso é totalmente diferente.* (Banducci & Barretto, 2001, p. 52)

Então, a Mata da Cerca surge como espaço ideal para reforçar conceitos como turismo sustentável, paisagem e a sua identidade. Fugindo aos preceitos do turismo convencional, usa-se o melhor que há da identidade e paisagem de Gouveia para lhes devolver o valor que há muito tempo é negligenciado. *Lo scopo esistenziale dell'edificare (l'architettura) è dunque quello di trasformare un sito in un luogo, ossia di scoprire i significati potenzialmente presenti nell'ambiente dato a priori.*<sup>1</sup> (Noberg-Schulz, 1997, p.18)

O que se pretende com este projeto é proteger este território promissor pleno de riqueza natural, valorizando os seus terrenos tanto para os que lá passam, como para os nativos de Gouveia e que estes tipos de 'viajantes' estejam presentes no espaço, que vivam a sua identidade e que levem consigo um pedaço dela na sua identidade pessoal. Através desta intervenção, vai-se potenciar o 're-renascer' da paisagem em Gouveia. *Landscape is (...) seen as a means to resist the homogenization of the environment while also heightening local attributes and a collective sense of place*<sup>2</sup> (Corner, 1999, p. 13).

Esta investigação vai então condensar todos os conhecimentos obtidos para produzir um Ecoturismo sustentável, promovendo os valores do local juntamente com ciclos naturais de produção de energia, bens alimentares e bens construtivos.

A promoção desta tipologia de turismo acaba por consciencializar quem visita, o turista ou viajante, não só para estes meios de hospedagem e alimentação, como para meios de transporte alternativos, bem como acaba por infetar as agências operadoras que

Tradução livre:

<sup>1</sup>“O objetivo existencial do edificar (a arquitetura) é portanto o de transformar um sítio num lugar, ou seja, de descobrir os significados potencialmente presentes no ambiente dado à priori.”

<sup>2</sup>“Paisagem é (...) vista como um meio para resistir à homogenização do ambiente enquanto se eleva os atributos locais e um sentido de pertença coletivo.”



comercializam as estadias em diversos pontos do país e do mundo, a abrir o espectro turístico a novas preferências mais ecológicas e ainda contribui para a criação de mais emprego e qualificação no setor hoteleiro, reduzindo as assimetrias regionais relativas à economia.

Esta dinâmica vai assim de encontro aos objetivos turísticos estabelecidos em Portugal até 2027 de valorizar o território, impulsionar a economia, potenciar o conhecimento e de projetar Portugal.

Inserir-se também em diversos programas portugueses como o ‘All for All’, programa que visa incentivar a acessibilidade turística a todas as pessoas com deficiência, séniores e grávidas; como o ‘Portuguese Trails – Cycling and Walking’, *programa que pretende incrementar os fluxos de turistas que viajam para Portugal com uma motivação específica para a prática de atividades de cycling e walking, incidindo fora da época alta e em todas as regiões do país, com vista a aumentar as dormidas e receitas nos territórios de interior, com elevada sazonalidade* (Turismo de Portugal); e projeto este que poderia ser facilmente inserido no site ‘Can’t Skip Portugal’, que procura fornecer a nível internacional, informação sobre qualquer tipo de atividades que se podem realizar em Portugal, consoante os diferentes espectros de interesse de cada pessoa.

Esta intervenção teria ainda uma excelente candidatura para o financiamento por parte de bancos, como é exemplo o Santander, de processos de certificação de equipamentos energeticamente eficientes, construção e implementação de sistemas para uso racional da água, eficiência energética e gestão de resíduos.





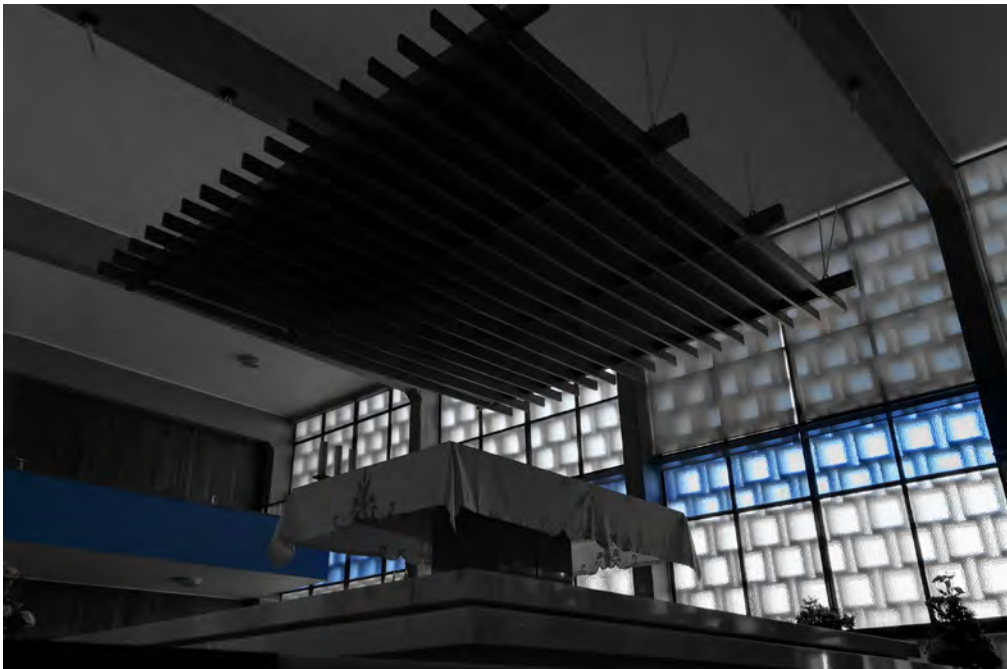
## **Contexto projetual**

119



120

**Fig. 10** - Ruela de Gouveia  
Autoria de Inês Saraiva



**Fig. 11** - Igreja da Casa da Rainha do Mundo  
Autoria de Afonso Guimarães

## Análises

Numa primeira fase, antes da visita ao lugar, a turma realizou uma série de análises demográficas e ambientais, realizadas a partir de fontes de informação como a ARU, o PERU ou softwares de simulações climáticas. Mas foi na primeira viagem a Gouveia, em Outubro de 2018 que todo o levantamento a nível infraestrutural, patrimonial, natural e cultural foi realizado pelo coletivo dos alunos.

Nesta visita, fomos recebidos pelo Presidente da Câmara Municipal, Luís Tadeu, que deu o seu contributo nos temas que considerava com mais urgência, entre os quais, o abandono da cidade por parte da população mais jovem e a falta de reaproveitamento do edificado pré-existente. Houve também oportunidade de conhecer proximamente características mais próprias da cidade, como o tear ainda em utilização que o Sr. João preserva em sua casa, o Seminário de Gouveia, onde fomos acolhidos com muita hospitalidade, a Casa da Rainha do Mundo, que nos foi apresentada pelas irmãs de S. João Baptista e de Maria Rainha com uma arquitetura que nos deixou deslumbrados, entre outros espaços de cariz também muito particular, como o novo Parque da Ribeira, a zona das antigas indústrias textis de Gouveia, a antiga residência da família Bellino&Bellino, o antigo colégio de Jesuítas onde se encontra hoje os Paços do Concelho, a mata da Cerca, a antiga Judiaria e o novo Tribunal Judicial de Gouveia, dos arquitetos Barbosa & Guimarães.

121

Após a reunião de toda a informação, começaram a ser estruturadas as análises e deu-se início à construção da maquete da cidade. Esta maquete, realizada à escala 1:1000, com pouco mais de 2m de diâmetro, foi desenhada com uma forma circular, devido à facilidade de transportação, mas também devido à fácil leitura da cidade de Gouveia como um núcleo urbano.

Dentro de uma dinâmica de análise mais relaxada, foi realizada uma pequena



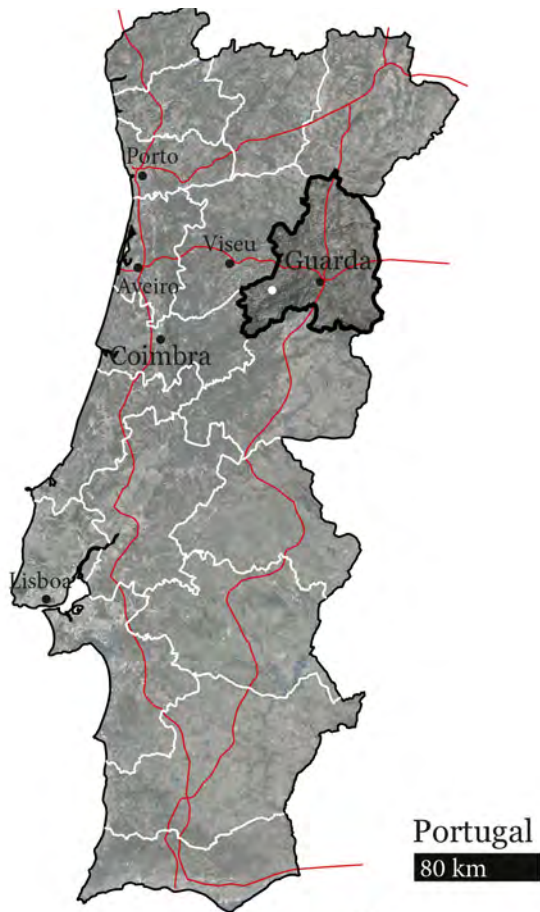
**Fig. 12** - Convento de S. Francisco, Gouveia - Fotografia vencedora do Património Natural  
Autoria de Erica Rhoda



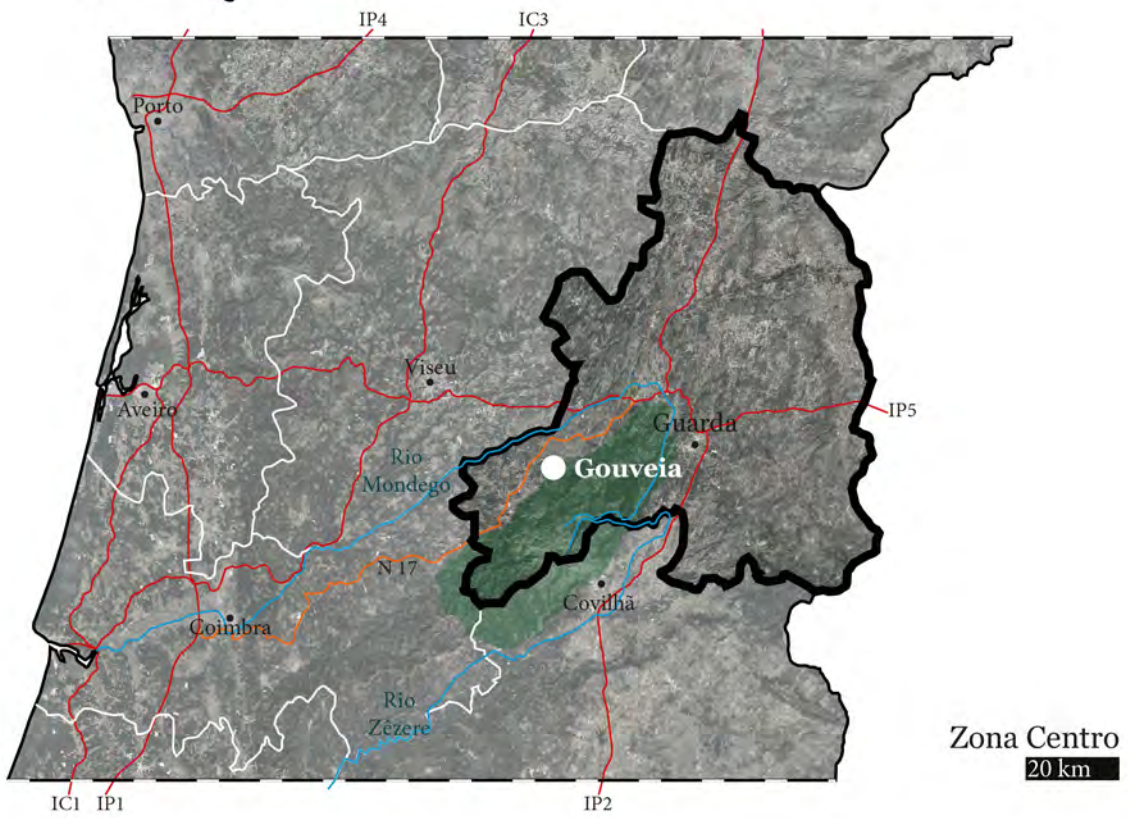
**Fig. 13** - Novo Tribunal Judicial de Gouveia - Fotografia Vencedora do Concurso  
Autoria de Afonso Guimarães

brincadeira dentro da turma, o concurso de fotografia “ Novos olhares sobre Gouveia”, que incentivou os alunos a registarem os momentos que achassem mais marcantes, consoante três categorias: Património Natural, Património Edificado e Património Humano. Houve um júri, composto pelo Prof. Doutor João Paulo Cardielos, o Doutor José Maçãs Carvalho, professor da disciplina opcional de Fotografia do Departamento e o ex-aluno Eduardo Mota, natural de Gouveia. Este júri selecionou as cinco melhores fotos de cada categoria e foi depois levada a votação à turma para eleger as vencedoras entre cada tema, e a real vencedora.

Assim, para dar início ao trabalho de investigação e projeto, a turma tinha à sua disposição não só uma maquete grandiosa, com espaço para todos experimentarem, como um portefólio de fotografias completo, como também um dossier A2 com todas as análises filtradas e organizadas. Este dossier contém uma estrutura dividida em Território, Sociodemografia, Geofísica e Climática, Infraestrutura, Património do Edificado e Património Natural, e finalmente uma análise SWOT (*Strengths-Weaknesses, Opportunities-Threats*) para se poder analisar criticamente todos os resultados obtidos com vista a propostas pertinentes.



124



**Fig. 14** - Identificação de Gouveia no Mapa de Portugal e Zona Centro

## Território e Demografia

Gouveia é a cidade sede do Município, que conta com 16 freguesias, no distrito da Guarda. Situa-se, privilegiadamente, na encosta noroeste da maior cadeia montanhosa de Portugal continental, com uma média de 700m de altitude, fazendo parte dos municípios constituintes do Parque Natural da Serra da Estrela, juntamente com Belmonte, Celorico da Beira, Covilhã, Fornos de Algodres, Guarda, Manteigas, Oliveira do Hospital e Seia.

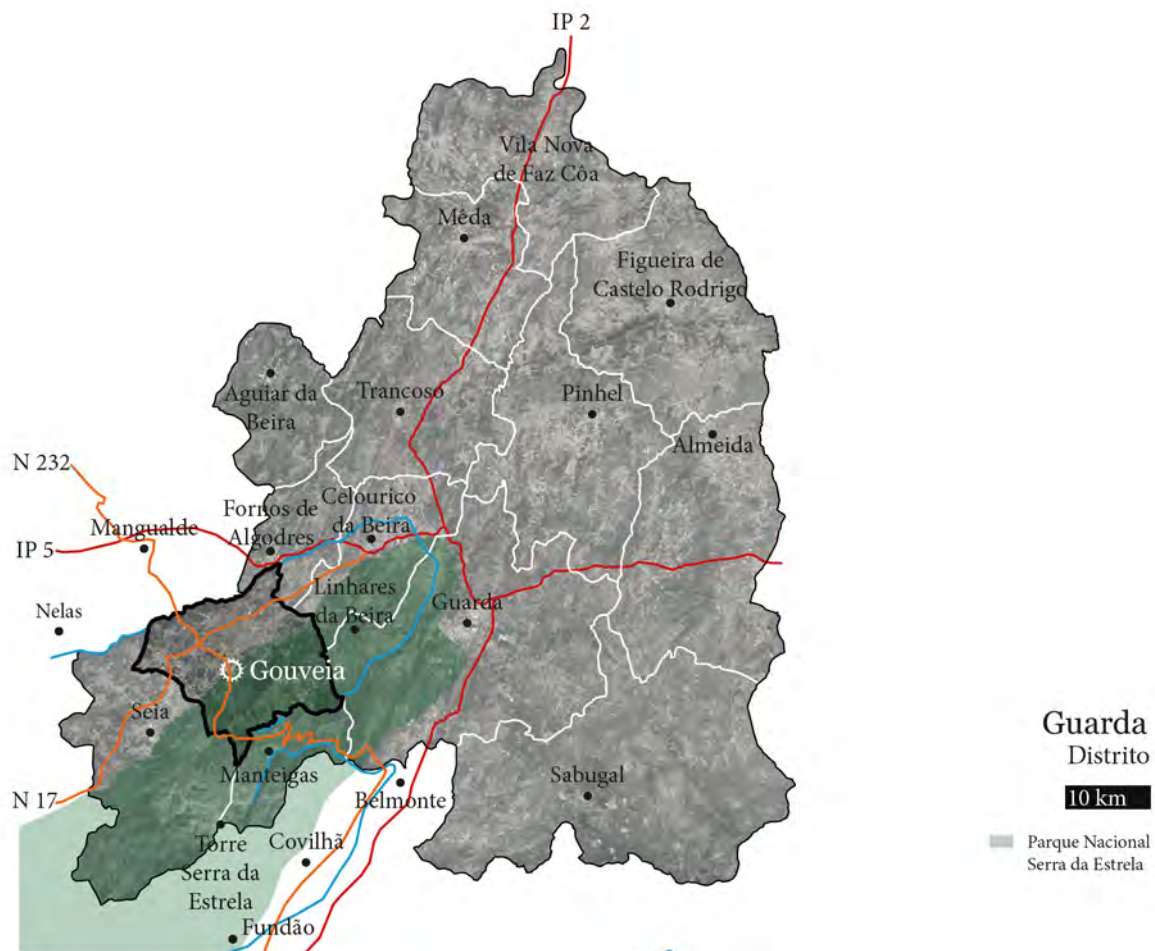
A Serra da Estrela é o ponto mais alto de Portugal Continental (cerca de 1993m de altitude) e alcançou em 2019 um novo patamar na valorização do seu património natural e imaterial com a aceitação do estatuto de Geopark Mundial da UNESCO.

*Segundo Joaquim Brigas, presidente da Associação Geopark Estrela e do Instituto Politécnico da Guarda (IPG), a aprovação da candidatura por parte da UNESCO “é o reconhecimento do potencial geológico do território e do seu património natural e cultural e, nessa medida, um primeiro passo para o desenvolvimento sustentável de toda a região da Estrela”*

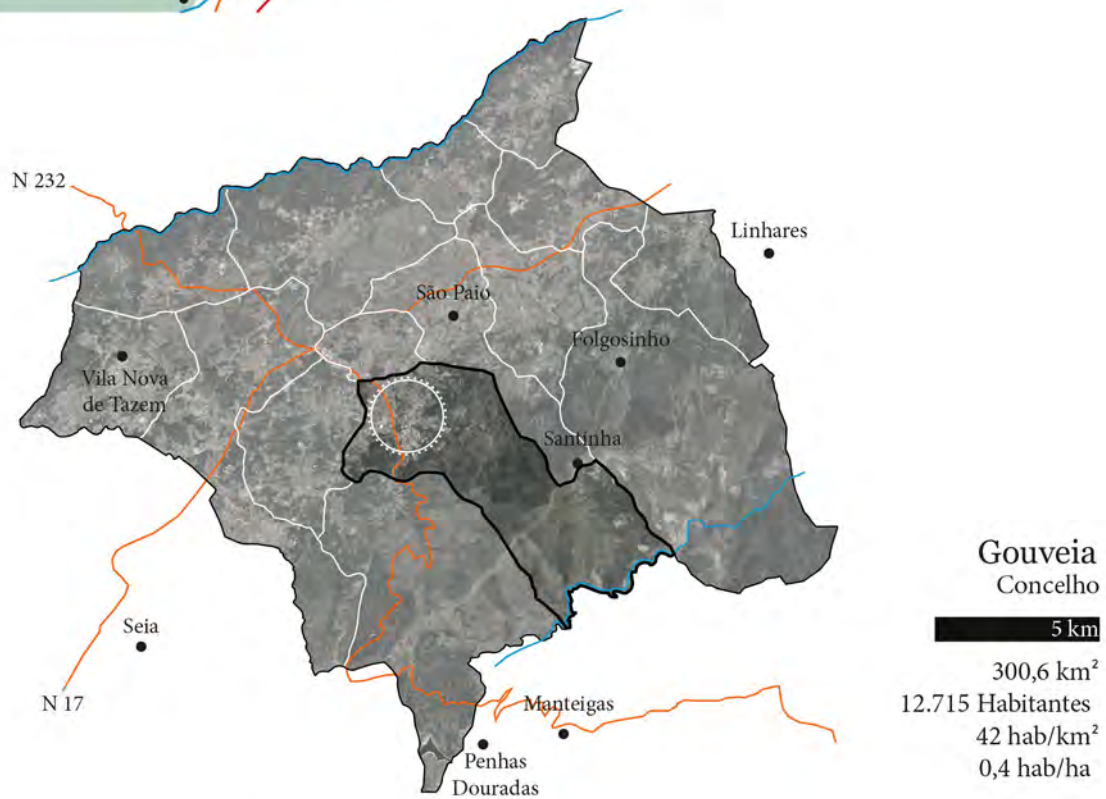
(O Público, 2019)

Esta serra tem uma rica tradição pastorícia, que nos brinda com a sua cultura gastronómica, dos lanifícios e tecelagem. Na prática da transumância, os pastores levavam o pasto para zonas mais ripárias no inverno e depois, vinham dos vale do Douro e do Mondego, de Cova da Beira ou ainda das planuras do Campo de Ourique, no Alentejo para o alto da Serra da Estrela com o começar das estações quentes.

Os vestígios mais antigos registados na região datam do V milénio a.C. e suspeita-se que o próprio nome da Serra tenha as suas origens por essa data. A estrela Aldebaran,



126



**Fig. 15** - Identificação de Gouveia no Distrito da Guarda e o Município de Gouveia



a mais brilhante da constelação do Touro, nascia sobre a serra nos meses de Abril/Maio. É então teorizado que ela poderia ser usada pelos pastores para identificar a chegada dos tempos quentes, e por conseguinte o início dos pastos na Serra da Estrela. (Campion, 2015)

Miguel Torga escrevia apaixonadamente por ela:

*Alta, imensa, enigmática, a sua presença física é logo uma obsessão. Mas junta-se à perturbante realidade uma certeza ainda mais viva: a de todas as verdades locais emanarem dela. Há rios na Beira? Descem da Estrela. Há queijo na Beira? Faz-se na Estrela. Há roupa na Beira? Tece-se na Estrela. Há vento na Beira? Sopra-o a Estrela. Há energia eléctrica na Beira? Gera-se na Estrela. Tudo se cria nela, tudo mergulha as raízes no seu largo e materno seio. Ela comanda, bafeja, castiga e redime. Gelada e carrancuda, cresta o que nasce sem a sua bênção; quente e desanuviada, a vida à sua volta abrolha e floresce. O Marão separa dois mundos — o minhoto e o transmontano. O Caldeirão, no pólo oposto de Portugal, imita-o como pode. Mas a Estrela não divide: concentra.*

(Torga, 1967)

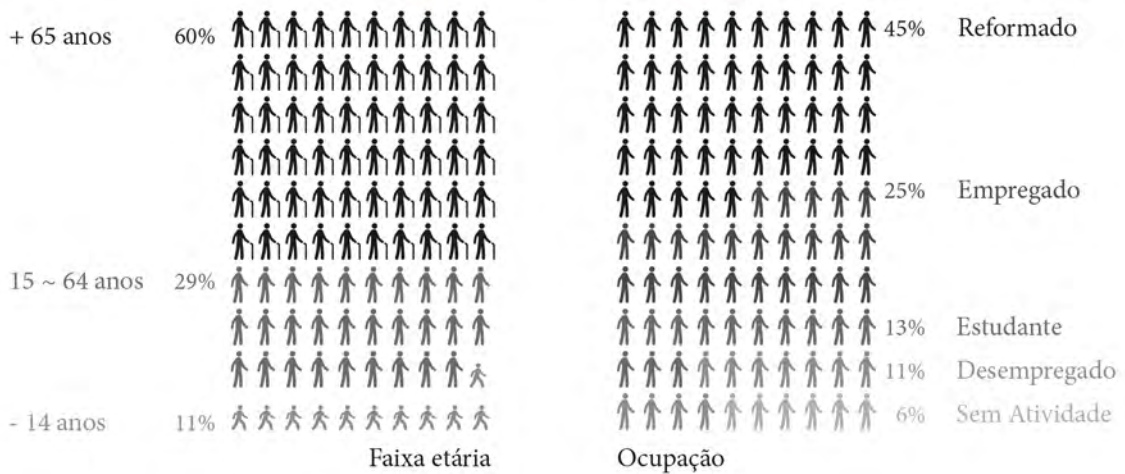
É seguro dizer que a cultura pastorícia e o trabalho da lã estão na origem do desenvolvimento de toda a região. Na década de 80 do séc. XIX, o setor têxtil representava maior parte das grandes indústrias de Portugal, várias ligadas à produção de lanifícios, situadas na Covilhã e em Gouveia. Por volta de 1930, Gouveia tinha cerca de 2 762 operários a trabalhar na indústria têxtil, superada somente pela Covilhã com 5 710 (Pinheiro, 2016 como citado em Falcão, 2019).

Com o evoluir do séc. XX e XXI, os métodos de produção industrial revelaram-se obsoletos mas a Covilhã e Manteigas souberam dar valor à sua cultura tradicional e



Legenda :

- Rio
- Parque Nacional Serra da Estrela
- Via Rápida
- Estrada Nacional
- Estrada Municipal
- ⋯ Ligação Histórica
- 4,7km<sup>2</sup>
- 3 472 hab



**Fig. 16 -** Mapa da Cidade de Gouveia e Dados demográficos

transformá-la em dinâmicas contemporâneas de comércio e cultura. Já Gouveia ficou à quem do seu potencial, tendo as suas fábricas encerradas e em estado de abandono ou mesmo ruína. Não houve propriamente um reaproveitamento destes equipamentos, e mesmo as intervenções mais recentes no meio urbano tentaram ignorar ou branquear de alguma forma a memória das indústrias que se vivia.

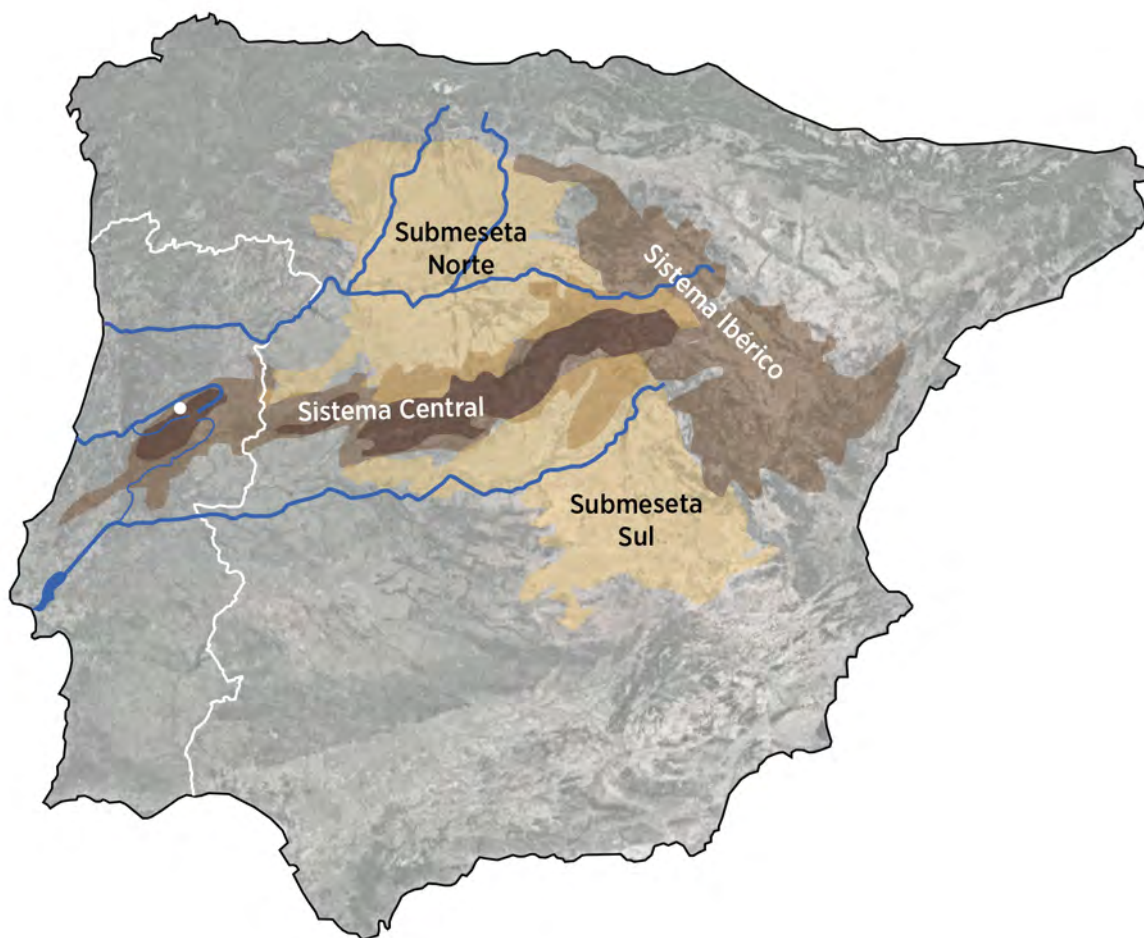
*Os esforços que a montanha impõe, as grandes limitações de solo e clima, os baixos rendimentos, o isolamento, a escassez de serviços, são, entre outros, factores que contribuíram historicamente para a saída das suas gentes e, conseqüentemente, para a desarticulação da sua estrutura sócio-económica. Estes aspectos são agravados quando se localizam em regiões interiores, já elas com graves debilidades estruturais, o que gera processos de migração e de ruptura com o sistema produtivo tradicional.*

(Fernandes, 2004)

129

Revelando-se esta falta de valor e sensibilidade no tratamento dos seus espaços, torna-se imperativa a revalorização e a reconexão da ecologia do lugar com a presente cidade de Gouveia.

No que toca a números concretos, é uma cidade com 4,7 km<sup>2</sup> e cerca de 3 472 habitantes. A faixa etária predominante é dos 15 aos 64 anos, a contabilizar 61% da população, tendo 10% com menos de 14 anos e 29% com mais de 65. No que diz respeito à ocupação profissional, mostra-se também uma preocupante maioria reformada (45%), sendo que 25% estão empregados, 13% são estudantes e os restantes 16% verificam-se desempregados ou sem atividade.



**Fig. 17** - Análise geofísica do Sistema Central

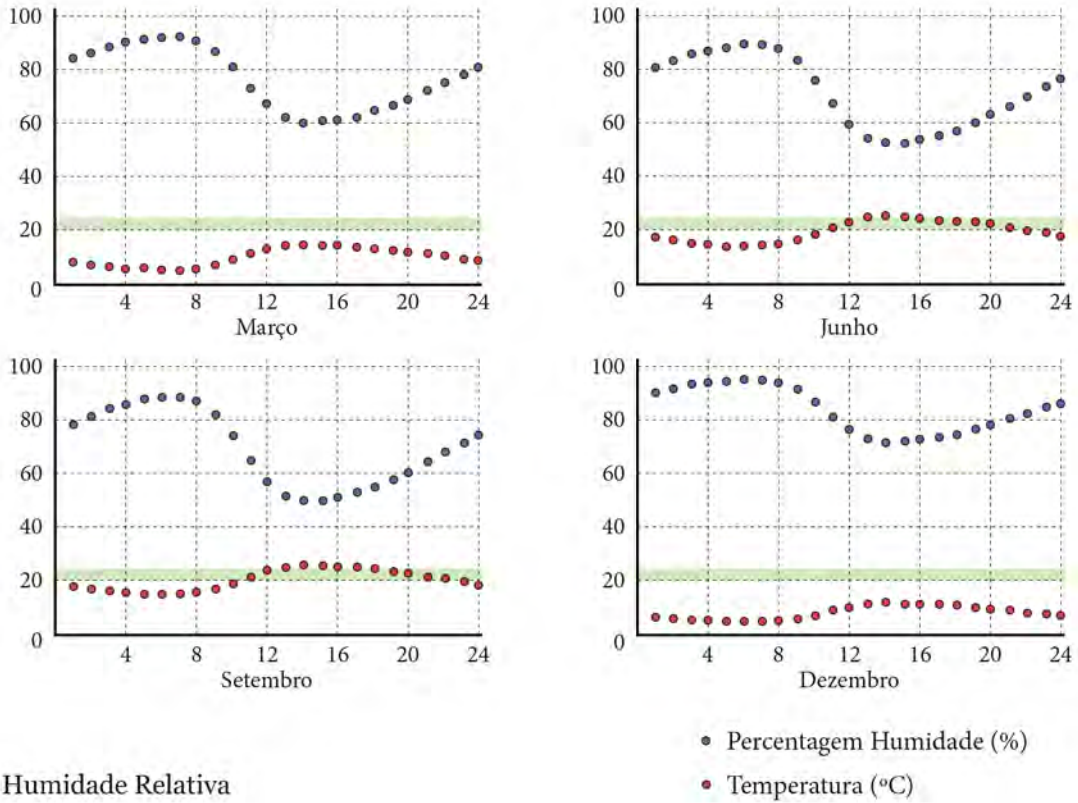
## Geofísica e Climática

A Serra da Estrela faz parte do subsistema conhecido como Sistema Montejunto-Estrela, numa vasta cordilheira da Península Ibérica denominada de Sistema Central. Esta cordilheira, com cerca de 700km de extensão, começa em Portugal a oeste e termina depois a este, noutra cordilheira da P.E., o Sistema Ibérico.

O Sistema Central representa também o traçado da Meseta Central, que divide o sistema de drenagem Atlântico da Península Ibérica nas submesetas norte (bacia do Douro) e sul (bacia do Tejo). Na Serra da Estrela nascem os rios Mondego, Alva (influyente do último) e Zêzere (influyente do rio Tejo) (Jansen, 2002, como citado em Cavadas, 2020).

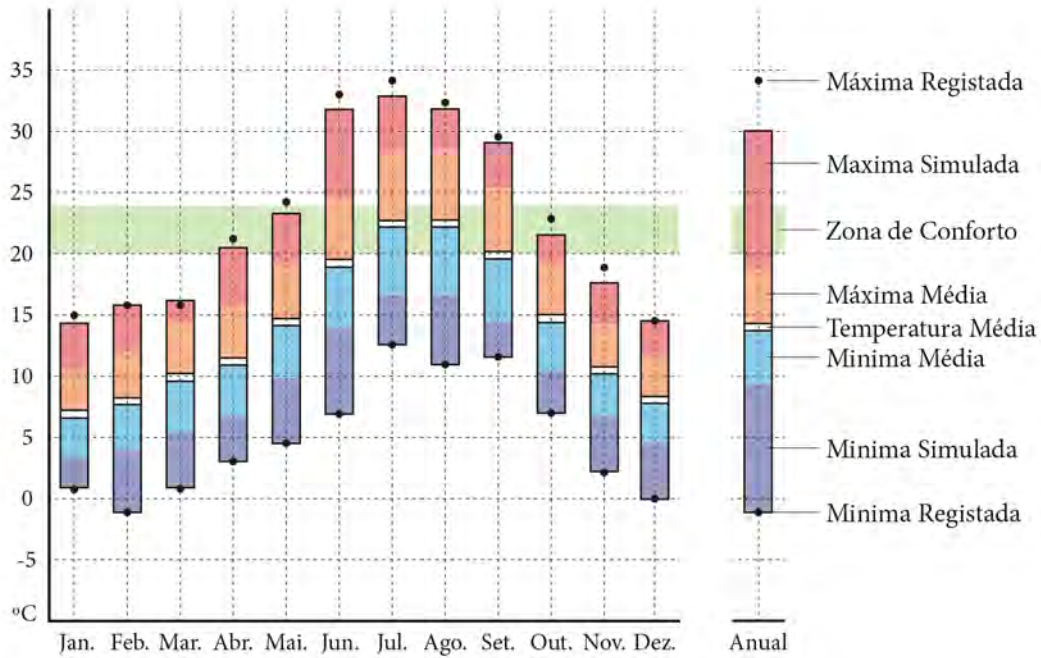
No que diz respeito a medições climáticas, a região é quase sempre inferior aos níveis de conforto, chegando a temperaturas inferiores que  $-2^{\circ}\text{C}$  no inverno e superiores a  $34^{\circ}\text{C}$  no verão.

Quando postas em contraste com os níveis de humidade relativa, conclui-se que mesmo quando as temperaturas atingem o nível de conforto, a humidade mantém-se sempre relativamente alta, o que cria fortes probabilidades de precipitação ao longo de todo o ano e aumenta a sensação de calor nos meses estivos. As direções dominantes dos ventos são Sudoeste e Noroeste, sendo esta última predominante, com ventos frequentes, fortes e geralmente frios.



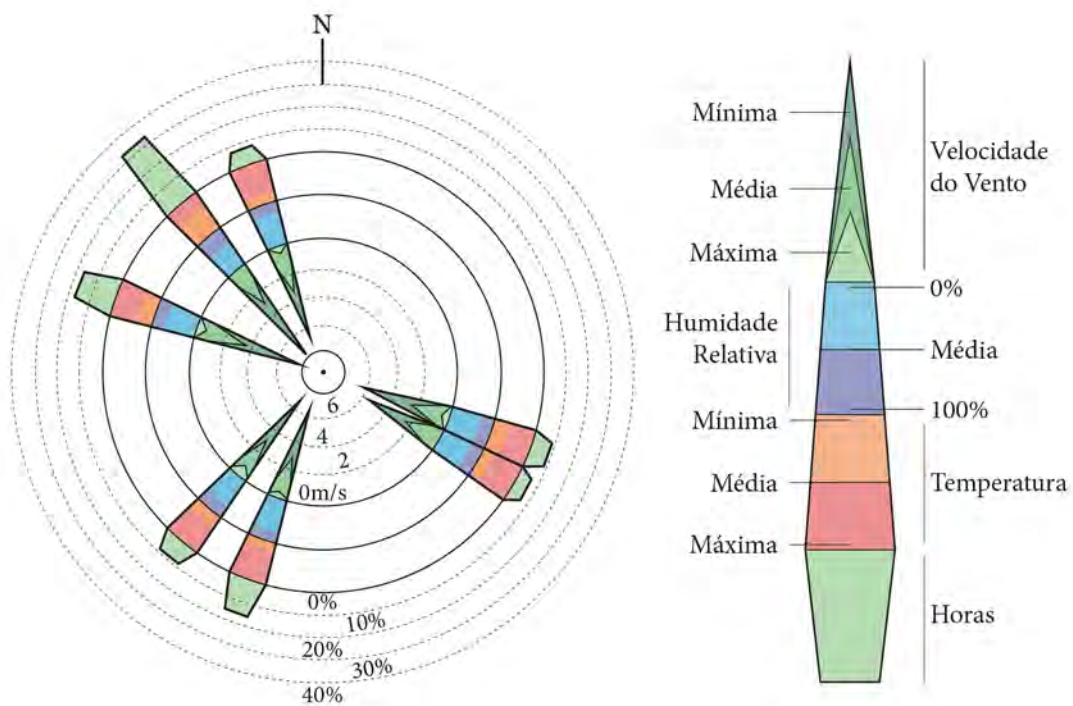
Humidade Relativa

132

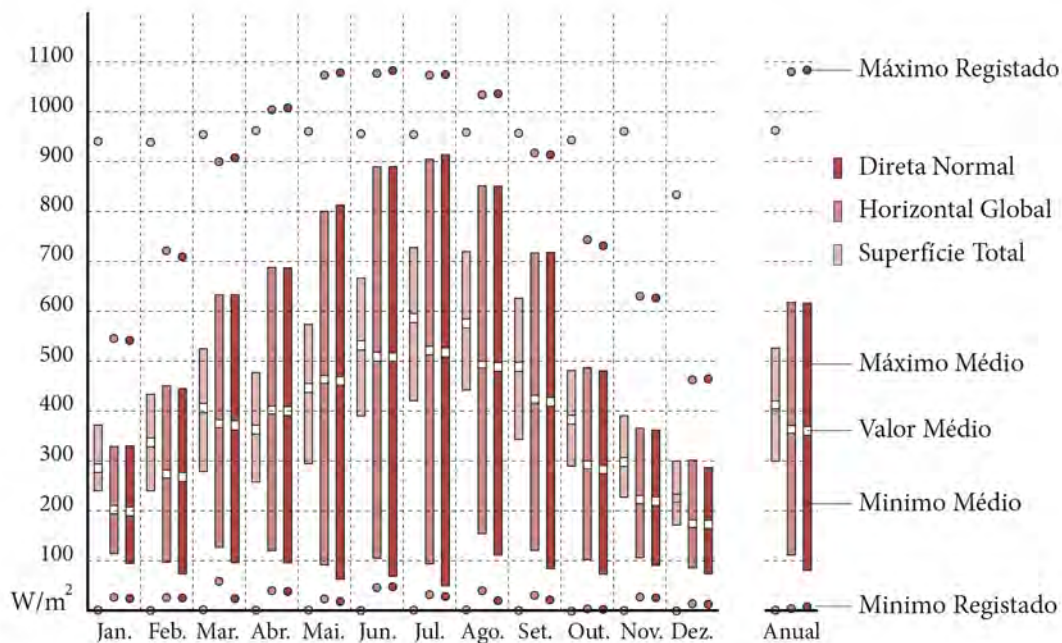


Amplitude Térmica

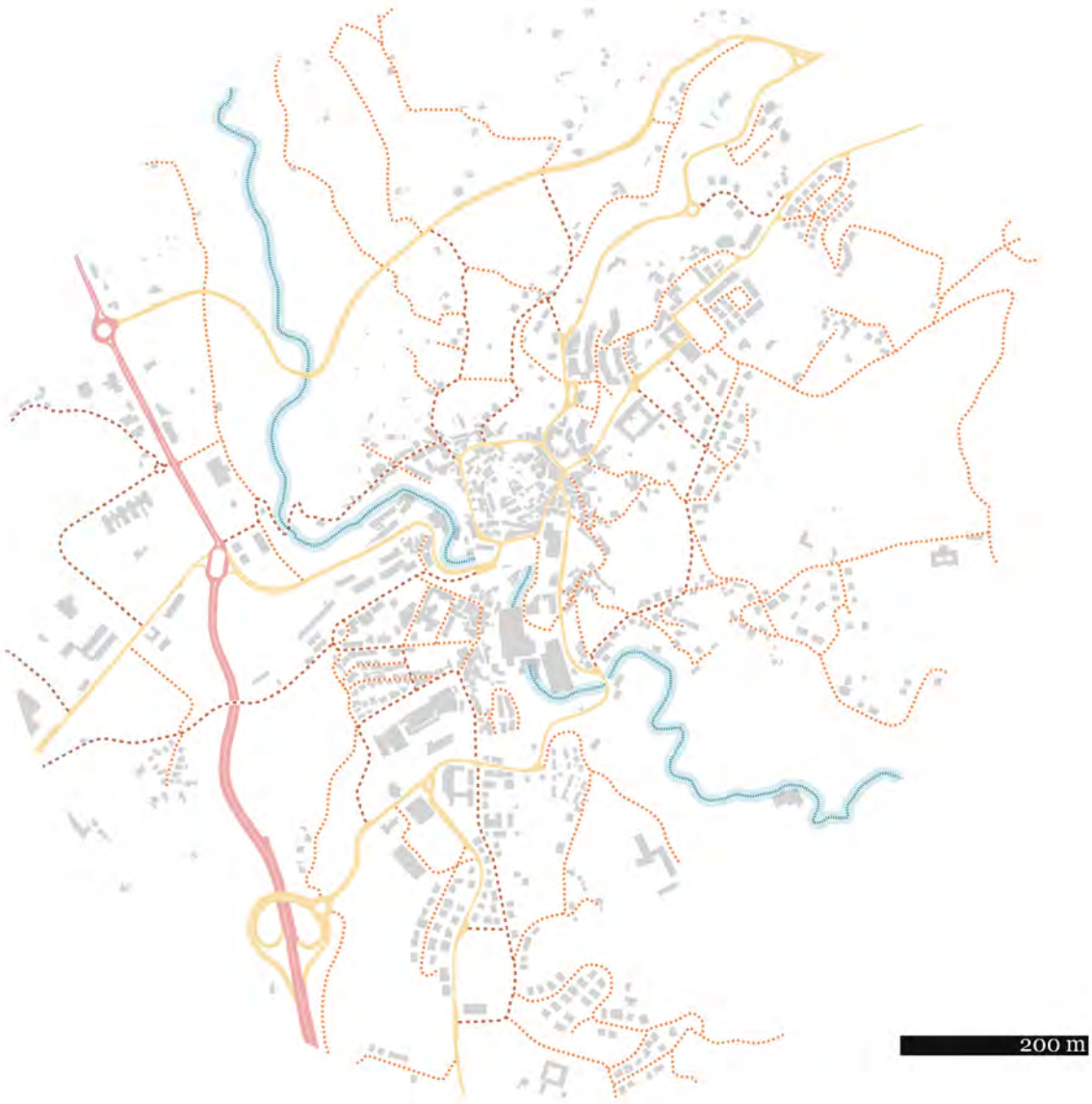
**Fig. 18** - Síntese das análises climáticas do Município de Gouveia



Ventos Predominantes



Radiação Solar



- |       |                     |   |         |   |                |   |                    |
|-------|---------------------|---|---------|---|----------------|---|--------------------|
| —     | Eixos Estruturantes | ■ | N 232   | ⋯ | Distribuidores | — | Variantes S. Pedro |
| - - - | Eixos Secundários   | ■ | N 330-1 | ⋯ | Acesso Local   |   |                    |

**Fig. 19** - Análises gerais. Estrutura viária

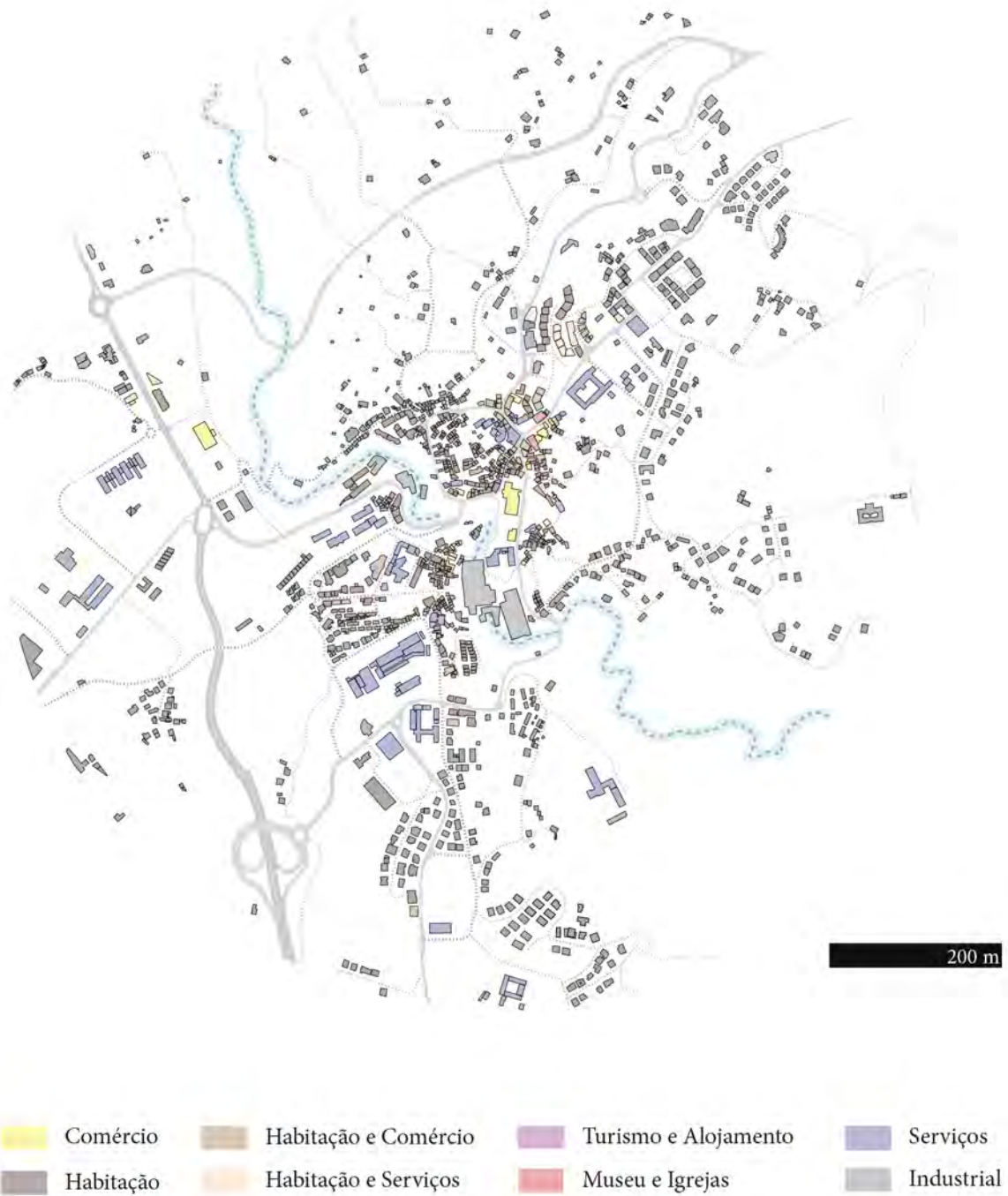


## Infraestrutura

O eixo mais marcante no território de Gouveia é traçado pela Ribeira Ajax, que corta a cidade a meio. O núcleo histórico do castelo, estimado do séc. XVII, desenvolve-se a Norte da ribeira. Foi no leito dela que surgiram, no início do séc. XIX, as indústrias dos lanifícios que marcam a memória e a paisagem de Gouveia. Devido ao crescimento do negócio têxtil, a cidade viu-se com uma necessidade de alojar todos os operários que nele trabalham, e assim se deu uma grande expansão da cidade.

Mais tarde, em 2006, foi inaugurada a variante Gouveia da N232 que veio fazer a ligação Mangualde, Manteigas e Belmonte. Desta estrada surgiu a nova expansão da cidade, o pólo de serviços onde se encontra a GNR, o Centro de Saúde, a Escola Básica de Gouveia, e alguns hipermercados. A Nacional representa assim uma barreira forte nos fluxos pedonais da cidade pois o seu desenho, ou o dos novos equipamentos, não demonstra a sensibilidade necessária para desenhar uma cidade com uma população maioritariamente envelhecida e com poucos meios de transporte públicos à disposição.

Para colmatar as dificuldades sentidas a nível de mobilidade, a cidade ergue-se na encosta, surgindo aproximadamente nos 550m de altitude, onde se situam os terrenos mais planos utilizados para as atividades agrícolas, subindo sensivelmente até aos 800m, onde se situa a Mata da Cerca. Estes dados traduzem-se em escarpas enormes, obrigadas a ser vencidas por inúmeros lanços de escadas ou compridas rampas que desafiam a forma física da maioria da população.



**Fig. 20** - Análises gerais. Funções do Edificado

## Património edificado

A análise do edificado foi conduzida segundo as seguintes categorias: usos, estado de conservação, ocupação, altimetrias e idade.

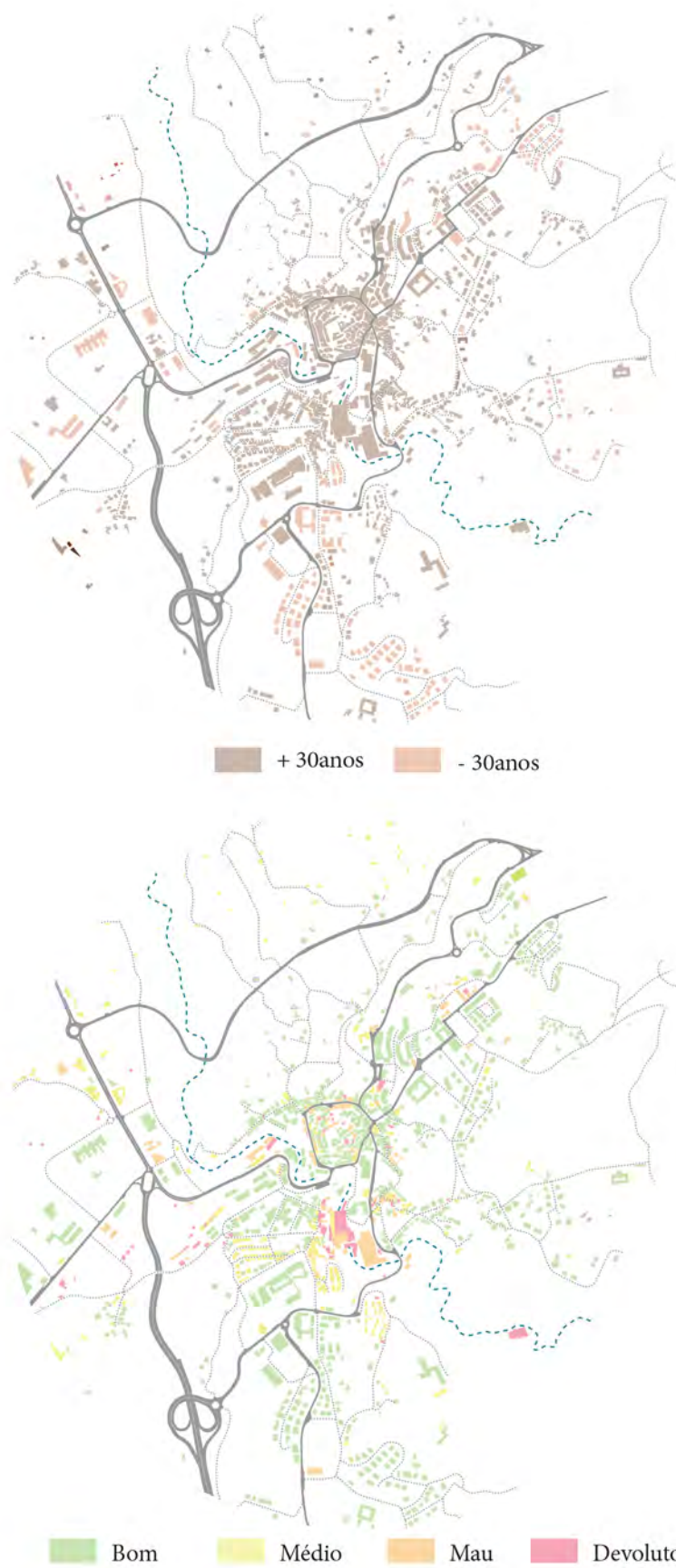
O que se pode retirar do mapa de usos é que a maior parte do edificado é habitação, com uma pequena percentagem que tem comércio ou serviços ao nível do piso térreo. A dinâmica comercial é muito escassa enquanto que os serviços apresentam-se em abundância, no entanto, de forma pouco articulada pela cidade.

A maioria dos edifícios encontra-se em bom estado de conservação, sendo o maior foco de má conservação ou ruína na antiga zona industrial, ao longo da ribeira, e alguns pontualmente no centro histórico. São estes mesmos edifícios que se apresentam desocupados, salvo poucas exceções.

A respeito da idade, quase todo o edificado tem mais de 30 anos e mesmo os mais recentes dizem respeito maioritariamente a serviços e equipamentos comerciais, o que revela que a cidade não está a crescer a nível de população ou de investimento para a habitação.

As conclusões que se permitem retirar destas primeiras análises sobre a cidade é que há uma considerável decadência na vida da cidade como um todo. Gouveia encontra-se munida de habitação, serviços e equipamentos com qualidade mas é depois marcada por uma falta de paixão na unificação destas partes, seja por equipamentos que se encontram ao abandono no coração da cidade, seja pela nova construção que se decidiu implantar de forma longínqua do epicentro da vida urbana, seja pela falta de oportunidades de trabalho para os mais novos quer pela própria falta de atividades lúdicas e de lazer.

Esta falta de paixão vai-se revelar depois num sucessivo abandono da cidade pelos habitantes mais jovens fazendo com que num futuro próximo a população habitante seja quase 100% sénior, o que conseqüentemente tornará Gouveia em mais um aglomerado urbano do centro de Portugal em vias de abandono completo.



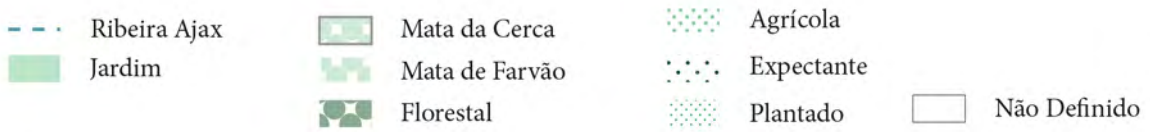
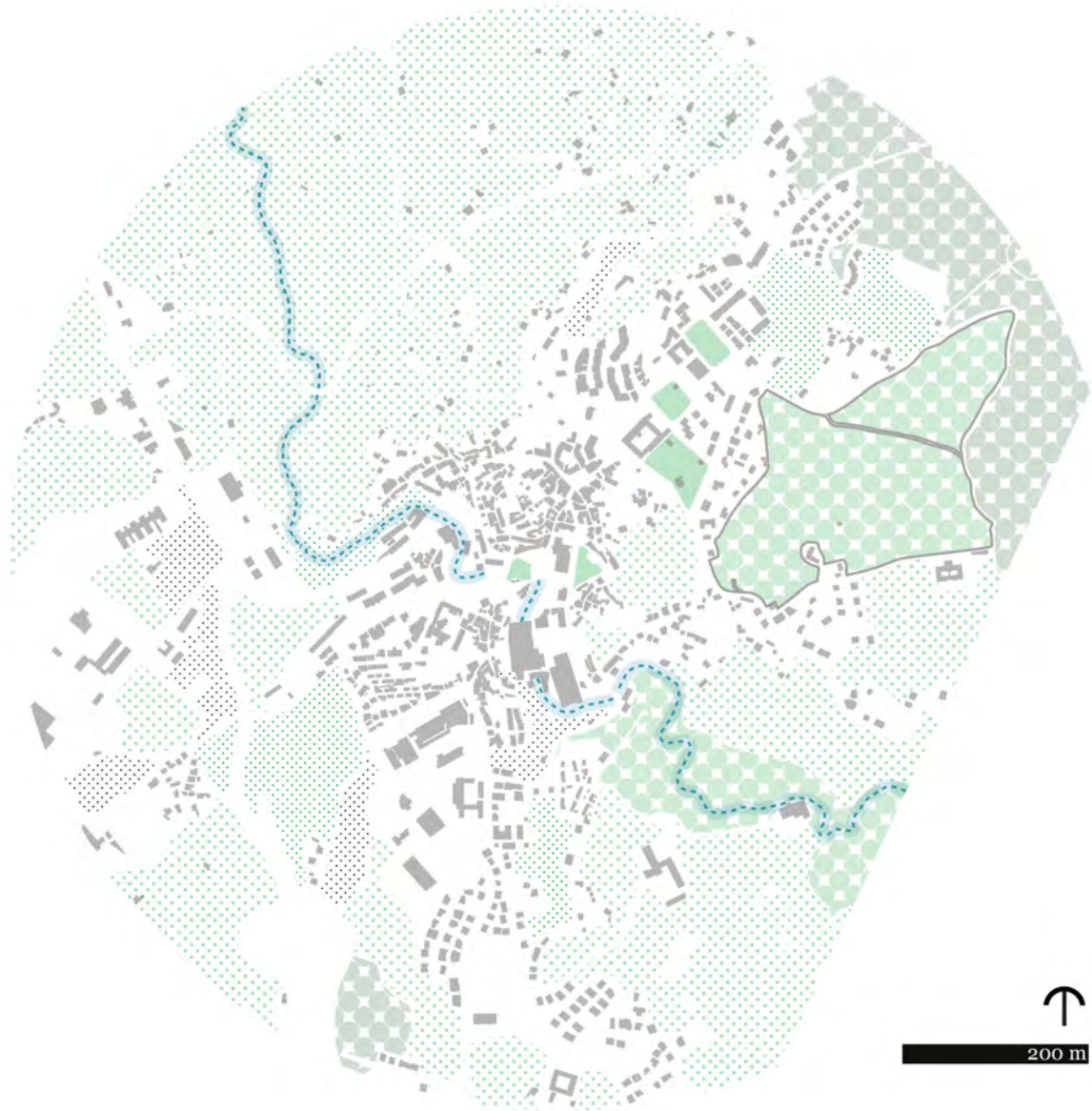
**Fig. 21** - Análise do Património Edificado - Idade e Conservação



139



**Fig. 22** - Análise do Património Edificado - Ocupação e Altimetria



**Fig. 23** - Análises gerais - Estrutura Verde

## Património natural

A Península Ibérica possui das floras mais ricas da Europa, com mais de 8 000 espécies, cerca de 1 400 endémicas. Só a flora portuguesa contém 3995 taxa, com 3314 em Portugal Continental. A flora da Serra da Estrela representa 1/3 deste valor, com cerca de 900 taxa de plantas vasculares e alguns endémicos.

Os contributos para esta variada flora e vegetação devem-se à posição latitudinal da Serra e pouca distância relativamente ao oceano Atlântico, o que faz com que esta cordilheira esteja sob influências climáticas mediterrânicas, atlânticas e continentais. A par destas características, o complexo sistema geográfico e orográfico, juntamente com toda a história do ser humano na Estrela, faz com que haja uma biodiversidade magnífica na região. O Parque Natural da Serra da Estrela conta com 32 habitats inseridos no Anexo I da Diretiva ‘Habitats’<sup>1</sup> (CISE, 2012). Esta diretiva surge da Rede Natura 2000, a rede ecológica que abriga o espaço da U.E. e que visa proteger todas as espécies e habitats ameaçados do território com o objetivo de parar a perda de biodiversidade.

141

*A garantia da prossecução destes objetivos passa necessariamente por uma articulação da política de conservação da natureza com as restantes políticas setoriais, nomeadamente, agrossilvopastoril, turística ou de obras públicas, por forma a encontrar os mecanismos para que os espaços incluídos na Rede Natura 2000 sejam espaços vividos e geridos de uma forma sustentável.*

(ICNE, 2016)

<sup>1</sup>Diretiva consolidada e assinada na Convenção de Berna por todos os membros da União Europeia, transposta depois para o direito interno de Portugal através do Decreto-Lei n.º140/99 de 24 de Abril



142

**Fig. 24** - Parque Ecológico de Gouveia



**Fig. 25** - Banco na Mata da Cerca



Gouveia presenteia-nos com pequenos jardins clássicos e alamedas mas as estrelas da cidade são os miradouros bem posicionados sobre toda a paisagem, onde se pode observar o Vale do Mondego e uma grande extensão das layers da Beira Alta, sempre rodeados de paisagens verdejantes que marcam a memória de quem observa.

No Município situam-se o Parque Ecológico de Gouveia e o CERVAS (Centro de Ecologia, Recuperação e Vigilância de Animais Selvagens), instituições de rico valor ecológico. O presidente Luís Tadeu anunciou, em 2018, o objetivo da criação do CEAF-Centro de Educação Ambiental de Folgosinho, como também a reabilitação da Casa das Sementes e da Casa Florestal dos Astrónomos enquanto centro interpretativo da fauna e da flora do rio Mondego. Estes esforços demonstram a determinação da autarquia em promover a ecologia e sustentabilidade da região.

*Em sua opinião (Luís Tadeu), o turismo de natureza também é importante para o território...*

*(...)o autarca vaticina que será criado no seu concelho “um conjunto de infraestruturas que possam potenciar o aproveitamento cultural, o lúdico e o económico” (...)*

(Diário de Notícias, 2018)



Legenda :

- Aspetos Demográficos
- Património Edificado
- Equipamentos
- Estrutura Natural
- Mobilidade

**Fig. 26 - Síntese da análise SWOT**

## S.W.O.T.

A análise SWOT foi uma opção no método de investigação pois é uma ferramenta extremamente útil quando chega o momento de sumarizar e pôr em confronto os dados adquiridos com as estratégias em vista.

Assim, dos aspectos mais relevantes para esta dissertação em concreto, destacam-se as forças da diversidade cultural local, o elevado conhecimento dos valores tradicionais, a rica biodiversidade e a pequena escala da cidade. O que nos leva ao contraponto das fraquezas tais como a estrutura demográfica desequilibrada, os baixos níveis de empregabilidade e um elevado risco de incêndio.

As oportunidades projetuais são o desenvolvimento de atividades laborais criativas que criam uma atratividade a públicos capazes de estabelecer novas dinâmicas económicas, o que permite a exploração de novas tipologias e programas arquitetónicos, e os desníveis consideráveis da topografia que permitem a exploração de energias renováveis e revelam um potencial dinâmico no que toca à flexibilidade e fluidez das espacialidades. Estas oportunidades visam combater a ameaça da desertificação, fixar a população jovem na cidade e prevenir a perda de memória e identidade de Gouveia. Desafios mais complexos são o elevado investimento necessário que algumas intervenções podem requerer, sempre a necessidade de uma manutenção sensível e um bom tratamento dos desníveis para garantir a acessibilidade universal.

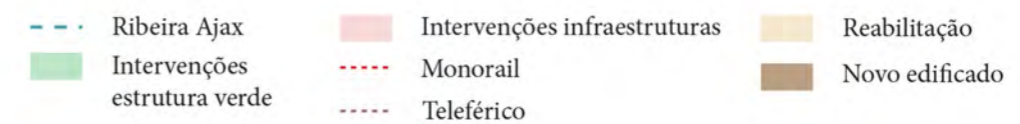
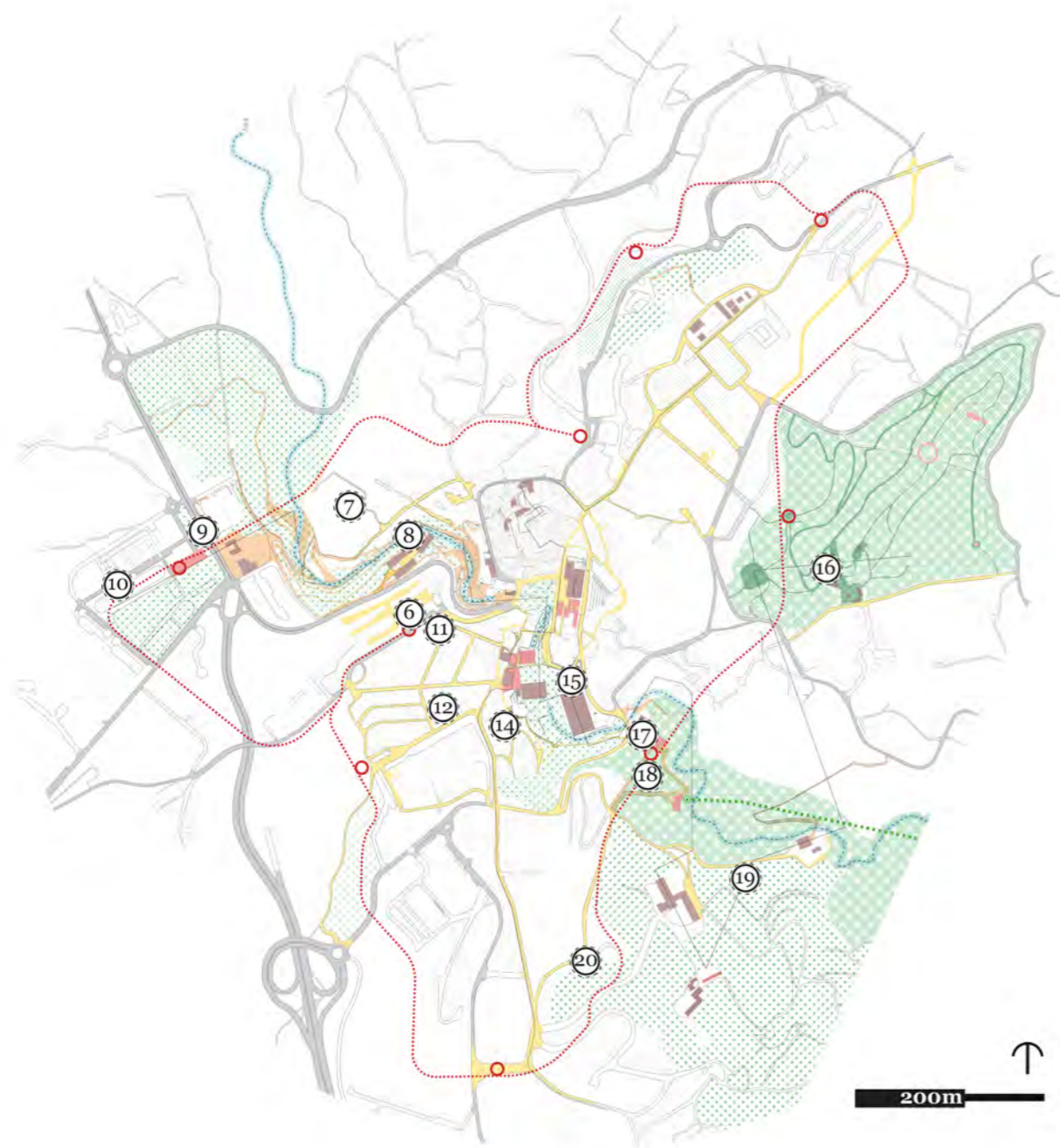


Fig. 27 - Proposta geral das estratégias de turma



**Intervenções:**

- 1 . Mobilidade Suave: um Eixo Pedonal
- 2 . Reabilitação do Bairro Ricardo Mota
- 3 . Permeabilizar o Bairro do Castelo
- 4 . Reabilitação do Mercado Municipal de Gouveia
- 5 . Centro (Re)Criativo
- 6 . Ajax Groundscape: Novo Centro Cívico
- 7 . Memória e Território: Natureza como Estrutura Urbana
- 8 . Os Passadiços da Ribeira
- 9 . Parque Urbano de Gouveia
- 10 . Monorail e Porta Urbana
- 11 . Reabilitação Ecoeficiente da Antiga Fábrica
- 12 . Reabilitação das Antigas Fábricas do Tear
- 13 . Bellino&Bellino Boutique Hotel
- 14 . New Weave: Reabilitação da Fábrica Bellino&Bellino
- 15 . Pousada da Juventude
- 16 . A Mata da Cerca
- 17 . Galeria Estrela
- 18 . Teleférico Estrela
- 19 . CROE
- 20 . Revitalização do Seminário e Centro Equestre

**Legenda**

**Intervenção na Mobilidade :**

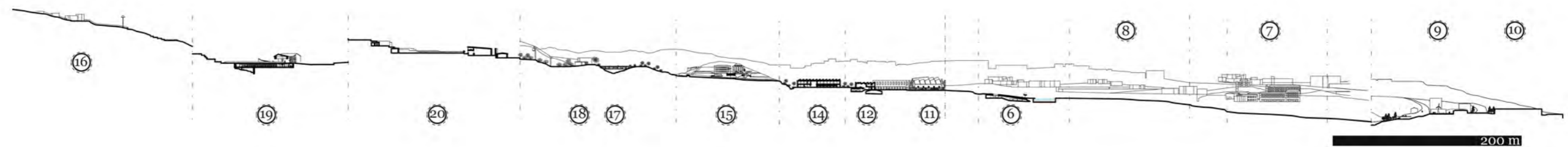
- Natural :
- Pedonal :
- Automóvel :
- Monorail :
- Teleférico :

**Edificado :**

- Reabilitação
- Nova Construção

**Intervenção no Espaço Verde :**

- |             |                                                                                                                             |                                                                                                                             |
|-------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|             | Requalificação/Reabilitação do Pré-Existente                                                                                | Novo projeto                                                                                                                |
| Florestal : | <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #4CAF50; border: 1px solid black;"></span> | <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #4CAF50; border: 1px solid black;"></span> |
| Agrícola :  | <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #4CAF50; border: 1px solid black;"></span> |                                                                                                                             |
| Público :   | <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #4CAF50; border: 1px solid black;"></span> | <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #4CAF50; border: 1px solid black;"></span> |



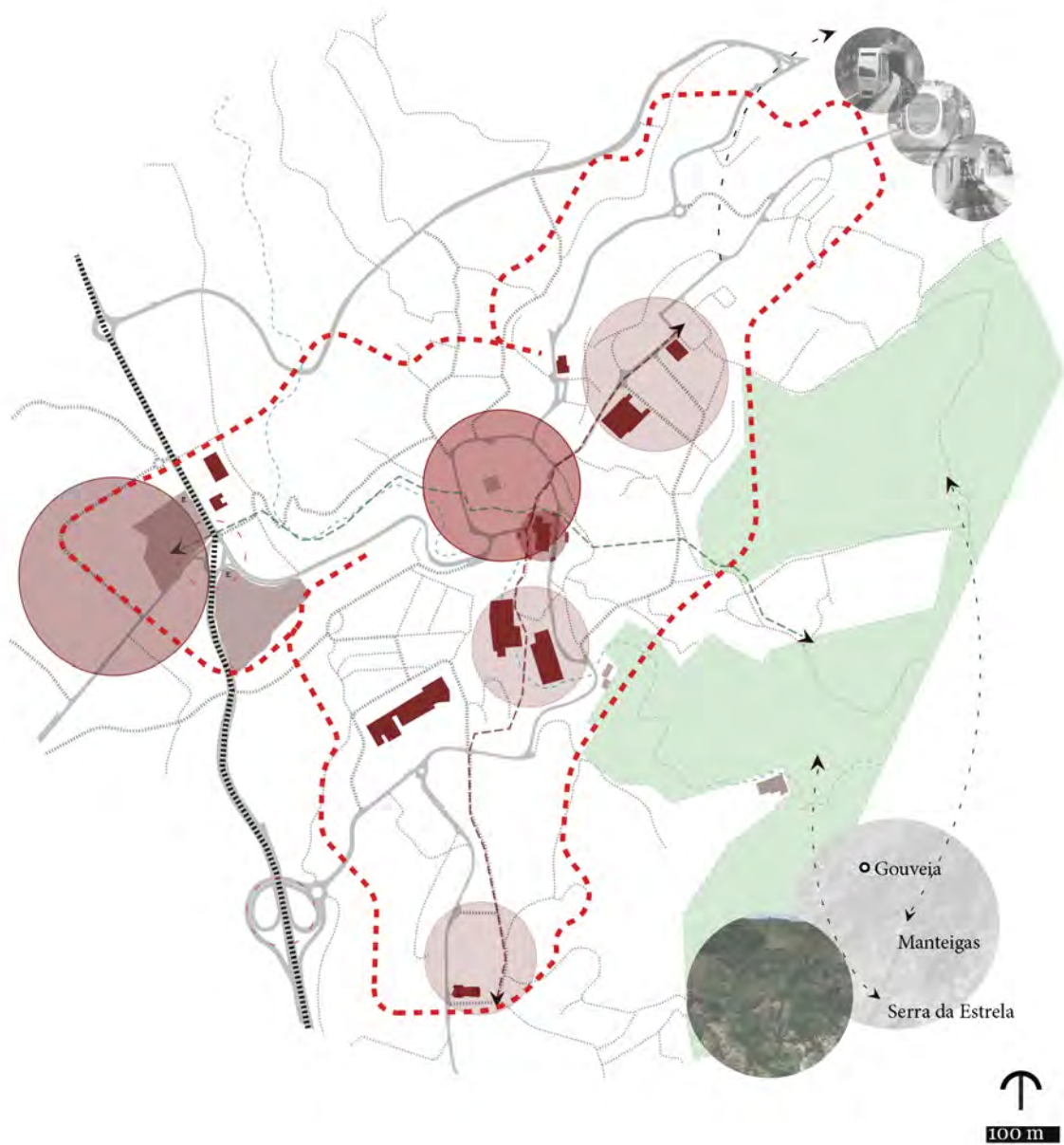
**Fig. 28** - Mapa e corte pelas intervenções individuais

## **Estratégia urbana de grupo**

Através de quatro frentes de trabalho, Mobilidade, Património Edificado, Equipamentos e Corredor Verde, o desafio foi então de projetar e sonhar a cidade não só para quem a habita como também fazer dela um ótimo ponto de paragem para quem vem de fora conhecê-la.

As estratégias foram traçadas sempre com os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável em vista. Referem-se os mais relevantes para o objeto de estudo tais como ‘Educação de qualidade’, ‘Trabalho digno e crescimento económico’, ‘Indústria, inovação e infraestruturas’, ‘Cidades e comunidades sustentáveis’, ‘Produção e consumo sustentáveis’, ‘Ação climática’ e ‘Proteger a vida terrestre’. (ODS, 2016)

Deste modo garante-se que não só quem habita a cidade tem a qualidade de vida merecida como também se garante que o comércio se mantém ativo, a economia a circular e a biodiversidade do lugar protegida.



**Fig. 29** - Diagrama de fluxos da Estratégia de Mobilidade

## Mobilidade

A uma escala territorial, a cidade encontra-se num ponto privilegiado relativamente ao Parque Natural da Serra da Estrela. Esta vantagem foi, no entanto, pouco valorizada quando se construíram artérias automóveis rápidas e mais eficazes para fazer esta ligação, transformando Gouveia numa cidade desfocada que se vê através da janela do carro.

Sempre com o objetivo de inserir a cidade num panorama atual e contemporâneo, foi desde o princípio estabelecido que se iria priorizar a deslocação pública e suave, sem meio de combustíveis fósseis. Foi assim que se traçou o plano da Linha de Teleféricos que faria a ligação Gouveia – Manteigas – Serra da Estrela (Torre) e vice-versa, retornando assim um elemento de vantagem a Gouveia e criando novas dinâmicas de movimento entre os habitantes locais e turistas.

Já a nível urbano, das principais características da vivência em Gouveia é a difícil deslocação das cotas mais baixas da cidade para as mais altas, sendo que nos encontramos numa topografia típica de serra.

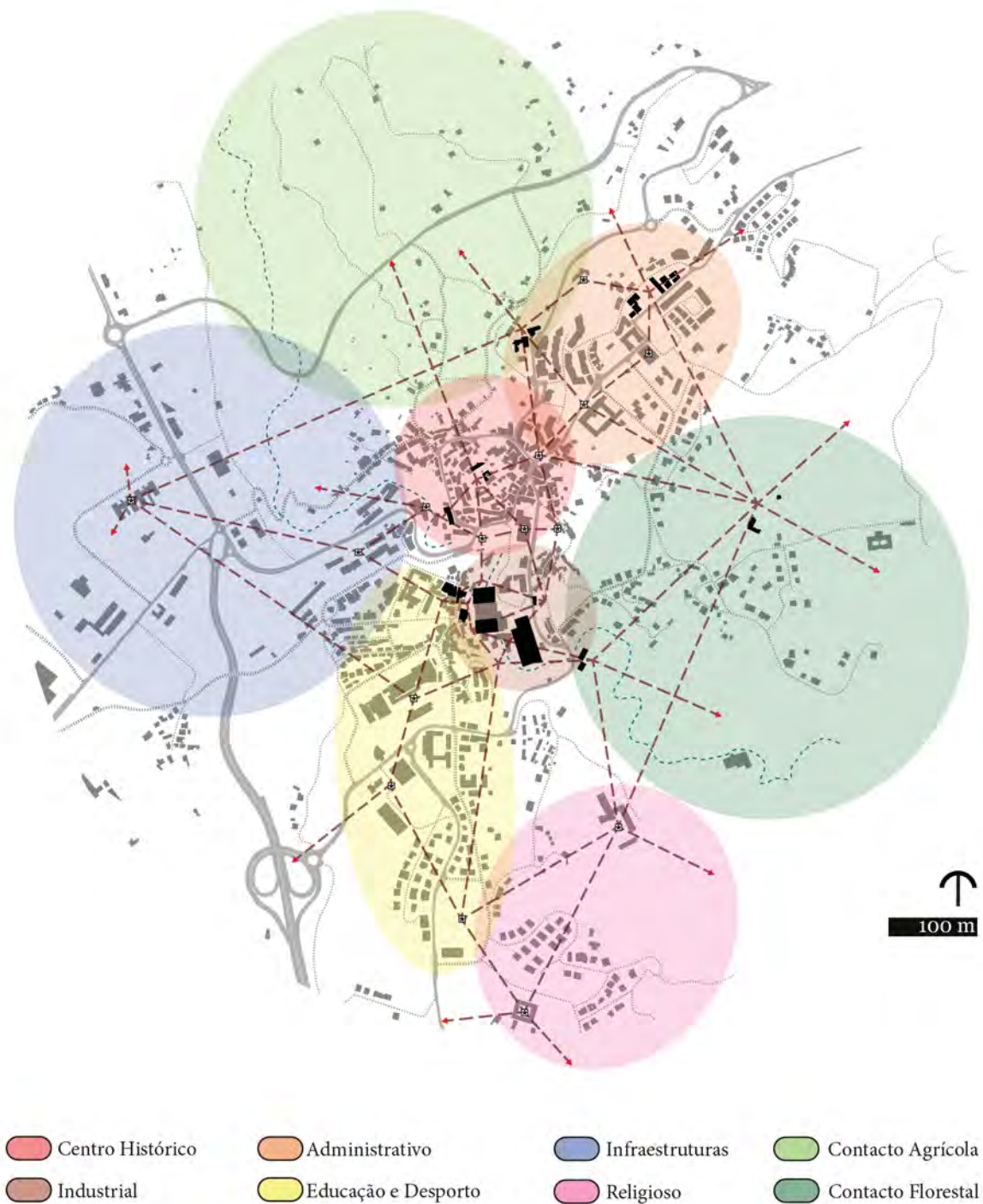
Retomando os valores assentes à partida, foi o desafio pensar novos modos de ligar estas cotas, retirando carga espacial ao automóvel e promovendo simultaneamente o espaço público. Na continuidade do pensamento para a Linha do Teleférico, transpôs-se o mesmo conceito mas à escala da cidade – o Monorail. Esta é uma infraestrutura relativamente leve e elétrica que desenharia um colar orgânico ao redor da cidade, com pontos que convergem para o interior da cidade de modo a ir buscar alguns polos infraestruturais importantes e conectando-os a todos num circuito contínuo fechado. A junção deste equipamento com a Linha dos Teleféricos ligaria também os habitantes de Gouveia à Serra da Estrela e vice-versa.

Numa escala ainda mais reduzida, aplicou-se uma estratégia de Mobilidades Suaves, que veio recharacterizar dois eixos da cidade: o eixo oeste-este que liga as cotas mais baixas





às mais altas e o eixo norte-sul que conecta os pontos de serviços de ambos os lados da cidade. Apresenta-se aqui uma intervenção mais leve, com passadiços de madeira, escadas rolantes, rampas e novas abordagens à priorização do peão em estradas mais estreitas, principalmente no Centro Histórico de modo a consciencializar à condução prudente e só quando estritamente necessário.

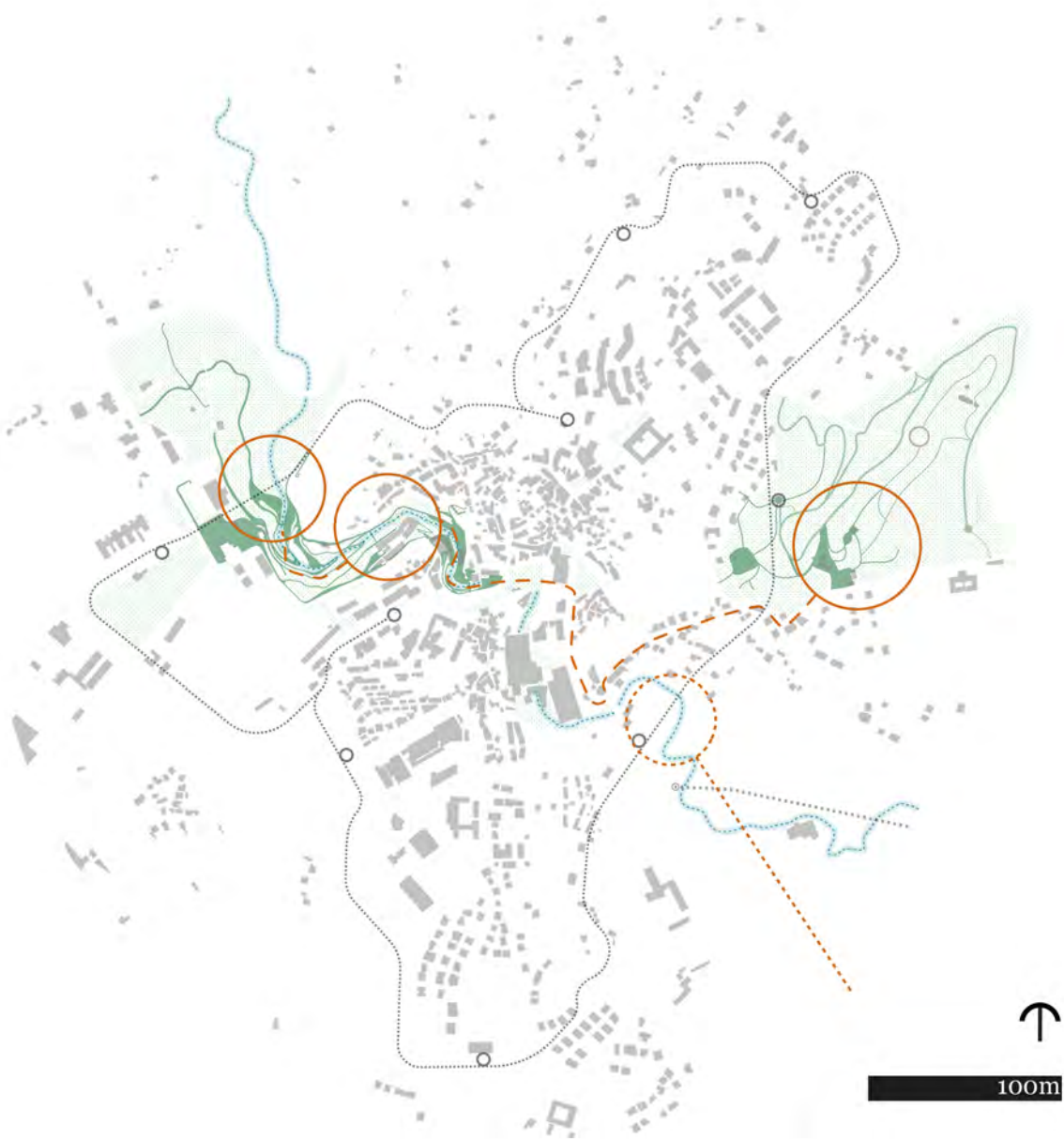


**Fig. 30** - Rede de interesses da Estratégia de Património Edificado

## Património edificado

A nível de edificado urbano, o objetivo principal foi sempre incluí-lo na dimensão projetual em prol de uma proteção que só com o uso se pode garantir. Assim, muito património edificado pré-existente foi inserido como parte integrante de projetos, como auxiliar a projetos, ou sendo o objeto de projeto em si, quer fosse uma pequena reestruturação de função, ou outras completamente novas. Só deste modo, e juntamente com o dinamismo de todo o plano infraestrutural e natural, se poderia garantir que era posta em evidência toda a herança edificada presente na cidade e permitir que tivessem uma maior esperança de vida.

Propuseram-se novas praças, espaços criativos e um novo Centro Cívico. Em termos de aproveitamento do património pré-existente, foi proposto um Centro de Equoterapia no Seminário de Gouveia, a reabilitação do bairro Ricardo Mota com novas dinâmicas de agricultura urbana vertical, um Boutique Hotel para a Residência Bellino & Bellino e uma Pousada da Juventude. Já a nível do reaproveitamento da paisagem industrial que se encontra no leito da Ribeira Ajax, foram restaurados todos os equipamentos existentes convertendo-as em Incubadoras de empresas, na Oficina do Têxtil Gouveense, que pretende salvar a antiga tradição dos lanífcios e inserir Gouveia na Rota da Lã e ainda uma Oficina para Artistas, tudo com o intuito de criar novas atratividades culturais e comerciais.



- Novos projetos - Corredor Verde
- Eixo Pedonal
- ⋯ Ligação Serra da Estrela
- ⋯ Percurso Monorail

**Fig. 31** - Mapa do Corredor Verde

## Corredor Natural

Aliado ao eixo de mobilidade que acompanha as curvas da ribeira Ajax, desenhou-se o percurso de um corredor verde, com o objetivo de preservar, consciencializar e valorizar a flora e a fauna presente na cidade, criando ao mesmo tempo um espaço público saudável e de qualidade.

Começando a oeste, nas cotas mais baixas, no ponto a que se intitulou as 'Portas da Cidade', inicia-se um percurso que une o terminal de autocarros e do Monorail ao novo Parque Urbano, um espaço que permite experiências diversas do lugar consoante a estação do ano em que se encontra. Daí segue-se a montante pelos Passadiços da Ribeira, projeto construído a vários níveis que se desdobra do artificial para o selvagem, chegando então ao pré-existente Parque da Ribeira e depois ao novo Centro Cívico, Ajax Groundscape. Seguindo o desenho da Ajax temos os polos de equipamentos, dotados de um cuidado extra sensível na conexão entre interior/exterior dos edifícios.

157

Quando se segue o caminho para este na praça abaixo do Mercado Municipal, sobe-se então pela Ladeira do Paixotão, até ao Jardim do Paixotão, um miradouro com uma vista panorâmica privilegiada sobre a cidade e o Vale do Mondego. Este percurso permite percorrer a cidade de Gouveia desde os campos agrícolas e sentir, suavemente, a transição do meio urbanizado até à natureza da serra. Este eixo natural, desdobra-se depois em duas direções: a primeira, onde se encontra a Mata da Cerca, permite-nos uma experiência natural inserida num contexto urbano; a segunda, leva-nos ao Terminal de Teleféricos, que liga a cidade ao Parque Natural da Serra da Estrela, numa experiência da Natureza em contexto selvagem. Esta última intervenção, pode ser vista como uma saída da cidade para o meio natural, ou como uma porta alternativa à cidade.



158

**Fig. 32** - Primeira exposição no D'Arq



**Fig. 33** - Maquete na primeira exposição, no D'Arq

## Retrospectiva

A 31 de Janeiro de 2019, foi realizada uma apresentação intermédia dos projetos individuais, no Departamento de Arquitetura de Coimbra, com a presença da Arquitecta Maria de Paz Moura, representante do Parque Natural da Serra da Estrela, o Arquitecto José António Barbosa, representante do Atelier de Arquitetura Barbosa & Guimarães responsável pela obra do Tribunal de Gouveia, e pelo Arquitecto Eduardo Mota, natural de Gouveia.

Nesta primeira exposição, foram apresentadas todas as intervenções com os painéis explicativos e a maquete com as alterações propostas.

Relativamente às críticas feitas ao trabalho, tínhamos uma facção mais realista, composta pela Arq.a Maria Moura e o Arq. Eduardo Mota que consideraram as propostas feitas aos modelos de mobilidade fora de escala. Eles explicaram que a proposta do Monorail, apesar de ser uma ótima solução, não se enquadra na cidade pois não tem massa crítica que justifique um investimento tão severo. A turma defendeu a premissa de que o desafio era pensar a Gouveia do futuro, não a presente, e nesse caso, estimando que se tornaria numa pequena potência turística, seria um fator de valorização estacionar o automóvel à entrada da cidade e fazer os percursos dinâmicos pela cidade, ora enterrados, ora elevados. Outro argumento válido foi a possibilidade dos habitantes poderem fazer as suas tarefas pela cidade, como atender a serviços ou ir às compras com o apoio do Monorail, e não pegar no seu carro para fazer um trajeto de tão pouca distância.

No que diz respeito à proposta do Teleférico até à Torre da Serra da Estrela as críticas foram mais arrebatadoras, a representante do PNSE explicou que devido às características da neve, com propriedades muito sólidas, a maneira como ela assenta na serra traduz-se em gelo muito rapidamente. O objetivo de pôr uma rede de teleféricos na Serra já é uma discussão antiga pela qual todos os Municípios correm há anos, mas o impedimento é,



160 **Fig. 34** - Paineis individuais da primeira exposição no D'Arq . Tamanho original A0



**Fig. 35** - Fotografia da maquete na exposição oficial nos Paços do Concelho de Gouveia



infelizmente, mais físico do que burocrático.

Uma perspetiva completamente diversa, foi a do Arq. José Barbosa que criticou construtivamente a turma em geral por ‘arriscar’ pouco nas suas decisões, e que de um projeto académico, esperava muito mais ambição. Esta crítica foi tomada em consideração no desenvolver deste projeto.

Mais tarde, a 1 e 6 de Fevereiro de 2020, realizou-se a inauguração da ‘Exposição Reinventar Gouveia | Visões Urbanas’ com a maquete finalizada, os painéis síntese e o concurso de fotografias. Fez-se a apresentação das estratégias, dos projetos individuais e o debate público, nos Paços do Concelho de Gouveia, com a presença dos técnicos municipais, dos autarcas e vereadores, vários representantes de instituições locais e habitantes de Gouveia.

O mais frutífero destes eventos é sempre perceber o envolvimento que o comum habitante demonstra com a sua terra. Partindo da exposição do concurso de fotografias foi possível perceber o fascínio que os habitantes demonstravam ao ver paisagens e edifícios que consideravam banais, transformados em arte quando vistos por outros olhos. No encerrar da sessão, foi também gratificante uma conversa mais informal que se desenrolou debruçados sobre a grande maquete, a discutir as viabilidades de alguns projetos e absorver as opiniões dos locais.



## **A Mata da Cerca**

163



**Fig. 36** - A Cerca



**Fig. 37** - Portão da Cerca



**Fig. 38** - A Casa da Cerca

## A história da Cerca

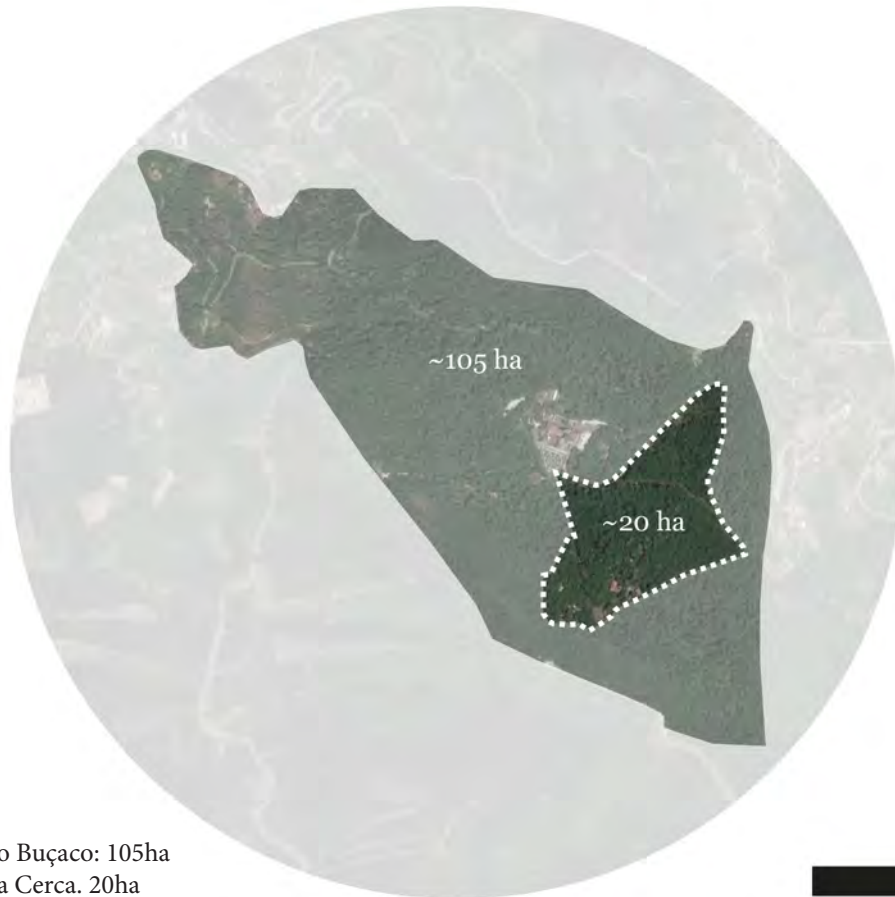
Devido à falta de bibliografia sobre a área de intervenção foi desafiante, numa fase inicial, perceber as origens de um espaço arquitetónico com tanta complexidade e identidade. Foi graças à exposição organizada em Fevereiro de 2020 que foi possível, a par com o arqueólogo do Município de Gouveia, Joel Correia, traçar um perfil do que possa ter sido a origem desta mata.

É relevante frisar que muita informação que se segue não tem bibliografia direta, foi recolhida através da historiografia local.

Os vestígios mais antigos de ocupação da Mata da Cerca remontam ao Império Romano, interpretados a partir da sepultura de um guerreiro romano-lusitano na Av. General Humberto Delgado (avenida a oeste da mata), onde se encontrou um machado, adaga e tachas em ferro numa sepultura construída em tegulae. Na construção do presente posto da polícia de Gouveia, foi identificado um piso, e diversas peças de cerâmica tais como ânforas, pesos de tear e ferramentas de construção. Já no núcleo de edificado no interno da Cerca encontraram-se restos de material cerâmico também de construção e estruturas dispersas pelo terreno, identificadas como sendo do período tardo-romano (Portal do Arqueólogo-Endovélico, 1996. CNS: 12058).

Na primeira metade do séc. XVIII, D. António Homem Figueiredo e a sua esposa, D. Brízida de Távora, deixaram a sua fortuna e terras à Companhia de Jesus. Estes ficaram incumbidos de construir um colégio que ensinasse a ler e a escrever às crianças de Gouveia. Este edifício é onde se encontra hoje os Paços do Concelho. Há relatos de jornais, dos quais não há registo, que mostravam fotografias do muro, a Cerca, a descer a encosta até ao edifício.

Em 1759, com a expulsão da Companhia por parte do Marquês de Pombal, a



Mata do Buçaco: 105ha  
Mata da Cerca. 20ha

166

**Fig. 39** - Comparação de escalas entre a Mata do Buçaco e a Mata da Cerca



**Fig. 40** - Mata do Buçaco



**Fig. 41** - Mata da Cerca

propriedade foi entregue à família mais próxima, os Serpa-Pimentel, novos marqueses de Gouveia.

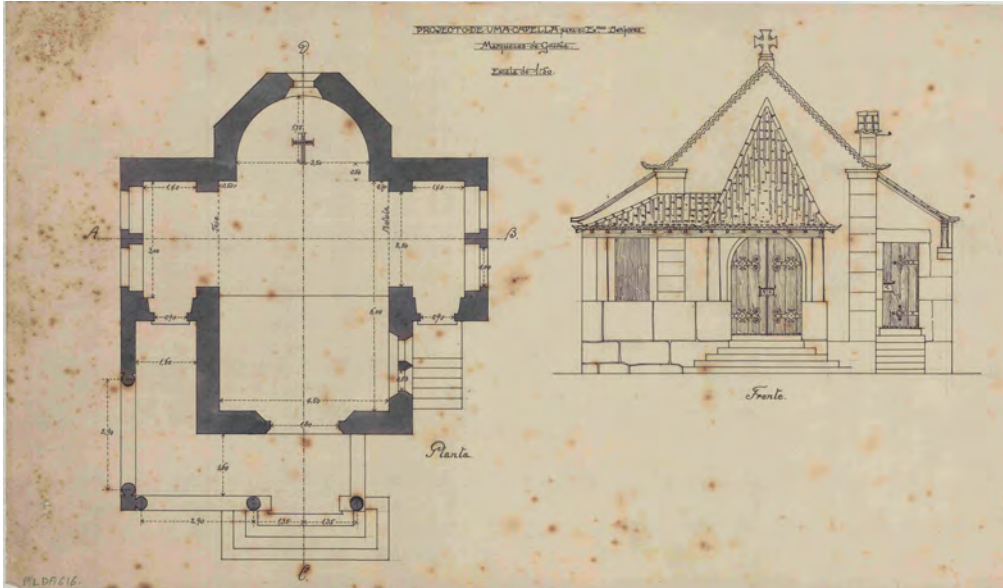
É neste contexto que a Cerca dos Marqueses, ou a Cerca de D. Bernardo, começa o seu processo de romantização. Muito à semelhança do que foi acontecendo em Inglaterra, por oposição ao jardim barroco com características muito geométricas, apostou-se na valorização dos sistemas e das formas naturais, contruindo assim um jardim com muitos efeitos hidráulicos para criar lagos, fontes e poços, bancos com motivos de azulejo e falsas ruínas.

Na segunda metade do séc. XIX contruíram-se as primeiras habitações que lá se encontram e foram trazidas as primeiras espécies exóticas. Através das relações entre a nobreza local com Emídio Navarro, Alexandre Herculano e a suposta ligação a Ernesto Rebelo, suspeita-se que estes dois lugares estejam conectados. Segundo os registos, Ernesto de Lacerda Rebelo, administrador da Mata do Buçaco, recebeu em Novembro de 1888, uma comissão de deslocação aos viveiros de Paris Gand e Angers e trouxe dessa viagem uma coletânea de sementes e plantas ornamentais com o intuito de embelezar alguns locais de Portugal, um deles a Mata do Bussaco (Simões, 2001), e pelo que tudo indica outro foi a Mata da Cerca.

Ao percorrer os caminhos da mata encontram-se diversas espécies arbóreas autóctones e exóticas. Dentro das espécies endógenas estão presentes os pinheiros-mansos, carvalhos, castanheiros, medronheiros e azinheiras; de espécies exógenas encontram-se os abetos, plátanos, pinheiros-larícios, pseudotsugas, eucaliptos, mimosas e vários ciprestes.

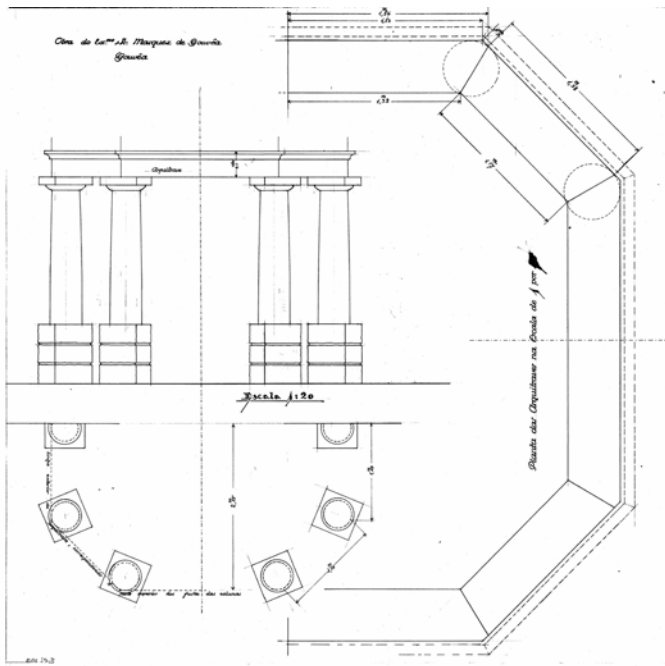
Para além da rica flora existente na floresta, também apresenta uma fauna característica do lugar. Entre algumas espécies, encontram-se aves noturnas e de rapina e mamíferos como raposas e ouriços cacheiros.

No começo do séc. XX, em 1911 foram feitos arranjos significativos. Construiu-se a habitação principal, a casa da Cerca, e a Capela dos Marqueses, ambas sob a autoria de Raul Lino com parceria de Bordalo Pinheiro na arte azulejar. A confirmação da autoria



168

**Fig. 42** - Desenho da Capela dos Marquesses, Raul Lino

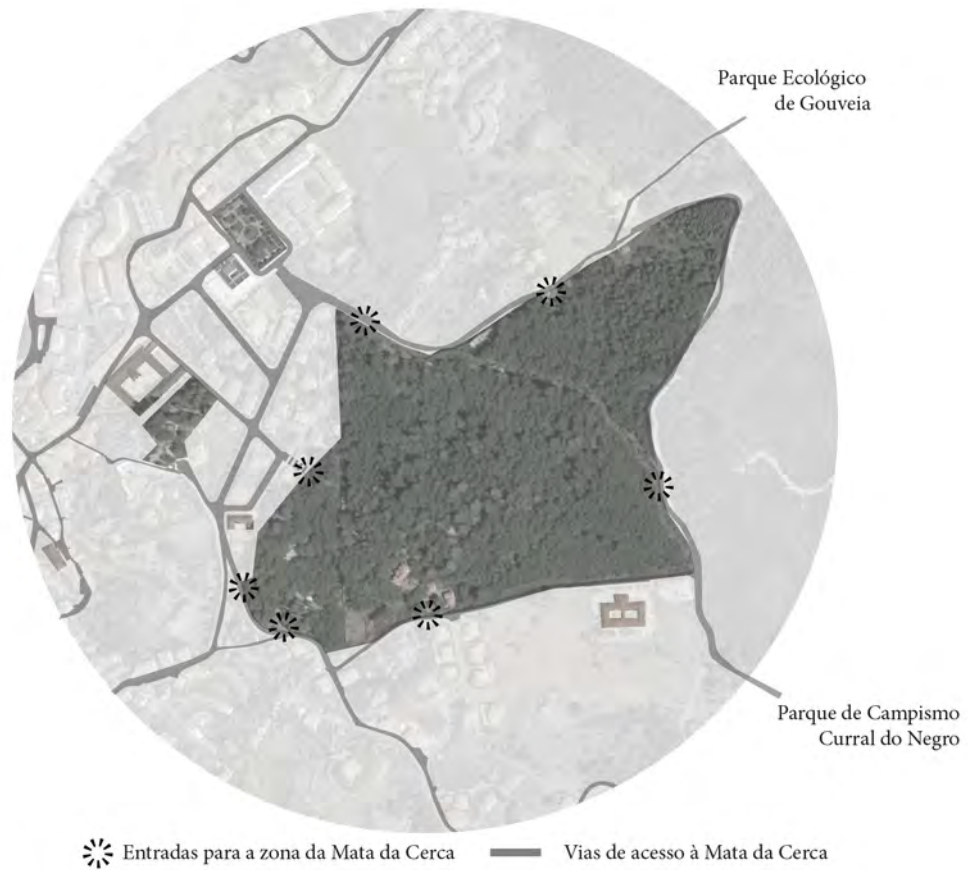


**Fig. 43** - Desenho de detalhe do alpendre da Casa da Cerca, Raul Lino

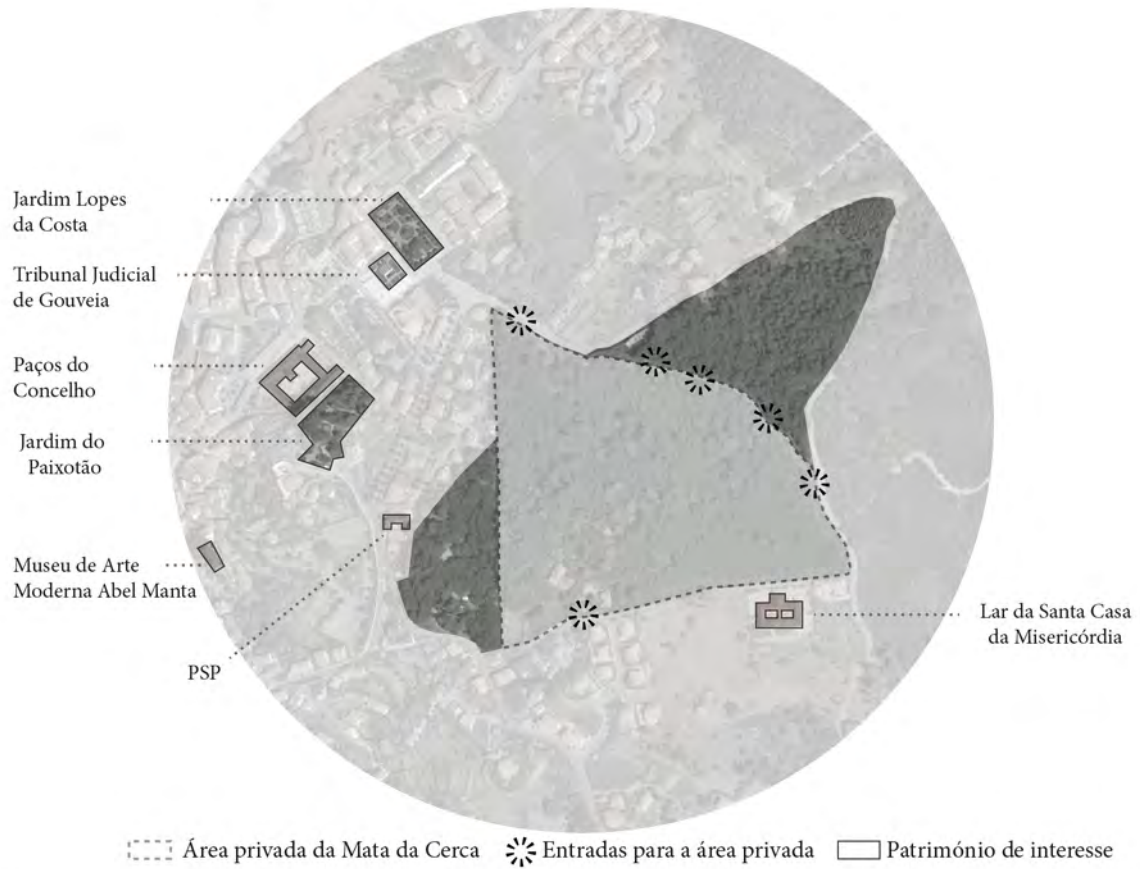


destas obras foi, infelizmente, demorada de obter, sendo que já só numa fase tardia foi possível encontrar os arquivos que provam esta afirmação.

Mais tarde foi também construído o anfiteatro que se encontra no quadrante sudoeste da Mata, numa parcela hoje pública, que recebia os espetáculos musicais e culturais da cidade.



170



**Fig. 44** - Diagrama de acessos e património de interesse da Mata da Cerca

## Análise local

Pode-se, à partida, identificar uma rica mancha natural, que apesar de ser uma das extremidades da cidade, encontra-se bem perto do centro e com bons acessos de mobilidade automóvel e pedonal.

Olhando para a Mata da Cerca como um todo pode-se concluir que esta se encontra muito fragmentada. Inicialmente, partiu-se do pressuposto que só o terreno dentro da limitação do muro era considerado como 'Mata da Cerca', mas a nível de mancha natural, a mata lê-se como um todo definido pelo desenho das estradas que a circundam e através da história conseguiu aferir-se que a extensão original era bem maior. A parcela privada acaba por fazer o tal desmembramento entre as partes constituintes do local pois ela separa as duas componentes públicas em duas extremidades que não se ligam entre si.

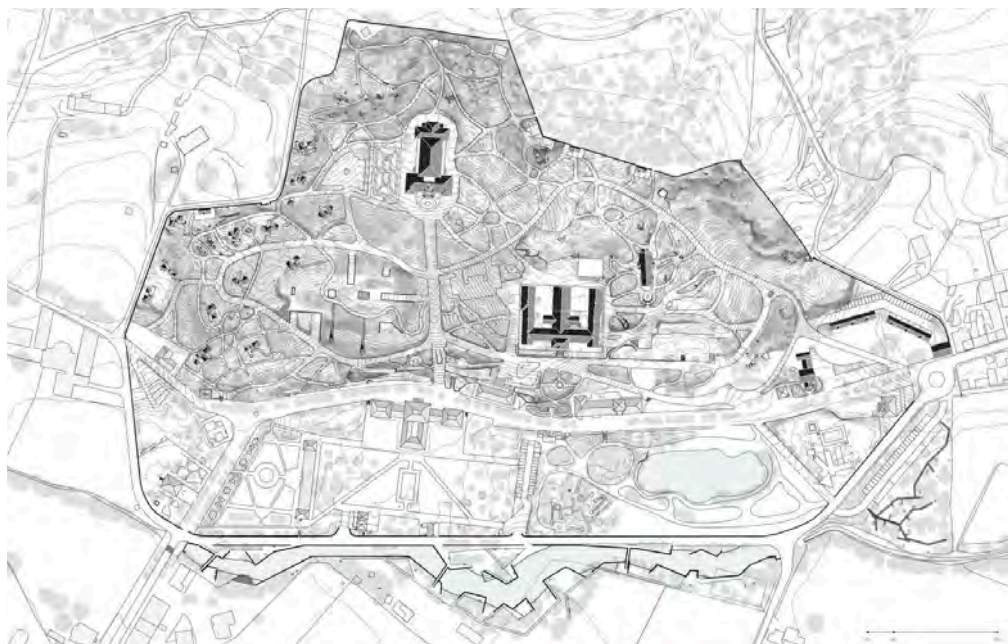
Relativamente à exploração e valorização deste terreno, considerando que a parte pública, onde se insere o anfiteatro, está deixada ao abandono, sem grandes adaptações para as necessidades atuais da cidade, poder-se-ia esperar que a componente privada tivesse melhor qualidade. Esse não é o caso, e verifica-se também um abandono ou considerável negligência na manutenção do património existente. Assim, temos elementos desta parcela (privada) que estão deixados às intempéries da natureza e outras que estão relativamente cuidadas devido à escassa funcionalidade que ainda mantêm, mesmo assim mostrando sinais de que pouco valor é reconhecido ali.

Numa tentativa de valorizar o terreno em questão, foi decidido por parte da Câmara Municipal de Gouveia, inserir a parcela pública do anfiteatro no PERU, o que permite usar incentivos para a reconstrução e reestruturação deste espaço, embora até aos dias de hoje não tenha aparecido quem demonstrasse interesse.

A Mata da Cerca contém em si as sementes do que se pretende aferir com esta dissertação, tendo sido o próprio potencial do património arquitetónico e natural que



fez nascer o projeto, com o objetivo, não só de criar um espaço de contacto forte entre homem, arquitetura e Natureza, mas também de salvaguardar este pedaço de Gouveia da especulação imobiliária e dos riscos de incêndio, em prol do usufruto dos habitantes da cidade e dos visitantes.



174

**Fig. 45** - Planta do Parque das Pedras Salgadas



**Fig. 46** - Restauro do Spa, de Siza Vieira

## **PEDRAS SALGADAS SPA & NATURE PARK**

A vila de Pedras Salgadas situa-se na freguesia de Bornes de Aguiar, município de Vila Pouca de Aguiar, no distrito de Vila Real, a Norte de Portugal.

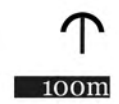
Foi algures no séc. XIX que esta vila chamou a atenção de muitos visitantes, que procuravam as suas fontes de água mineral para o alívio e tratamento de doenças do aparelho digestivo. Em 1873, esta água é premiada na Exposição Internacional de Viena de Áustria devido às suas propriedades saudáveis, o que permitiu um grande impulso para o investimento balnear que viria a ser construído (Pedras Salgadas Park).

Pouco depois, em 1875, após a proposta do médico de Vila Real, Dr. Henrique Botelho, organizou-se uma companhia para a exploração das águas e em 1879 abriram ao público as Termas de Pedras Salgadas. A apreciação pelo público geral deste espaço de saúde e equilíbrio levou a que fossem construídos três hotéis: o Hotel Avelames, o Grande Hotel e o Hotel do Norte. Já em 1907, é que foi potenciada a grande afluência às Termas, quando chegou a linha do caminho férreo, que ligava o Corgo a Pedras Salgadas, o que permitiu um grande número de visitas nas décadas seguintes.

O segundo pós-guerra, com todo o avanço da medicina e a preferência crescente da população pelas praias fez com que houvesse uma deserção dos parques termais, o que levou a um abandono da maior parte dos equipamentos já existentes, sem perspectiva de solução futura (Rebello de Andrade).

É em 2009 que surge a oportunidade de restauro do spa pela mão de Siza Vieira, um edifício com características clássicas da arquitetura portuguesa, que renasceu assim como Spa Termal de Pedras Salgadas. Este investimento permitiu um grande renascer do potencial do Parque das Pedras Salgadas e é depois em 2012 que nasce o complexo turístico de 4 estrelas, “Pedras Salgadas Spa & Nature Park”.

A modernização do parque ficou a cargo de vários arquitetos como Luís de Andrade,



**Fig. 47** - Comparação da Morfologia entre Parque das Pedras Salgadas e Mata da Cerca



Tiago de Andrade, Diogo Aguiar, Madalena de Andrade, Raquel Jorge, Pedro Dias e João Jesus.

O objetivo da intervenção foi o de recuperar a identidade nativa do parque, de características românticas, tal como era típico da época, e como se verifica também na Mata da Cerca. Foram recuperados os edifícios do Casino, das Garages e da capela com vista a permitir uma viagem no tempo. À época em que se originou o parque, os parques termais e a natureza onde se inseriam eram a única réstia de saúde de qualidade para uma sociedade que se revelava gradualmente mais moderna mas com escassos meios de diagnósticação e terapia. Traçando um paralelismo com os tempos que se vivem hoje em dia, quase que se pode afirmar que houve um grande crescimento nos meios de saúde e identificação de patologias, mas há uma certa relutância em confiar nos dotes da natureza para tratar certas doenças, que seriam de fácil recuperação ou alívio, por um simples contacto mais próximo com estes meios naturais. É segundo esta proposição que foram feitas as reformas ao Parque das Pedras Salgadas e é a esta necessidade que a Mata da Cerca também pretende responder.

177

O Parque Pedras Salgadas dispõe de 20ha, com cerca de 8km de caminhos pela natureza e está equipado com o Spa Termal, com piscina interior, circuitos de água, sauna e banho turco, a Casa de Chá, restaurante onde se pode provar a gastronomia de Trás os Montes, uma piscina exterior com bar para refeições ligeiras, um parque infantil, percursos de Arborismo, um court de ténis e ainda uma rede de bicicletas.

A par das intervenções de melhoria do parque em 2012, foi também proposto aos arquitetos de projetar o novo eco-resort das Pedras Salgadas. Deste desafio nasceram dois projetos: um deles alberga sete pequenas casas, e o outro é composto por duas 'casas serpente' da montanha.

No primeiro, os arquitetos optaram por pequenas casas modulares, que articulam de formas diferentes os módulos de entrada/casa de banho, espaço de estar e espaço de dormir, criando diferentes formas de interagir com a paisagem que as rodeia e tornando



178

**Fig. 48** - Cabanas do Parque das Pedras Salgadas



**Fig. 49** - *Snake House* do Parque das Pedras Salgadas

cada uma numa experiência única. Desenharam vãos grandes a fazer os cantos das casas, com a intenção de formar a ilusão de que a natureza está dentro da casa e os telhados inclinados para criar espaços dinâmicos no interior e na imagem do exterior. O revestimento exterior foi feito com ardósia e ripado de madeira, materiais indígenas.

Já nas casa serpente, a leitura exterior funda-se na mesma linguagem, mas a forma é completamente distinta. É um conjunto também feito modularmente, mas o objetivo aqui foi imitar o surgimento de um animal selvagem, a serpente. Assim, a casa eleva-se do chão com uma estrutura auto-portante, e parece estar ali à espreita entre as árvores.

Em ambos os projetos, fatores sustentáveis foram seriamente levados em conta. Como tal, foi evitada a impermeabilização do solo, os revestimentos e isolamentos reforçados, o reaproveitamento de águas negras, painéis solares e sistemas de iluminação de baixo consumo.

Todas as opções projetuais, desde os restauros, à maneira como é comercializada a Água das Pedras, às novas casas, reforçam a prioridade em lutar por preservar a ecologia do lugar, tanto na componente da sua identidade, como das práticas para um futuro sustentável, enquanto se patrocina um estilo de vida saudável.

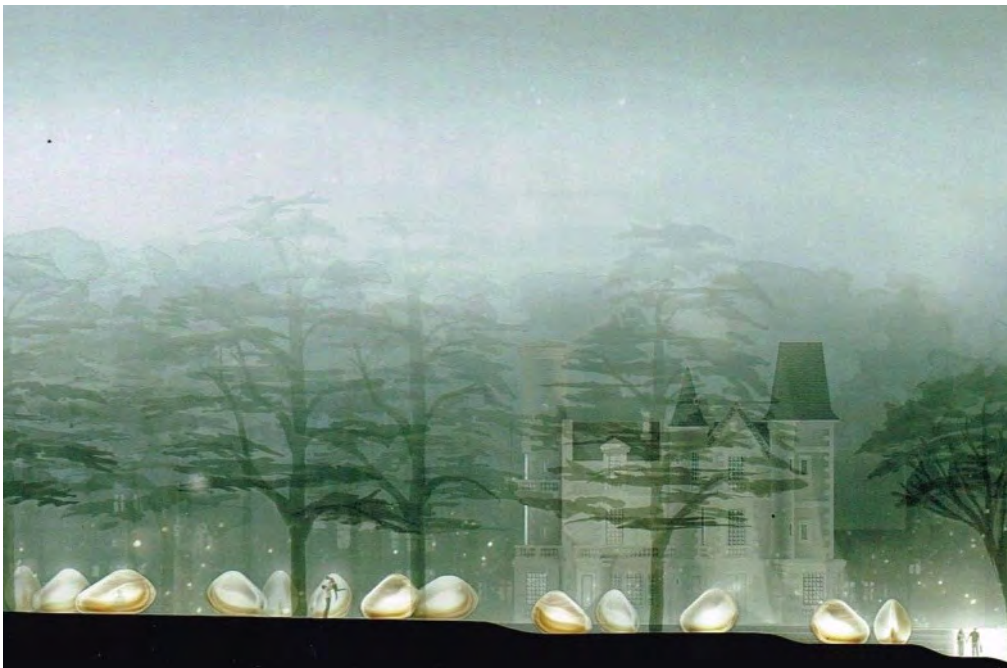
No Parque das Pedras Salgadas, o objetivo foi potenciar os benefícios salutareos das águas que lá nascem, na Mata da Cerca o objetivo será de potenciar os benefícios salutareos do contacto com a natureza como um todo.

Este caso de estudo, embora o mais aproximado em contexto nacional, falha em responder à totalidade das intenções que se pretendem para este projeto. Os espaços explorados resultam de um interesse puramente económico, não conferindo a relevância artística necessária à experiência da natureza. Esta lacuna resulta numa espécie de cenografia elitista, que falha em responder ao real benefício de estar em contacto com a Natureza.



180

**Fig. 50** - Planta do Hotel Le Bois Fleuri



**Fig. 51** - Alçado do Hotel Le Bois Fleuri

## HOTEL LE BOIS FLEURI

*They make visible how the world touches us.*

(Merleau-Ponty, 1964, como citado em El Croquis 190, 2017, p. 327)

É esta expressão que Juhani Pallasmaa usa para descrever a sua sensação nos espaços criados pelo grupo RCR Architectes. A prática deste ateliê tem vindo a evoluir consideravelmente a cada projeto que passa e é de louvar a sensibilidade com que o espaço é cuidado, relativamente à paisagem onde se insere, o modo como trabalham a luz e a materialidade procurando potenciar as sensações humanas.

Nas obras dos RCR é sempre possível traçar um padrão de relação próxima com a paisagem, uma composição baseada em sequências espaciais, uma função social, espiritual e comunicativa, e o contraste entre algo telúrico e tectónico com uma busca constante da leveza, transparência e imaterialidade. (Arquine, 2015)

181

*The most unexpected quality in the work of RCR Architectes is the sense of tradition, continuum, temporal layering and cultural appropriateness. Almost by definition, minimal aesthetics tend to eliminate experiences of time, but the works of RCR are able to convey a sense of rootedness, despite their inherent radicality.*

(El Croquis 190, 2017, p. 327)

Tradução livre:

1 "Elas [as pinturas de Cézanne] tornam visível como o mundo nos toca"

2 "A qualidade mais inesperada nas obras dos RCR Architectes é o sentido de tradição, continuidade, camadas temporais e adequação cultural. Quase por definição, a estética minimalista tende a eliminar a experiência do tempo, mas as obras dos RCR são capazes de transmitir um sentido de enraizamento, independentemente da sua radicalidade inerente."



**Fig. 52** - Modelo dos 'ninhos' do Hotel Le Bois Fleuri

182



**Fig. 53** - Corte dos 'ninhos' do Hotel Le Bois Fleuri



**Fig. 54** - Corte dos 'ninhos' do Hotel Le Bois Fleuri

Depois de toda a investigação teórica feita até aqui, é seguro afirmar que o grupo de arquitetos RCR é o reflexo prático mais próximo de todos os valores que se tem vindo a defender.

Como exemplo mais específico para o caso prático em questão, o projeto para um Hotel em Lormont, na região metropolitana de Bordeaux revela-se uma inspiração fundamental, não só pela semelhança da pré-existência, como também pela ideologia posta em prática.

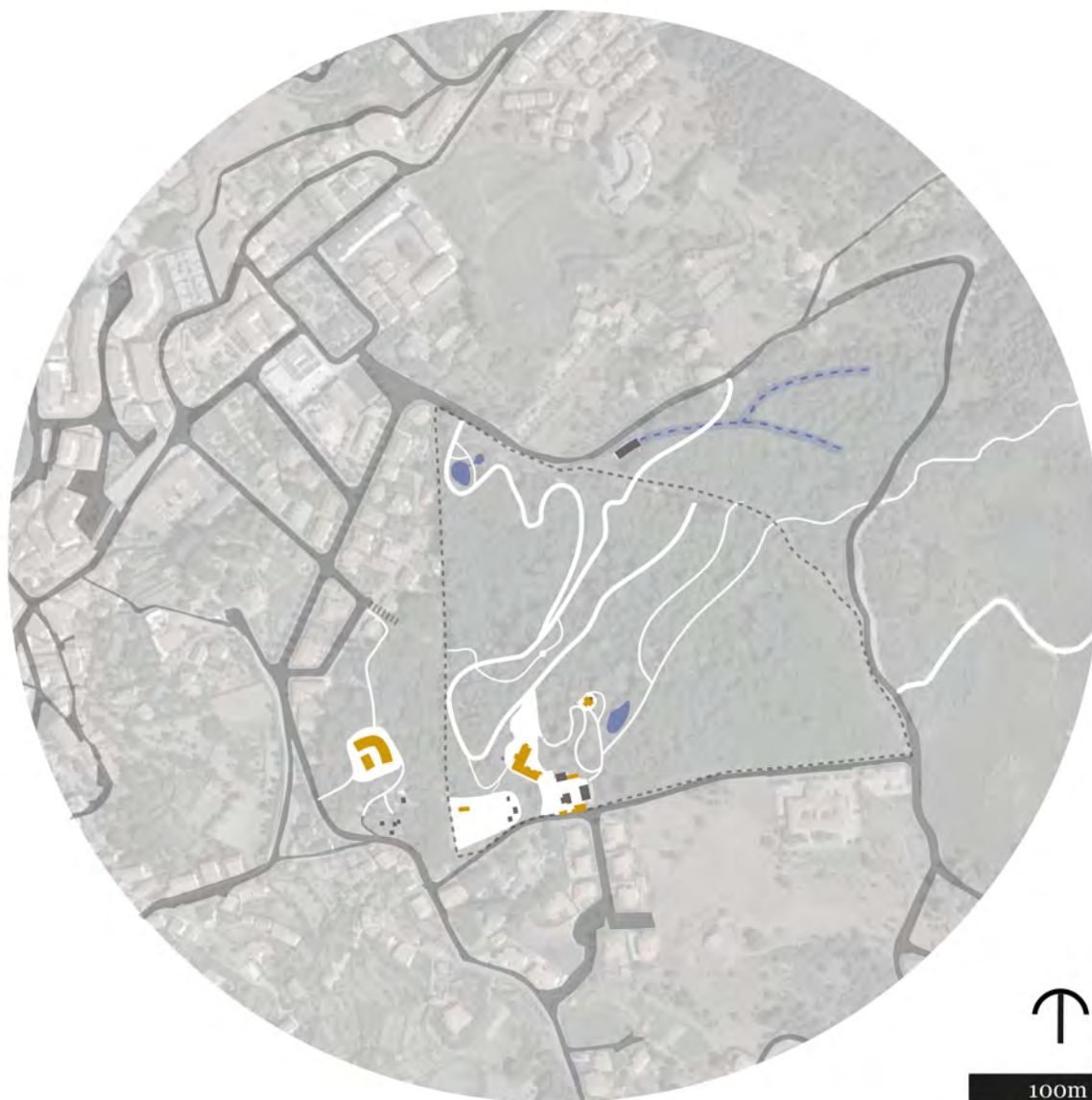
A propriedade é composta por uma mata com árvores de grande porte e a mansão Bois Fleuri, muito ao estilo dos pequenos castelos neo-góticos do interior francês. O desafio projetual consistia em restaurar a mansão e propôr novas espacialidades que possam albergar um hotel com 100 camas.

Surge então a proposta de células, que funcionam como quartos ao redor da mansão, pousados no meio da mata a acompanhar a topografia. Estas células assemelham-se a seixos do rio, ou casulos de borboleta e parecem querer desafiar os limites do pré conceito de conforto. Estes quartos permitem somente a presença da cama, pelo que a deslocação a balneários e serviços sanitários é feita no exterior. A iluminação das células assemelha-se a pirilampos na noite.

Esta abordagem de habitação permite ter um contacto muito mais próximo com o ambiente envolvente, enquanto retira delicadamente o utente da sua zona de conforto, e lhe propõe habitar como um pequeno inseto faria.

Este projeto revela-se fascinante pela ousadia de desafiar ao limite o conceito pré-estabelecido de habitar e levar a experiência do hotel a um nível sensorial de elevada qualidade. Com a crescente procura de novas tipologias de turismo de natureza e aventura, é natural que novas espacialidades comecem a surgir para agradar a essa vontade.

O mesmo se pretende transmitir no projeto da Mata da Cerca. Novas espacialidades que possam suscitar, ou alimentar ainda mais, esta necessidade de contacto com o mundo natural e os simbolismos que é possível retirar dele.



**Fig. 55** - Planta de percursos preexistentes e edificado a restaurar



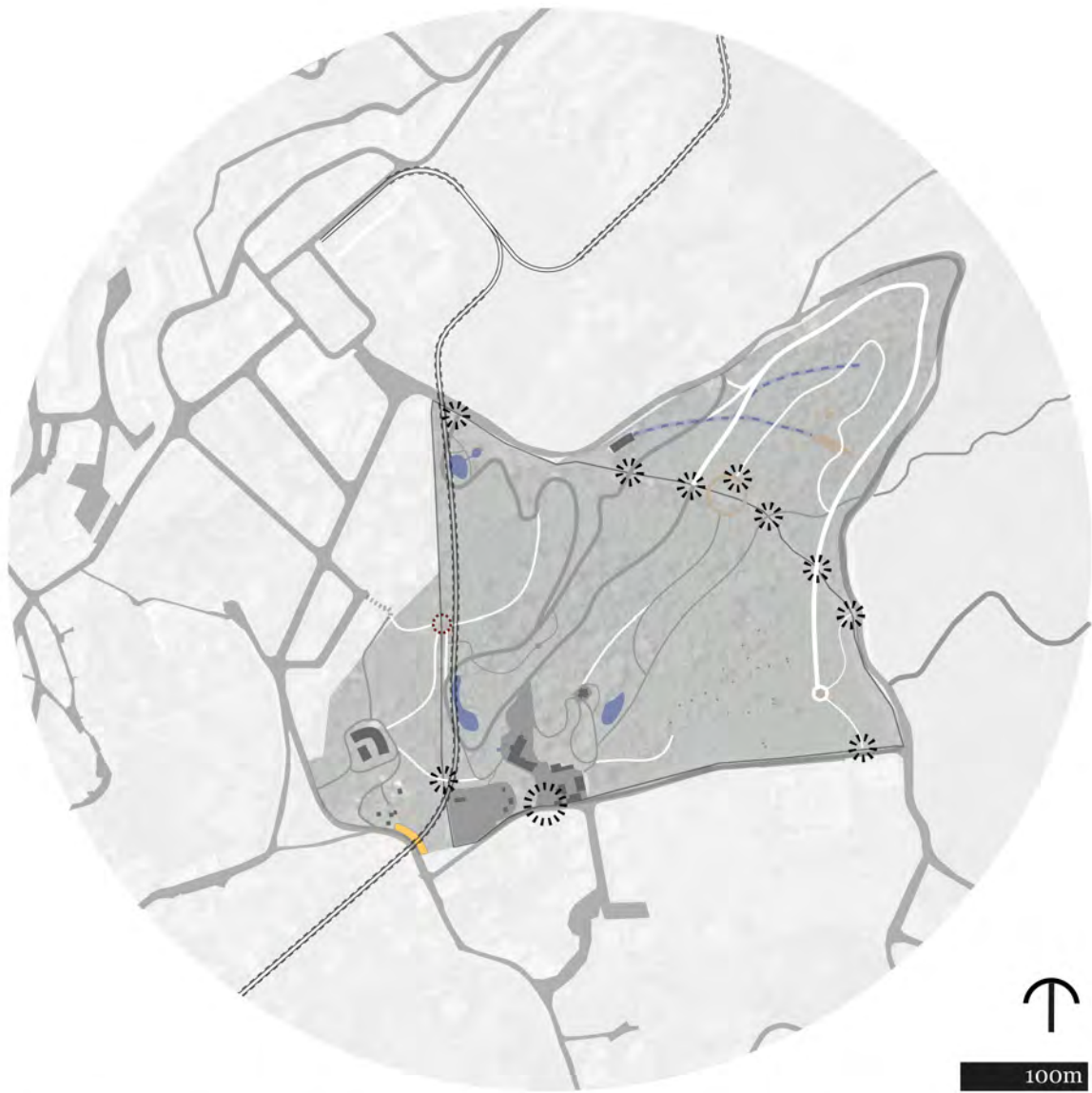
## A Mata da Cerca

Este projeto pensou-se seguindo duas premissas principais, a preservação do património natural, e também a preservação do património edificado, cumprindo objetivos de sustentabilidade e ecologia do lugar. Propondo como função essencial a possibilidade de uma experiência imersiva na Natureza.

Muito semelhante à ideologia de um regionalismo crítico, este projeto tem como pilar a sua identidade, mas sem desconsiderar as necessidades contemporâneas da sociedade. [Kenneth] *Frampton busca uma arquitetura que seja “capaz de condensar o potencial artístico da região e, ao mesmo tempo, de reinterpretar as influências culturais vindas de fora”* (Nesbitt, 2012, p. 504).

Assim, com as referências do que se pratica na Mata do Bussaco e no Parque Natural das Pedras Salgadas, optou-se por uma dinâmica de Nature Park, agregando a uma prática de eco-turismo de natureza sustentável. Passando a explicar a aparente redundância, frisa-se o conceito de eco-turismo pois a principal atração é a forma como a pessoa experiencia a identidade do próprio lugar onde se encontra; turismo de natureza devido a esta identidade do lugar ser de índole essencialmente natural; e turismo sustentável porque um objetivo fundamental é trabalhar com a natureza.

O Projeto da Mata da Cerca pretende, num primeiro momento, unificar esta extensa paisagem florestal, de quase 20ha de terreno, numa só identidade que no momento presente não se lê, pondo sob proteção o seu rico património, que está em vias de abandono total. Definiu-se a abertura de passagens percorríveis em pontos estratégicos da Cerca, a limpeza dos percursos e pontos de paragem, o restauro dos espaços mais debilitados e a inserção de novos equipamentos, que possam colocar em contacto os elementos naturais e os sentidos humanos. Distinguem-se no diagrama as áreas que necessitam de uma reabilitação mais urgente, entre elas, o anfiteatro e a Casa da Cerca.



- |                     |                    |                                              |
|---------------------|--------------------|----------------------------------------------|
| ☼ Entradas na Cerca | --- Monorail       | ○ Percursos propostos                        |
| ☼ Entrada principal | ○ Paragem Monorail | ■ Estacionamento staff e mobilidade reduzida |

**Fig. 56** - Planta de Circulação da Mata da Cerca

## Circulação

A conexão do terreno com o centro urbano foi estudado a par com o grupo da Mobilidade, tendo-se acordado que não será necessário prever uma grande afluência de automóveis nesta área, porque iriam diminuir a qualidade do ar e a estética do lugar.

Com o projeto da linha de Monorail que intersecta o terreno, próxima ao desenho do muro oeste da Cerca, circulando à cota da copa das árvores a cerca de dez metros de altura, permite-se assim um transporte público sustentável, que não perturbe a vivência à cota da terra e que proporciona, ao mesmo tempo, uma vista inigualável a quem viaja na carruagem. A paragem do Monorail foi posicionada em alinhamento com as escadas que vêm da direção da cidade, para assim haver uma ligação tanto ao interior como ao exterior.

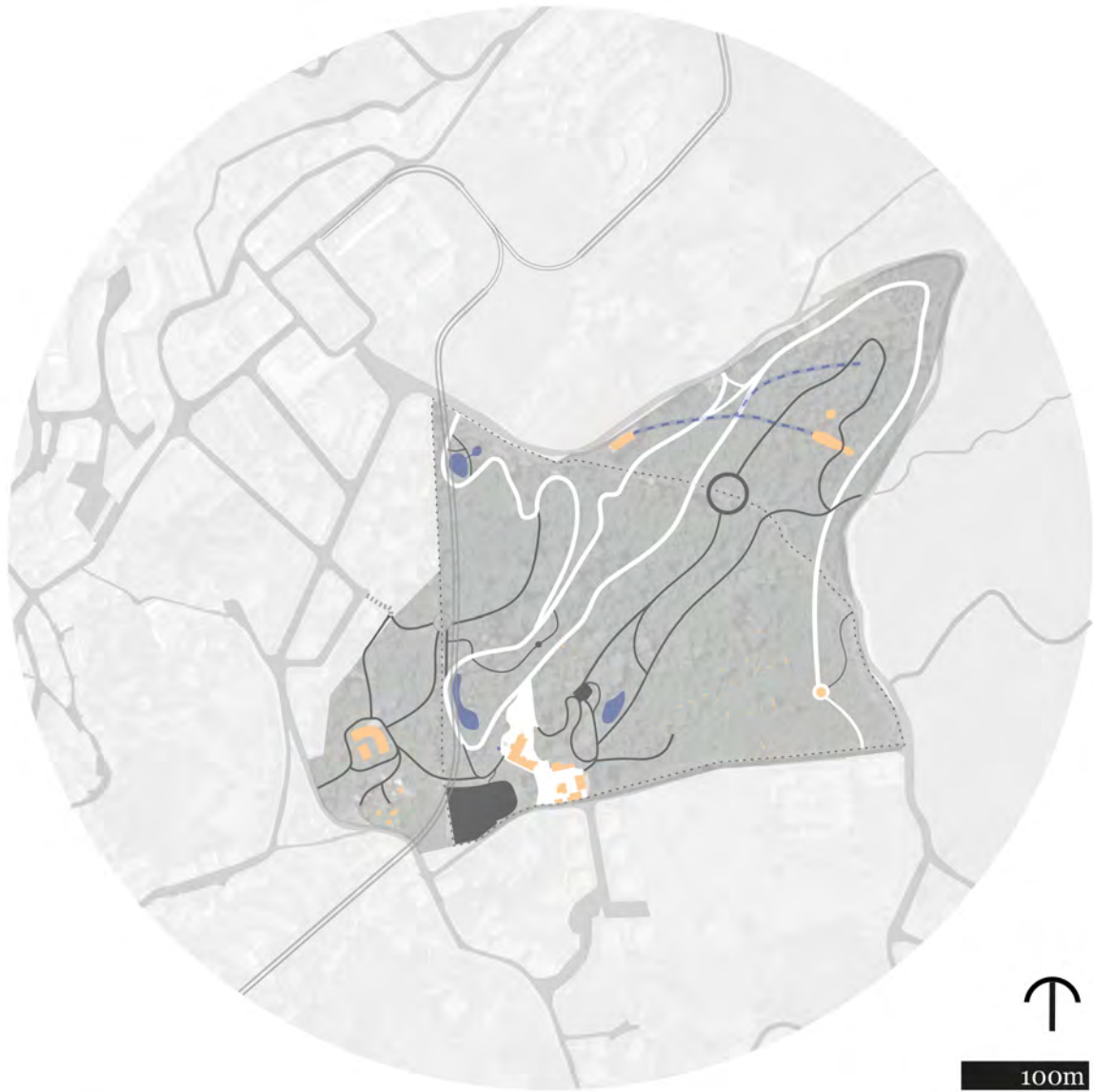
Esta mata é um espaço semi-privado que mantém os portões da Cerca abertos durante o dia e os fecha somente à noite em prol da segurança do espaço.



187

Para cargas e descargas, abriu-se um portão junto ao Coração da Cerca, para que os habitantes possam trazer a mercadoria necessária à manutenção e ao comércio realizados dentro da mata e de modo a que os clientes possam deixar as suas bagagens mais próximas das Cabanas da Cerca. O intuito é que o cliente estacione a sua viatura nas portas da cidade e chegue à Cerca já livre desse peso material. Ainda assim, propõe-se um pequeno estacionamento a norte do terreno para os casos de pessoas com mobilidade reduzida e para eventuais colaboradores que não habitem na área.

As opções de mobilidade e acesso à Mata da Cerca podem parecer, a uma primeira vista, menos ágeis, mas de acordo com a tradição de vida na serra, há uma certa recompensa em submeter o corpo às dificuldades físicas implícitas.

Desenharam-se caminhos complementares que possam fazer uma boa conexão entre as entradas, o edificado pré-existente e as novas propostas, sendo que os que percorrem

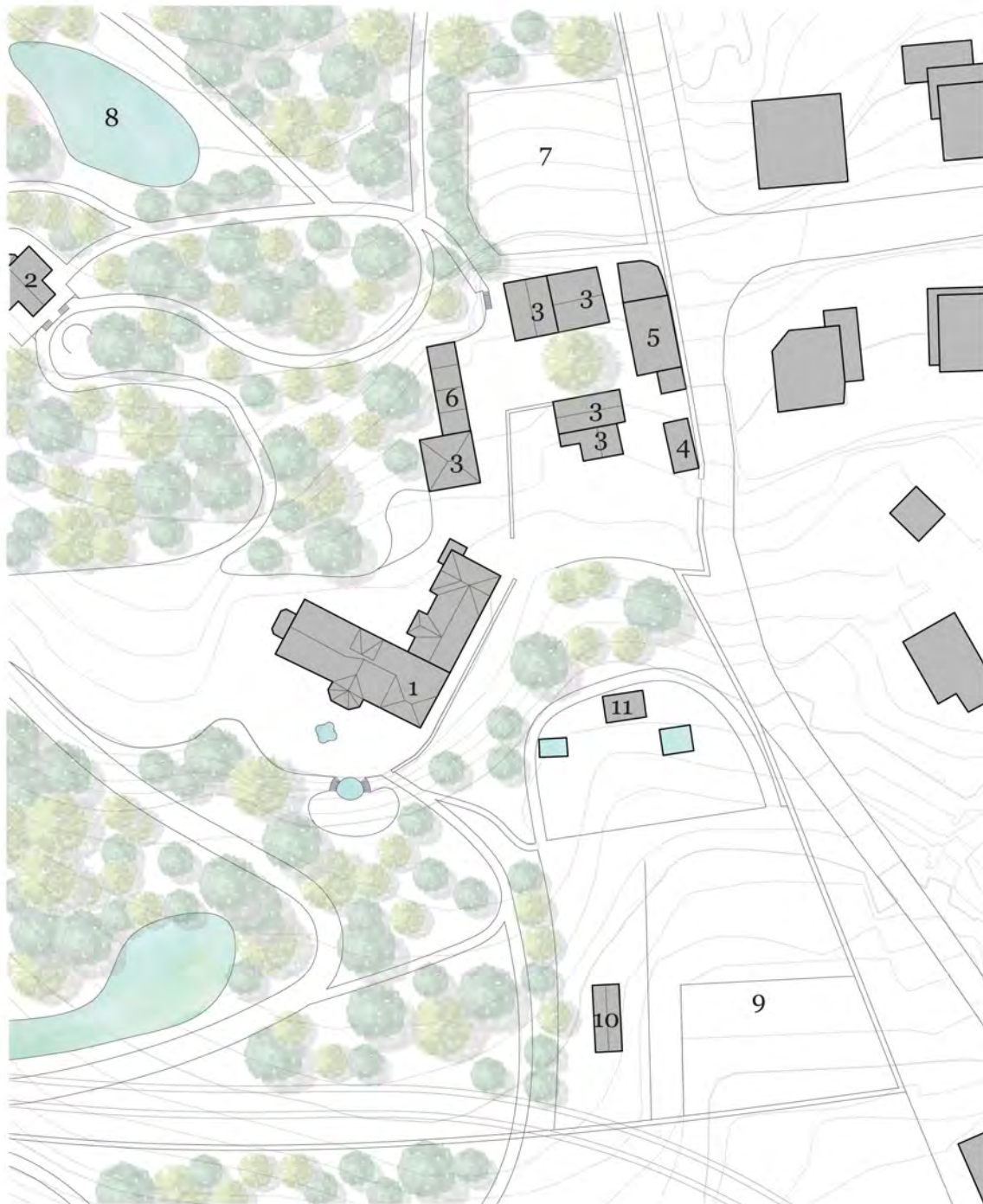


-  Percursos preparados para automóveis
-  Percursos pedonais

**Fig. 57** - Planta de percursos pedonais e automóveis

o perímetro da mata foram traçados com uma maior largura para aí poderem circular ambulâncias ou bombeiros, em casos de emergência. As únicas viaturas que estão permitidas dentro da área são tratores, para o bom funcionamento da zona agrícola, e veículos elétricos de pequeno porte, do tipo carro de golfe, para se poder fazer uma veloz e mais eficaz manutenção do alojamento turístico.

Todas as outras situações resolvem-se pedonalmente, pelos caminhos, ou desafiando os limites impostos e mergulhando pela natureza. Os percursos projetados não se apresentam de ordem linear, ou seja, não existe uma *promenade* pré-definida. Existem várias maneiras de chegar a um mesmo sítio, deixando à curiosidade individual, a procura e deambulação, que suscitar o maior interesse.



1. Casa da Cerca - Restaurante e Recepção
2. Capela dos Marqueses
3. Casas do staff
4. Portaria
5. Oficina de madeiras
6. Estufas

7. Área técnica dos aerogeradores
8. Lago de patos
9. Zona agrícola
10. Armazém de compostagem
11. Casa de aves

**Fig. 58** - Planta do coração da Cerca

1/1000 ↶

## O Coração da Cerca

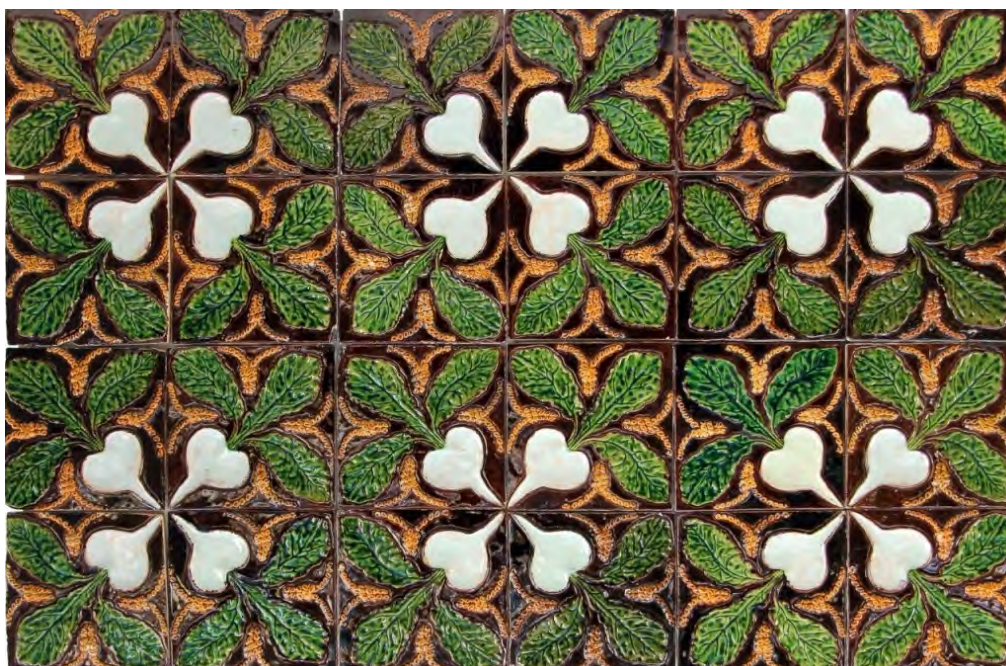
O núcleo de casas que se encontram a sul do terreno, englobando a Casa da Cerca, as casas de alojamento local e os armazéns agrícolas e de madeiras foram pensados como o cérebro administrativo, que organiza o espaço e o coração da mata, que bombeia os bens necessários ao bom funcionamento deste projeto.

Assim, fortifica-se a prática da agricultura, através do aproveitamento da área exterior que foi outrora usada como tal, e através da reabilitação de uma antiga casa de aves para uma nova estufa para a prática de agricultura vertical em pequena escala. Pensou-se uma nova casa de aves, mais próxima do campo agrícola, e um lago para a criação de patos junto à Capela dos Marqueses.

As casas que hoje apresentam uma função de alojamento local com pouca visibilidade, seriam reformuladas para albergar os colaboradores que trabalham na área e para receber eventuais profissionais convidados. Próximas destas, continua a existir o armazém da lenha e introduz-se a oficina de madeiras.

A torre da portaria marca o portão para cargas e descargas, bem como a entrada para os clientes deixarem os seus pertences. A uma primeira vista parece, de certa forma, desconfortável haver uma mistura tão grande de funções num mesmo espaço, no entanto é precisamente essa mistura que demonstra a vivência rural da Cerca. O cliente não deve ser nunca protegido da verdade, normalmente oculta, por trás da organização de todo o espaço, daí a entrada estar visualmente conectada com a comida que se vai comer, as plantas e os animais, e a madeira que se vai usar.

A Casa da Cerca, como foi referido antes, é projeto original de 1909, de Raul Lino, sendo marcada por traços icónicos da sua arquitetura, dos quais o mais revelante é a cuidada relação interior-exterior. Sabe-se, através do Presidente da Câmara, conhecendo

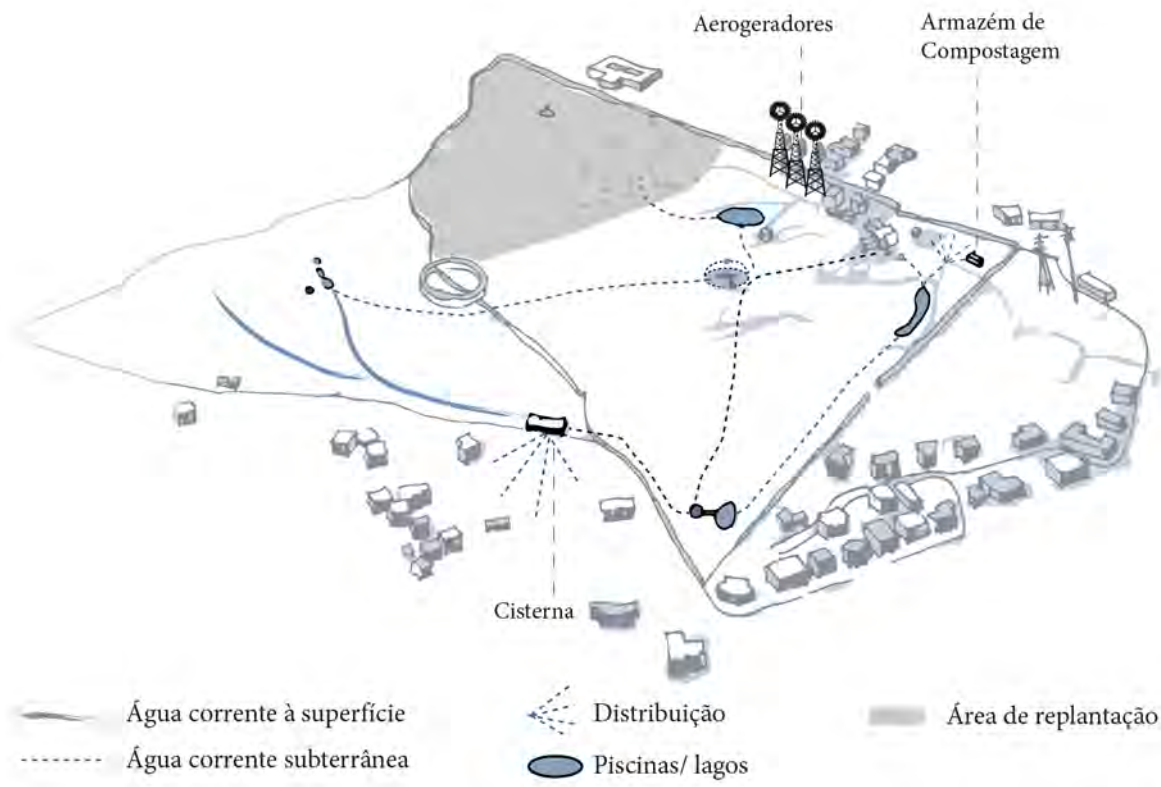


**Fig. 59** - Azulejos de Bordalo Pinheiro presentes na Capela dos Marqueses



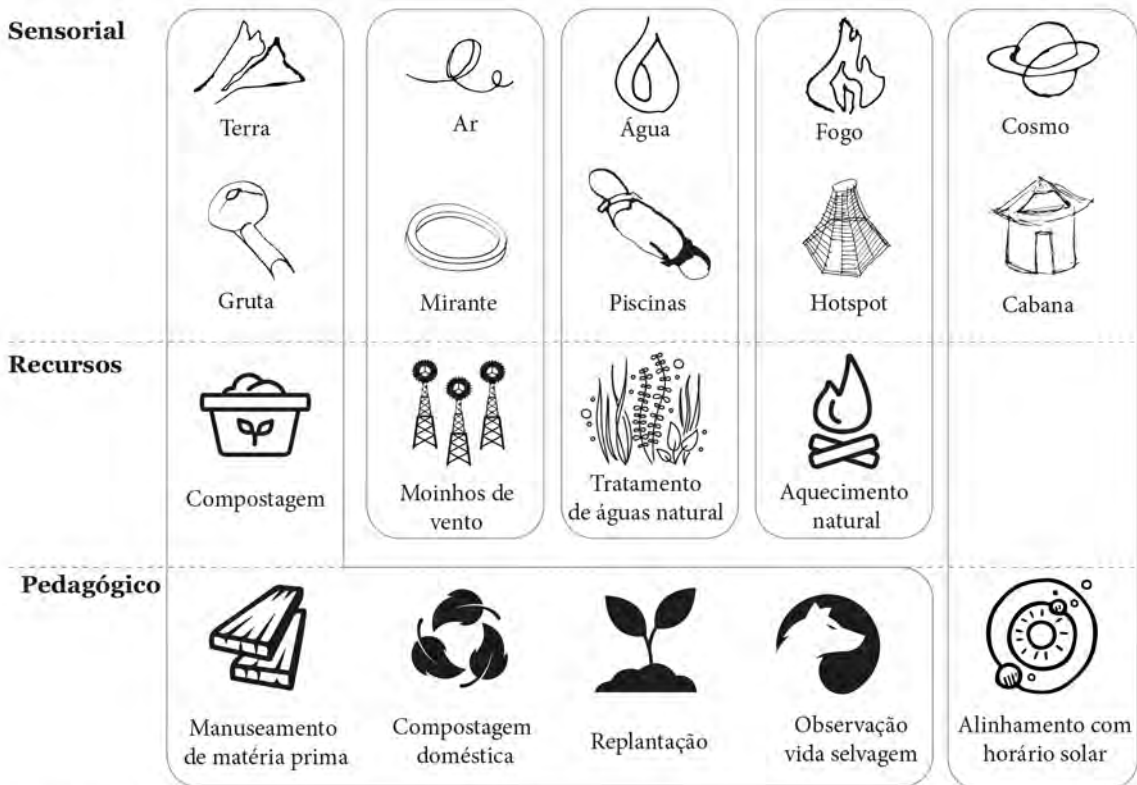
diretamente o dono da propriedade, que o salão principal da casa está munido de um mural de Bordalo Pinheiro que cobre o salão todo.

Devido à pouca informação que se tem sobre o interior da casa, decidiu-se mesmo assim garantir-lhe uma funcionalidade que não a deixasse à margem da sua relevância. Foi-lhe então atribuído um programa que serve um propósito útil e que ao mesmo tempo garante que o público tem acesso a este elemento cultural, que só vem garantir mais um ponto de interesse a Gouveia. Optou-se então por inserir na casa uma componente administrativa e de receção às Cabanas da Cerca. Instala-se aí, ainda, um restaurante que possa pôr em evidência toda a beleza arquitetónica que a casa emana e que possa oferecer ao cliente uma experiência gastronómica, que contém presentes não só os produtos cultivados e crescidos no próprio local, como outras maravilhas de Gouveia e da Serra da Estrela.



**Fig. 60** - Diagrama de rede hídrica e energia

194



**Fig. 61** - Diagrama esquemático das dinâmicas presentes no projeto

## Energia e pedagogia

De forma a garantir a sustentabilidade do projeto, ele não pode ser traçado como uma perspectiva meramente romântica de experiência da natureza. A dimensão prática de trabalho com a natureza é também uma componente de grande relevância quando se pretende proteger o ambiente em questão.

Assim, foram pensadas duas vertentes da sustentabilidade da Mata da Cerca: a eficiência energética e a pedagogia que as pessoas podem retirar dela.

No espectro energético, Gouveia não apresenta condições ideais para painéis solares, devido aos poucos dias por ano em que existem condições climáticas para tal. No entanto, algo que se mantém presente quase constantemente, ao longo de todo o ano, são os ventos. A decisão mais lógica foi a instalação de aerogeradores, na zona imediatamente acima do Coração da Cerca, entre este e as Cabanas. De acordo com um estudo breve foi feita uma estimativa de que três ou quatro aerogeradores seriam suficientes para cobrir os gastos de energia que foram estimados.

Devido à quantidade de fontes, lagos e grutas preexistentes, partiu-se do pressuposto que havia já uma forte rede hídrica subterrânea por toda a mata. Assim sendo, esta reforça-se para poder garantir um bom funcionamento de todos esses momentos aquáticos, que se encontram desativados à data. Achou-se relevante, também, desobstruir duas nascentes que já existem, mas se encontram com pouca força devido a toda a matéria orgânica que se acumula.

A água destas nascentes e dos apontamentos de água seguiria em direção à cisterna, onde se pode armazenar durante uma quantidade razoável de tempo, e as águas residuais que resultam de despejos de torneiras e banheiras, serão encaminhadas até um lago de tratamento assente no uso de plantas aquáticas, de modo a poder ser reutilizada de imediato, ou armazenada de novo na cisterna, no caso de estações secas.



**Fig. 62** - Cronologia de fotos aéreas da Mata da Cerca

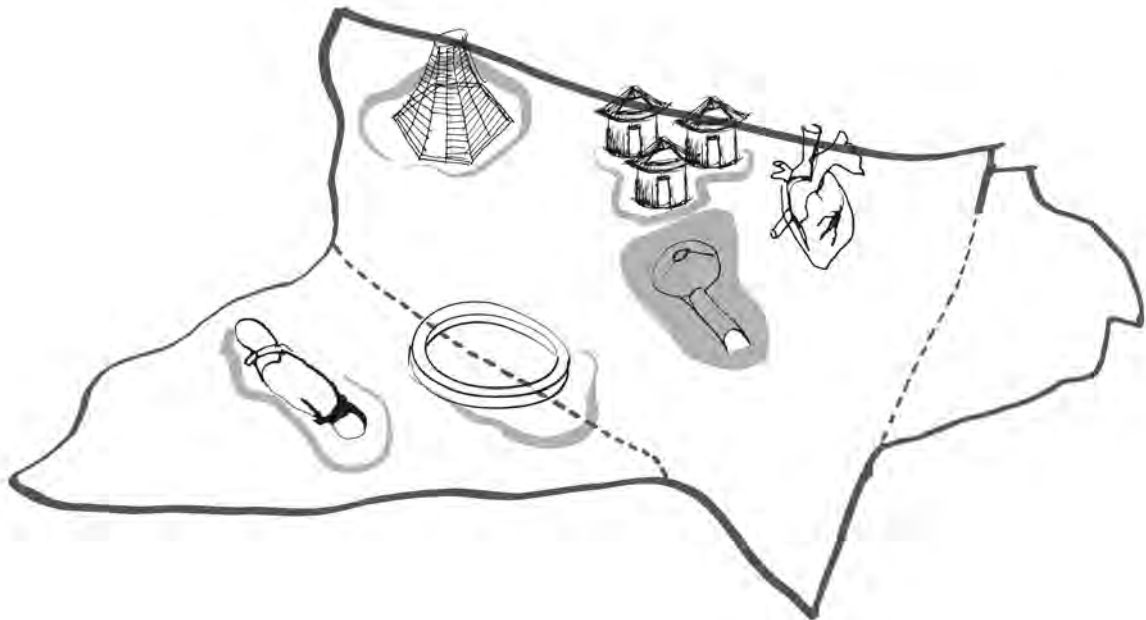
A nível de pedagogia, porque é importante que os visitantes se deixem contagiar pelo conhecimento que o mundo natural traz, foram pensados três programas complementares à dimensão energética.

Devido ao uso da madeira local para construir o projeto, é importante a dinâmica de replantação florestal. O objetivo pensado foi que o projeto fosse sendo construído gradualmente, evitando grandes investimentos de uma só vez e aproveitando todo o material que houvesse disponível na área. Quando tal não for possível, deverá recorrer-se a produtores locais ou regionais. Assim, o repôr das árvores seria componente essencial para a continuação do ciclo desta pequena floresta e contribuiria também para devolver a densidade arbórea da parte Este da Mata, que a tem vindo a perder, desde 2018. Com esta atividade as pessoas poderiam adotar uma árvore, sendo-lhes atribuído um nome ou um código, e acompanhar a sua evolução ao longo dos anos. Este tipo de dinâmicas assegurará que o lugar mantém a sua identidade, com as suas espécies, enquanto ao mesmo tempo garante a sensação de pertença ao lugar, por ser um espaço construído por pessoas próximas.

197

O armazém de compostagem cumpre a continuação do ciclo dos alimentos, do entulho orgânico e do estrume de alguns animais. Este contribui não só para a zona agrícola como também para as zonas de replantação e as estufas verticais. Aliado à oficina de madeiras, uma atividade chave seriam *workshops*, onde se ensinaria a construir um mini depósito de compostagem para as pessoas poderem aprender como se estruturam os diferentes níveis de composto, qual a compostagem com maiores níveis de carbono ou de nitrogénio, quais são as plantas e árvores que beneficiam melhor de qual tipo, e assim adotar a prática nas suas próprias casas.

A oficina de madeiras proporciona um espaço de aprendizagem onde as pessoas possam praticar o trabalho da madeira para pequenos objetos, como portas, maçanetas e peças escultóricas e tem como alvo a população sénior de Gouveia, de modo a incluir no projeto uma atividade que os possa envolver mais nas dinâmicas da cidade.



**Fig. 63** - Diagrama conceptual dos Elementos da Cerca

## Os Elementos da Cerca

*Quando a água, o vento, a luz, a chuva e outros elementos naturais são abstraídos na arquitetura, esta se transforma em um lugar no qual as pessoas e a natureza se defrontam em permanente estado de tensão. Creio ser esse sentimento de tensão que poderá despertar as sensibilidades espirituais latentes no homem contemporâneo.*

(Nesbitt, 2012, p. 497)

Os novos equipamentos propostos neste projeto dizem respeito às temáticas que têm vindo a ser abordadas ao longo da investigação e são uma interpretação arquitetónica dos conhecimentos obtidos. Os Elementos da Cerca pretendem promover uma imersão dos sentidos físicos na natureza que os rodeia e suscitar à reflexão sobre os significados que deles nascem, como uma tentativa de pôr em questão os modelos da sociedade em que vivemos e provocar o renascer do conhecimento natural através do nosso próprio corpo.

É segundo esta linha de pensamento que se criaram quatro equipamentos, representativos de cada elemento natural. Foi projetada a gruta, em contacto com a terra, ventre de onde nascem todos os seres; o mirante, que nos eleva no ar através dos ventos que transportam as sementes da vida; as piscinas, que através da água, líquido elementar, nos preenche e abraça por todos os poros; e, finalmente, o hotspot, a chama que nos aquece e que nos permitiu perserverança ao longo da evolução dos tempos.

Estes Elementos surgem como uma interpretação das raízes essenciais à vida no planeta. Esta teoria era defendida em culturas antigas, como na Pérsia, Grécia, Babilónia, Japão, Tibete e Índia e foi mantida no mundo ocidental, sensivelmente, até à Revolução Científica. (...) *Aristóteles declarou uma intrínseca relação entre os sentidos e os elementos*





*terra, ar, fogo, água e a quinta essência, alegando que não haveria mais do que cinco sentidos: visão, audição, paladar e tato e olfato, determinando, desta forma, a sua definição na cultura ocidental.* (Classen, 1993, como citado em Cavadas, p. 51)<sup>1</sup>

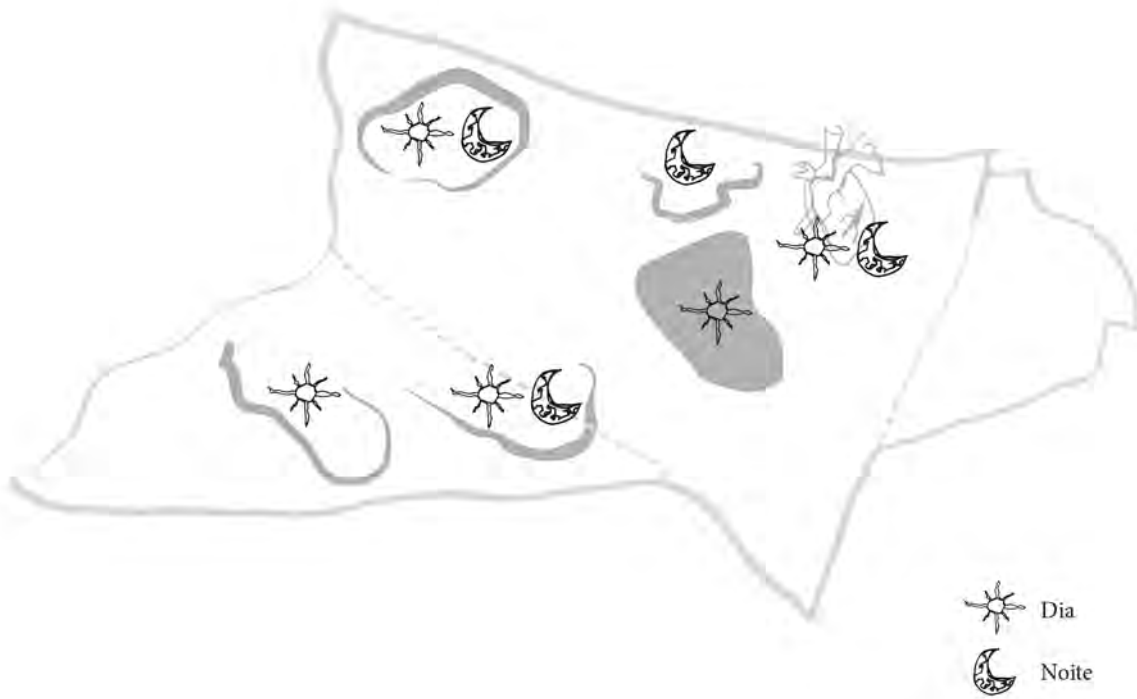
O Prof. Doutor Paulo Providência parece ter as palavras certas para descrever a sensação que se pretende neste projeto, quando, na sua Tese de Doutorado, intitulada “Arquitectura da Estação Termal no séc. XIX: Representação e Experiência”, escrevia:

*(...) um desejo comum de representar uma sociedade perfeita no seu ócio, o meio ambiente perfeito (regulação da temperatura, humidade, pressão), o espaço da sensação e da educação do sentimento, o espaço da imaginação poética e da representação social, o espaço da saúde, do exercício físico (moderado), (...) o espaço da gruta, do contacto com a terra e da fonte, o espaço do miradouro, da visibilidade e da paisagem, o espaço da decoração, do conforto e do envolvimento, o espaço da dança e da música, o espaço do acesso difícil, do transporte mecânico e da ravina, da paisagem sublime, do pôr-do-sol, e da neve, o espaço do salão de jantar, do elevador e foyer.*

(Providência, 2007, como citado em Ramos, 2012)

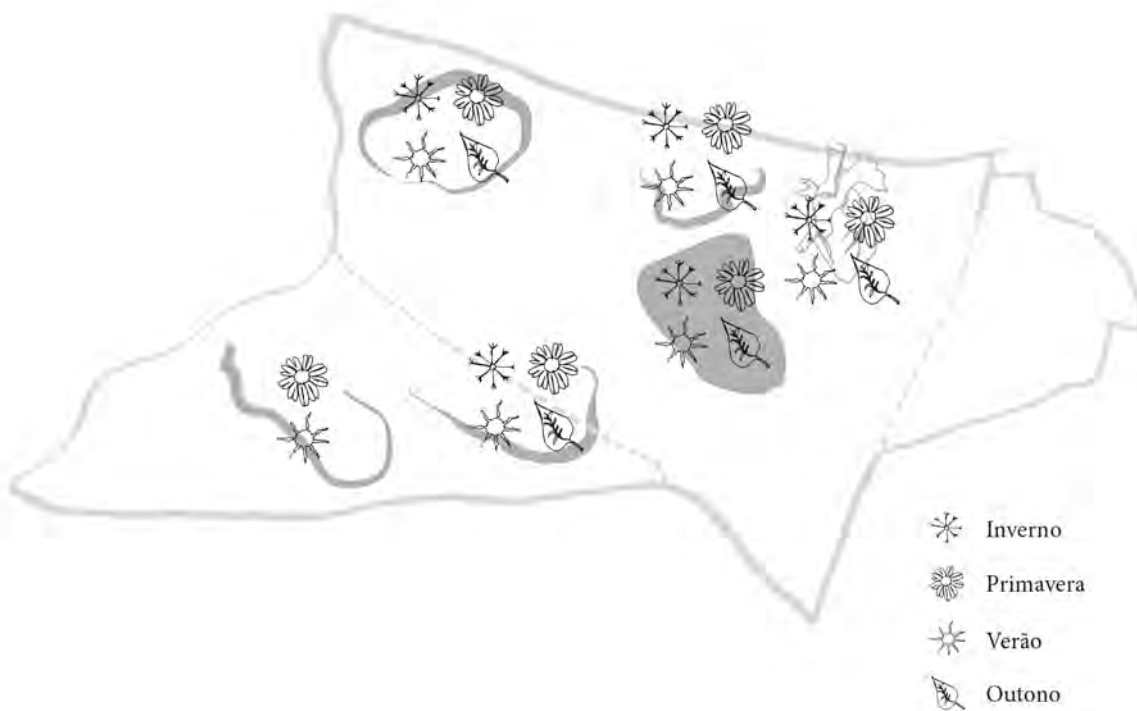
Assim, os Elementos da Cerca foram desenvolvidos com vista ao Homem idealizado em sintonia com a Natureza. *A primeira condição para a produção de uma boa arquitetura é a criação de um cliente ideal para a encomenda em questão.* (Nesbitt, 2012, p. 488)

<sup>1</sup>Entretanto, a ciência moderna foi capaz de comprovar que tal teoria não era sustentável de acordo com o método científico. No entanto, não se pretende alongar por esse caminho. Os quatro elementos base da natureza servem para o ser humano como simbolismos dos pilares da vida e não tanto como descrição literal e científica dos elementos químicos que compõem a vida.

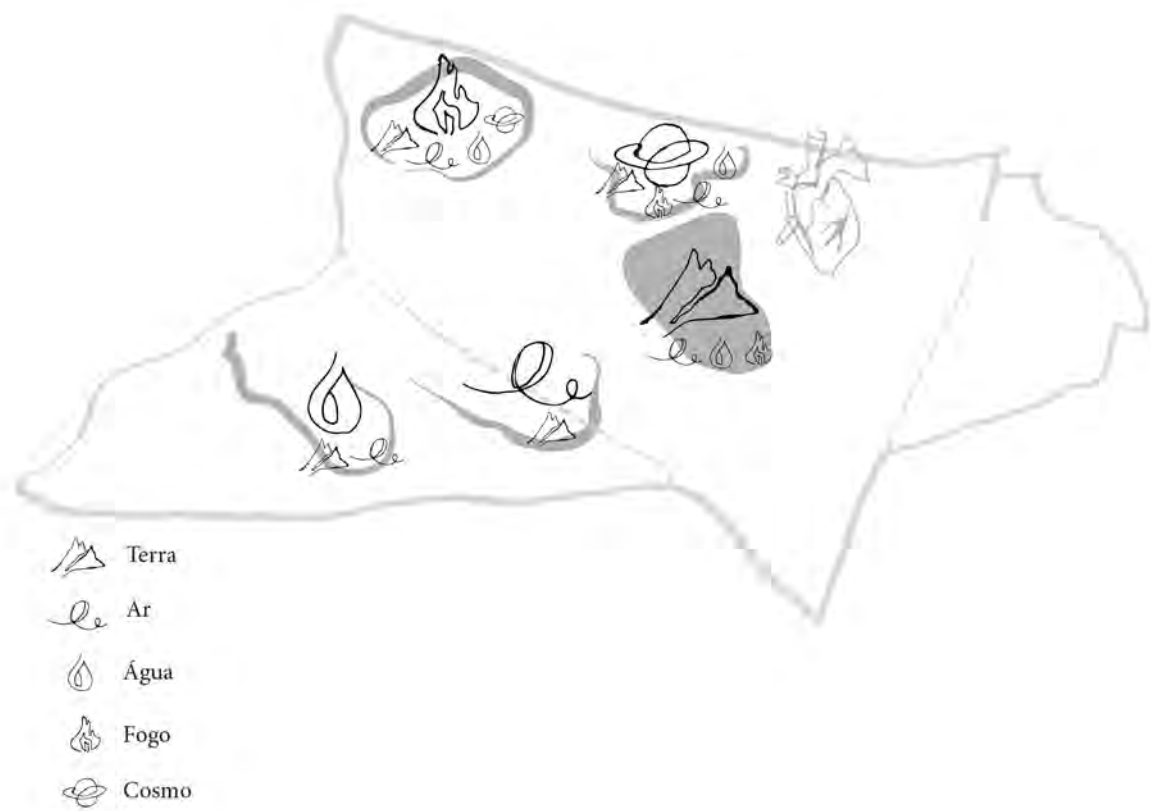
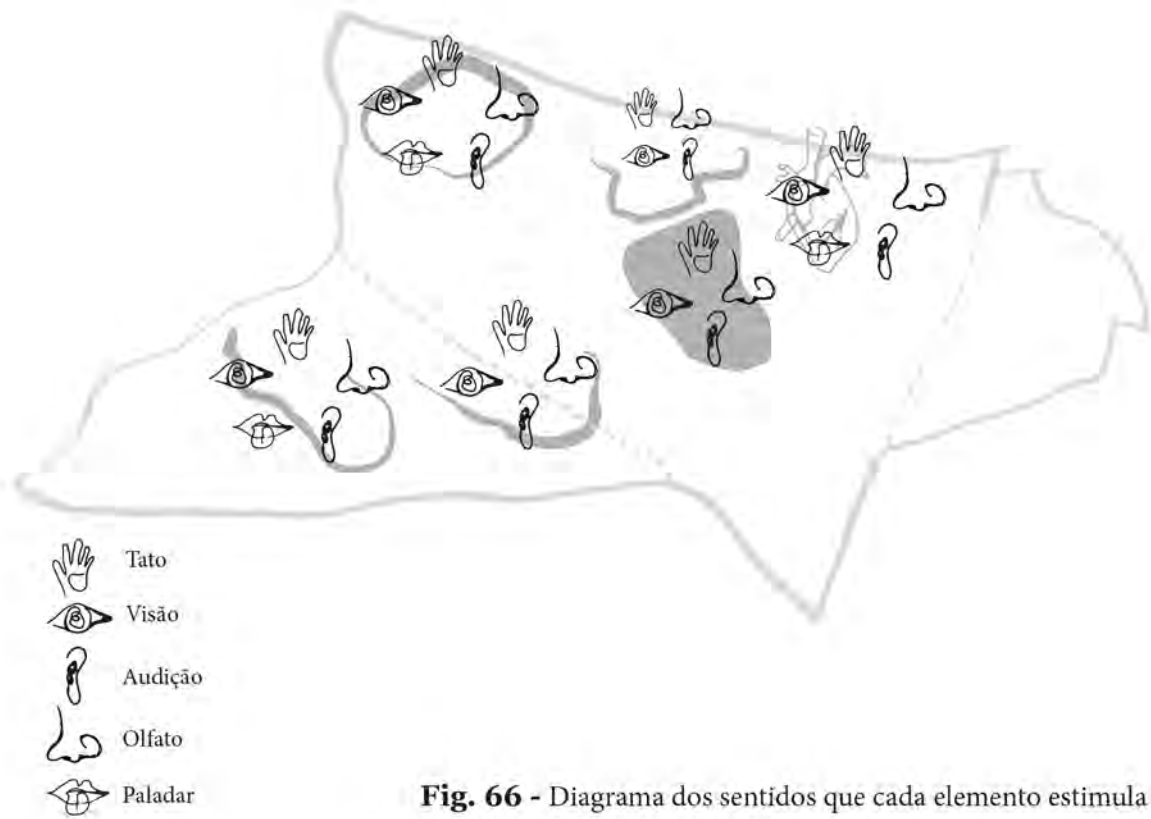


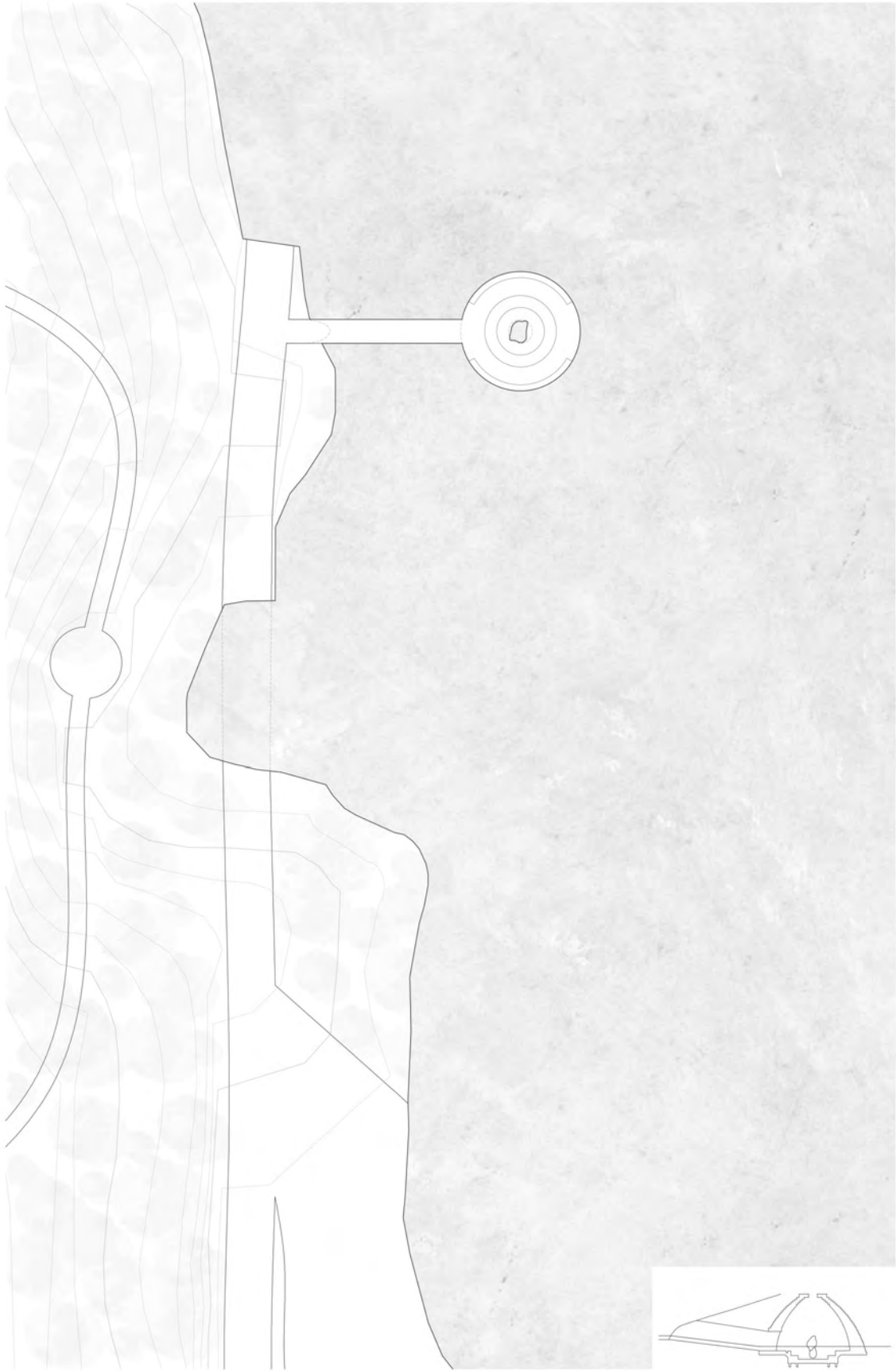
**Fig. 64** - Diagrama de funções noturnas e diurnas

202



**Fig. 65** - Diagrama das estações do ano recomendáveis para cada Elemento





**Fig. 68** - Planta . Gruta

1/500 ↻

## A Gruta

O primeiro elemento do percurso é a Gruta, o símbolo arquitetónico mais próximo da terra, que simboliza o espaço embrionário de tudo o que é vivo e remonta também ao primeiro abrigo humano, a uma sensação de proteção e conforto ladeado por todos os lados. Assim nasce o projeto da Gruta, com uma piscina de água quente no centro, que simboliza o nascer da água no seio da terra.

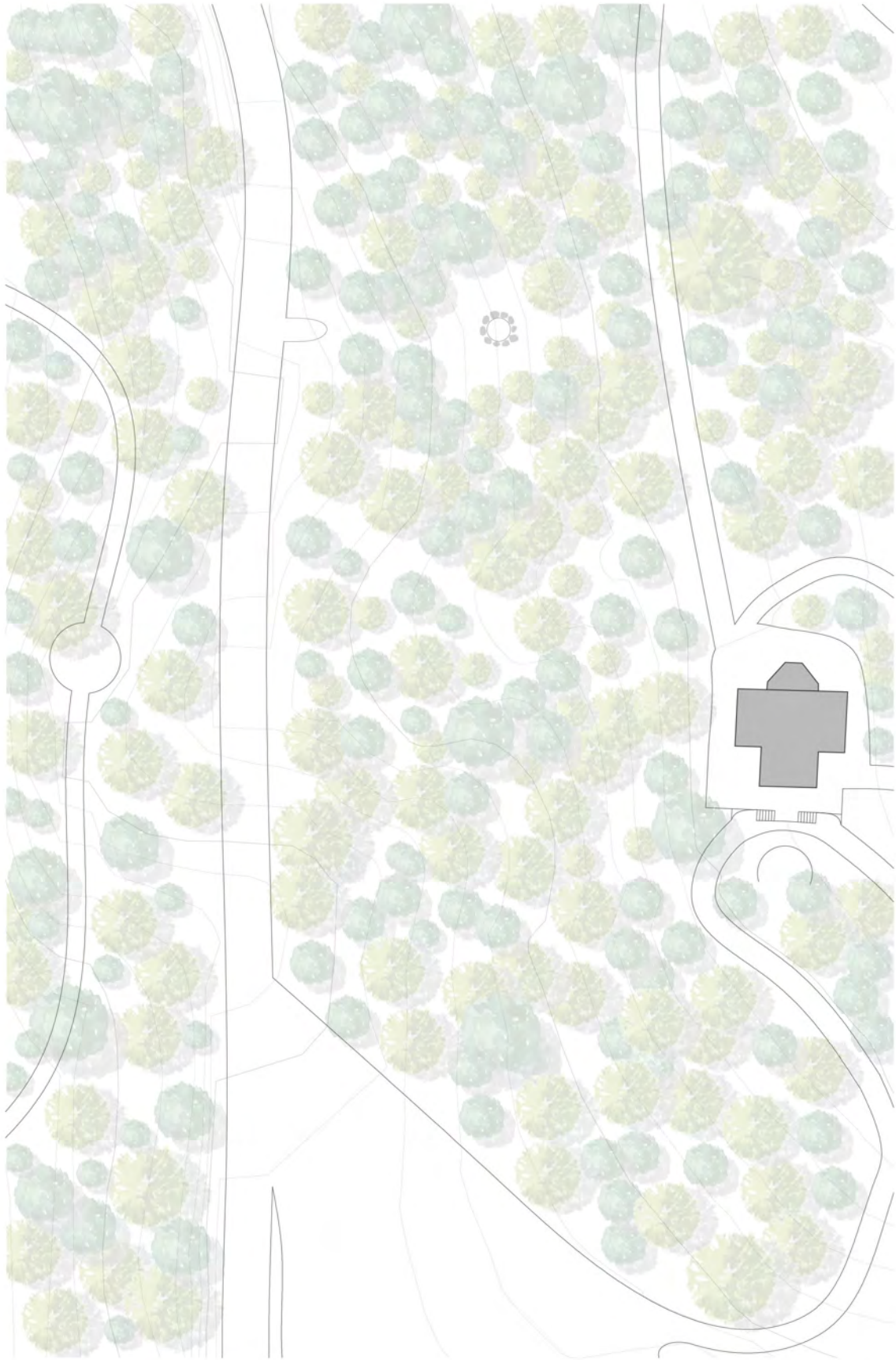
Este espaço tem uma cobertura em falsa cúpula, ícone da arquitetura de culto e religião, onde se pretende prestar homenagem à terra. O solo é quase completamente composto por rocha granítica, o que leva a que o simbolismo do elemento terra, neste lugar, seja a pedra. Assim, no centro da planta circular, encontra-se uma 'escultura' que tenta replicar as clássicas pedras de granito em balanço perdidas pela Serra da Estrela, onde uma pessoa se questiona se a gravidade ali tem efeito. O óculo, por cima da escultura, representa a abertura do ventre, para a vida.

205

A entrada para a Gruta faz-se pelo caminho que vem da casa principal e é feita num ângulo descendente, num corredor de pedra sólida martelada, onde a meio se fica descalço. Quando se entra no recinto da Gruta, sente-se o frio dos pequenos seixos no chão e o calor do vapor de água que emana da piscina. Este contraste entre o frio da pedra e o quente da água é uma combinação interessante para a representação da terra e desafia as sensações do ser humano entre dois extremos.

O método construtivo usa pedras sólidas, empilhadas de forma ascendente e reduzindo o seu tamanho à medida que sobem. Com o assentamento de terra por cima, confere a solidez necessária para a estabilidade das paredes. Este método era utilizado na antiga civilização Micénica, para templos ou construções funerárias. Exemplo disto é o Tesouro de Atreu, em Micenas.

Esta espacialidade atribui um carácter misterioso, quase divino, e permite um culto da natureza e do próprio corpo, com as sensações de regeneração e cura da água.



**Fig. 69** - Planta de cobertura . Gruta

1/500 ↻

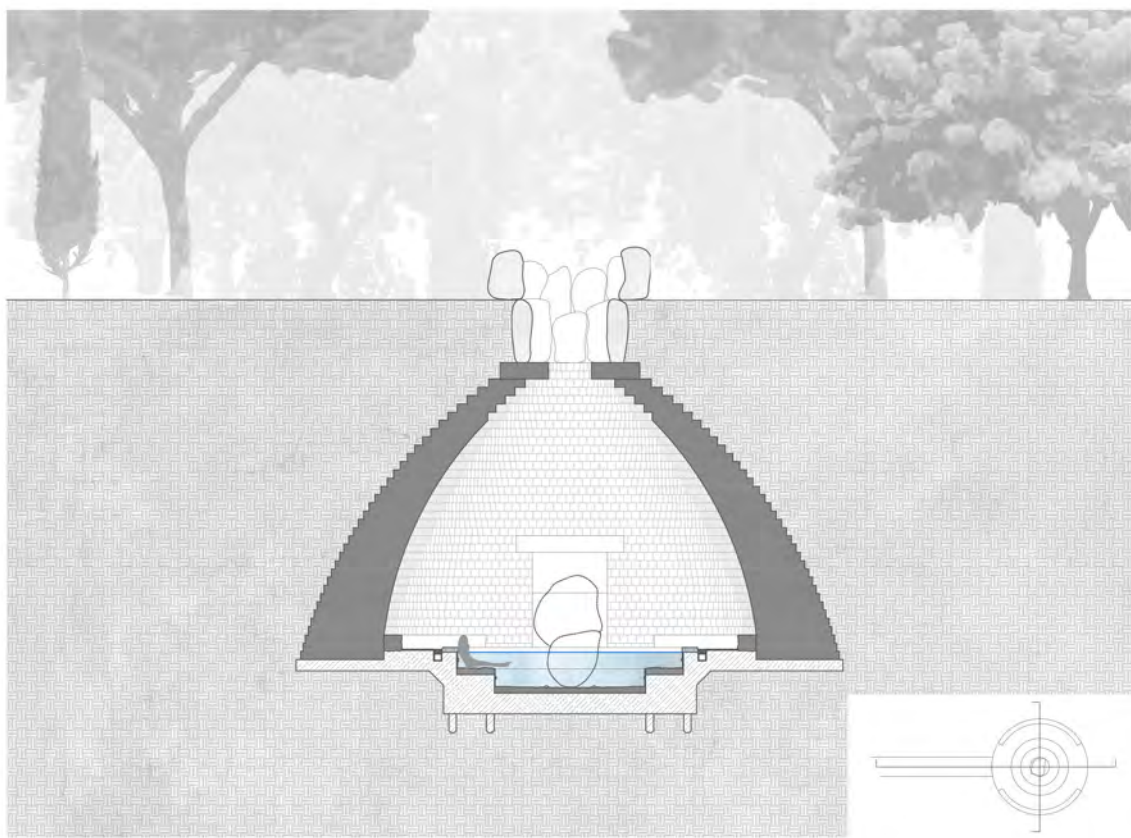
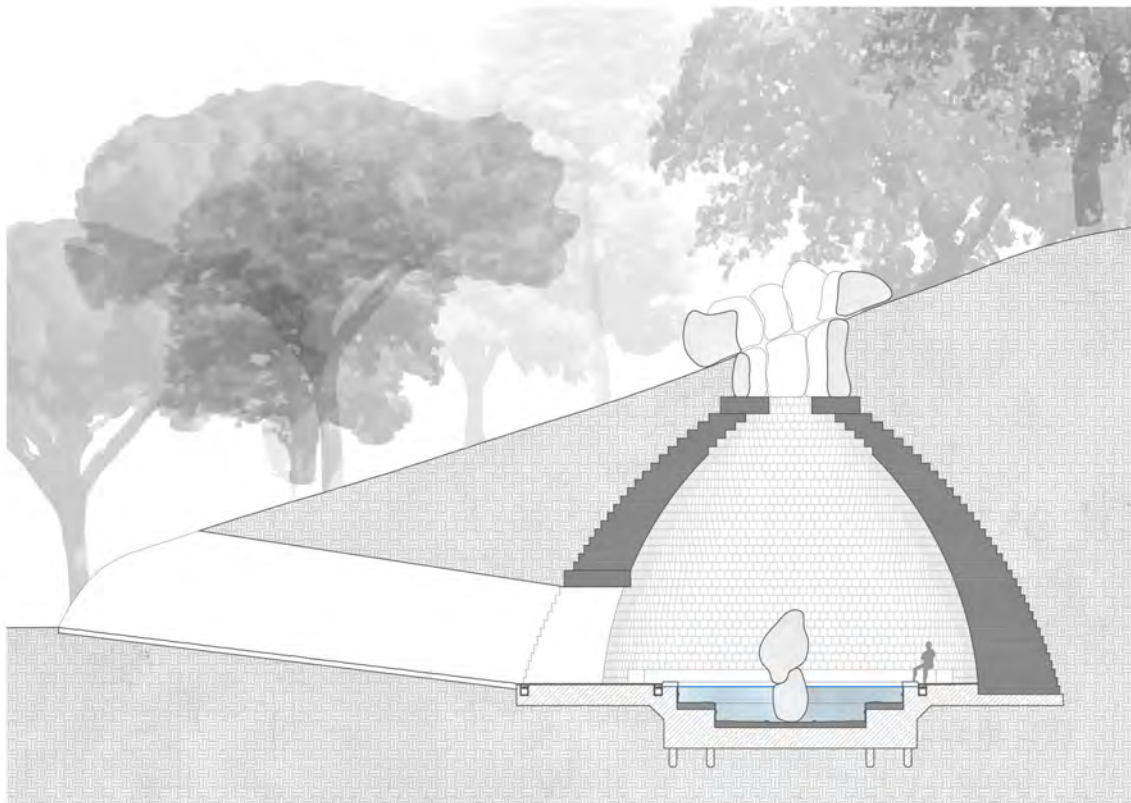
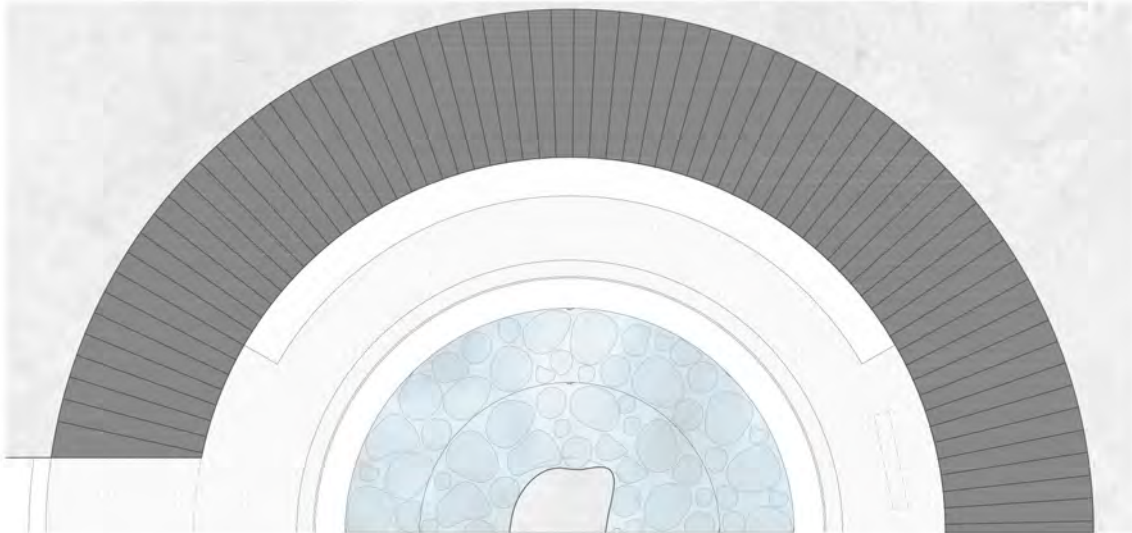
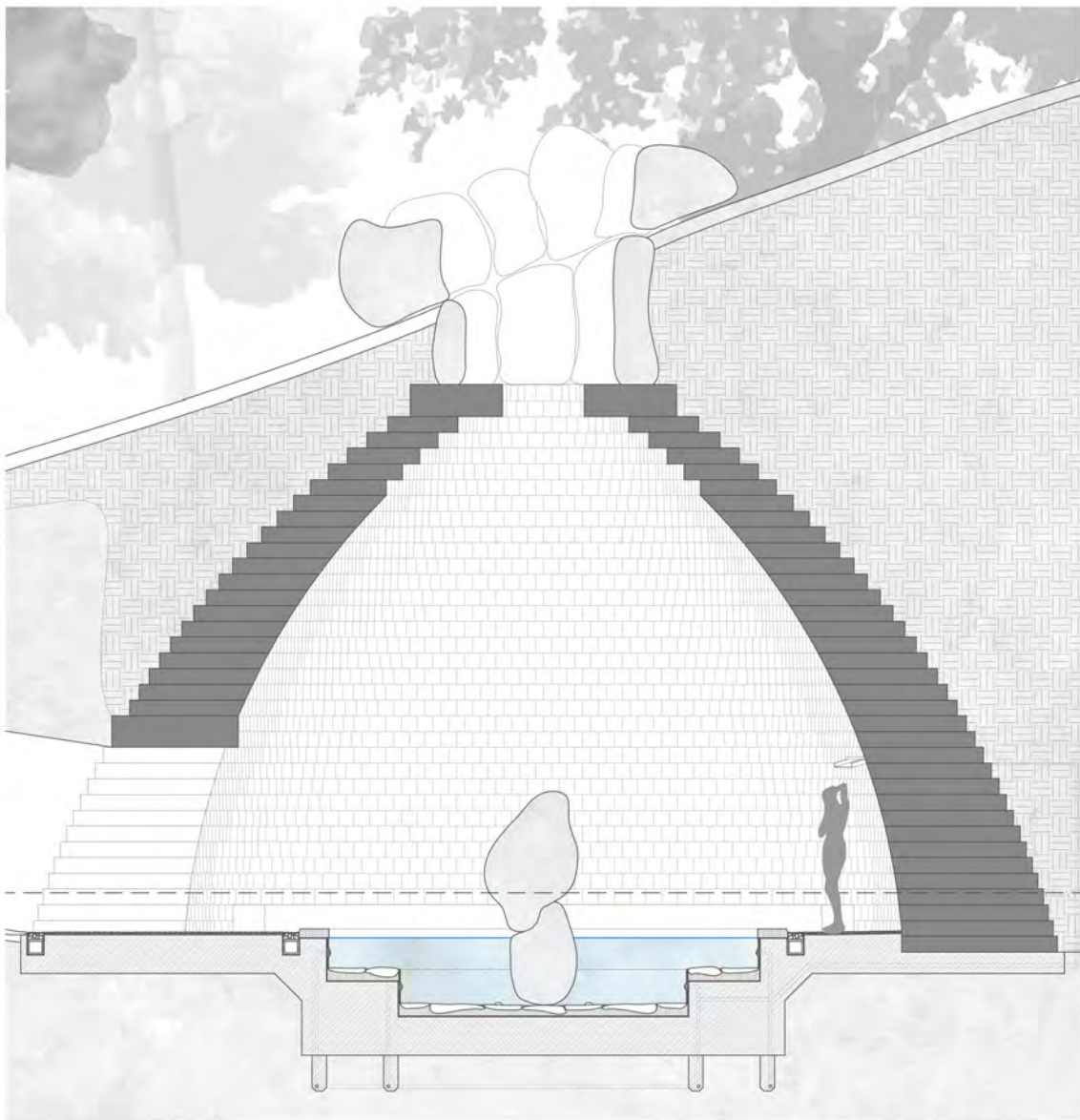


Fig. 70 - Corte longitudinal e transversal . Gruta

1/200



208

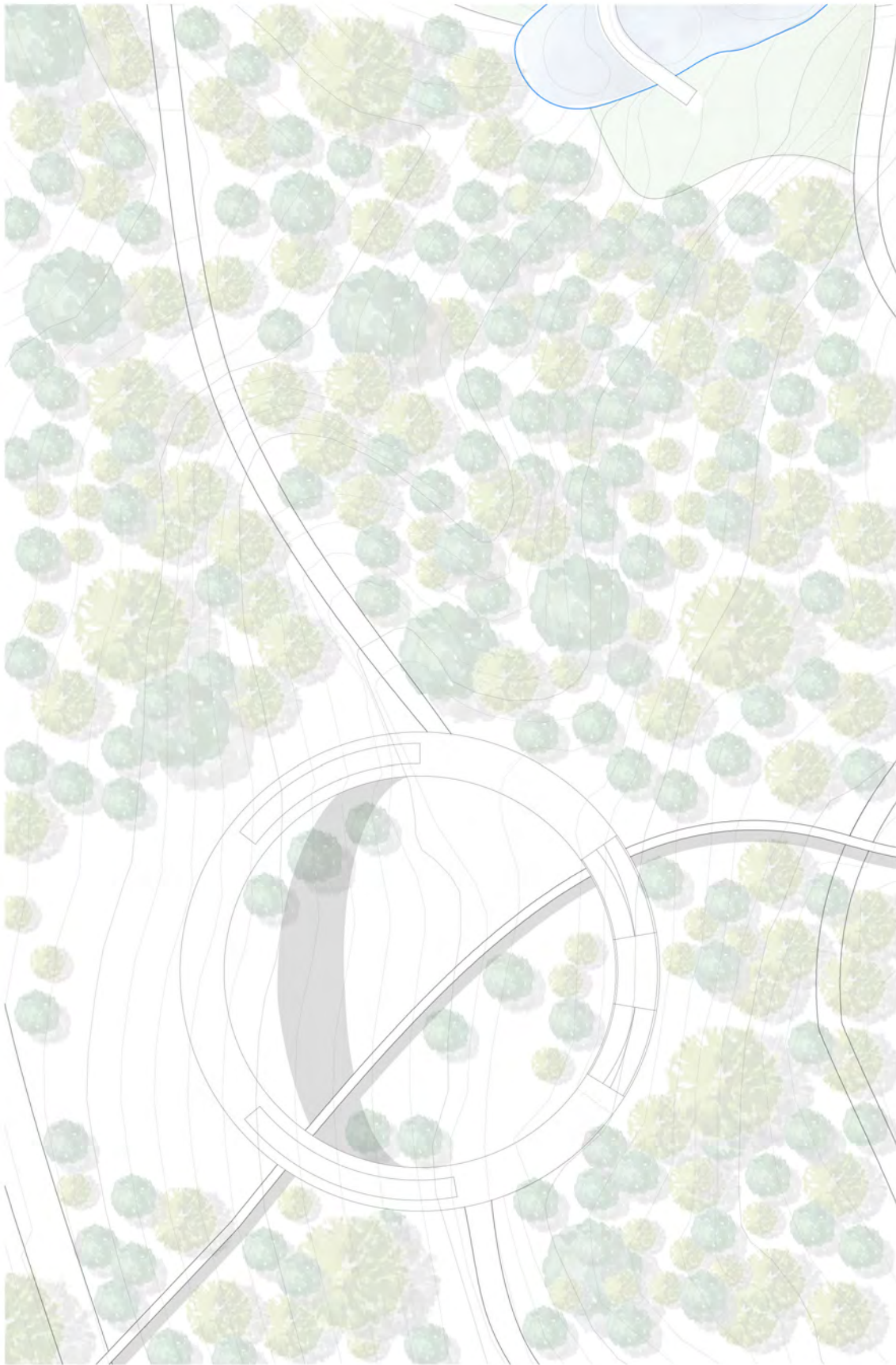


**Fig. 71** - Planta de detalhe e corte transversal . Gruta

1/100 ↶







**Fig. 72** - Planta de cobertura . Mirante

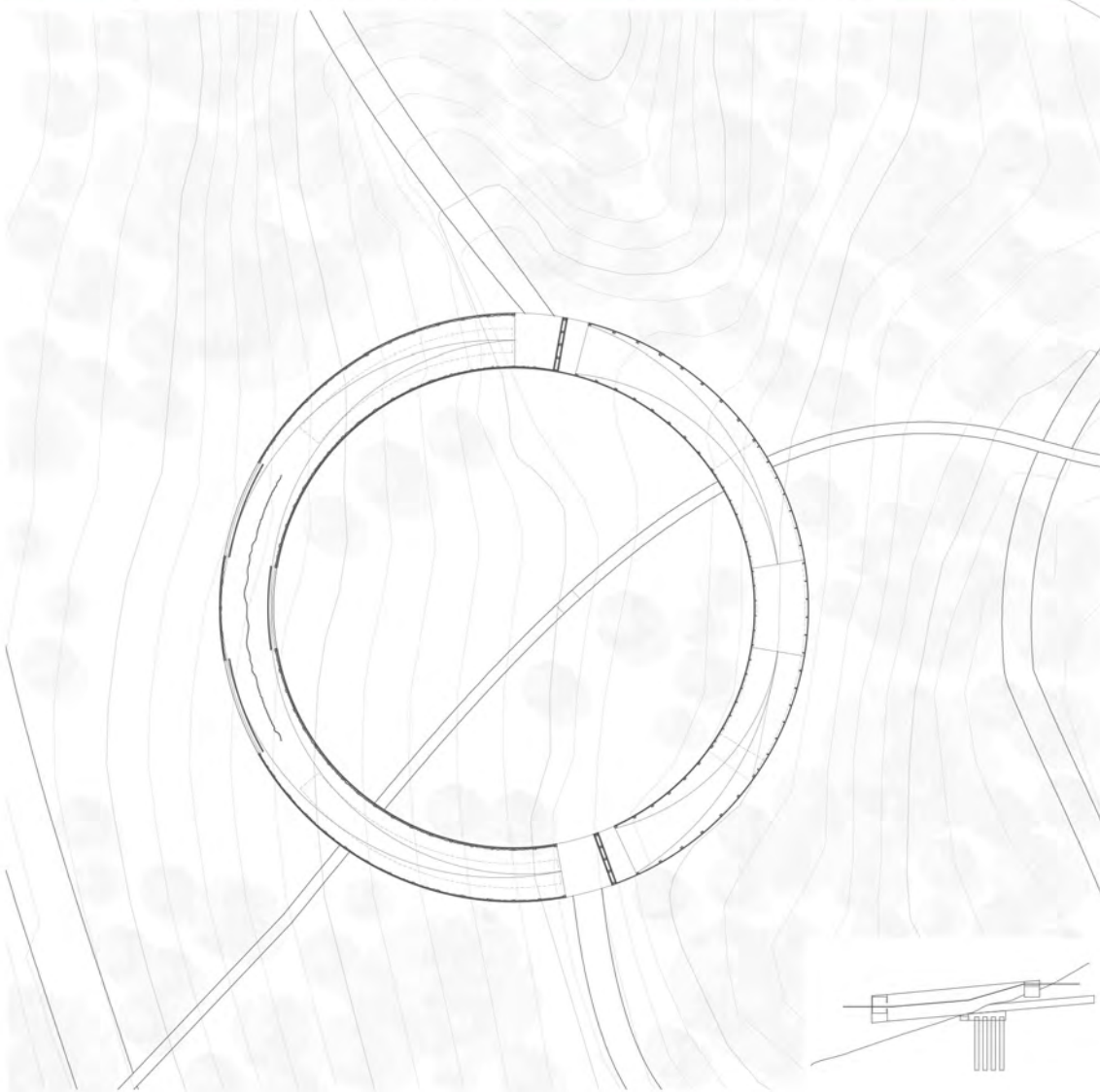
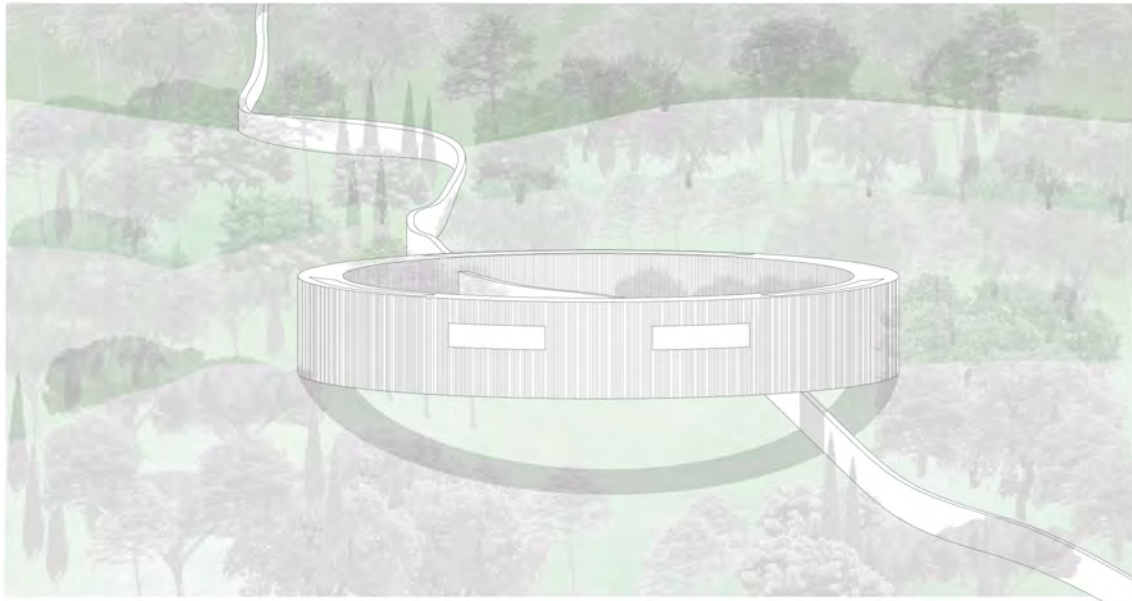
## O Mirante

De seguida, num percurso secundário que vem da Capela dos Marqueses, temos o Mirante. Este objeto surge da necessidade de contacto com a altura, com a elevação ao ar e a subida, para a mudança da escala de perceção.

Este equipamento revela-se uma escultura habitável e o círculo surge como um movimento ideal para a observação da paisagem a partir de vários níveis, mas suscita também à apreciação e observação do interior, não só do objeto, como do próprio ser que o experiencia.

Este momento transporta-nos para a subida ao Monte *Ventoux*, de Francesco Petrarca. Na carta fictícia que escreveu ao monge Dionisio da Borgo San Sepolcro, dizia *Decidi, já tendo admirado suficientemente a montanha, voltar a minha atenção para mim mesmo* (Petrarca, 1336). Este episódio serve para nos mostrar que a mudança da escala de perceção, muda o intelecto da pessoa que observa. Estar presente neste fenómeno revela-se tranquilizante, a paisagem parece serena, mesmo que estejamos a observar uma cidade atribulada, mas é só quando o momento de observação já passou que nos apercebemos que algo no interior mudou. A este fenómeno de absorver toda a paisagem num olhar, Jean Gebser chamou de 'sístase', o ato de tomar tudo num único lance, *a conjugação ou encaixe das partes numa integralidade (...) um processo onde as partes se fundem ou são fundidas no todo* (Gebser, como citado em Pimenta, 2009). Este termo era frequentemente usado na idade média com a conotação de uma união mística e de totalidade transcendental.

O Mirante desperta uma sensação corporal e visual que desafia os limites da curiosidade e da exploração do espaço. Numa brincadeira entre exterior e interior, o caminhante é convidado ao percurso do círculo, que o ajuda a transpôr o muro da Cerca a um nível superior mas é depois desafiado a entrar para o pátio interior, vê a Cerca e permite-se a tomar outro caminho, o percurso superior faz a subida mesmo ao nível do



212

**Fig. 73** - Alçado Este e planta . Mirante

1/500 ↻

muro.

Este miradouro pensou-se como um objeto de ilusão e abstracionismo, devido ao elemento ar ser o menos palpável de todos. Ele encontra-se em suspensão, com uma inclinação de 5°, o que exige naturalmente uma grande estrutura metálica para o suportar. No entanto, o objetivo máximo da ilusão, neste lugar, era de poder concebê-lo como se fossem somente os materiais naturais que fizessem a magia. Assim, de qualquer ponto de observação, este objeto parece ser feito de madeira. Ele representa o abstrato presente na natureza, o imaginário.

Já no interior do percurso Oeste, abriram-se grandes clarabóias à entrada e à saída, com o objetivo de poder gerar uma corrente de ar, que depois fará o seu efeito nas paredes cobertas com tecido. Este tecido, de produção local, cobre as paredes de ambos os lados, deixando só a estrutura de madeira e o ripado à vista, mudando depois para o eixo central, nas aberturas do Mirante. Este tecido que divide o espaço em dois no momento das janelas serve para conferir a distância necessária entre a privacidade e introspeção, e quem está de passagem. Os corpos sentem-se mas não se vêem.

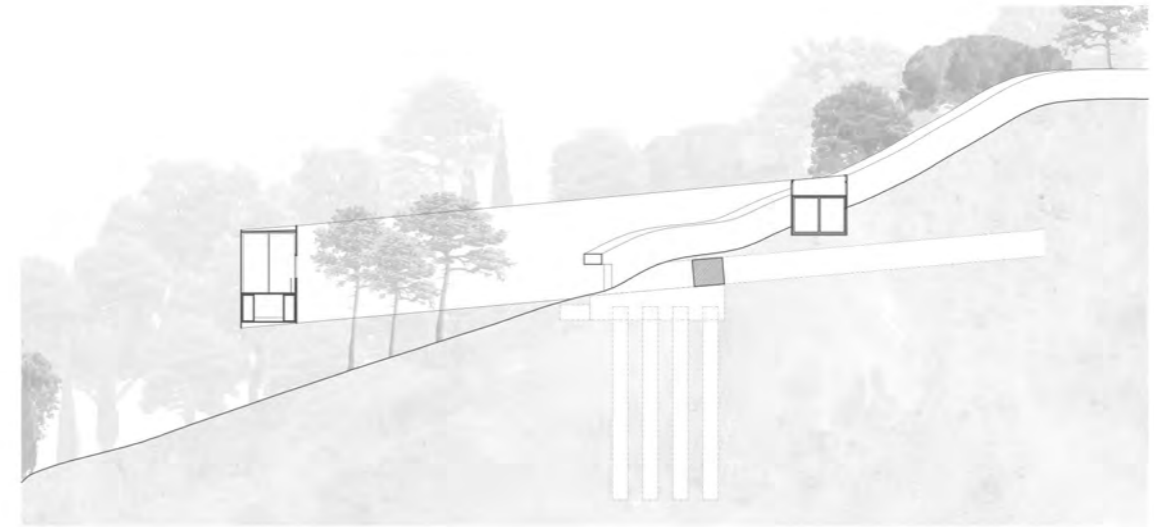
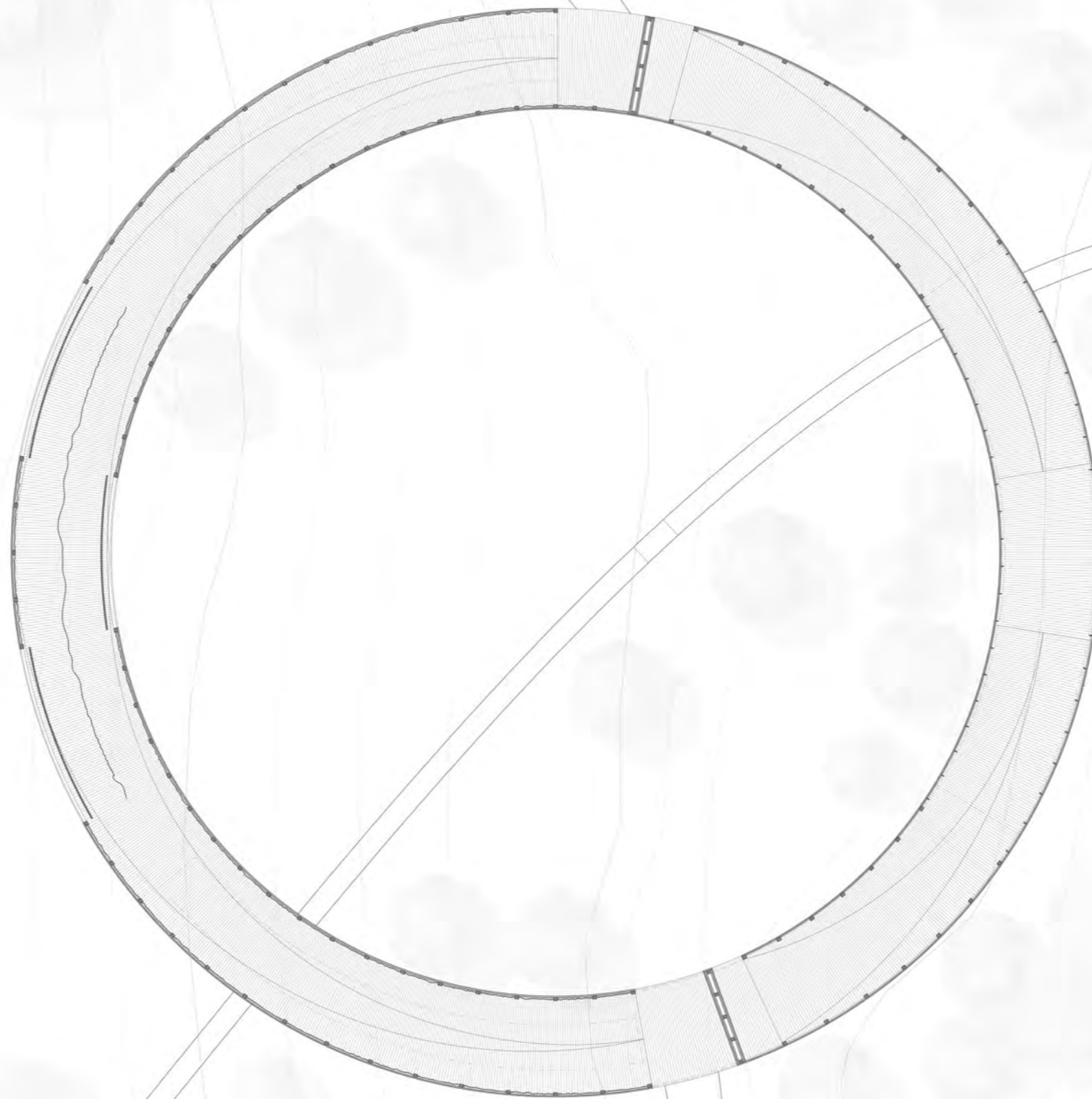


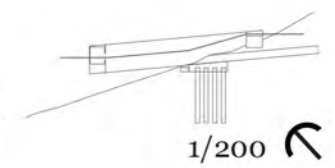
Fig. 74 - Corte e planta da estrutura . Mirante

215



216

Fig. 75 - Planta . Mirante



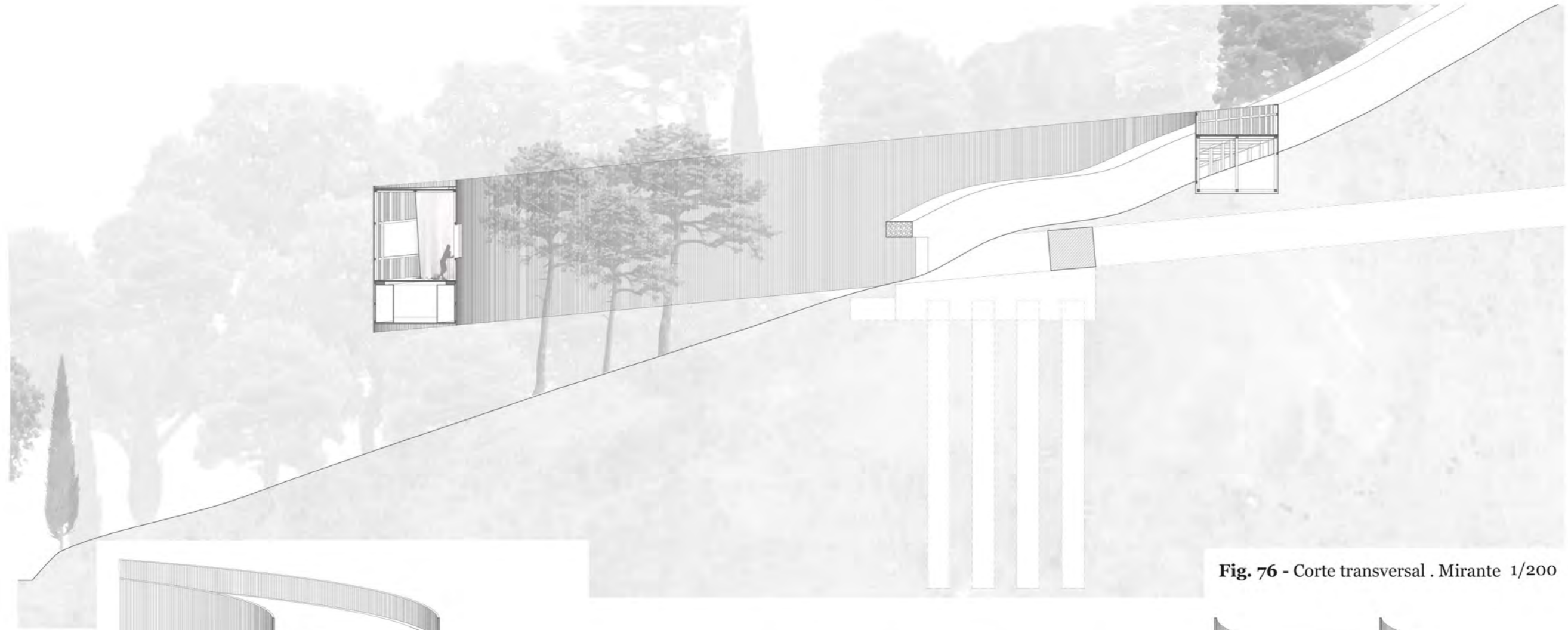


Fig. 76 - Corte transversal . Mirante 1/200

217

218

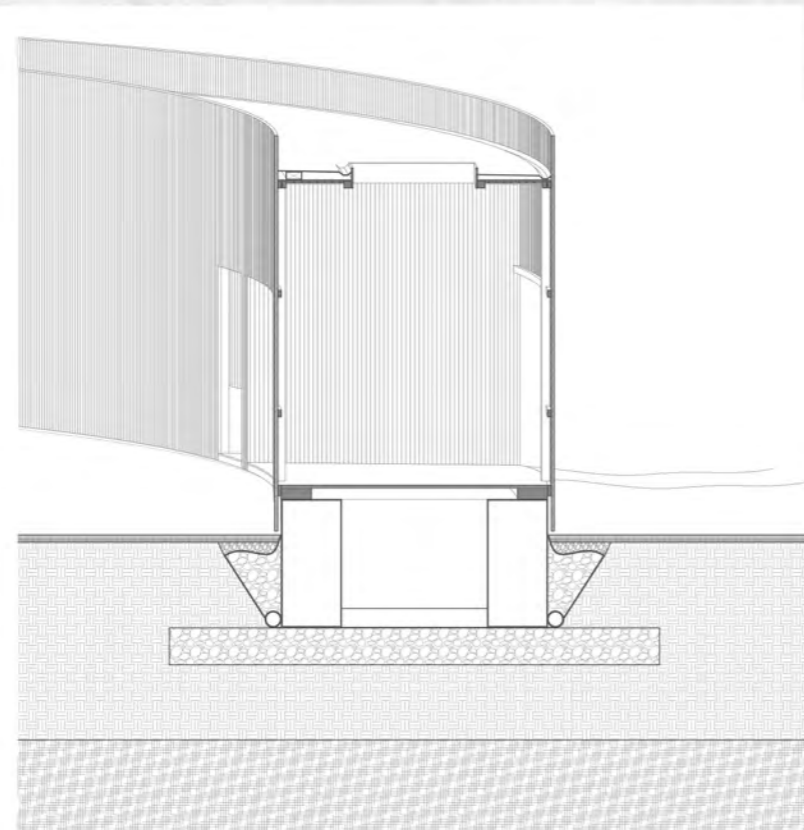


Fig. 77 -Detalhe . Mirante

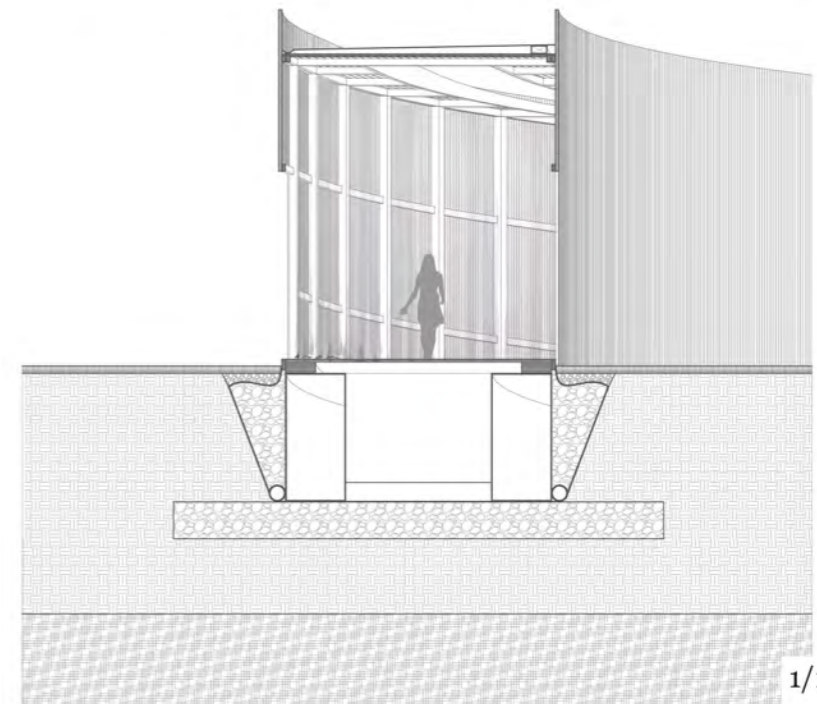
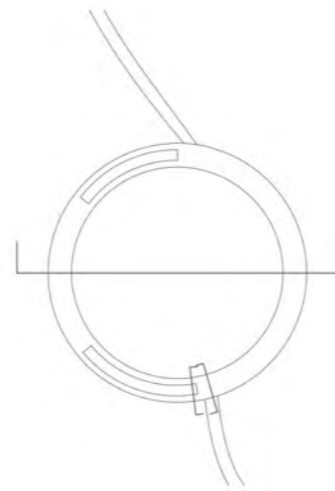


Fig. 78 - Detalhe . Mirante

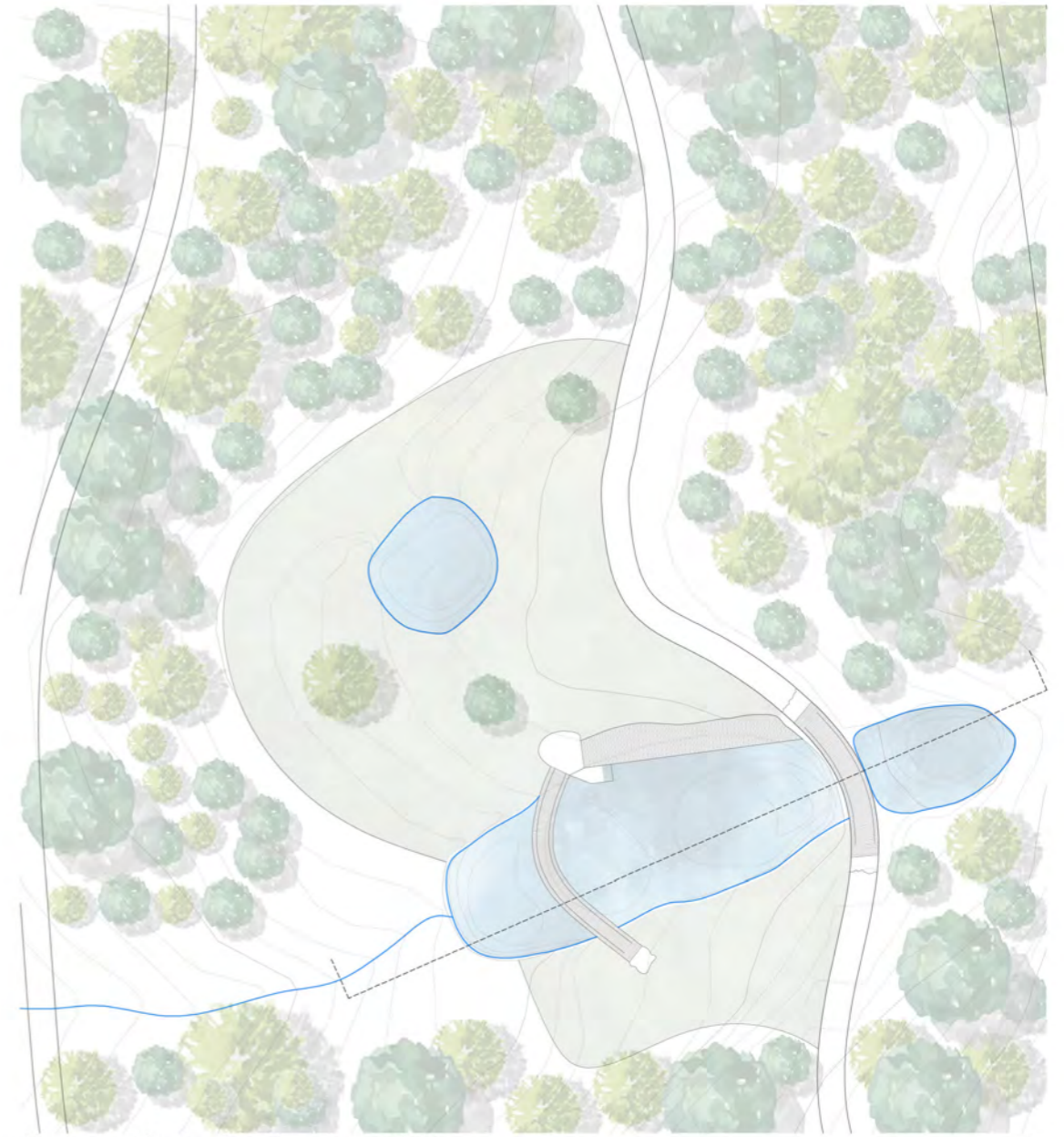


Fig. 79 - Planta de cobertura . Piscinas



Fig. 80 - Corte longitudinal . Piscinas



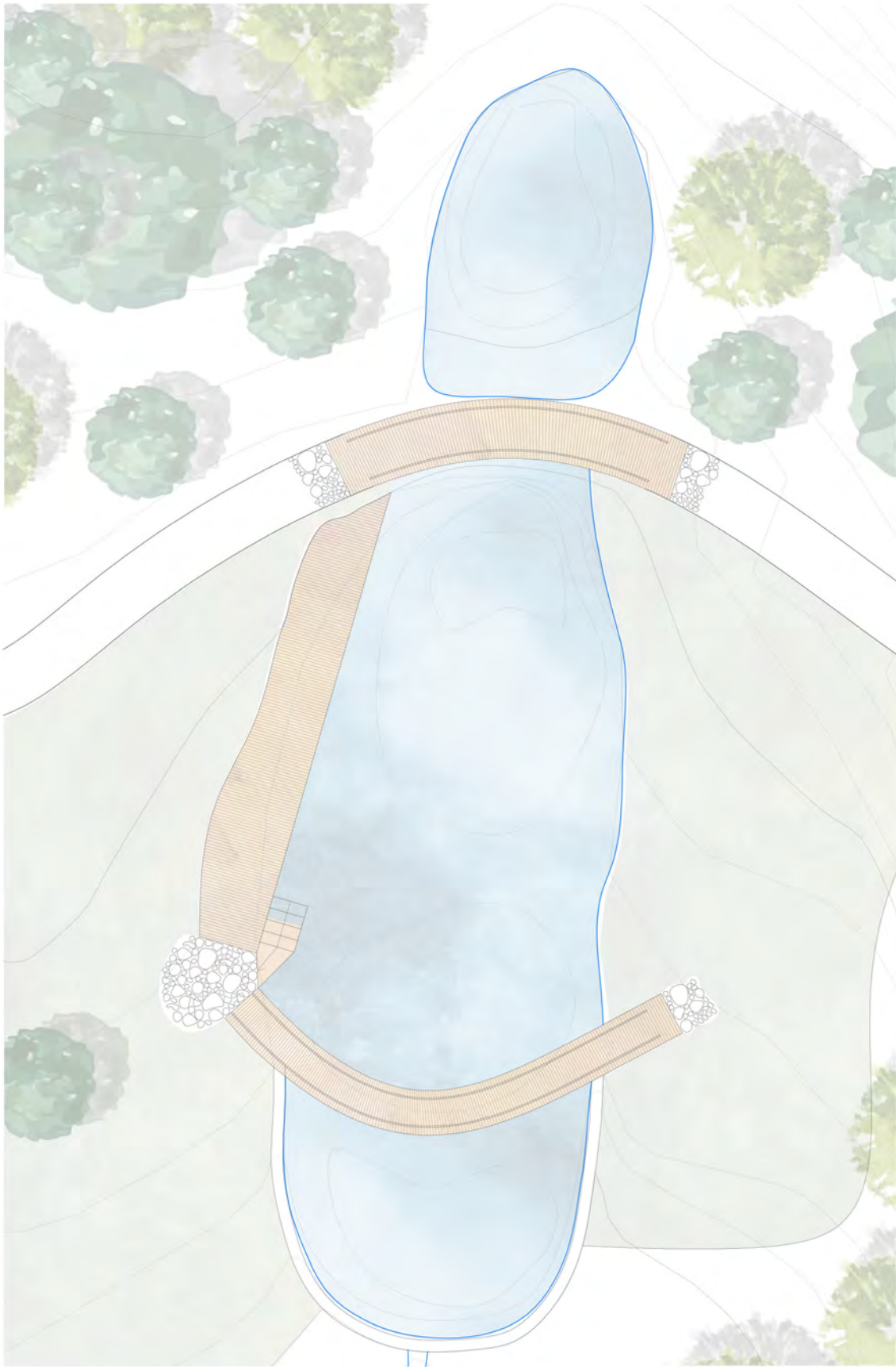
## As piscinas

Quando se atravessa o muro da Cerca para a parte Norte da Mata, percebe-se que há nesta ambiência uma identidade muito mais selvagem do que controlada pelo Homem. Ela poderia representar *'the wild beyhond'*, se por esta altura não considerássemos, já, todo o mundo como um grande jardim selvagem. A morfologia desta área é muito mais grotesca, a Natureza chega a ser mesmo hostil para com o ser humano com as suas diferenças de cota intrespessáveis, caminhos íngremes e pequenas ravinas ao longo deles. É neste cenário que se encontram duas linhas de água que gravaram a pedra com o passar dos anos.

Segundo estas condições pareceu instintivo fazer deste espaço, que representa o elemento água no seu estado puro, o objeto mais natural, de maneira que o projeto surgiu simplesmente para complementar a forma já natural com algumas funcionalidades.

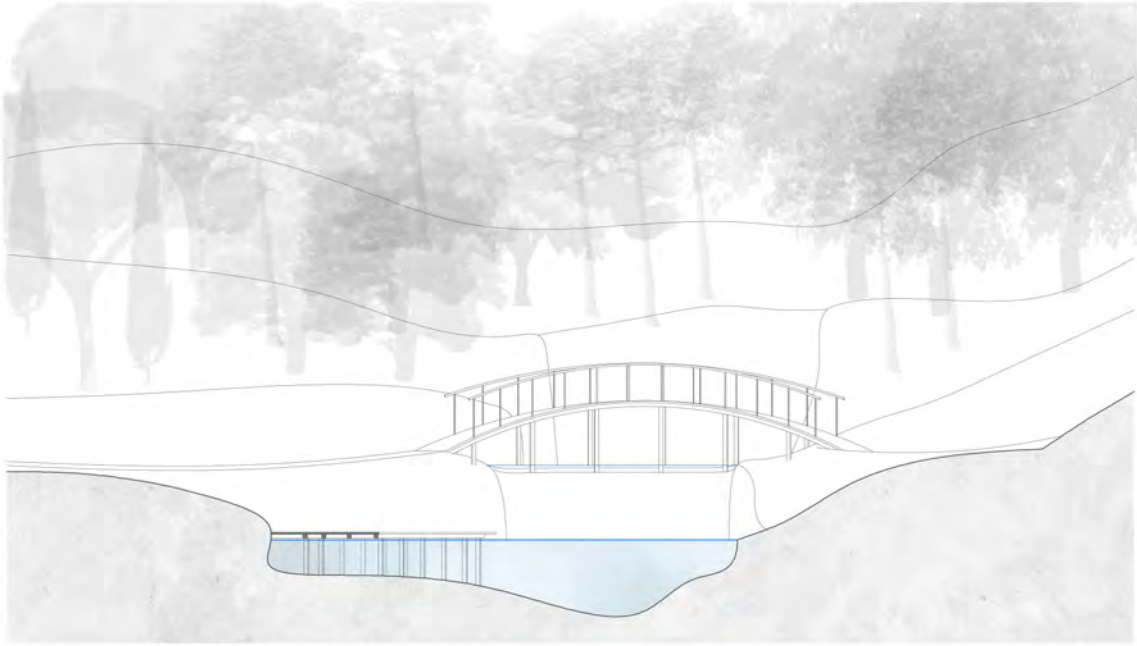
Com três gestos, duas pontes e um *deck*, garantiu-se o acesso a ambos os lados dos poços e um passadiço para entrar e sair da água. Retiraram-se algumas árvores, de modo a permitir a entrada de luz solar, naquilo que é uma piscina de água de nascente gelada. O espaço de estar sofreu simplesmente de um ligeiro aplanamento e da plantação de um prado de vegetação rasteira autóctone.

As pontes, construídas em madeira simbolizam, tal como na cultura japonesa, a transição para um estado consciente mais elevado. Elas representam a transformação rejuvenescedora que é mergulhar em águas frias, em plena serra.



**Fig. 81** - Planta de intervenção . Piscinas

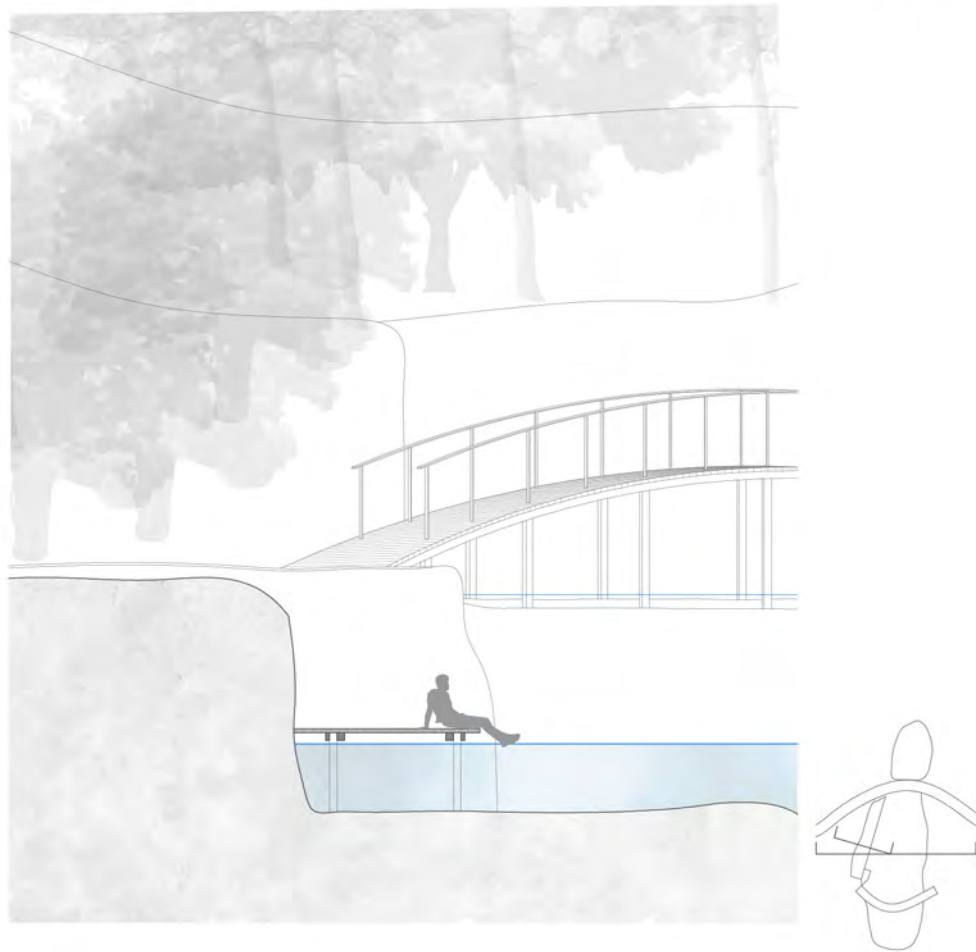




**Fig. 82** - Corte transversal pelo *deck* . Piscinas

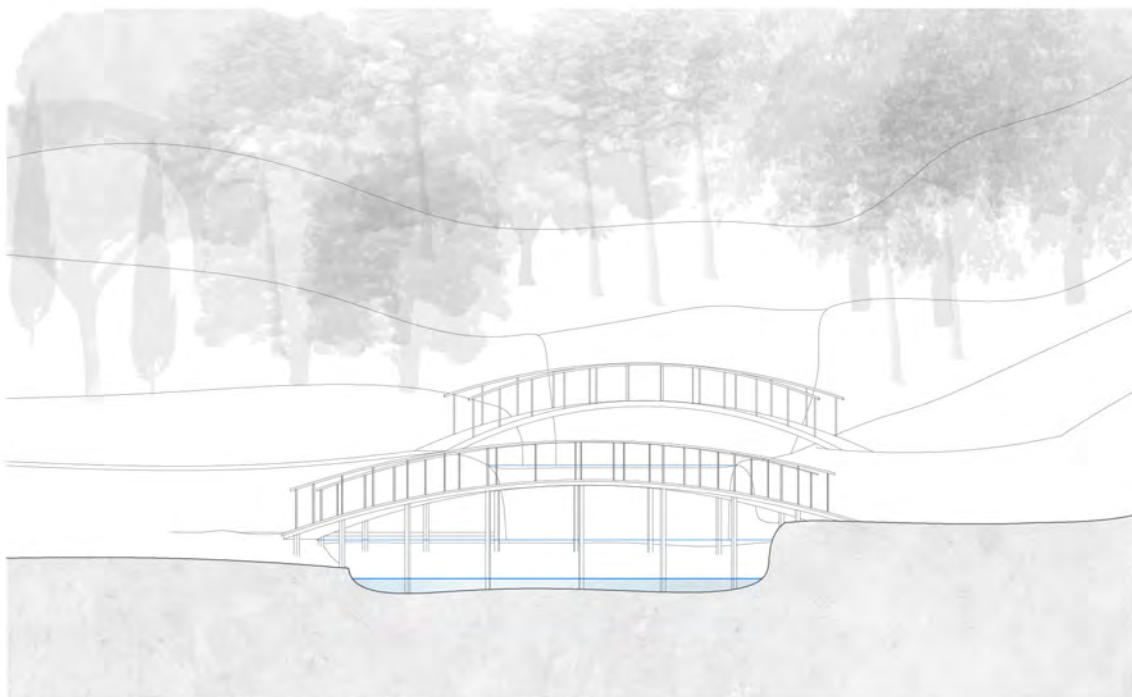
1/200

224

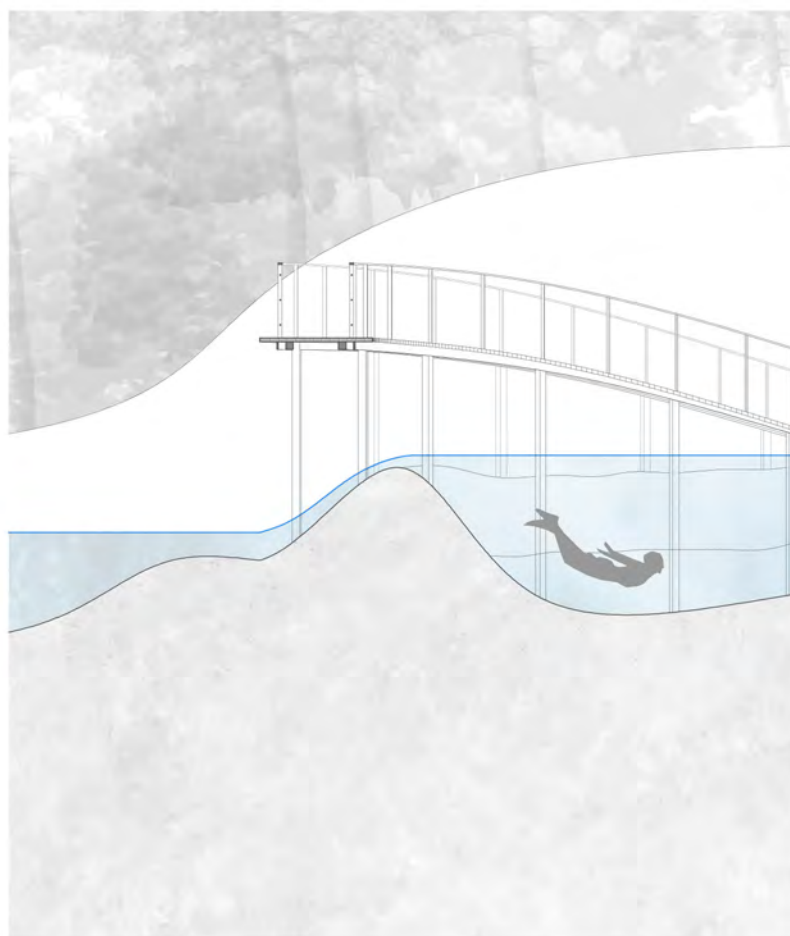


**Fig. 83** - Detalhe pelo *deck* . Piscinas

1/100



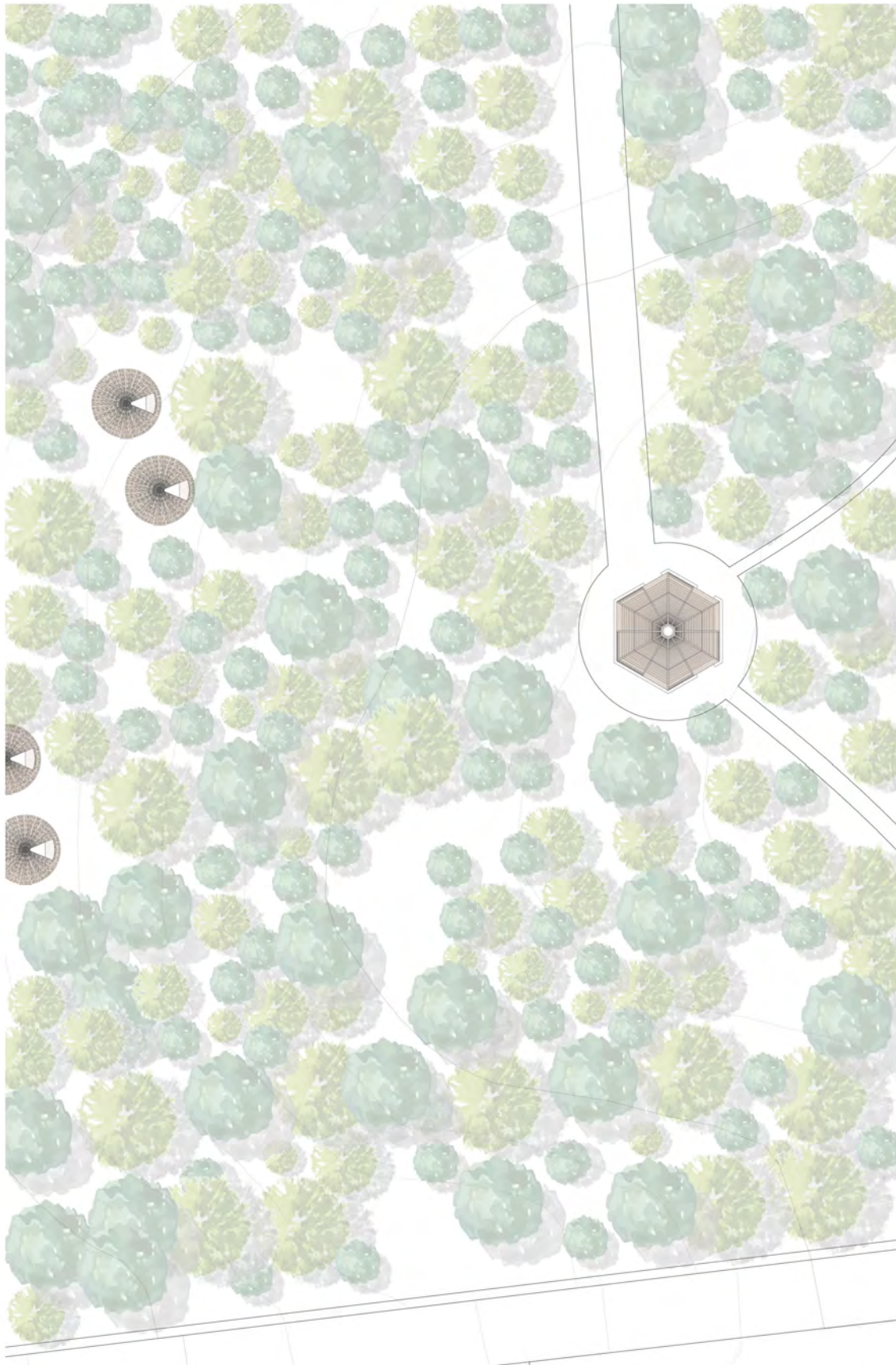
**Fig. 84** - Corte transversal pela ponte . Piscinas



**Fig. 85** - Detalhe pela ponte . Piscinas



1/100



**Fig. 86** - Planta de cobertura . Hotspot

## O Hotspot

O Hotspot é o último equipamento e surge como, possivelmente, o elemento mais decisivo na evolução da espécie humana até aos dias de hoje, representante do fogo.

*Around the hearth the first groups assembled; around it the first alliances formed; around it the first rude religious concepts were put into the customs of a cult. Throughout all phases of society the hearth formed that sacred focus around which the whole took order and shape.*

(Semper, 1851, p. 102)

A fogueira significa, neste projeto, o ponto de reunião entre a comunidade. Tendo percorrido o caminho físico e instrospectivo, pára-se aqui para encontrar.

Este equipamento tem um programa de lazer, de refeição e de observação. Ele promove o contacto entre as pessoas, a conversa, a música e a churrascada.

A sua forma é inspirada precisamente na fogueira selvagem. A base hexagonal remonta à lenha, à madeira e paus dispostos pelo Homem para acender a chama, e a estrutura superior orgânica simboliza o fogo, em movimento, livre.

A nível construtivo, o tijolo foi escolhido para a base por ser um material sólido e terreno, cozido pelo fogo e resistente a este também. A madeira, na estrutura orgânica, por ser um material natural e moldável, que confere um certo misticismo e remonta a construções mais selvagens.

O nome deste equipamento serve de metáfora, nesta sociedade tecnológica. O hotspot é, na realidade, um dispositivo que nos permite ter acesso à internet em qualquer

Tradução livre: “À volta da fogueira assentaram-se os primeiros grupos; à volta dela foram formadas alianças; à volta dela os primeiros conceitos religiosos foram transformados em culto. Por todas as fases da sociedade, a fogueira sempre foi o foco sagrado à volta do qual o todo tomou forma e ordem.”

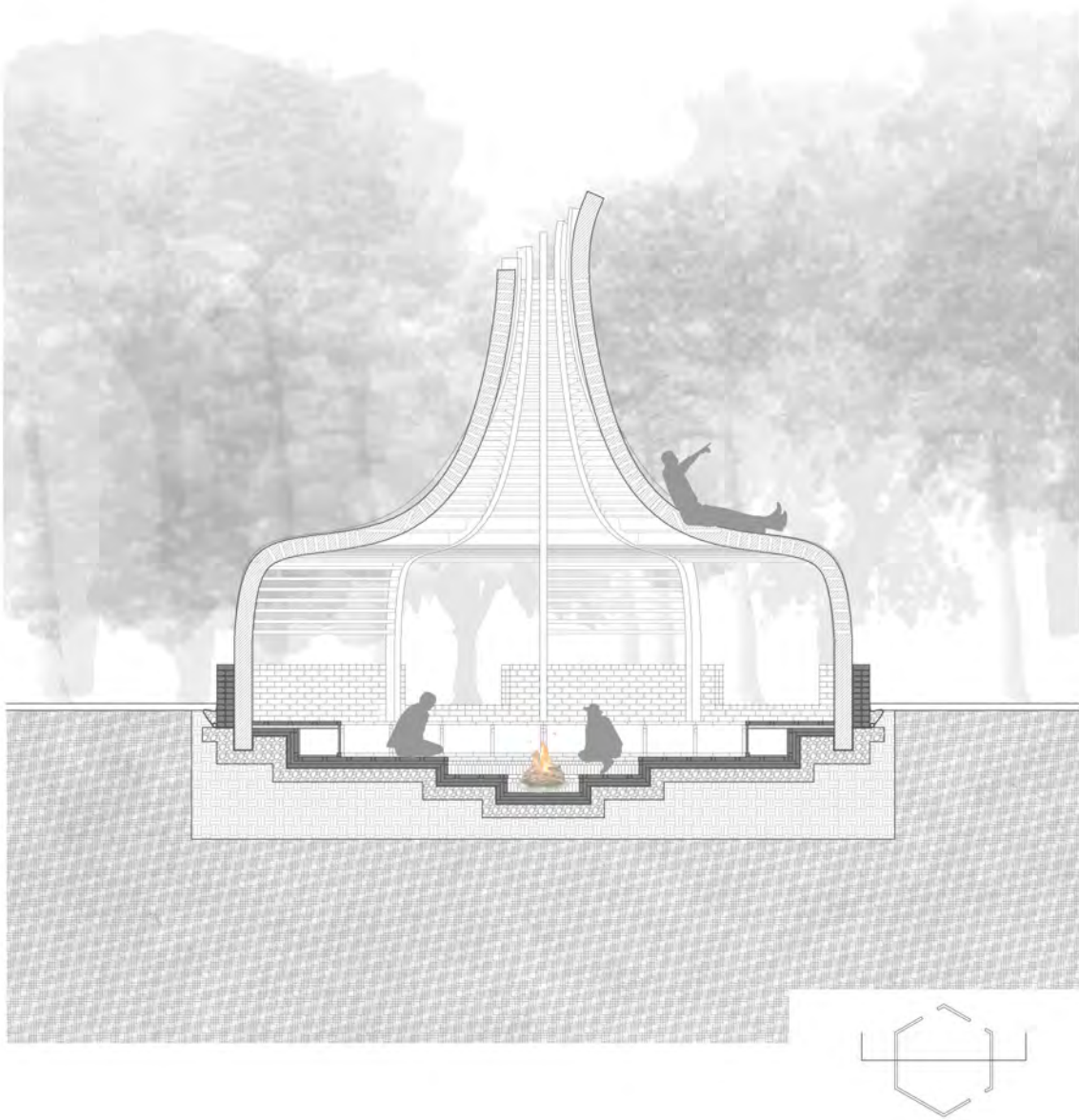




lugar e estar conectados virtualmente. Pois aqui ele apresenta-se como o oposto disso. Este Hotspot, pretende conectar as pessoas, mas numa dimensão real, física e palpável.

No desenvolver da forma deste último elemento espacial, percebeu-se que havia ainda uma conexão a um último elemento natural. Como Aristóteles chamava, a quinta essência, por outros chamado de éter, aqui chamaremos o espaço sideral, representa um elemento base da existência humana que não poderia ser deixado de parte.

Como vimos anteriormente, os povos primitivos guiavam-se pelas estrelas para definir o tempo, para definir estações secas e chuvosas, para saber em que direção seguir. Como tal, no Hotspot introduziu-se um primeiro contacto com o cosmo. Através da sua forma, e com um ripado de madeira transversal mais sólido, permite-se ter o acesso à parte de cima da estrutura, no qual as pessoas podem escalar e deitar-se a observar as estrelas da serra.



**Fig. 87** - Detalhe . Hotspot

1/100

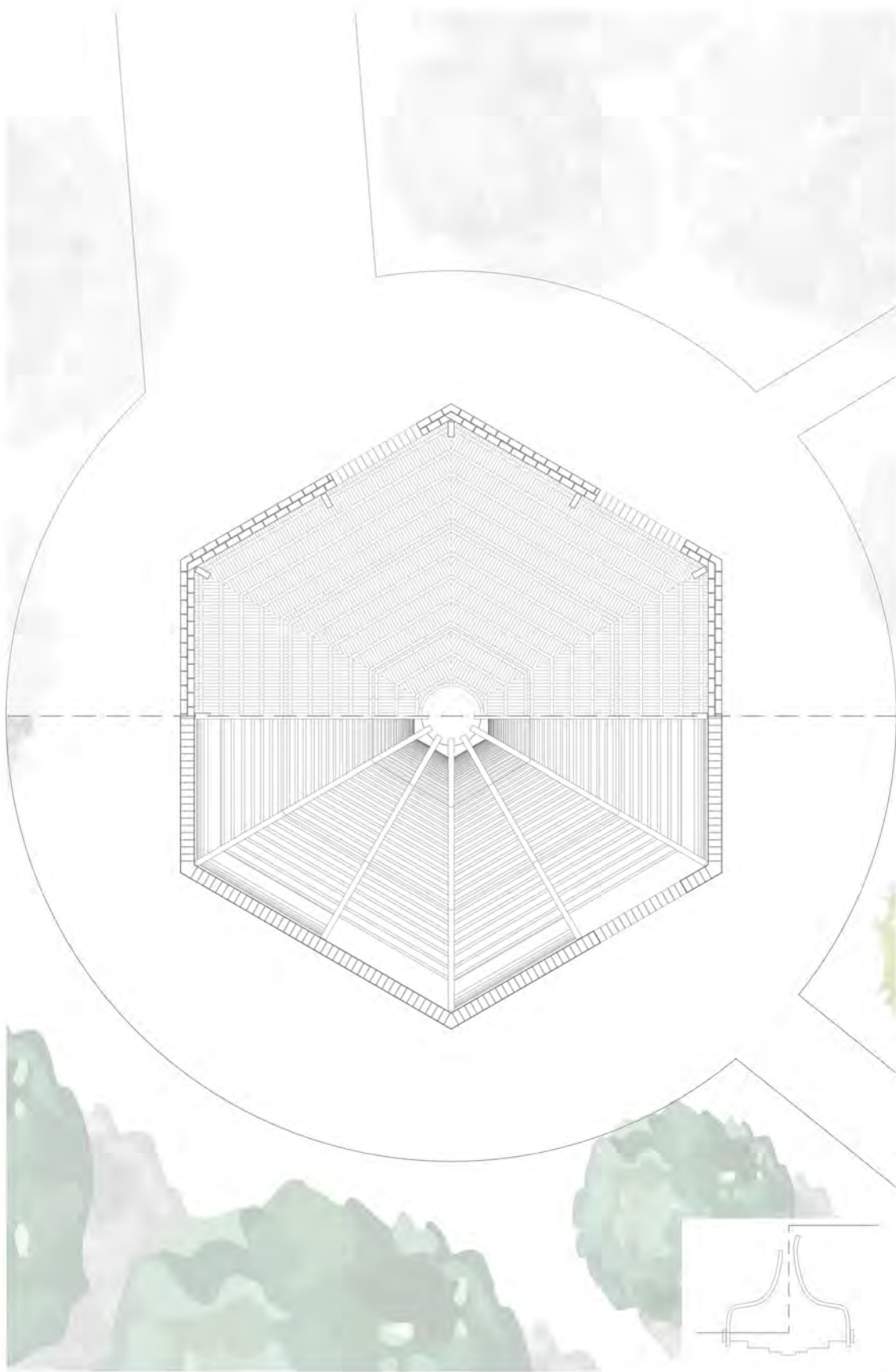
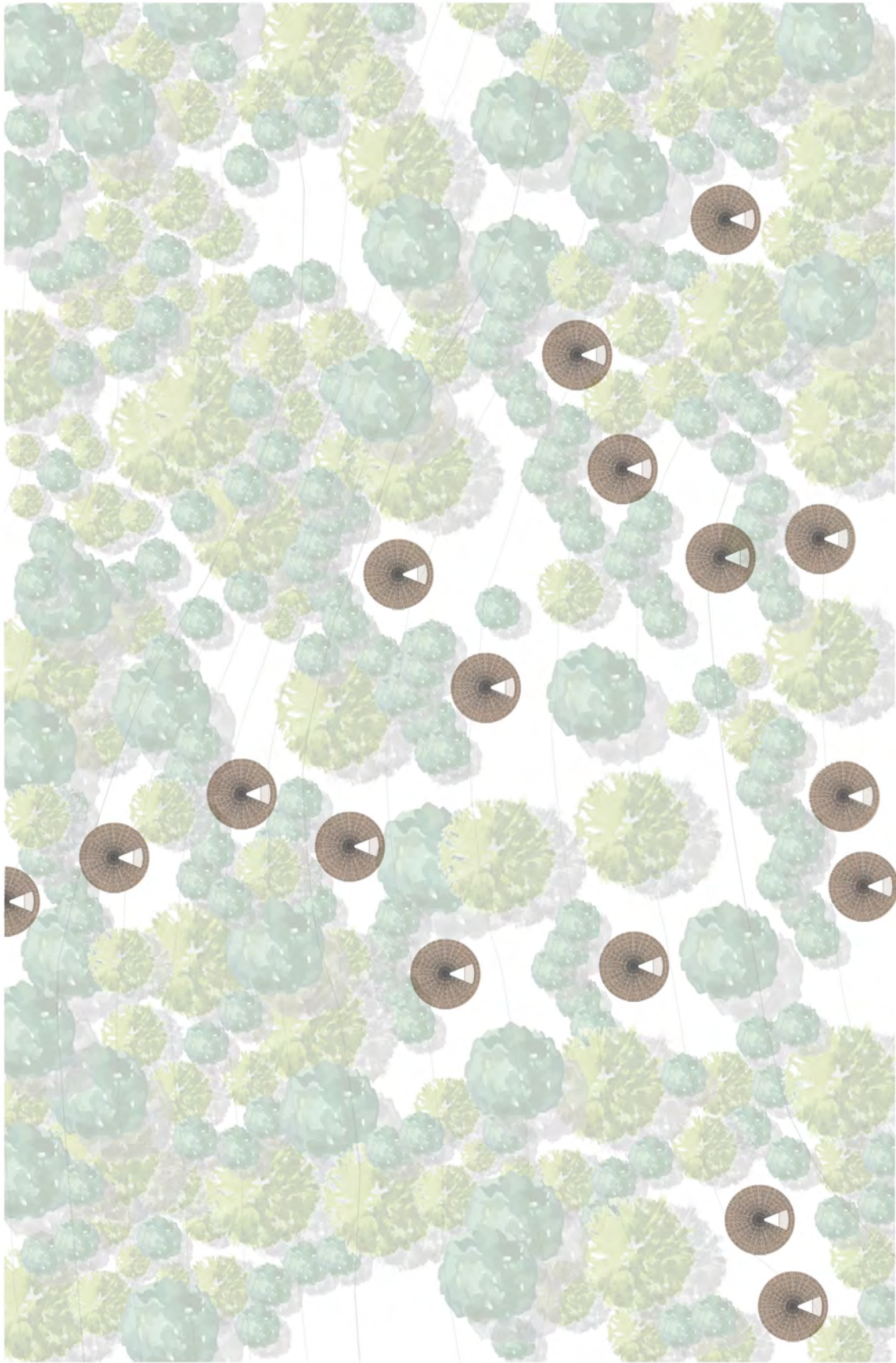



Fig. 88 - Planta de detalhe . Hotspot

1/100





**Fig. 89** - Planta de cobertura . Cabanas da Cerca

1/500 

## As Cabanas da Cerca

A componente turística de alojamento local, na Mata da Cerca, surgiu pela possibilidade de haver um contacto ainda mais profundo com este espaço natural e por uma necessidade de receita, que permitisse manter as pessoas a cuidar da manutenção do lugar. As receitas do restaurante não seriam suficientes para acomodar todas as despesas de um espaço com esta dimensão, por isso introduziram-se as Cabanas da Cerca, para permitir uma maior flexibilidade económica.

*Desde os tempos pré-históricos até à modernidade nunca o problema da habitação deixou de ser actual e de interessar - por vezes apaixonadamente - as criaturas humanas. Primitiva ou complicada, a existência do Homem não pode prescindir da cabana, gruta ou casa que lhe sirva de abrigo, garantindo-lhe, pelo menos, relativa tranquilidade e repouso retemperador. (...) Muda e varia o ângulo de observação dos que tratam o assunto, mas o objetivo permanece sempre ligado de muito perto à vida material e espiritual dos habitantes da Terra.*

(Lino, 1992, p. 9)

Assim brotam 20 cabanas no bosque, com o objetivo de traduzir o ato de habitar no seu estado mais primitivo. Vimos anteriormente que habitar, antigamente, implicava estar obrigatoriamente em contacto e sintonia com o meio onde se vive. A sobrevivência dependia desta relação. Foi segundo estas condições que se desenharam as Cabanas da Cerca.

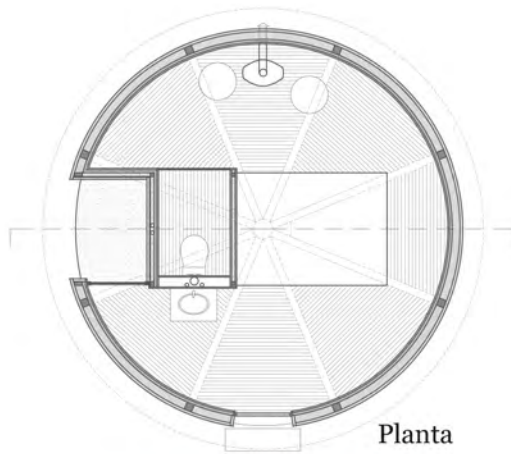
Este desenho foi inspirado nas construções primitivas da Serra da Estrela, construídas com pedras empilhadas e colmo nos telhados, de planta inicialmente circular.



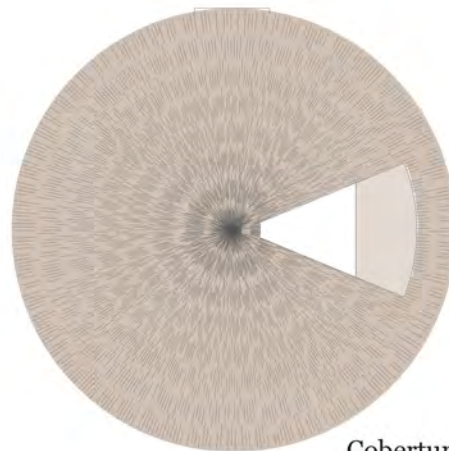
Alçado Sul



Corte



Planta



Cobertura



O projeto da cabana foi traçado com a planta circular, com o telhado em colmo, com a única exceção de paredes em madeira. Esta opção foi tomada devido à permanência da pedra. Havia uma intenção mais efémera, frágil, quase nómada para estas cabanas.

Esta componente do projeto simboliza a ligação plena com o cosmo e com os outros elementos. As características mais marcantes, que regeram o resto do projeto, foram a clarabóia aberta para o céu, sem possibilidade de bloquear a luz, e o banho, ao ar livre. Estas escolhas podem não parecer viáveis ao conforto, a uma primeira vista, mas o objetivo é precisamente o sair da zona do conforto, é o desafiar dos preconceitos espaciais e dos estigmas sociais, e submeter o corpo e a mente a esta exploração de limites sensíveis.

A clarabóia representa a conexão plena com o horário solar e a introspeção do céu noturno. O banho ao ar livre representa uma dinâmica mais selvagem da liberdade de tomar banho com a Natureza.

A cabana pode ser preparada para ter cama de casal, duas camas de solteiro, ou uma só cama de solteiro e só contém a cama com gavetas por baixo, as instalações sanitárias com sanita e lavatório, o duche no exterior e uma salamandra a *pellets* para aquecer nos tempos mais frios.

A função das cabanas serve só para dormidas e higienização sendo que se quer incentivar uma permanência ativa no exterior. As refeições destinam-se ao espaço comum que se encontra no centro do recinto das cabanas, onde se disponibilizam equipamentos de cozinha e alguns alimentos cultivados na Cerca, ou para o próprio restaurante.

*Há uma relação inequívoca entre a estrutura sensorial ou corpo e o objecto que é percebido, cada sensação inicia um conjunto de reacções corporais que mexem com as nossas sensações vitais, enfraquecendo ou fortalecendo-as* (Ramos, 2012). Com este projeto, a intenção foi sempre de reforçar os simbolismos trazidos pela natureza e criar o espaço onde estas sensações pudessem ser sentidas e fortalecidas. Gouveia revelou-se a cidade ideal para proporcionar este exercício de conexão com a Natureza.





## **Considerações Finais**

237



## **Especulação**

Após o encerramento do projeto, em conversa com o Presidente da Câmara, Dr. Luís Tadeu, soube-se que o terreno da Mata da Cerca se encontra presentemente à venda. O proprietário tem dois clientes possíveis, um português, que pretende encerrar a área para seu uso privado, como casa de férias de campo, e outro candidato francês, que tem planos de fazer algo muito aproximado à dinâmica que se criou neste desafio académico.

As esperanças incidem sobre o cliente francês, embora o proprietário tenha a preferência de entregar o terreno a mãos portuguesas. Neste caso, a decisão a tomar encontra-se dividida entre o fechar das portas de uma mata belíssima aos cidadãos de Gouveia, ou o de preservar este património local insubstituível, e de o proteger para os cidadãos de Gouveia e para os novos visitantes.

Esta ameaça, revela uma falta de consideração da parte da Câmara Municipal, por não assumir as rédeas sobre o património cultural e natural da cidade e falha por não pôr em revisão o Plano Diretor Municipal da Cidade de Gouveia. Enquanto a Mata da Cerca não for protegida sob a salvaguarda de Património de Interesse Cultural do Município, corre-se o risco de construção privada ou até demolição.



## Resultados

Esta dissertação procurou, numa primeira parte, identificar certos paradigmas que nos desconectaram da nossa natureza intrínseca. Depois, verificou-se que há coisas que estão a ser feitas corretamente e é nesses valores que devemos apostar como seres cohabitantes do planeta Terra. Dentro destes valores, o papel da arquitetura destaca-se pois tem uma relevância e permanência ímpares no desenrolar da atividade humana.

Na cidade de Gouveia foi possível explorar estes conceitos a um nível projetual, e experimentar novas espacialidades que vêm dar resposta a estas novas necessidades.

Numa investigação que se originou com um propósito de exploração do próprio corpo e do espaço existencial que o rodeia, com uma intenção meramente contemplativa, acabou por se refletir em algo mais relevante ainda. A necessidade de ativar a perceção humana para a comunicação das linguagens naturais, de modo a que se possa proporcionar um desenvolvimento em sintonia com a natureza. Esta comunicação é a chave para podermos evoluir de modo saudável e sustentável.

241

Uma das maiores dificuldades, no desenvolvimento deste trabalho, foi encontrar o desenho e os significados adequados à espacialidade pretendida. Devido à subjetividade da matéria, é um exercício um tanto sensível, em que a linha que separa o que estamos a defender e o que estamos a desencorajar é muito ténue.

Assim, esta dissertação de mestrado procurou a melhor simbiose possível entre a pertinência do paradigma sustentável e ecológico, na arquitetura, com a pertinência da saúde do corpo e da mente, em contacto com a natureza.



## **Índices**

243





## Índice de conteúdos

<b>Introdução</b>	15	155	Património edificado	
Oportunidade	17	157	Corredor Natural	
Objeto de estudo	19	159	Retrospetiva	
Objetivos	21	163	<b>A Mata da Cerca</b>	
Metodologia	23	165	A história da Cerca	
Estrutura	25	171	Análise local	
Motivação Pessoal	27	175	Casos de estudo e referências	
<b>Desconexão</b>	29	185	<u>A Mata da Cerca</u>	
Origens	31	187	Circulação	
Antropocentrismo	35	191	O Coração	
A Revolução Científica	41	195	Energia e Pedagogia	
Alienação dos sentidos	51	199	Os Elementos da Cerca	
<b>Conexão</b>	67	205	A Gruta	
Uma segunda visão sobre Origens	69	211	O Mirante	
O espaço de existir	79	221	As piscinas	245
A Revolução Ambiental	91	227	O Hotspot	
O espaço dos sentidos	101	233	As Cabanas da Cerca	
Duas palavras sobre Turismo e		237	<b>Considerações finais</b>	
Identidade	111	239	Especulação	
<b>Contexto Projetual</b>	119	241	Resultados	
<u>Análises</u>	121	243	<b>Índices</b>	
Território e Demografia	125	245	Índice de conteúdos	
Geofísica e Climática	131	247	Bibliografia	
Infraestrutura	135	251	Índice de Figuras	
Património edificado	137	265	<b>Anexos</b>	
Património natural	141	267	Painéis	
SWOT	145	271	Fotografias da Mata da Cerca	
<u>Estratégia urbana de grupo</u>	149	293	Processo	
Mobilidade	151			



## Bibliografia

### **Dissertações de Mestrado Gouveia:**

**CAVADAS, Inês** (2020) *A Perceção do Tempo no Espaço Público: Desenho de um novo Parque Urbano em Gouveia*, Departamento de Arquitetura, FCT-UC, Coimbra

**FALCÃO, Guilherme** (2019) *Projeto para a Oficina Têxtil Gouveense*, Departamento de Arquitetura, FCT-UC, Coimbra

**GRAVE, Filipe** (2020) *Residência Bellino&Bellino*, Departamento de Arquitetura, FCT-UC, Coimbra

---

**BACHELARD, Gaston** (1949) *A psicanálise do Fogo*, Livraria Martins Fontes Editora Lda., São Paulo

**BANDUCCI, Alvaro, BARRETTO, Margarita** (2001) *Turismo e Identidade Local: uma visão antropológica*, Papyrus

**BEHLING, Stefan** (2016) *Architecture and the Science of the Senses / Stefan Behling / TEDxGoodenoughCollege*, Ted Talks, disponível em Youtube

**CARDOSO, Maria** (2016) *O espaço do corpo*, FA-UP, Porto

247

**CORNER, James** (1999) *Essays in Contemporary Landscape Architecture: Recovering Landscape*, Princeton Architectural Press, Nova Iorque

**CUNHA, Hugo** (2012) *A Ecologização da Arquitetura*, Departamento de Arquitetura, FCT-UC, Coimbra

**DAMÁSIO, António** (2012) *Ao encontro de Espinosa*, Temas e Debates, Portugal

**Diário de Notícias** (Setembro, 2018) *Gouveia recupera edifícios do Estado para dinamizar rede ambiental na Serra da Estrela*

**GIUGLIANO, Lilian** (1997) *A razão das emoções: um ensaio sobre 'O erro de Descartes'*, Estudos de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília

**LEOPOLD, Aldo** (1949) *A Sand County Almanac*, Oxford University Press, Estados Unidos

**LINO, Raul** (1998) *Casas Portuguesas: Alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples*, Cotovia

**MCHARG, Ian** (1995) *Design with Nature*, John Wiley & Sons Inc., 2ª edição



**MEYER, Elizabeth** (1997) *The expanded field of Landscape Architecture*, John Wiley & Sons, Inc., Nova Iorque

**NESBITT, Kate** (2006) *Uma nova agenda para a Arquitetura*, Cosac&Naify

**NORBERG-SCHULZ, Christian** (1997) *Genius Loci. Paesaggio ambiente architettura*, Mondadori Electa

**PALLASMAA, Juhani** (2012) *The eyes of the skin*, John Wiley & Sons Inc., 4ª edição

**PIMENTEL, Emanuel** (2009) *A Desintegração da Paisagem: Filipe II, Petrarca e os astronautas*

*Plano de Ordenamento do Parque Natural da Serra da Estrela*, Relatório 2008

*Programa Estratégico de Reabilitação Urbana da ARU do Centro Histórico da Cidade de Gouveia e Área Envolvente Consolidada* (2017)

**RAMOS, Ana** (2012) *A Piscina de Marés e as Termas de Vals: por uma recuperação da experiência*, Departamento de Arquitetura, FCT-UC, Coimbra

*RCR Architectes 2012-2017, El Croquis 190* (2017), Fernando Márquez Cecilia y Richard Levene, arquitectos, Madrid

*RCR Architectes: International Portfolio, AV Monographs 175* (2015), Arquitectura Viva, Madrid

**SELMAN, Paul** (2006) *Planning at the Landscape Scale*, Routledge, Nova Iorque

**SEMPER, Gottfried** (1851) *The Four Elements of Architecture and Other Writings*, Cambridge University Press, Cambridge

**SILVA, Fábio, CAMPION, Nicholas** (2015) *Skyscapes: The Role and Importance of the Sky in Archaeology*, Oxbow Books

**SIMMEL, George** (1903) *A Metrópole e a Vida Mental*, (tradução:) Zahar Editores, Rio de Janeiro

**SIMÕES, Paulo** (2010) *A Paisagem Cultural do Buçaco: A Singularidade de um Território Turístico e de Lazer*, Faculdade de Letras da UC, Coimbra

**TORGA, Miguel** (1967) *Portugal*, 3ª edição, Coimbra



## Índice de figuras

**Fig. 1 - Praça de S. Pedro, Roma**

Disponível em [brasilartesenciclopedias.com.br/mobile/internacional/renascimento05.html](http://brasilartesenciclopedias.com.br/mobile/internacional/renascimento05.html) (consultado a 12, Julho, 2020)

**Fig. 2 - Vista aérea do Jardim de Versailles, Paris**

Disponível em Google Earth Pro (consultado a 12, Julho, 2020)

**Fig. 3 - Vista aérea dos Jardins da Vila d'Este, Tivoli**

Disponível em <http://europeanhistoricgardens.eu/en/portfolio-item/villa-deste-2/> (consultado a 12, Julho, 2020)

**Fig. 4 - Plan Voisin, Paris, Le Corbusier, 1925**

Disponível em [www.businessinsider.com/le-corbusiers-plan-voisin-for-paris-2013-7](http://www.businessinsider.com/le-corbusiers-plan-voisin-for-paris-2013-7) (consultado a 12, Julho, 2020)

**Fig. 5 - Jardim japonês Shinjuku-Gyoen, Tóquio**

Disponível em [sugoi-japan.com/best-japanese-gardens-in-japan](http://sugoi-japan.com/best-japanese-gardens-in-japan) (consultado a 12, Julho, 2020)

**Fig. 6 - Jardim japonês Shinjuku-Gyoen, Tóquio**

Disponível em [www.thetrentonline.com/15-amazing-places-asia-visit-least-once-life-time/shinjuku-gyoen-14/](http://www.thetrentonline.com/15-amazing-places-asia-visit-least-once-life-time/shinjuku-gyoen-14/) (consultado a 12, Julho, 2020)

251

**Fig. 7 - Jardins Boboli, Florença**

Disponível em [www.imuseidifirenze.it/palazzo-pitti/giardini-di-boboli/](http://www.imuseidifirenze.it/palazzo-pitti/giardini-di-boboli/) (consultado a 12, Julho, 2020)

**Fig. 8 - Projeto para um jardim inglês**

Disponível em [http://webdoc.sub.gwdg.de/edoc/ia/eese/artic27/sommer/4\\_2007.html](http://webdoc.sub.gwdg.de/edoc/ia/eese/artic27/sommer/4_2007.html) (consultado a 12, Julho, 2020)

**Fig. 9 - Jardim Beth Chatto, Colchester**

Disponível em <https://www.bethchatto.co.uk/gardens/about.htm> (consultado a 12, Julho, 2020)

**Fig. 10 - Ruela de Gouveia**

Fotografia participante no Concurso de Fotografias, Inês Saraiva, Outubro, 2018

**Fig. 11 - Igreja da Casa da Rainha do Mundo**

Fotografia participante no Concurso de Fotografias, Afonso Guimarães, Outubro, 2018





Fig. 12 - **Convento de S. Francisco, Gouveia - Fotografia vencedora do Património Natural**

Erica Roda, Outubro, 2018

Fig. 13 - **Novo Tribunal Judicial de Gouveia - Fotografia Vencedora do Concurso**

Afonso Guimarães, Outubro, 2018

Fig. 14 - **Identificação de Gouveia no Mapa de Portugal e Zona Centro**

Mapas realizados pelo coletivo da turma

Fig. 15 - **Identificação de Gouveia no Distrito da Guarda e o Município de Gouveia**

Mapas realizados pelo coletivo da turma

Fig. 16 - **Mapa da Cidade de Gouveia e Dados demográficos**

Mapas realizados pelo coletivo da turma

Fig. 17 - **Análise geofísica do Sistema Central**

Mapa realizado pela própria aluna

Fig. 18 - **Síntese das análises climáticas do Município de Gouveia**

Humidade Relativa, Amplitude Térmica, Ventos Predominantes e Radiação Solar

Mapas realizados pelo coletivo da turma

Fig. 19 - **Análises gerais. Estrutura viária**

Mapas realizados pelo coletivo da turma

Fig. 20 - **Análises gerais. Funções do Edificado**

Mapas realizados pelo coletivo da turma

Fig. 21 - **Análise do Património Edificado – Idade e Conservação**

Mapas realizados pelo coletivo da turma

Fig. 22 - **Análise do Património Edificado – Ocupação e Altimetria**

Mapas realizados pelo coletivo da turma

Fig. 23 - **Análises gerais. Estrutura verde**

Mapas realizados pelo coletivo da turma

Fig. 24 - **Parque Ecológico de Gouveia**

Disponível em <http://www.cm-gouveia.pt/espaco/parque-ecologico-de-gouveia/> (consultado a 12, Julho, 2020)

Fig. 25 - **Banco na Mata da Cerca**

Fotografia tirada pela própria aluna, Maio, 2020

Fig. 26 - **Síntese da análise SWOT**

Diagrama realizado pelo coletivo da turma



- Fig. 27 - **Proposta geral das estratégias de turma**  
Mapa realizado pelo coletivo da turma
- Fig. 28 - **Mapa e corte pelas intervenções individuais**  
Desenhos realizados pelo coletivo da turma
- Fig. 29 - **Diagrama de fluxos da Estratégia de Mobilidade**  
Mapa realizado pelo coletivo da turma
- Fig. 30 - **Rede de interesses da Estratégia de Património Edificado**  
Mapa realizado pelo coletivo da turma
- Fig. 31 - **Mapa do Corredor Verde**  
Mapa realizado pelo coletivo da turma
- Fig. 32 - **Primeira exposição no D'Arq**  
Fotografia registada por Inês Cavadas
- Fig. 33 - **Maquete na primeira exposição no D'Arq**  
Fotografia registada por Inês Cavadas
- Fig. 34 - **Painel individual da primeira exposição no D'Arq**  
Desenhos realizados pela própria aluna
- Fig. 35 - **Fotografia da maquete na exposição oficial nos Paços do Concelho de Gouveia**  
Fotografia registada pela própria aluna
- Fig. 36 - **A Cerca**  
Fotografia registada pela própria aluna
- Fig. 37 - **Portão da Cerca**  
Fotografia registada pela própria aluna
- Fig. 38 - **A Casa da Cerca**  
Fotografia registada pela própria aluna
- Fig. 39 - **Comparação de escalas entre a Mata do Buçaco e a Mata da Cerca**  
Diagrama realizado pela própria aluna
- Fig. 40 - **Mata do Buçaco**  
Disponível em <http://europeanhistoricgardens.eu/fr/portfolio-item/foret-de-bussaco/> (consultado a 12, Julho, 2020)
- Fig. 41 - **Mata da Cerca**  
Fotografia registada pela própria aluna



- Fig. 42 - **Desenho da Capela dos Marquês**  
Desenho de Raul Lino, disponibilizados pelo Arqueólogo Joel Correia
- Fig. 43 - **Desenho de detalhe do alpendre da Casa da Cerca**  
Desenho de Raul Lino, disponibilizados pelo Arqueólogo Joel Correia
- Fig. 44 - **Diagrama de acessos e património de interesse da Mata da Cerca**  
Diagramas realizados pela própria aluna
- Fig. 45 - **Planta do Parque das Pedras Salgadas**  
Disponível em <https://www.dezeen.com/2012/12/07/eco-resort-pedras-salgadas-by-luis-rebelo-de-andrade-diogo/> (consultado a 12, Julho, 2020)
- Fig. 46 - **Restauro do Spa, de Siza Vieira**  
Disponível em [www.agoda.com/pt-pt/errorpage.html?aspxerrorpath=%2fNewSite%2fpt-pt%2fhotel%2findex%2f472950%2f&cid=1844104](http://www.agoda.com/pt-pt/errorpage.html?aspxerrorpath=%2fNewSite%2fpt-pt%2fhotel%2findex%2f472950%2f&cid=1844104) (consultado a 12, Julho, 2020)
- Fig. 47 - **Comparação da Morfologia entre o Parque das Pedras Salgadas e a Mata da Cerca**  
Diagramas realizados pela própria aluna
- Fig. 48 - **Cabanas do Parque das Pedras Salgadas**  
Disponível em [www.booking.com/hotel/pt/pedras-salgadas-spa-and-nature-park.pt-pt.html](http://www.booking.com/hotel/pt/pedras-salgadas-spa-and-nature-park.pt-pt.html) (consultado a 12, Julho, 2020)
- Fig. 49 - **Snake House do Parque das Pedras Salgadas**  
Disponível em [www.modular-system.com/pt/projectos/snake-houses/](http://www.modular-system.com/pt/projectos/snake-houses/) (consultado a 12, Julho, 2020)
- Fig. 50 - **Planta do Hotel Le Bois Fleuri, RCR Architectes**  
Disponível em [afasiaarchzine.com/2017/05/rcr-29/](http://afasiaarchzine.com/2017/05/rcr-29/) (consultado a 12, Julho, 2020)
- Fig. 51 - **Alçado do Hotel Le Bois Fleuri, RCR Architectes**  
Disponível em [afasiaarchzine.com/2017/05/rcr-29/](http://afasiaarchzine.com/2017/05/rcr-29/) (consultado a 12, Julho, 2020)
- Fig. 52 - **Modelo dos ‘ninhos’ do Hotel Le Bois Fleuri**  
Disponível em [afasiaarchzine.com/2017/05/rcr-29/](http://afasiaarchzine.com/2017/05/rcr-29/) (consultado a 12, Julho, 2020)
- Fig. 53 - **Corte dos ‘ninhos’ do Hotel Le Bois Fleuri**  
RCR Arquitectes: International Portfolio, AV Monographs 175 (2015), Arquitectura Viva, Madrid



- Fig. 54 - **Corte dos 'ninhos' do Hotel Le Bois Fleuri**  
RCR Architectes: International Portfolio, AV Monographs 175 (2015),  
Arquitectura Viva, Madrid
- Fig. 55 - **Planta de percursos pré-existentes e edificado a restaurar**  
Planta realizada pela própria aluna
- Fig. 56 - **Planta de Circulação da Mata da Cerca**  
Planta realizada pela própria aluna
- Fig. 57 - **Planta de percursos pedonais e automóveis**  
Planta realizada pela própria aluna
- Fig. 58 - **Planta do coração da Cerca**  
Planta realizada pela própria aluna
- Fig. 59 - **Azulejos de Bordalo Pinheiro presentes na Capela dos Marqueses**  
Disponível em [museubordalopinheiro.pt/item/rafael-bordalo-pinheiro-cerca-1884-1905-mrbp-azu-0015-museu-bordalo-pinheiro-lisboa/](http://museubordalopinheiro.pt/item/rafael-bordalo-pinheiro-cerca-1884-1905-mrbp-azu-0015-museu-bordalo-pinheiro-lisboa/) (consultado a 12, Julho, 2020)
- Fig. 60 - **Diagrama da rede hídrica e energias**  
Diagrama realizado pela própria aluna
- Fig. 61 - **Diagrama esquemático das dinâmicas presentes no projeto**  
Diagrama realizado pela própria aluna
- Fig. 62 - **Cronologia de fotos aéreas da Mata da Cerca**  
Diagrama realizado pela própria aluna
- Fig. 63 - **Diagrama conceptual dos Elementos da Cerca**  
Diagrama realizado pela própria aluna
- Fig. 64 - **Diagrama de funções noturnas e diurnas**  
Diagrama realizado pela própria aluna
- Fig. 65 - **Diagrama das estações do ano recomendadas para cada Elemento**  
Diagrama realizado pela própria aluna
- Fig. 66 - **Diagrama dos sentidos que cada elemento estimula**  
Diagrama realizado pela própria aluna
- Fig. 67 - **Diagrama dos elementos principais que cada objeto simboliza e elementos secundários**  
Diagrama realizado pela própria aluna
- Fig. 68 - **Planta . Gruta, 1/500**  
Desenho realizado pela própria aluna





- Fig. 69 - **Planta de cobertura . Gruta, 1/500**  
Desenho realizado pela própria aluna
- Fig. 70 - **Corte longitudinal e transversal . Gruta, 1/200**  
Desenho realizado pela própria aluna
- Fig. 71 - **Planta de detalhe e corte transversal . Gruta 1/100**  
Desenho realizado pela própria aluna
- Fig. 72 - **Planta de cobertura . Mirante 1/500**  
Desenho realizado pela própria aluna
- Fig. 73 - **Alçado frontal e planta . Mirante, 1/500**  
Desenho realizado pela própria aluna
- Fig. 74 - **Corte e planta da estrutura . Mirante, 1/500**  
Desenho realizado pela própria aluna
- Fig. 75 - **Planta . Mirante, 1/200**  
Desenho realizado pela própria aluna
- Fig. 76 - **Corte transversal . Mirante, 1/200**  
Desenho realizado pela própria aluna
- Fig. 77 - **Detalhe . Mirante, 1/100**  
Desenho realizado pela própria aluna
- Fig. 78 - **Detalhe . Mirante, 1/100**  
Desenho realizado pela própria aluna
- Fig. 79 - **Planta de cobertura . Piscinas, 1/500**  
Desenho realizado pela própria aluna
- Fig. 80 - **Corte longitudinal . Piscinas, 1/500**  
Desenho realizado pela própria aluna
- Fig. 81 - **Planta de intervenção . Piscinas, 1/200**  
Desenho realizado pela própria aluna
- Fig. 82 - **Corte transversal pelo deck . Piscinas, 1/200**  
Desenho realizado pela própria aluna
- Fig. 83 - **Detalhe pelo deck . Piscinas, 1/100**  
Desenho realizado pela própria aluna
- Fig. 84 - **Corte transversal pela ponte . Piscinas, 1/200**  
Desenho realizado pela própria aluna



- Fig. 85 - **Detalhe pela ponte . Piscinas, 1/100**  
Desenho realizado pela própria aluna
- Fig. 86 - **Planta de coberturas . Hotspot, 1/500**  
Desenho realizado pela própria aluna
- Fig. 87 - **Detalhe . Hotspot, 1/100**  
Desenho realizado pela própria aluna
- Fig. 88 - **Planta de detalhe . Hotspot, 1/100**  
Desenho realizado pela própria aluna
- Fig. 89 - **Planta de coberturas . Cabanas da Cerca**  
Desenho realizado pela própria aluna
- Fig. 90 - **Cabanas da Cerca, 1/100**  
Desenho realizado pela própria aluna







Análise geofísica do Sistema Central



Identificação de Gouveia no Mapa de Portugal



Identificação de Gouveia na Zona Centro



Identificação de Gouveia no Distrito da Guarda



Município de Gouveia



Análise SWOT



Ribeira Ajax  
**Gouveia**  
 Cidade  
 200 m  
 738 hab/km<sup>2</sup>  
 7,4 hab/ha  
 4,7km<sup>2</sup>  
 3 472 hab



Mapa da Cidade de Gouveia e Dados demográficos



Análise da estrutura verde de Gouveia

## A Mata da Cerca em Gouveia

Um lugar para a reconexão natural e a experimentação sensorial

Laboratório de Projeto II C, sob orientação do Professor Doutor João Paulo Cardielos  
 Ana Bárbara Rios Cardoso Ferreira Batista, Julho de 2020

D'Arq  
 FCT.UC

1 2 9 0  
 UNIVERSIDADE D  
 COIMBRA



01  
 04

# Painéis

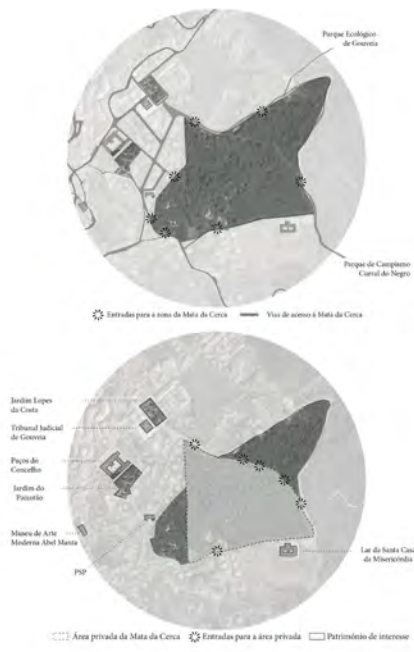
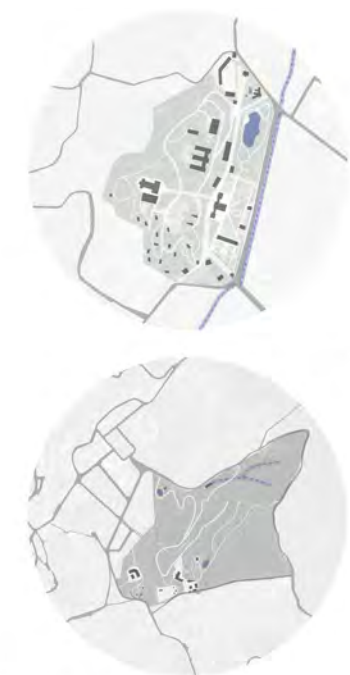


Diagrama de acessos e património de interesse da Mata da Cerca



Comparação da Morfologia entre o Parque das Pedras Salgadas e a Mata da Cerca



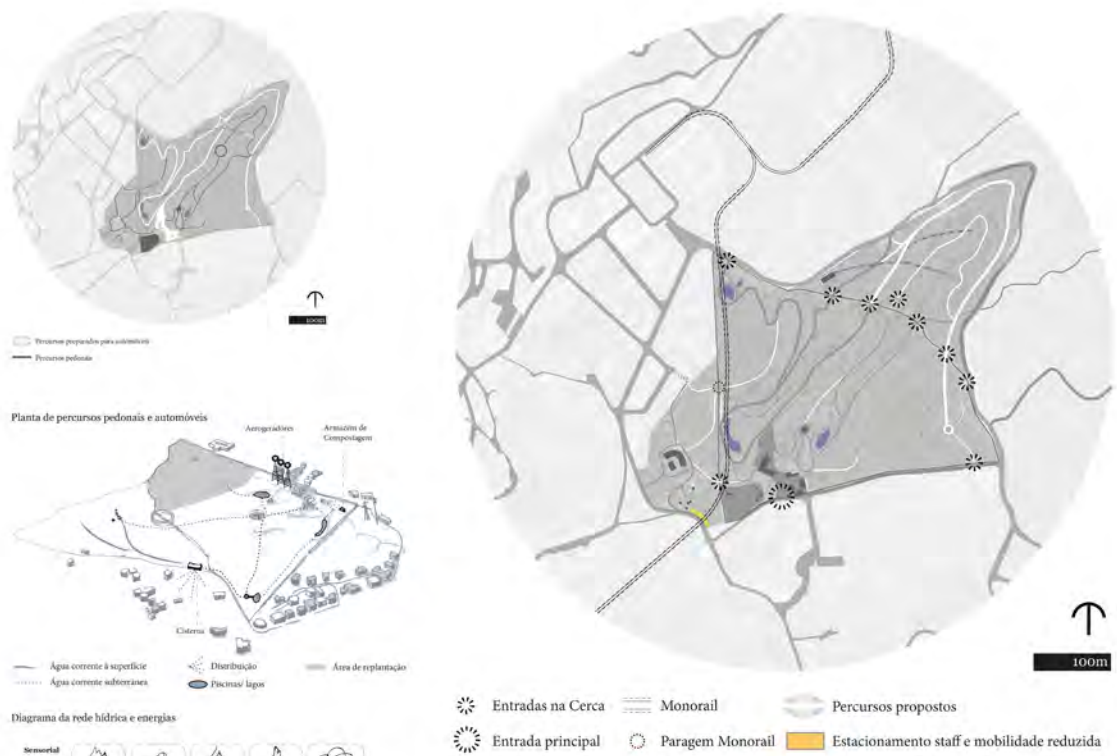
Planta do Coração da Cerca



Planta de percursos preexistentes e edificado a restaurar

**A Mata da Cerca em Gouveia**  
 Um lugar para a reconexão natural e a experimentação sensorial  
 Laboratório de Projeto II C, sob orientação do Professor Doutor João Paulo Cardielos  
 Ana Bárbara Rios Cardoso Ferreira Batista, Julho de 2020

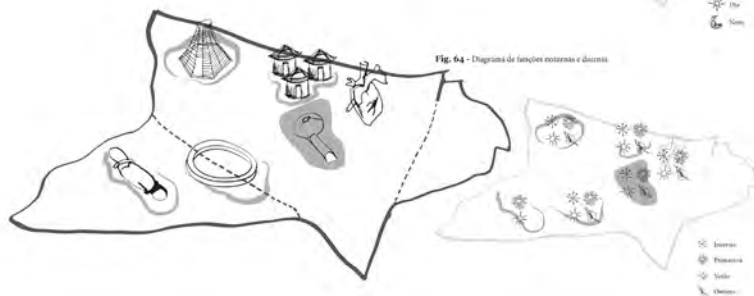
D'Arq FCT.UC 12 90  
 UNIVERSIDADE DE COIMBRA GOUVEIA A NOSSA ESTRELA  
 02 / 04



**Fig. 56 - Planta de Circulação da Mata da Cerca**

Planta de Circulação da Mata da Cerca

Diagrama esquemático das dinâmicas presentes no projeto



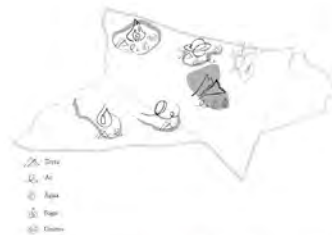
**Fig. 64 - Diagrama de funções essenciais e duráveis**



**Fig. 66 - Diagrama dos sentidos que cada elemento estimula**

Diagrama conceptual do projeto

**Fig. 65 - Diagrama das estações da zona recomendadas para cada elemento**



**Fig. 67 - Diagrama dos elementos principais que cada objeto simboliza e elementos secundários**

**A Mata da Cerca em Gouveia**  
Um lugar para a reconexão natural e a experimentação sensorial

Laboratório de Projeto II C, sob orientação do Professor Doutor João Paulo Cardielos  
Ana Bárbara Rios Cardoso Ferreira Batista, Julho de 2020

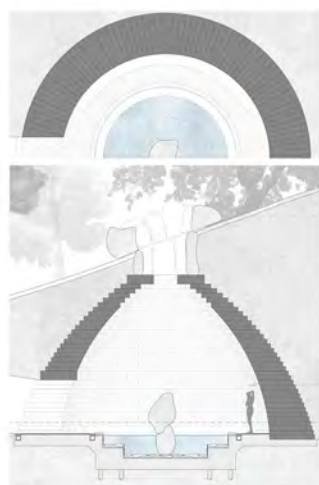
D'Arq  
FCT.UC

12 90  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

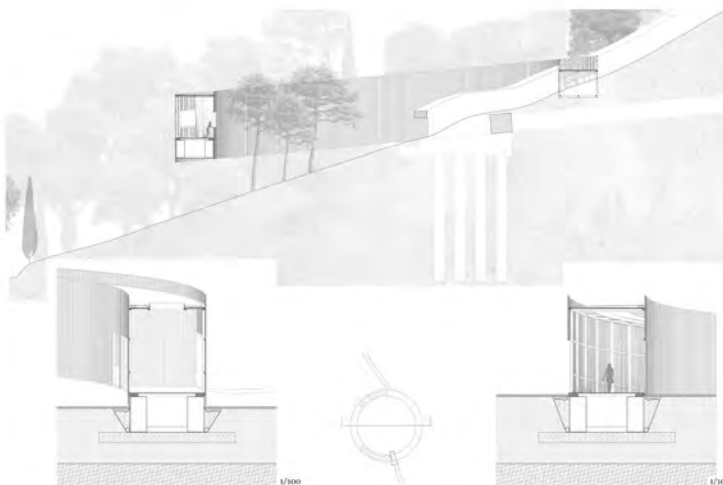
GOUVEIA  
A NOSSA ESTRELA

03  
04

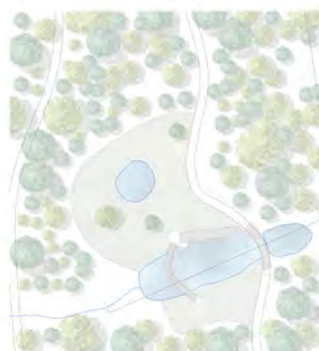




Planta de detalhe e corte transversal . Gruta



Corte e Detalhes . Mirante



Planta . Piscinas



Corte longitudinal . Piscinas



Corte deck . Piscinas



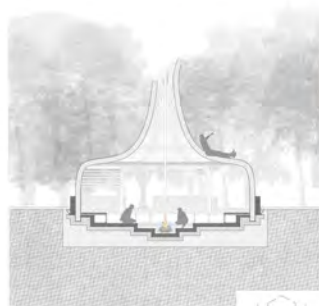
Corte ponte . Piscinas



Detalhe deck . Piscinas



Detalhe ponte . Piscinas



Detalhe . Hotspot



Cobertura



Planta



Alçado Sul



Corte

As Cabanas

## A Mata da Cerca em Gouveia

Um lugar para a reconexão natural e a experimentação sensorial

Laboratório de Projeto II C, sob orientação do Professor Doutor João Paulo Cardielos  
Ana Bárbara Rios Cardoso Ferreira Batista, Julho de 2020

D'Arq  
FCT.UC

1 2 9 0

UNIVERSIDADE D  
COIMBRA



GOUVEIA  
A NOSSA ESTRELA

04  
04



270

Entrada na Mata pelo eixo dos Paços do Concelho



Flora da Mata da Cerca

## Fotografias da Mata da Cerca



Flora da Mata da Cerca

271



Flora da Mata da Cerca



Vista da entrada oeste da Mata da Cerca

272



Banco de azulejos



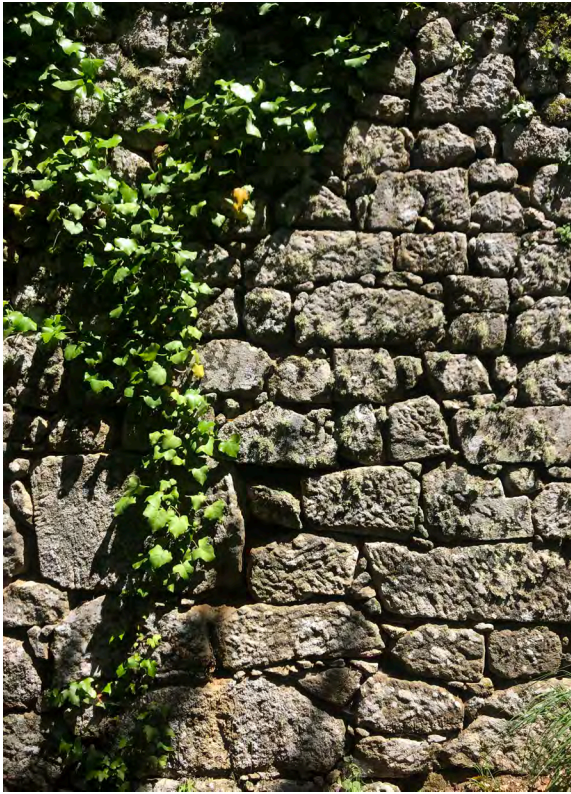
Mesas de merendas



Anfiteatro . Vista para o palco



Anfiteatro . Vista para as bancadas



274

Textura da Cerca



Antigo poço



Folha de uma planta



A Cerca coberta de heras



276

Flora da Mata da Cerca



A Cerca





Momento no lago onde se propões o tratamento por plantas aquáticas



Portão da entrada Norte



278

Lago onde se propõe o tratamento por plantas aquáticas



A aluna na Mata da Cerca



Vista para fora da Mata, onde se propõe a cisterna



Percurso na Mata da Cerca



Fileira de árvores

280



Antigo poço coberto de heras



Momento no percurso



Pinheiro na Mata da Cerca



282

Percurso na Mata da Cerca



A Cerca



Afloramento rochoso na Mata da Cerca



Afloramento rochoso na Mata da Cerca



284

Bancos e antigo poço



A Casa da Cerca . Alçado frontal





A Casa da Cerca . Lateral Norte



A Casa da Cerca . Detalhe varanda



286

A Casa da Cerca . Alçado este



A Casa da Cerca . Alçado este



A Casa da Cerca . Detalhe do canto entre Alçado frontal e lateral



A Casa da Cerca . Detalhe lago



Fileira de árvores



288

Vista da Casa da Cerca a partir das casas do staff



Implantação das Piscinas



Alçado lateral da Capela dos Marqueses



Implantação das Piscinas



Vista da Capela para o exterior

290



A Cerca . Implantação do Mirante



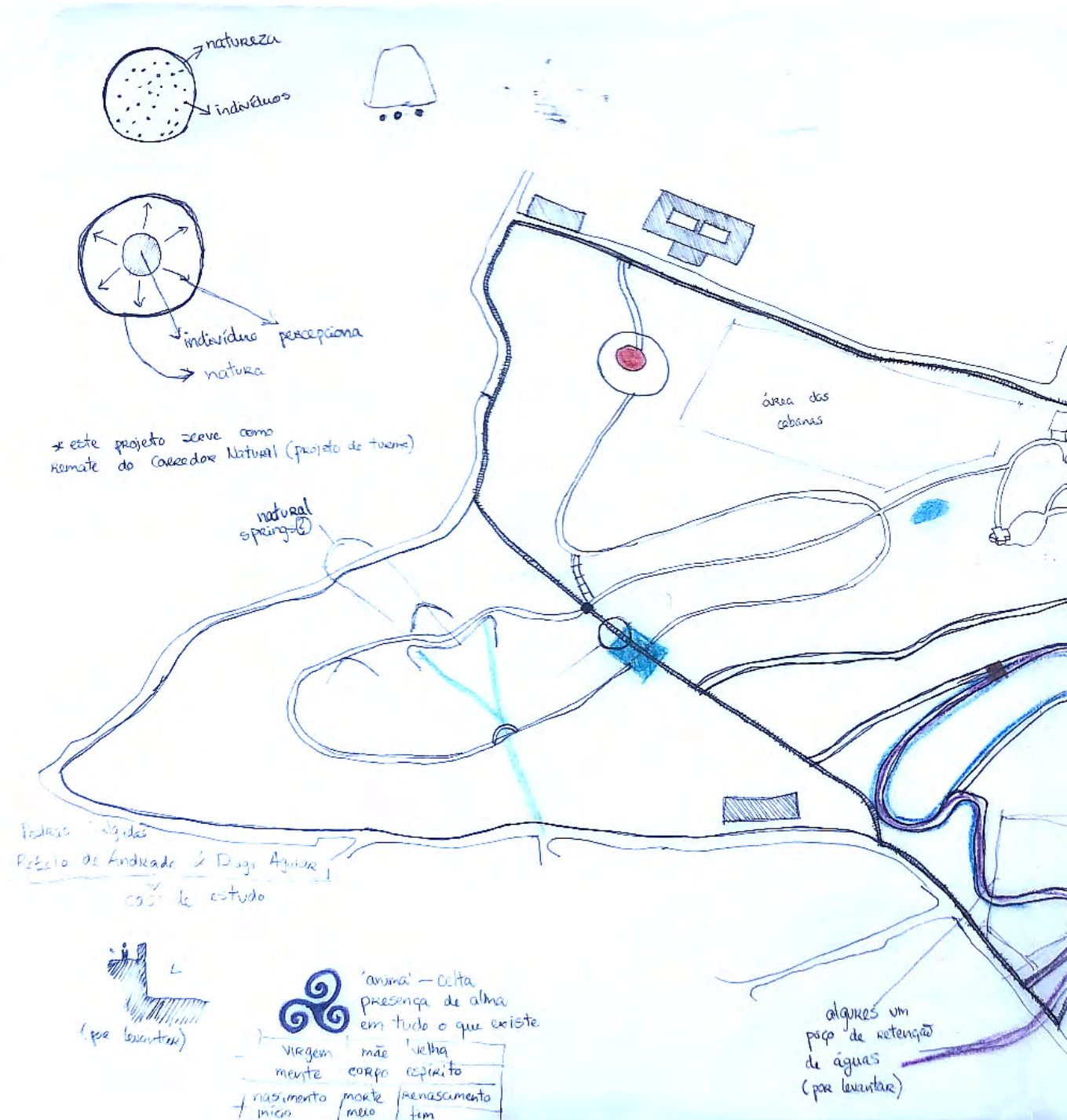
Vista aproximada do Mirante



Entrada Norte, na parte pública da Mata da Cerca



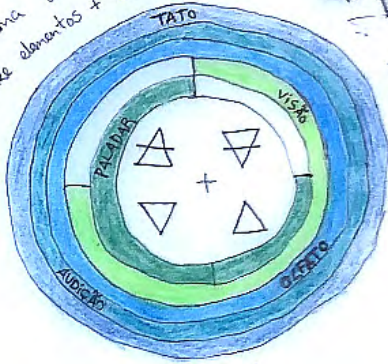
A aluna na Casa da Cerca



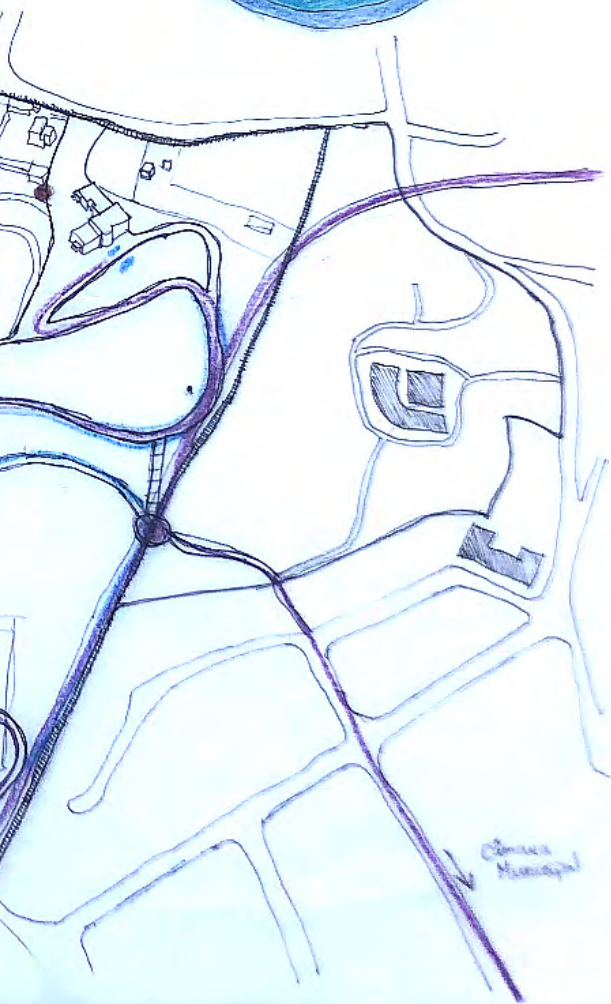
Esquços . Dimensão aproximada A1



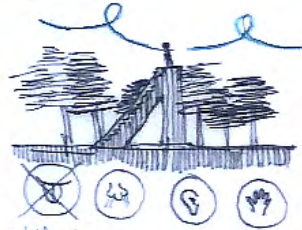
Diagrama da conexão entre elementos + sentidos



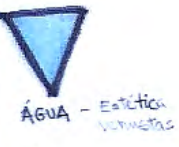
Parque sensorial de contacto com os elementos



- Miradouro
- ponto de leitura
- ponto de passagem pela cidade



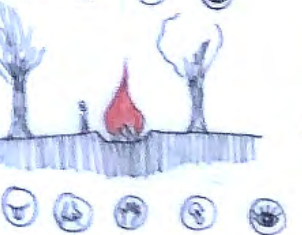
- canais de drenagem da água em excesso
- poço de recolha
- ponto de tratamento (?)
- molinete



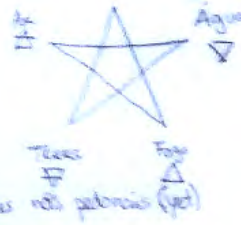
- diferentes tipos de piso
- grutas
- resistências nas pedras/rochas
- caminhos cobertos por vegetação



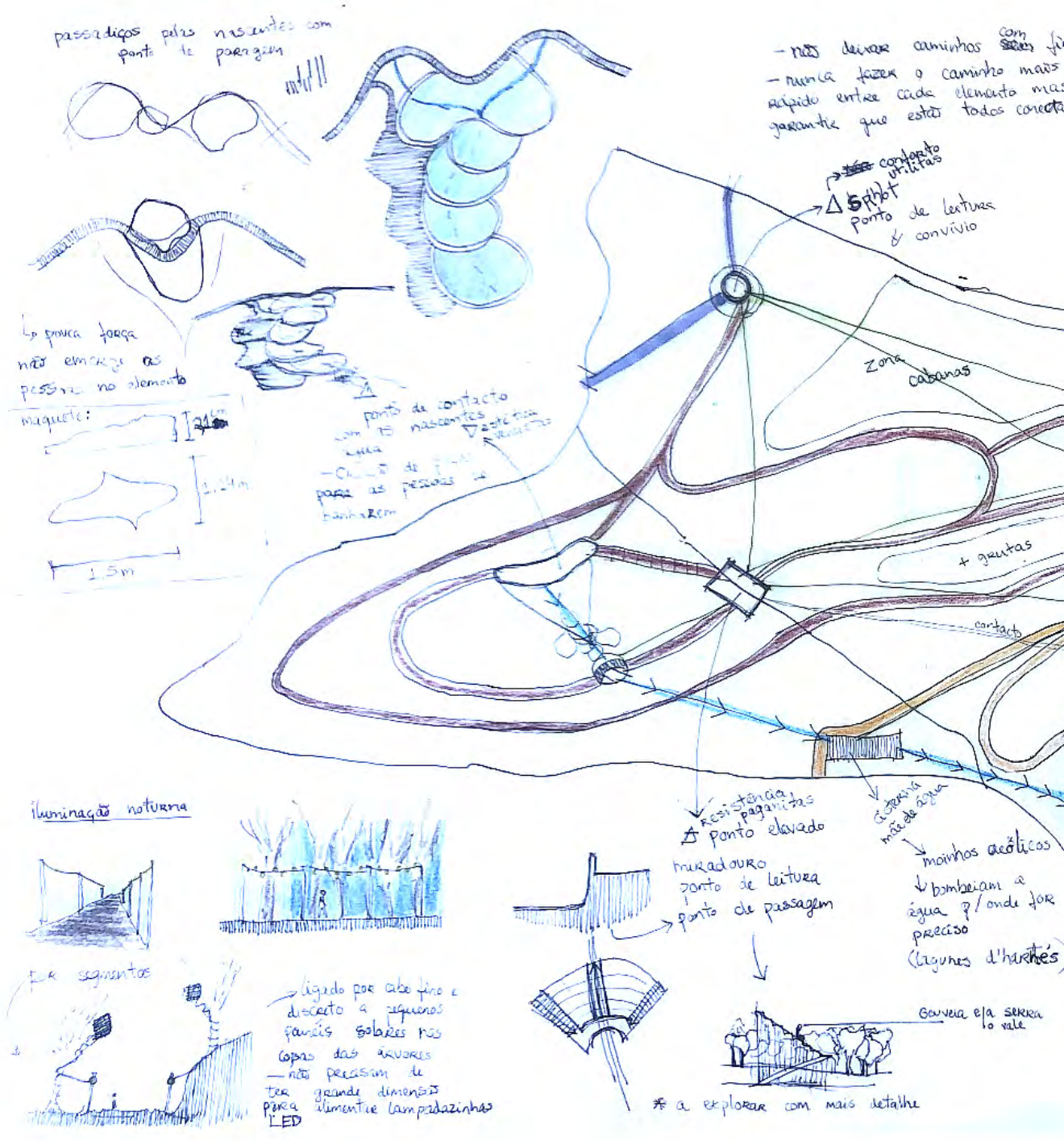
- miradouro
- ponto de leitura
- ponto de passagem



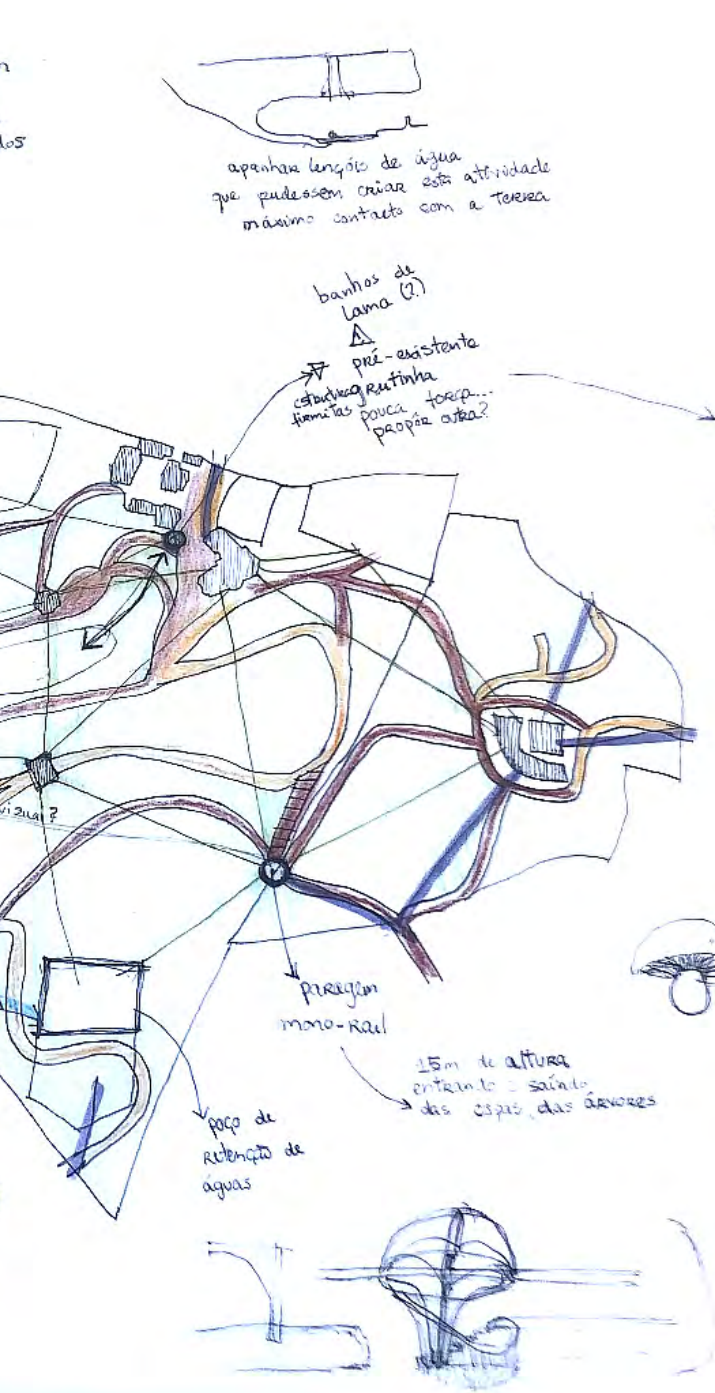
○ Espirito/Cosmos



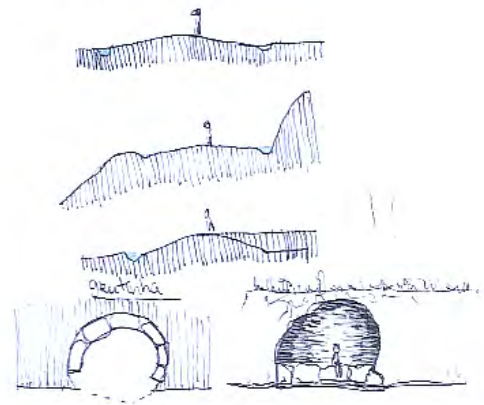
Triângulo elemento : cosmos



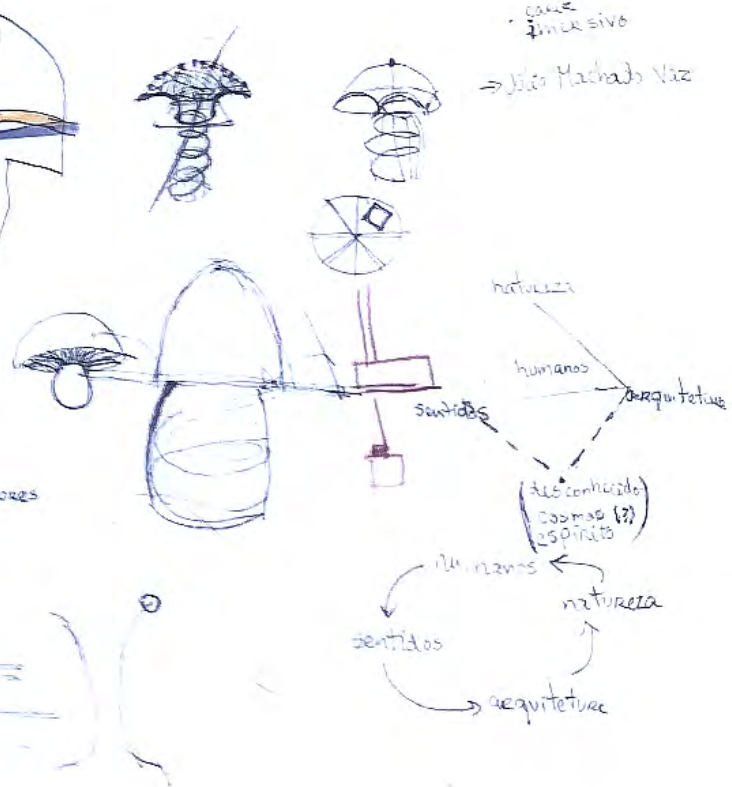
Esquços . Dimensão aproximada A1

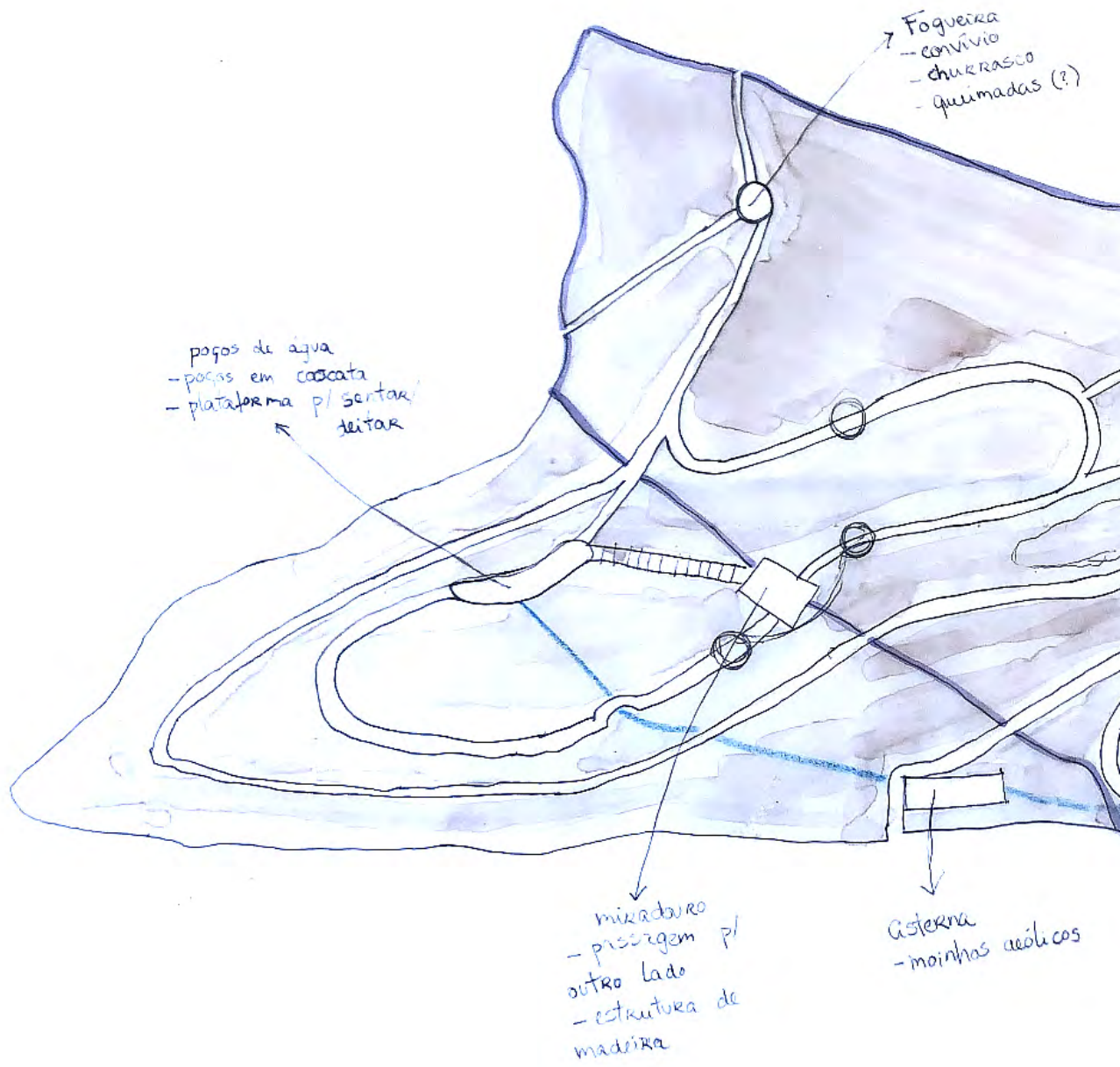


tipologias de caminhos

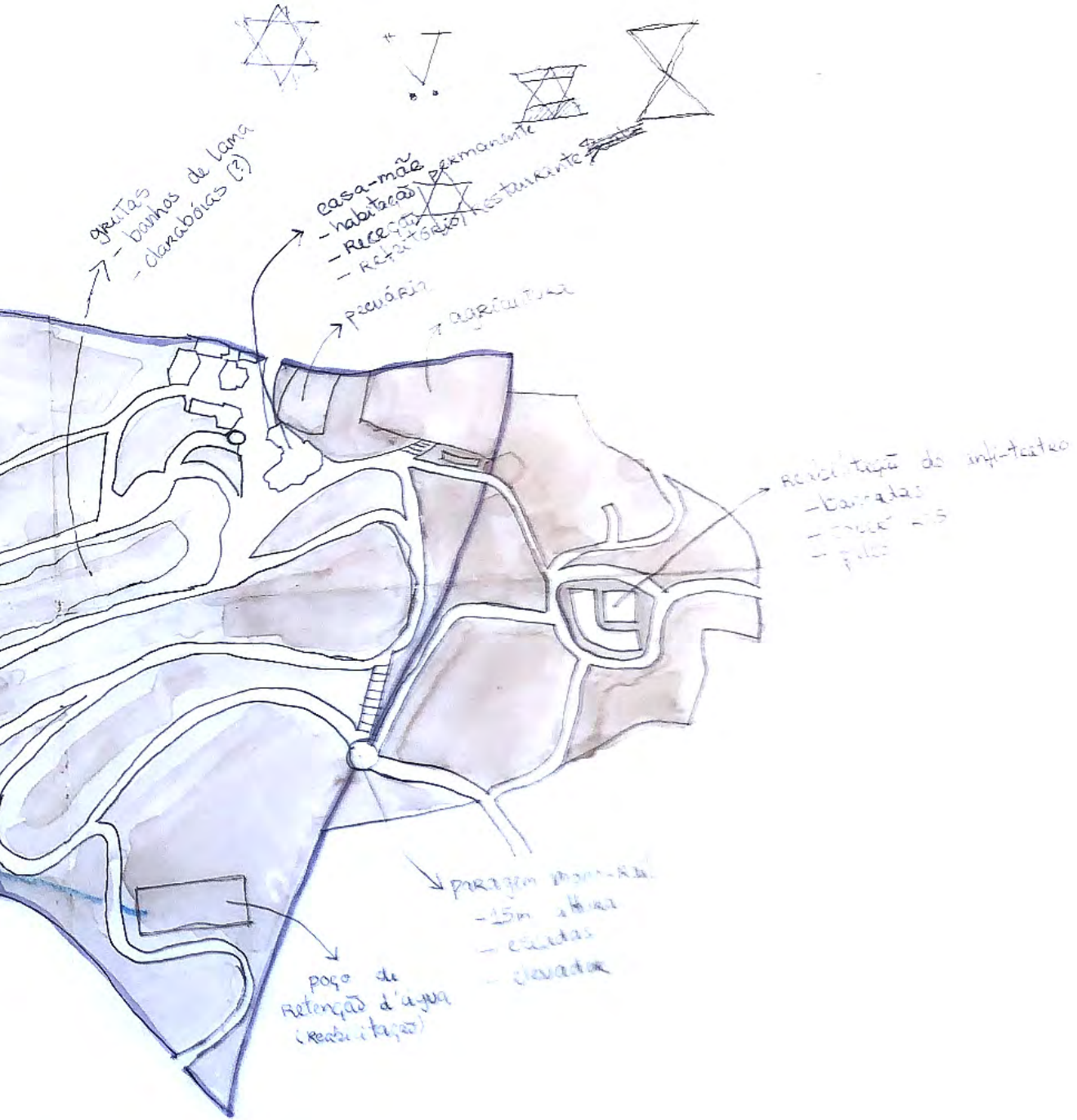


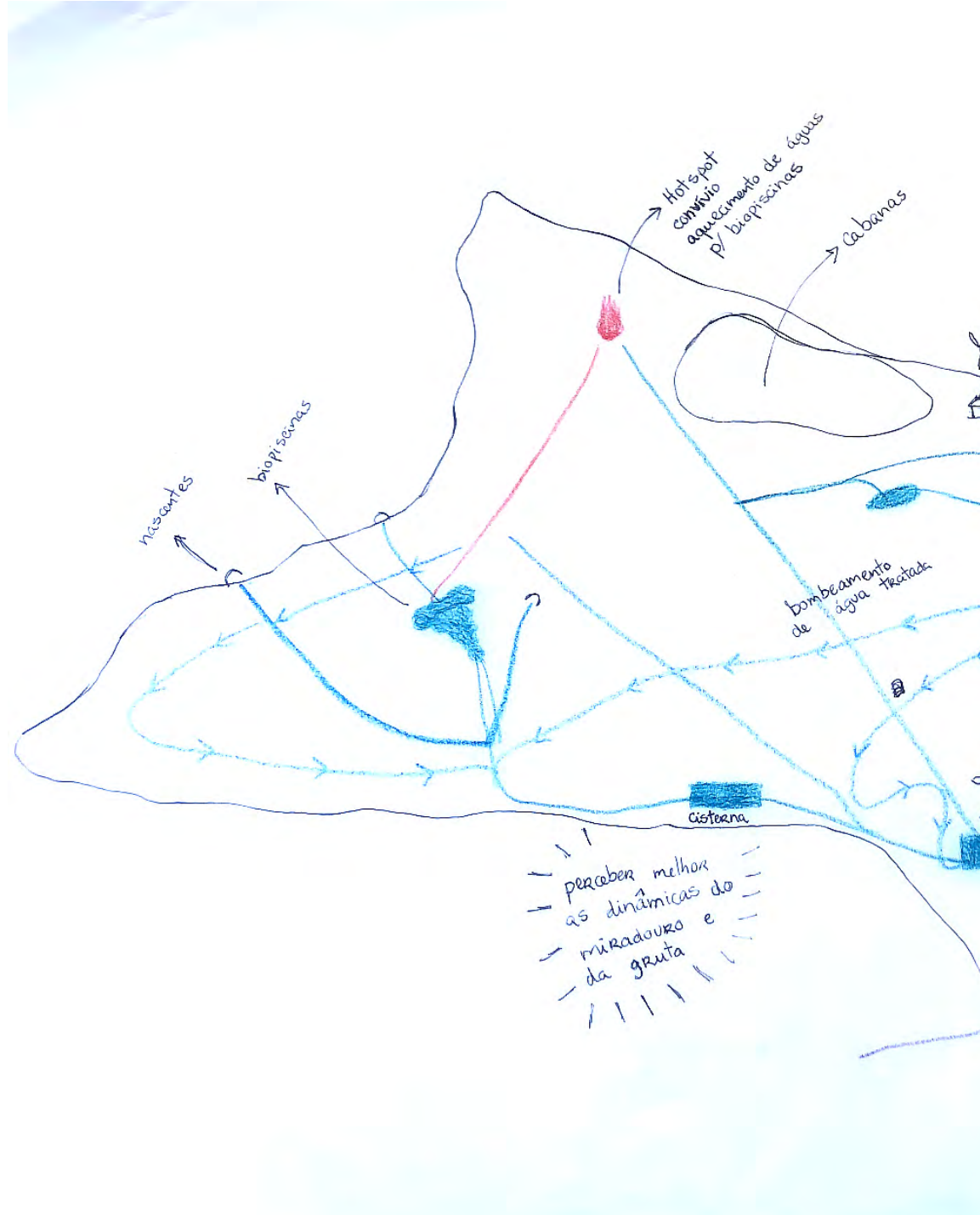
paragem de mono-rail



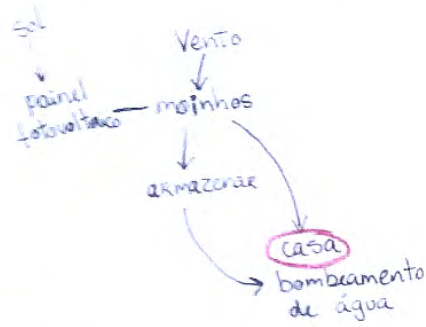
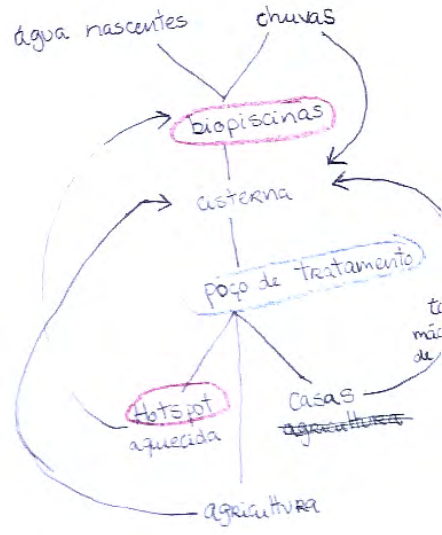


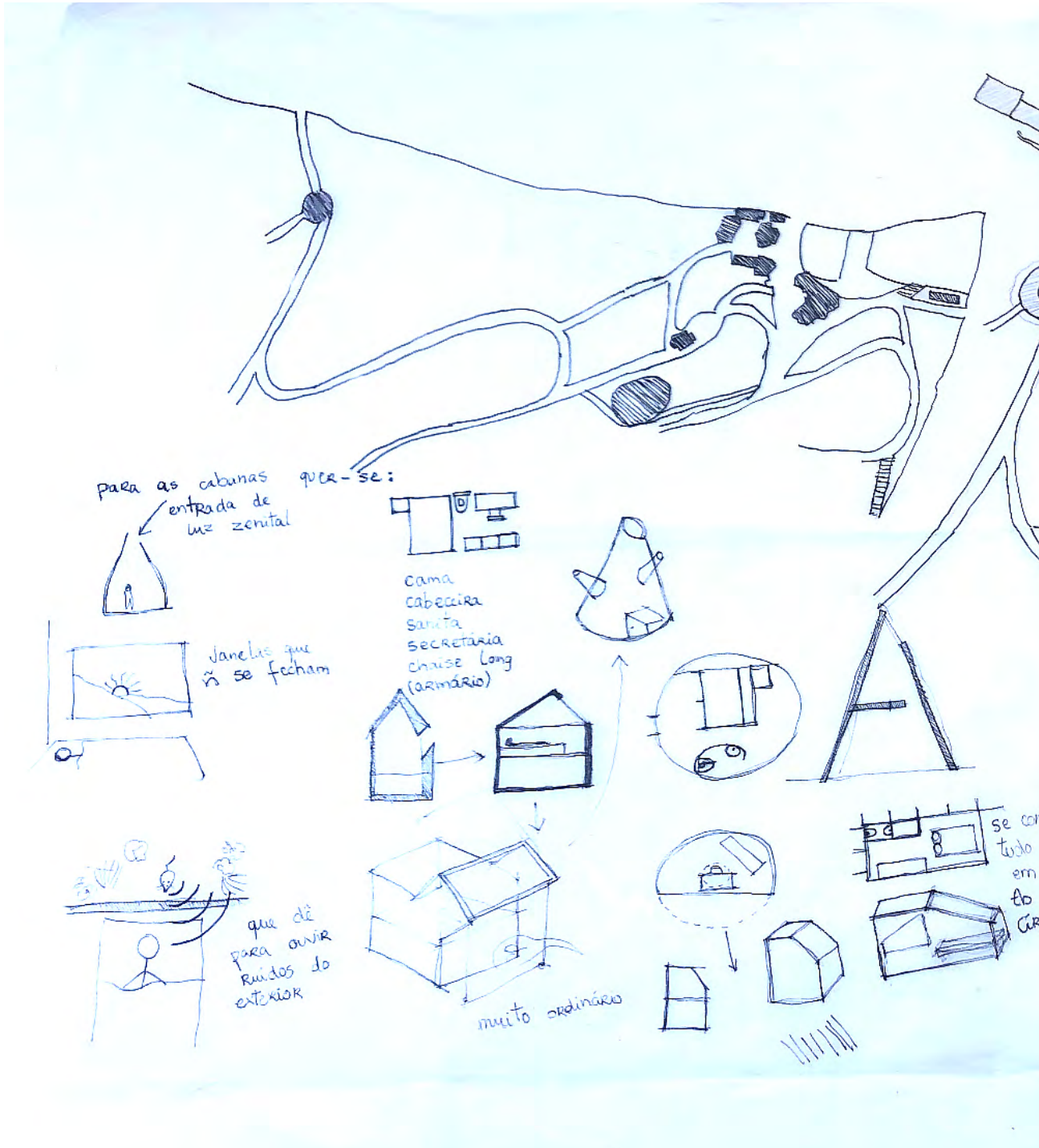
Esquços . Dimensão aproximada A1





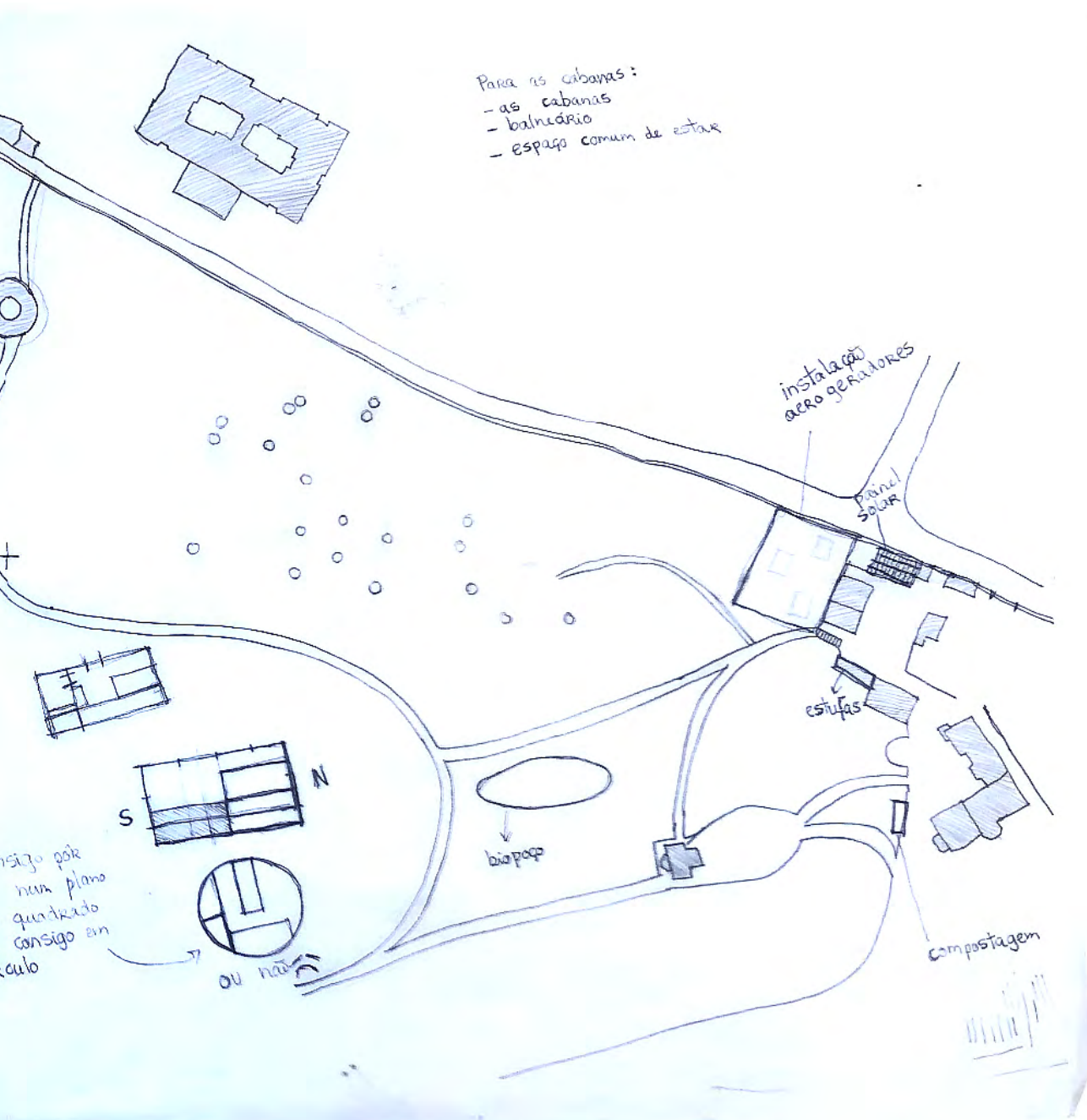
Esquços . Dimensão aproximada A1

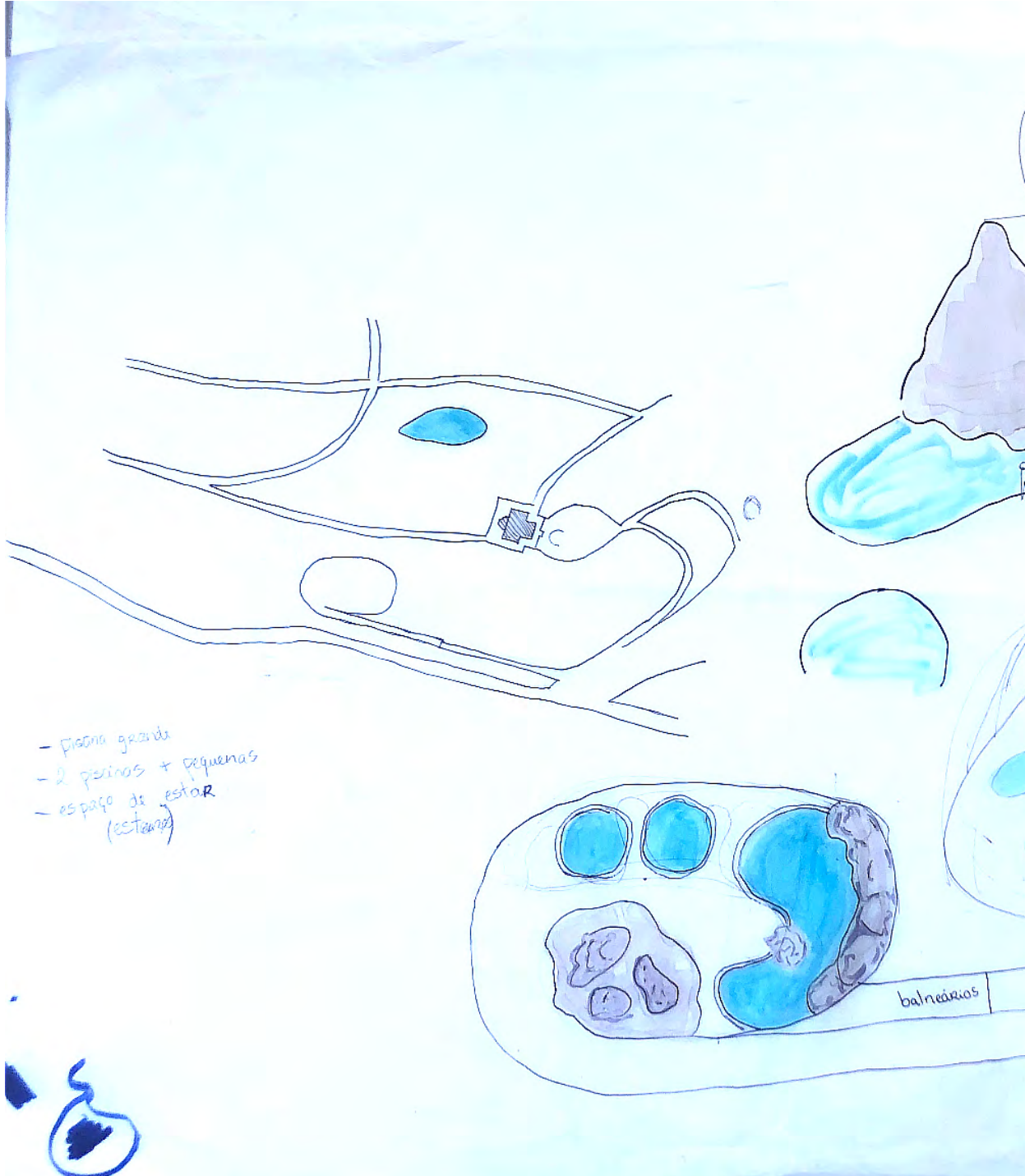




Esquios . Dimensã aproximada A1



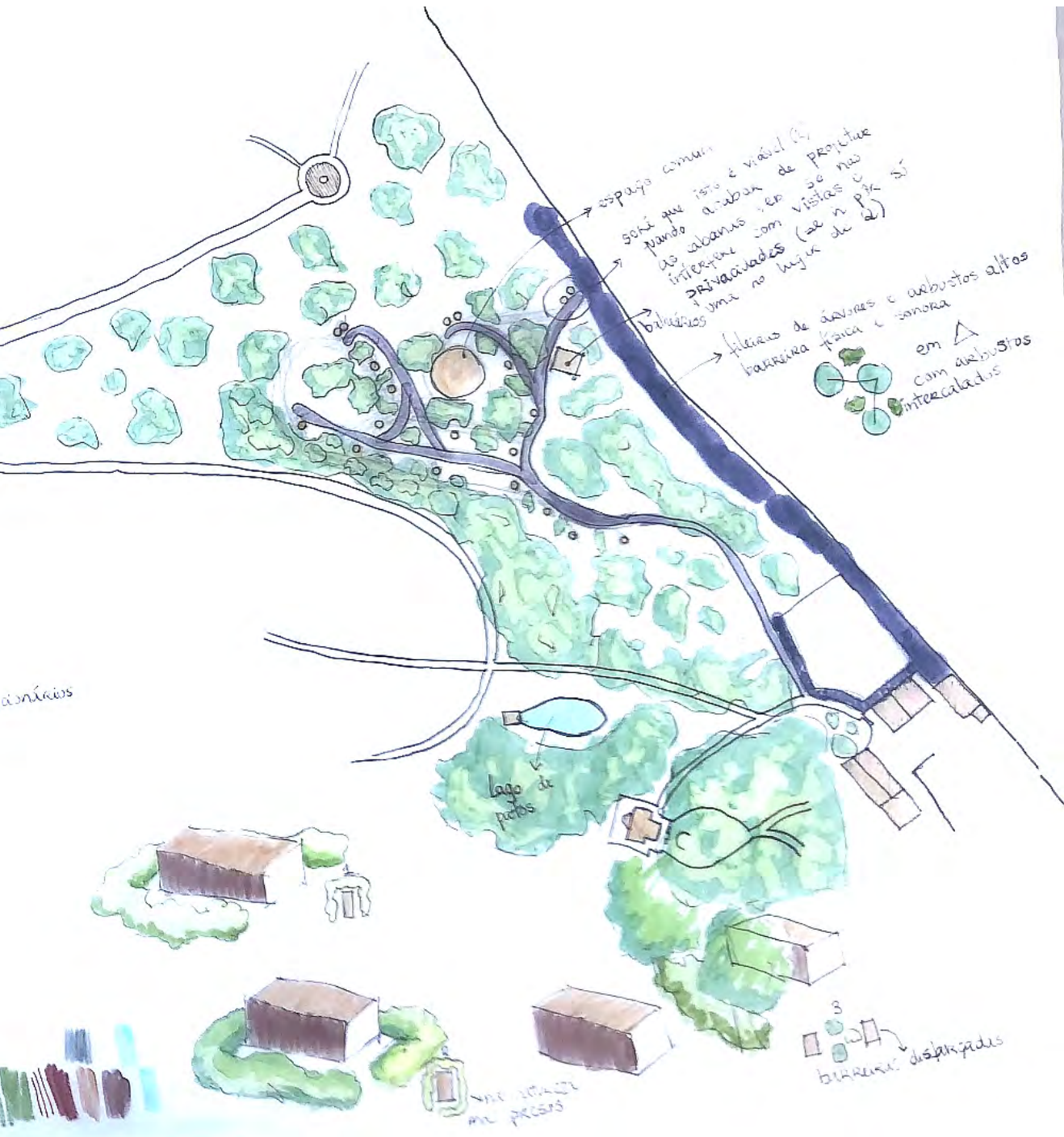


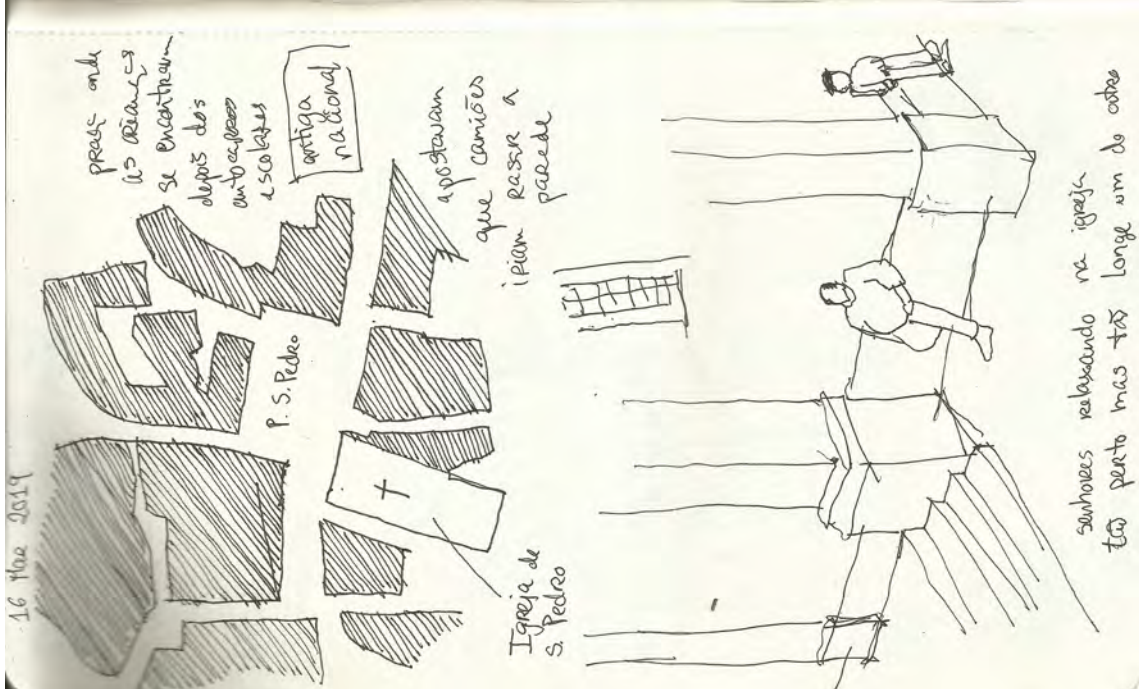
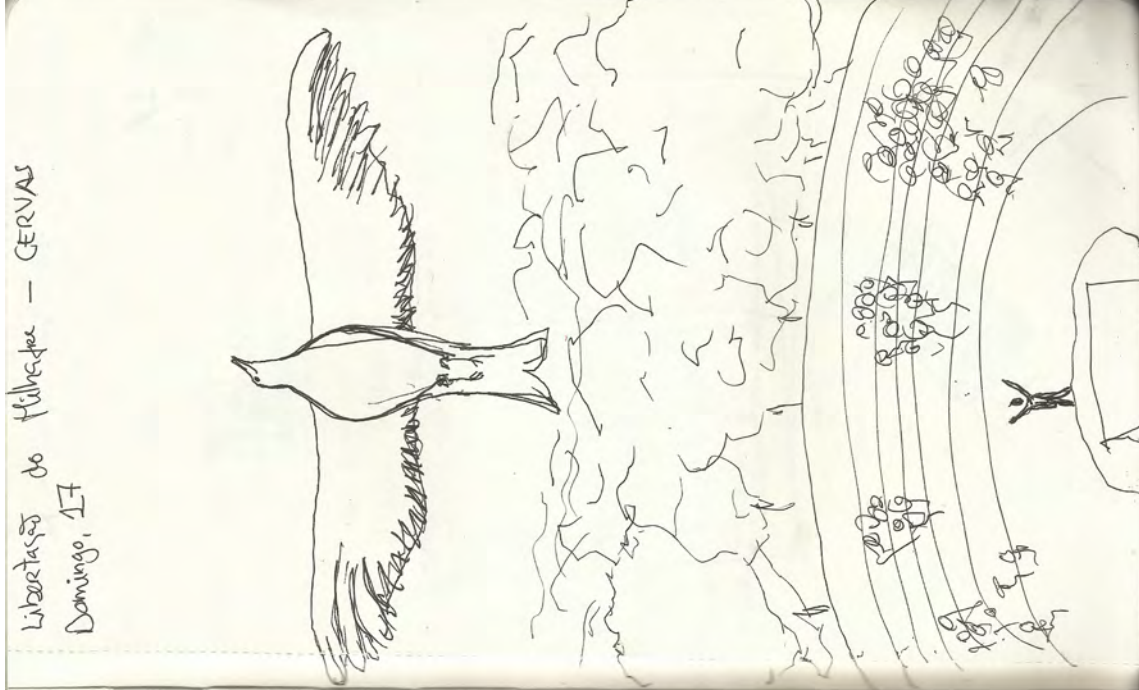


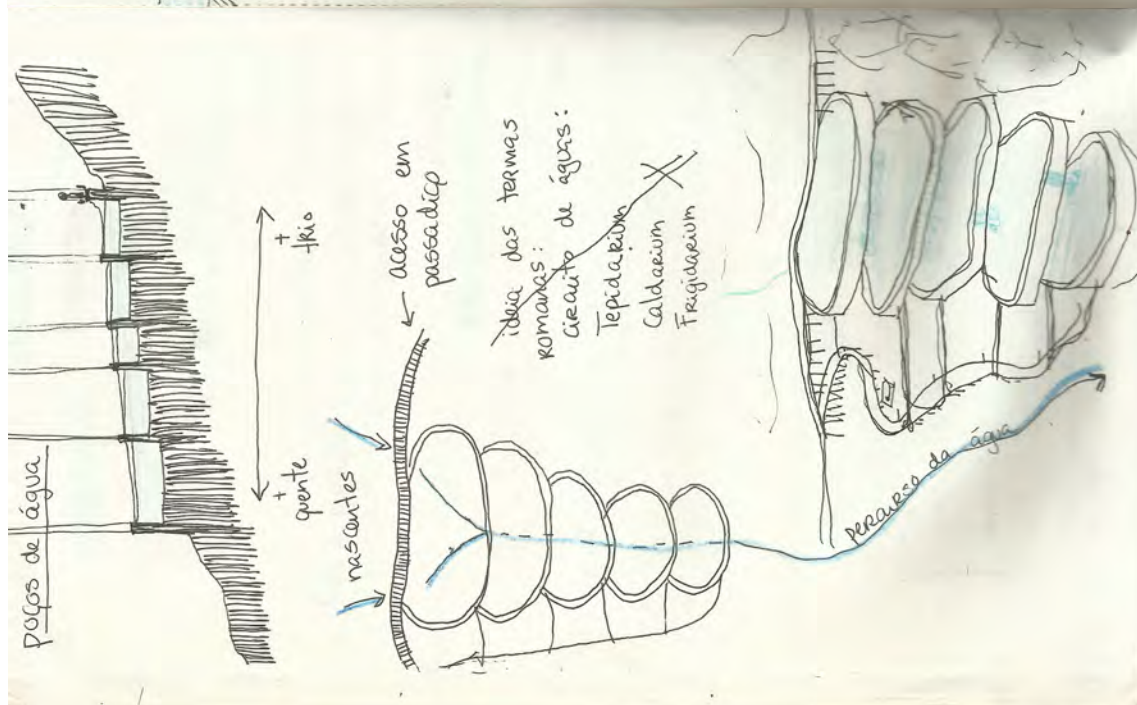
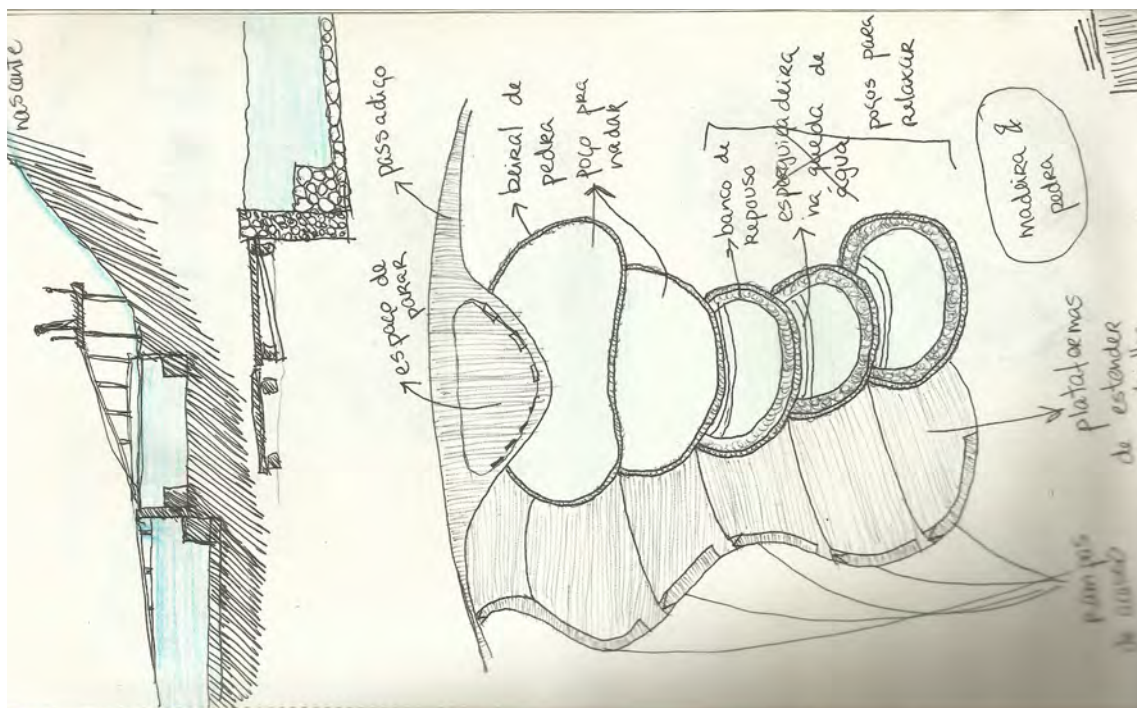
Esquços . Dimensão aproximada A1

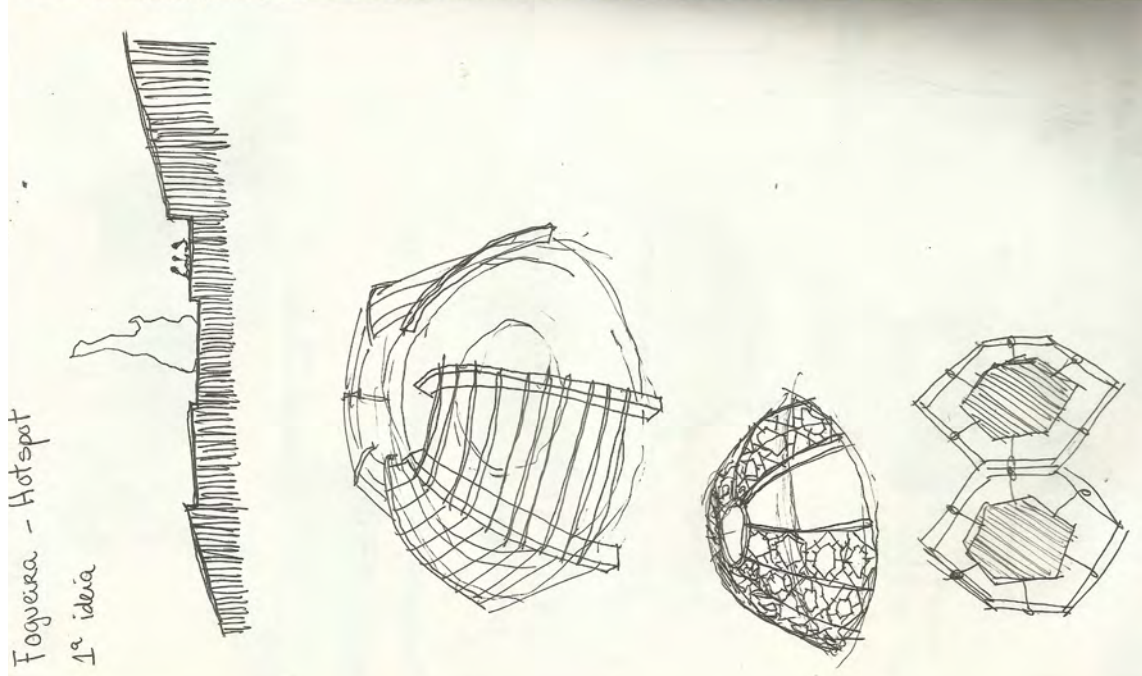
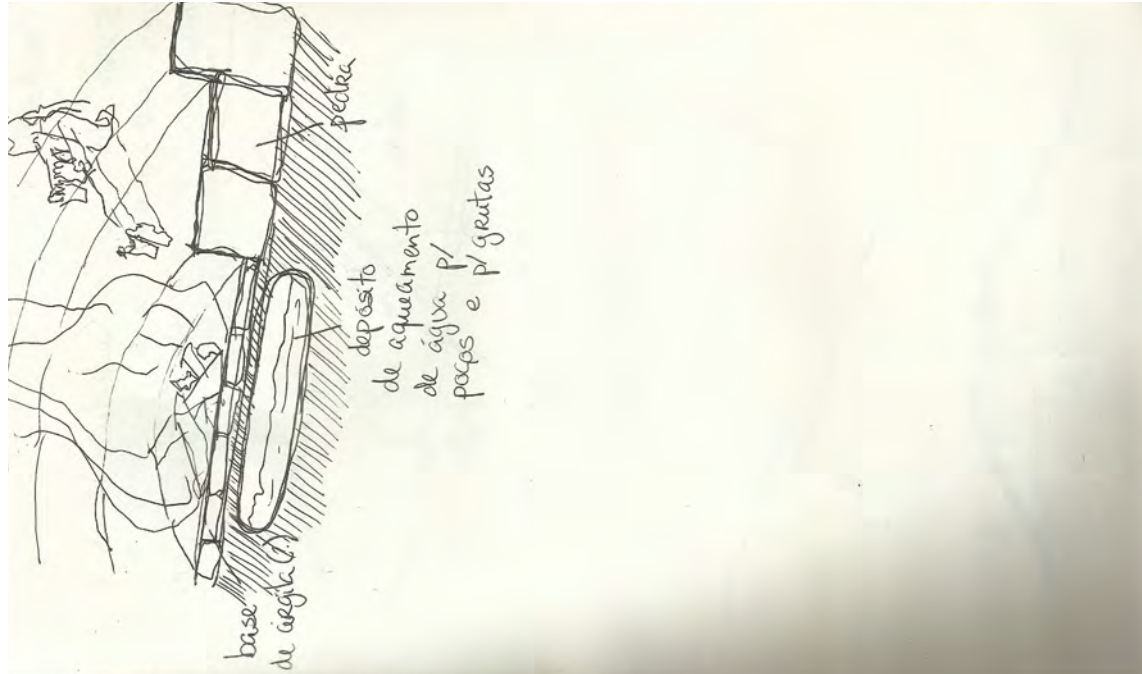




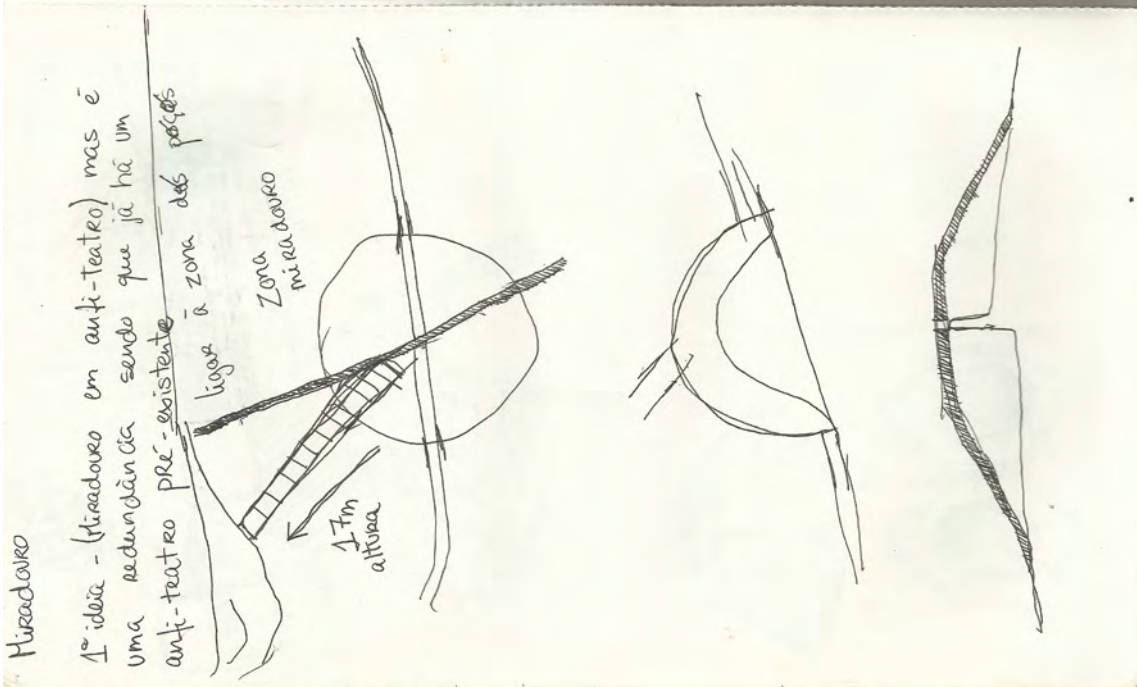
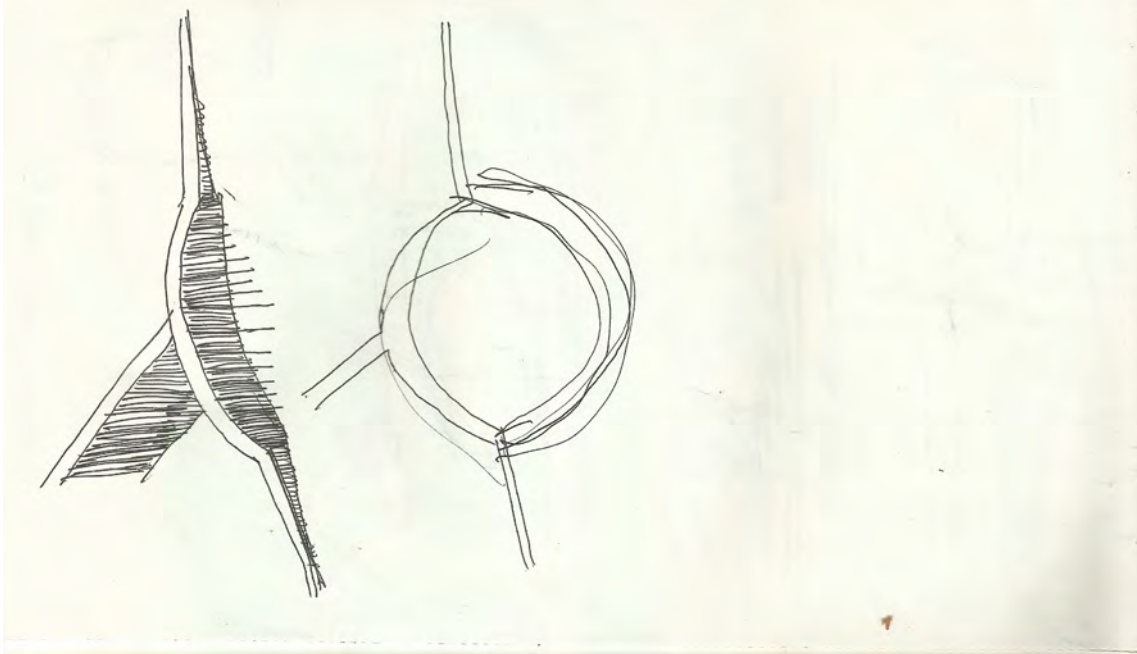


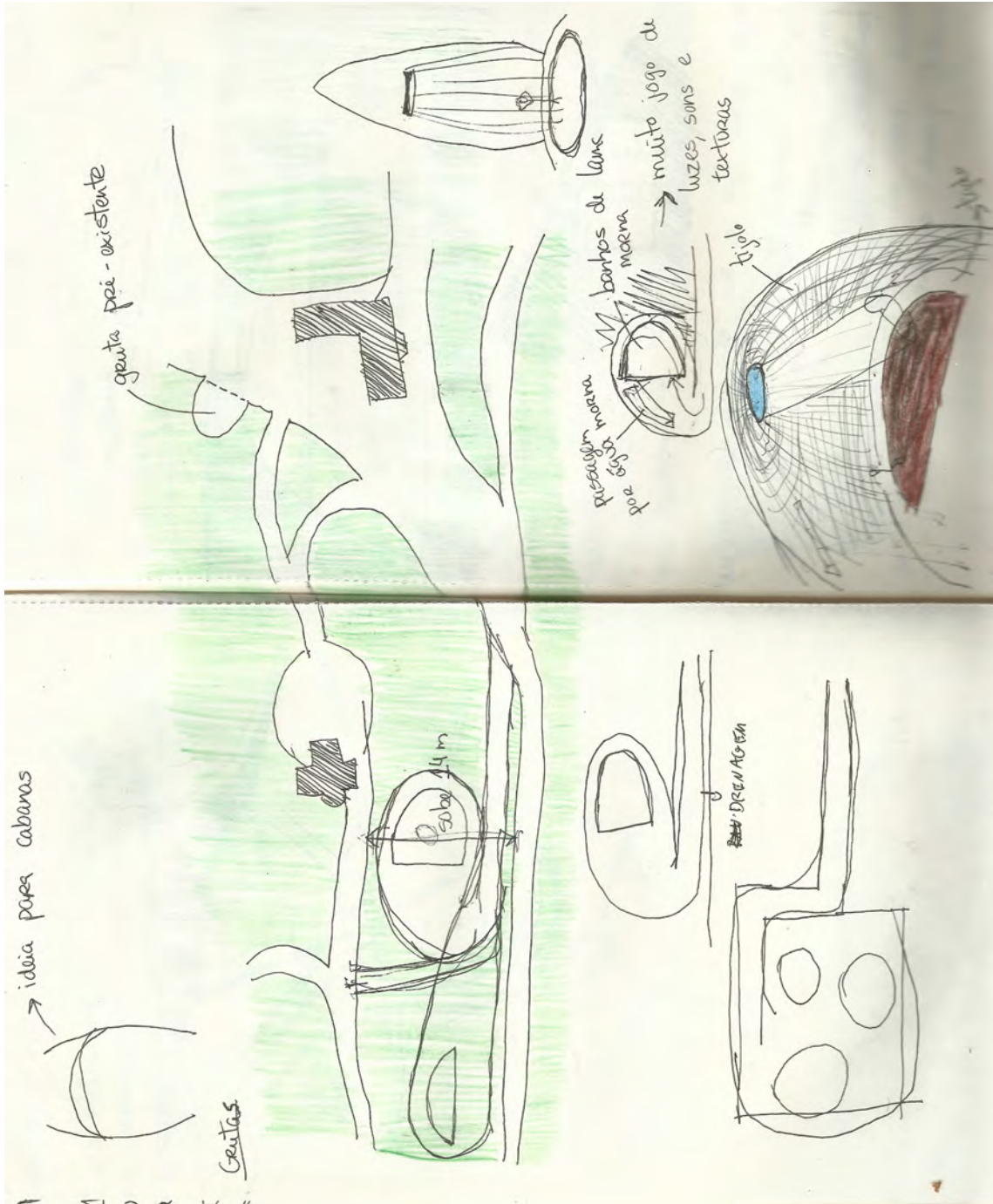












Esquiços . Dimensão Bloco A5

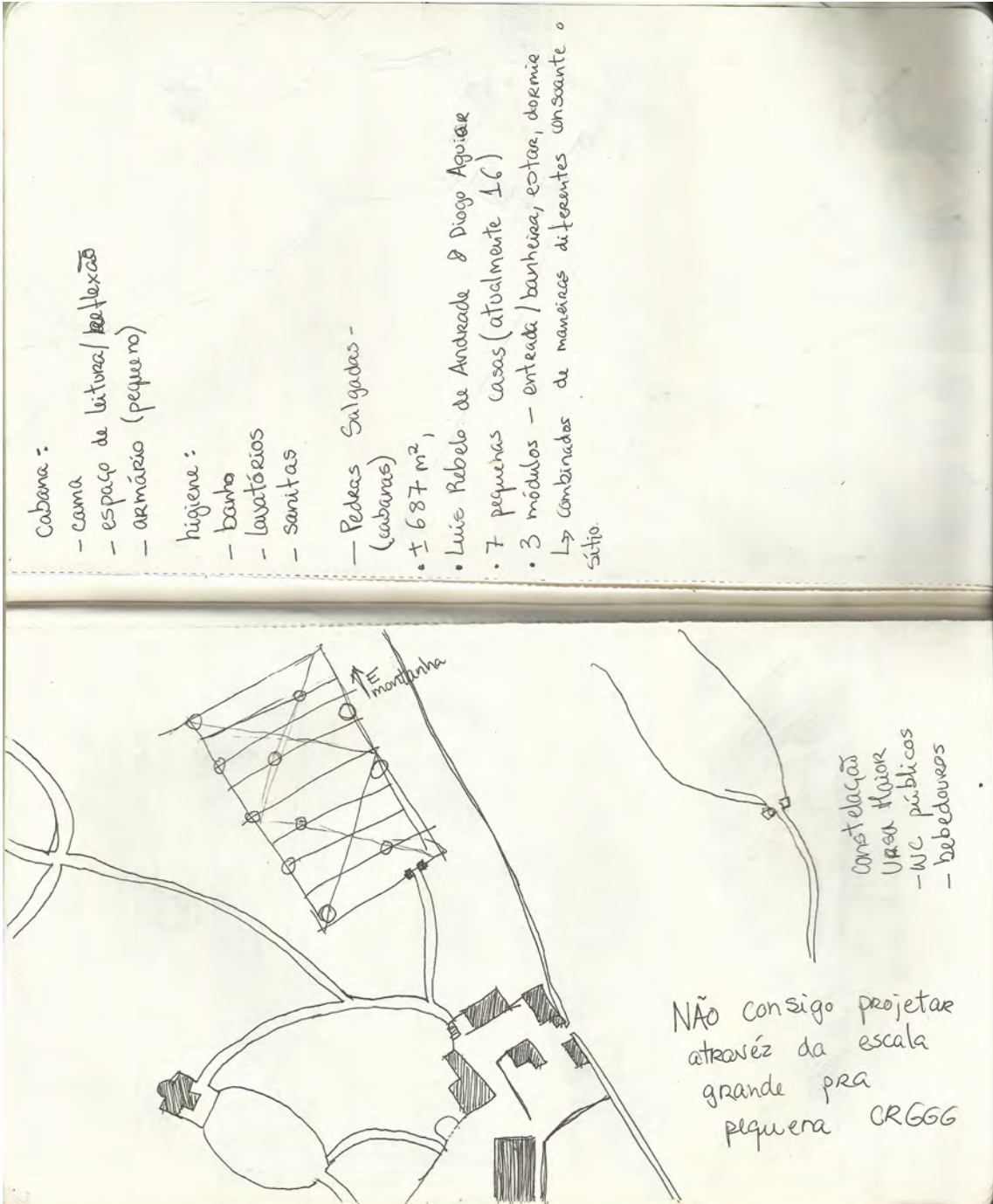
Cabanas 15-20 cabanas?

▽ elevado para os céus ↑  
ou  
△ na terra

todas juntas ou isoladas	um percurso ligadas ou mesmo isoladas	banheiro ou WC privado em cada
--------------------------------	---------------------------------------------	--------------------------------------

- Visão para as estrelas - janelas que não se podem fechar. → para alinhar com o percurso do Sol e os ritmos da natureza
- espaço só para a cama, (Um armário e uma cadeira) tudo num (?).
- mau isolamento acústico → para estar sempre presente com a natureza → desconforto que expande a zona de conforto
- acesso não óbvio com os percursos públicos mas também não labiríntico nem assustador

\* a pessoa faz a sua sequência (da promoção)  
↳ ter cuidado ao aprofundar cada um porque é muito fácil desviar as atenções para um dos elementos e perder o fio à meada. cada um dos equipamentos só faz sentido quando experimentados os outros todos.



Esquços . Dimensão Bloco A5



moinhos açoólicos

através do simulador "poupa energia.pt" em Gouveia = 6442 kWh/ano  
 ↳ 6 442 000 Wh/ano

· Ou seja, uma máquina com 1000w significa que faz um trabalho de 1000v por segundo.

$E = P \cdot \Delta t$

energia elétrica → Potência Elétrica 1000W

intervalo de tempo (s) → 1 segundo

---

Aerogerador NEO 2000  
 ↳ 400W / 720h (mes) = 288 kWh/mês  
 ↳ com ventos + 6m/s

↳ 1 painel solar para garantir que nunca vai abaixo → painel solar mono cristalino associado ao controlador de carga, baterias e inversor.

Compostagem

- aumento dos teores de matéria orgânica
- aumento da capacidade de infiltração de água, diminuindo as perdas de solo com erosão
- melhora a estrutura, fornece nutrientes,

Aumentando os custos com fertilizantes químicos aumenta retenção de água e evita a vida no solo, tornando a reprodução de organismos benéficos e diminuindo de elementos invasores

- mantêm a temperatura do solo  
- aumento da sustentabilidade rural.

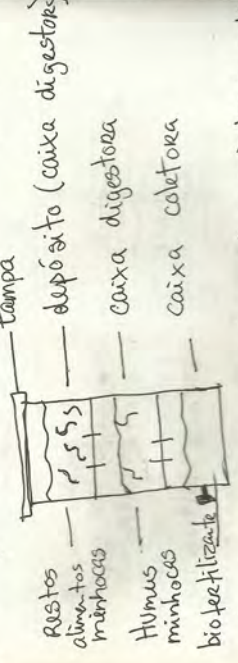
2 tipos de compostagem: (agrícola)

Ricos em carbono:

- materiais lenhosos
  - podas de jardim
  - folhas
  - palhas
  - feno
  - galhos
- nitrogênio:
- folhos verdes
  - esterco animal
  - camas de frango
  - Chorume (de gado)

Composto em média - 90 dias  
ser a céu aberto  
sem muito declive  
peito de fonte de água  
que dê para remover fácil

Compostagem doméstica:



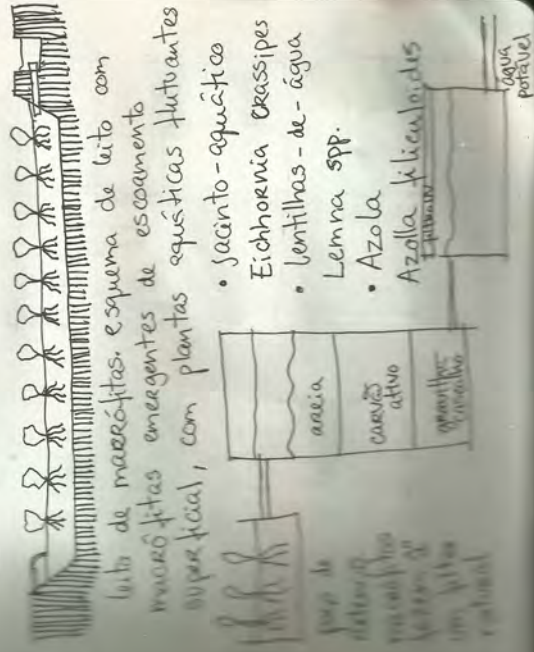
+/-: frutas, legumes, verduras (tudo vai) boças café  
proibido: carnes, líquidos, fezes.

cisternas, poços de retenção e tratamentos de água

bombas submersíveis a energia renovável

- bomba (sq flux)
- motor
- poços de retenção para coleta de águas quando chove em demasia
- mãe d'água / cisterna para tratamento de águas

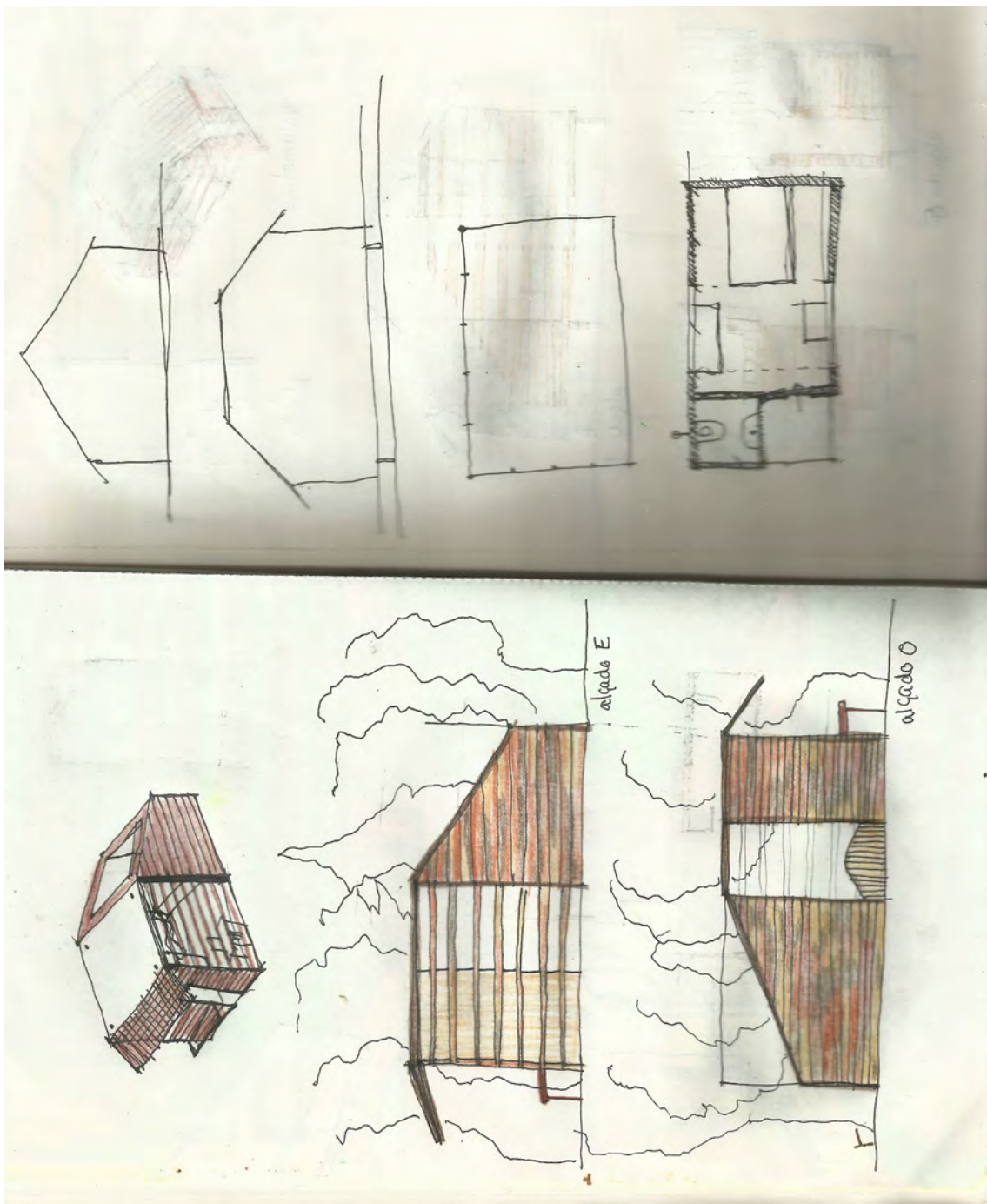
Fito-ETAR (uma ETAR que trata com plantas aquáticas) - escala demasiado grande

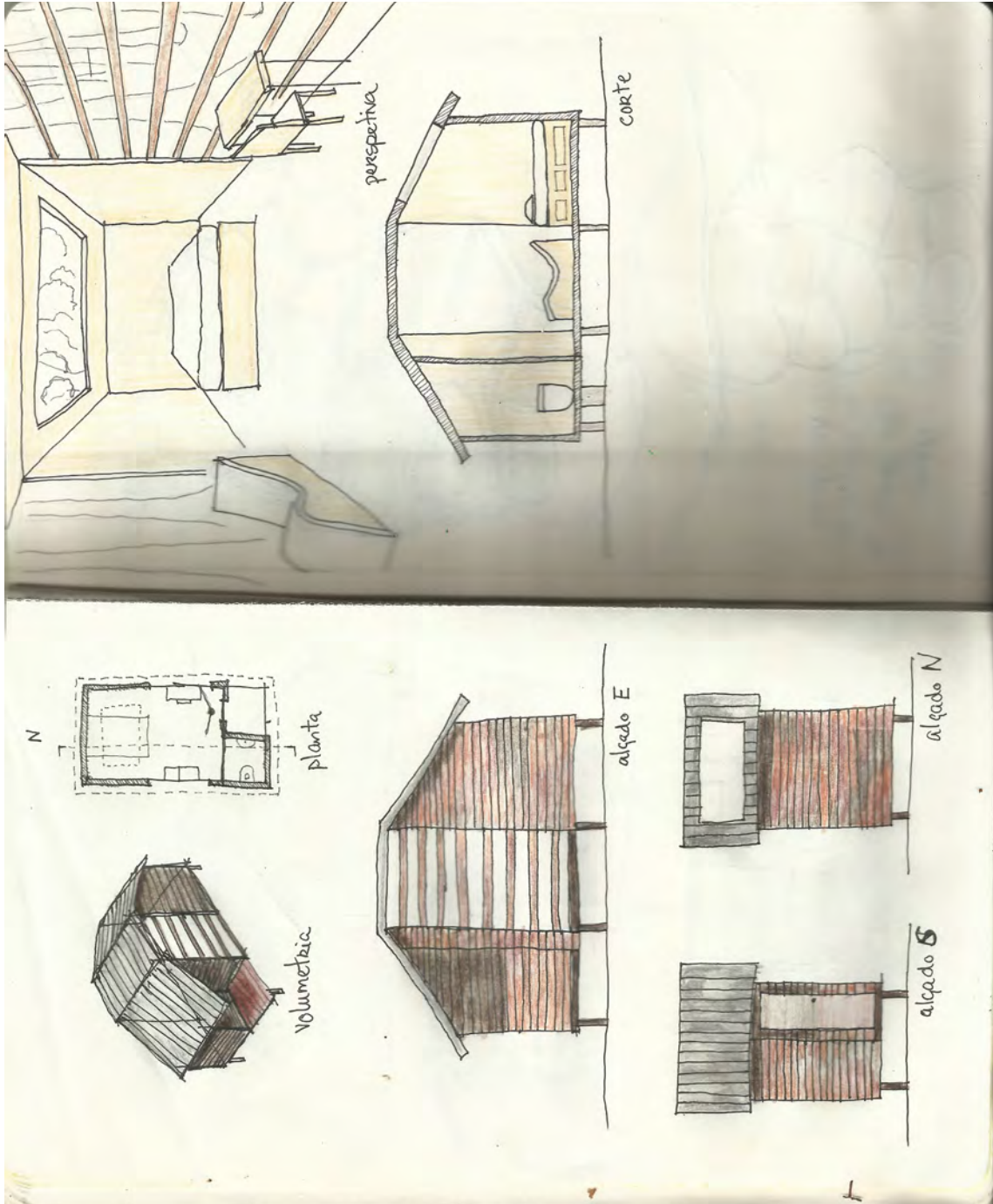




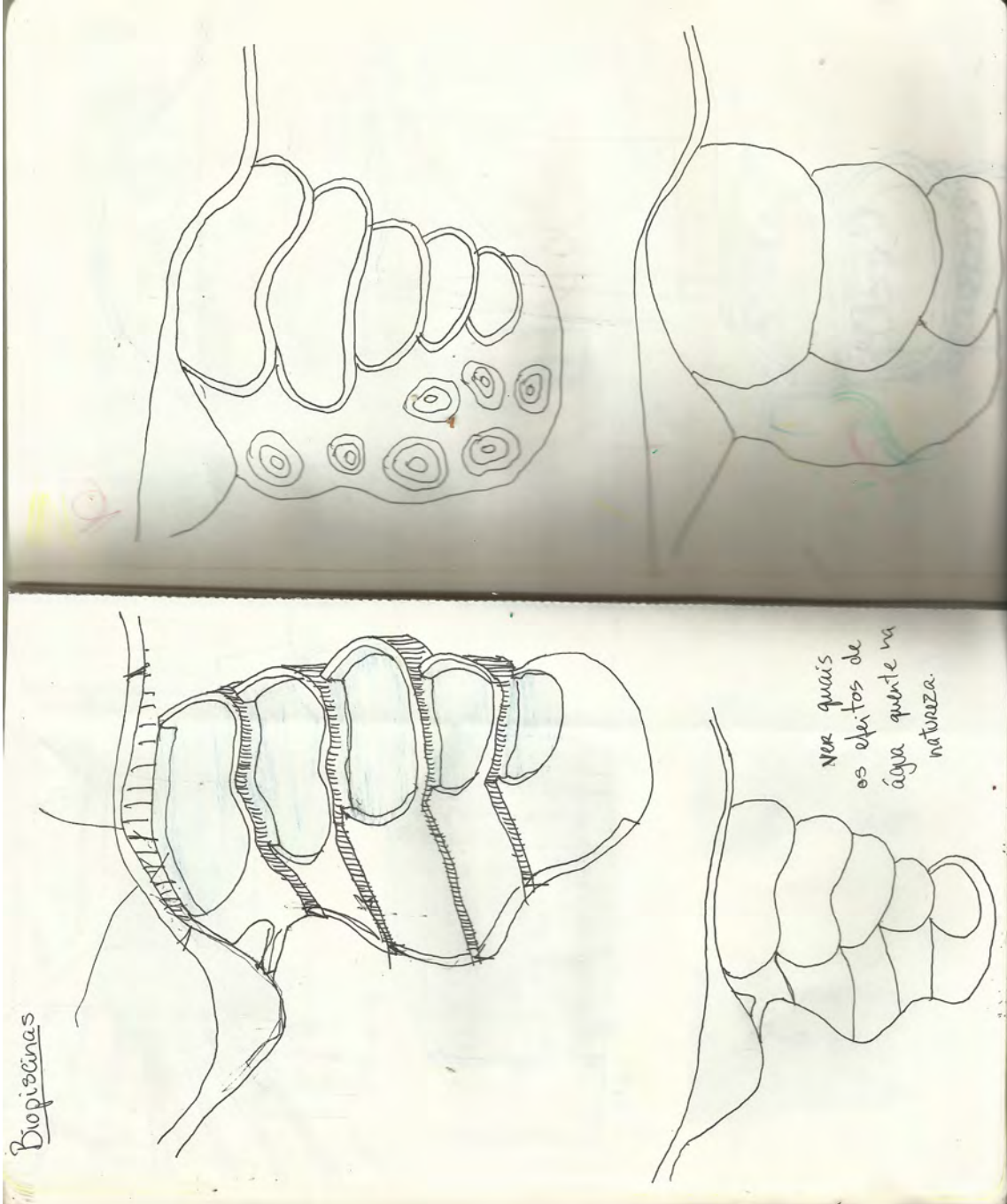
Esquiços . Dimensão Bloco A5

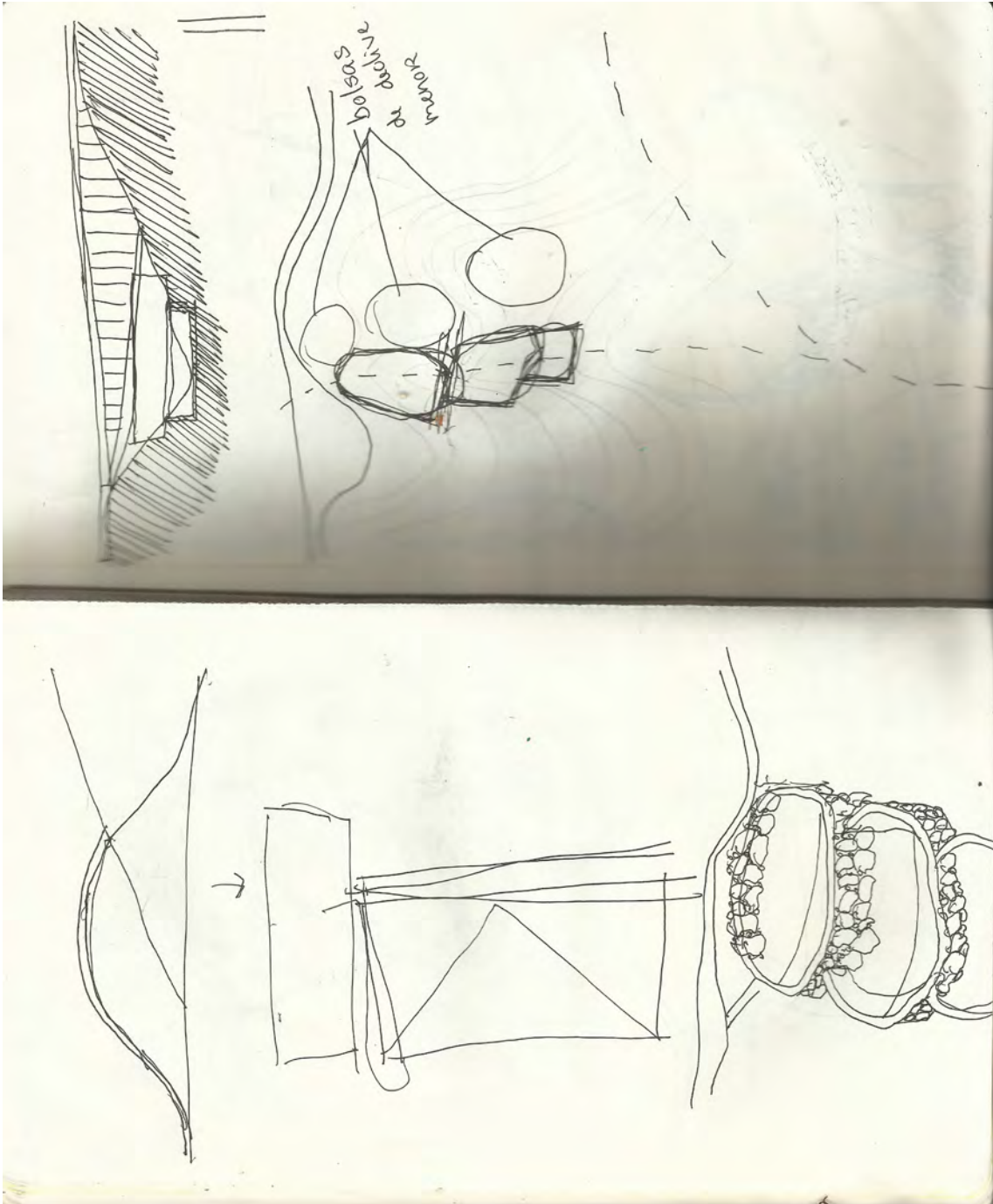




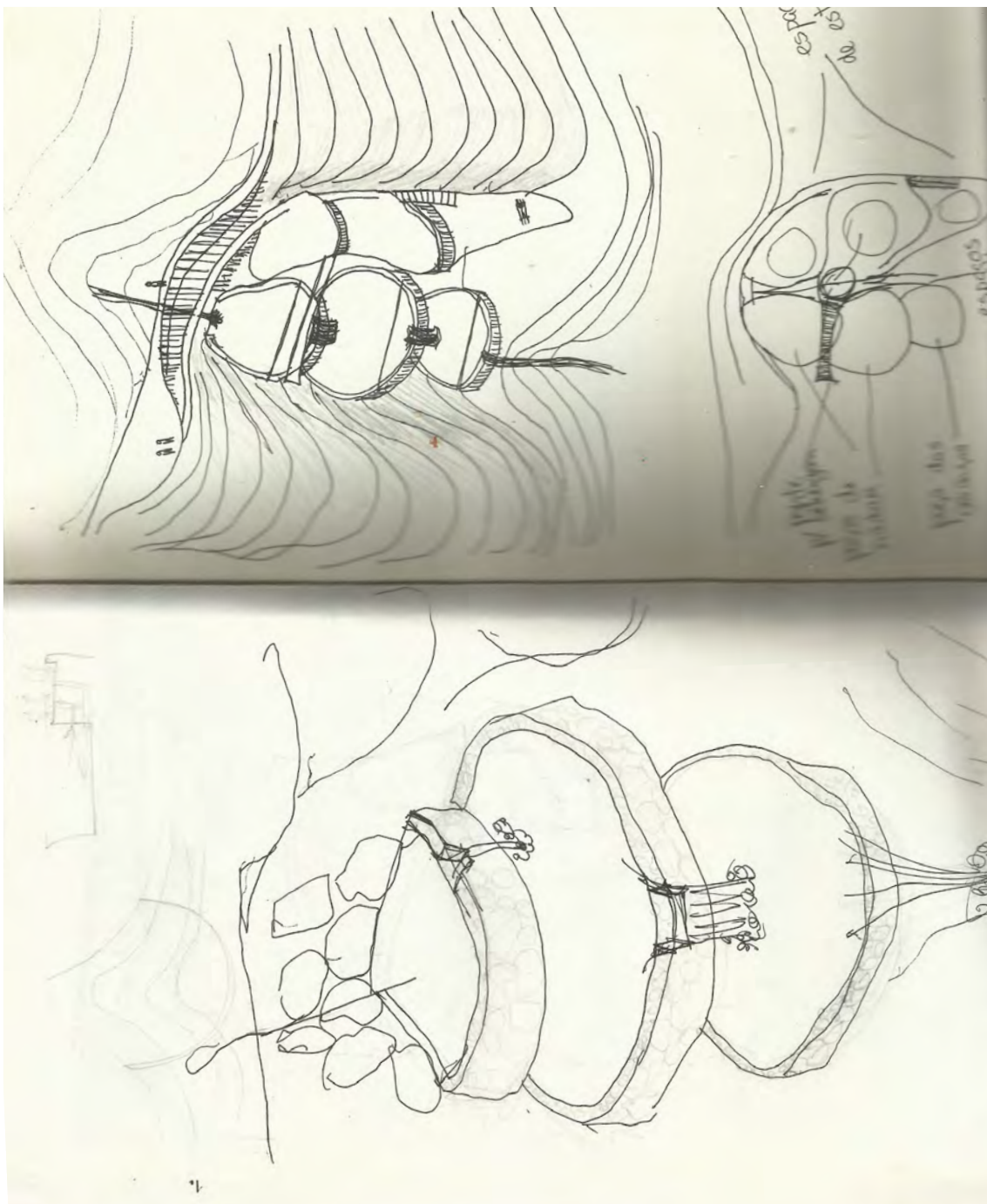


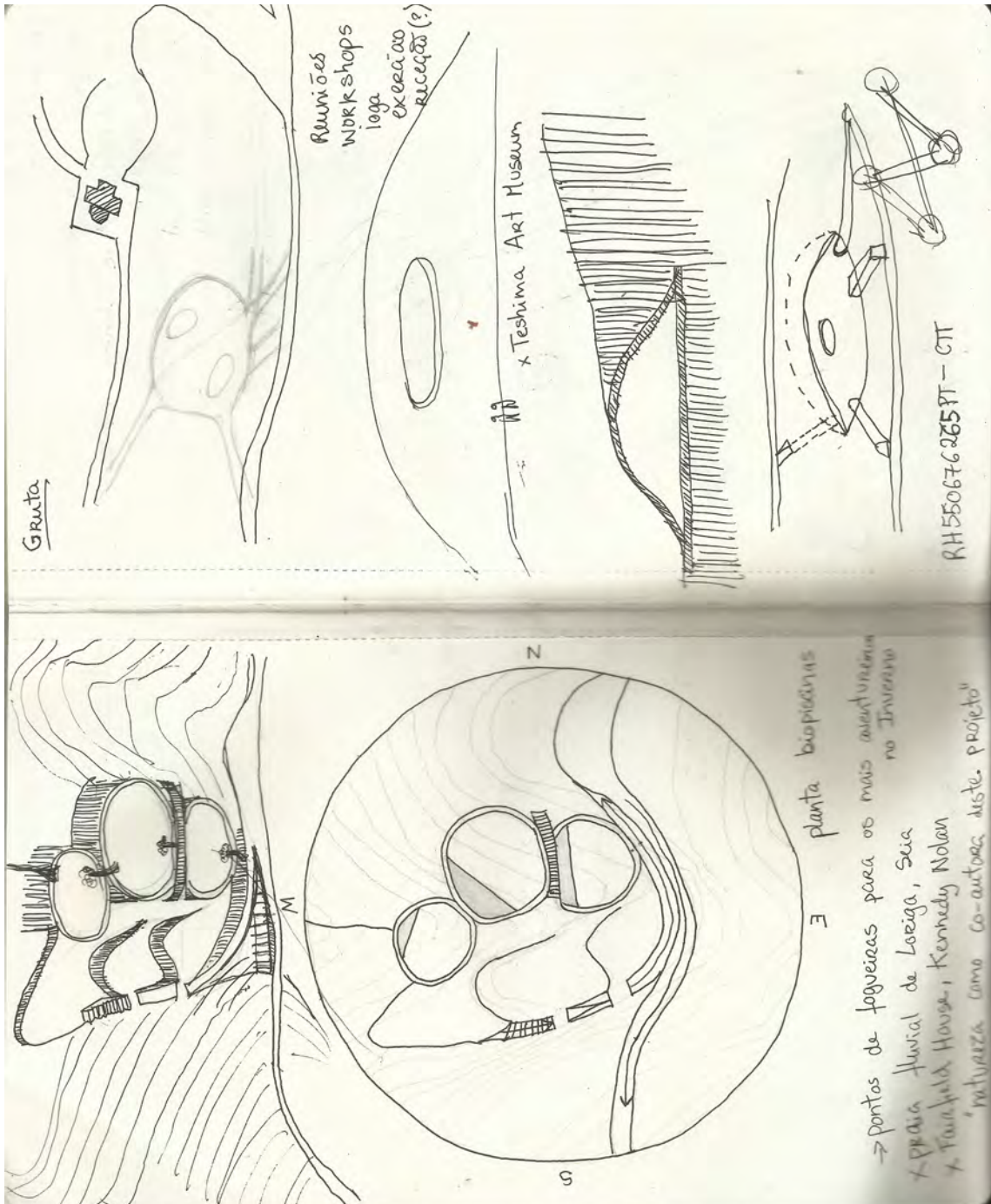
Esquços . Dimensão Bloco A5



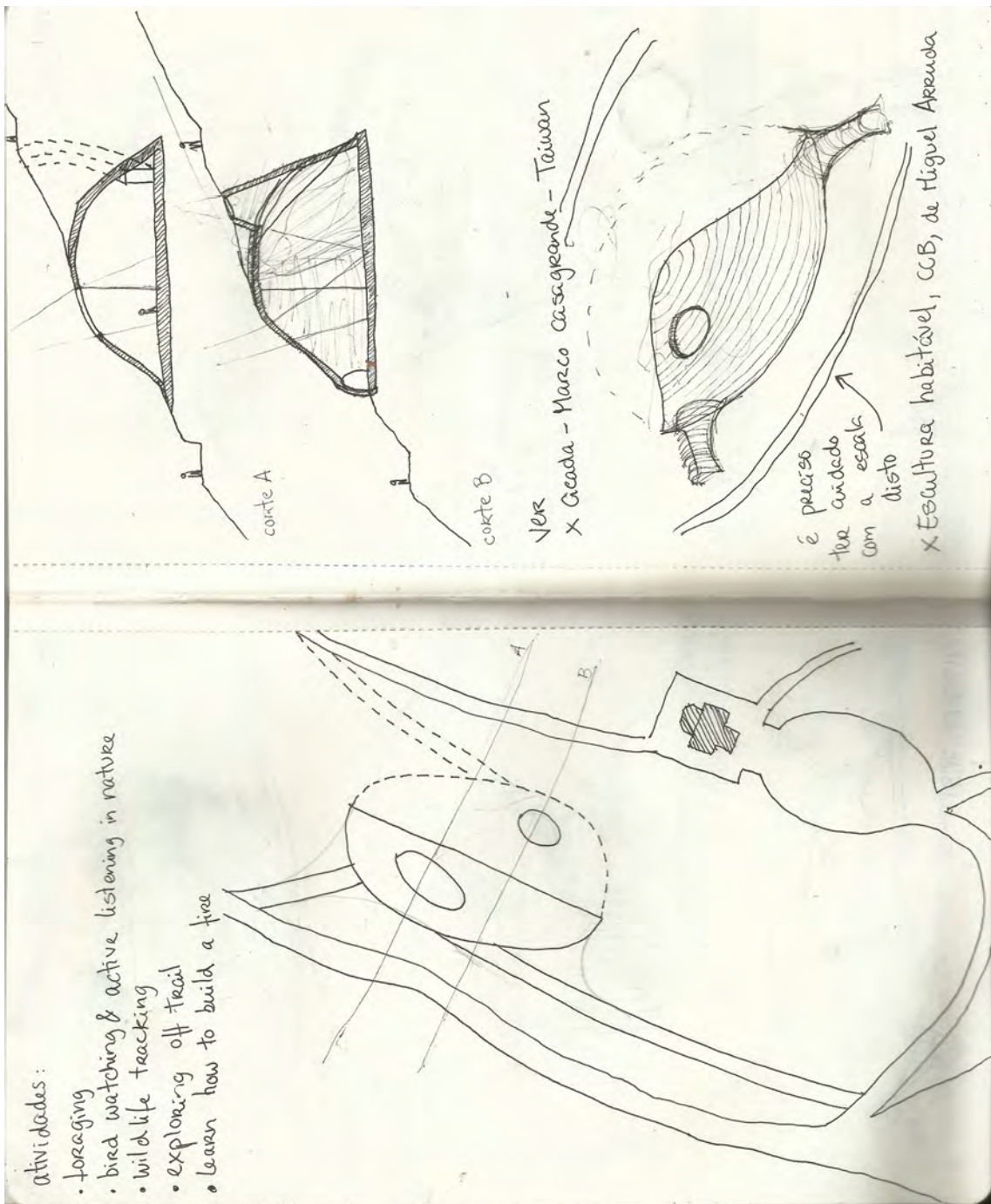


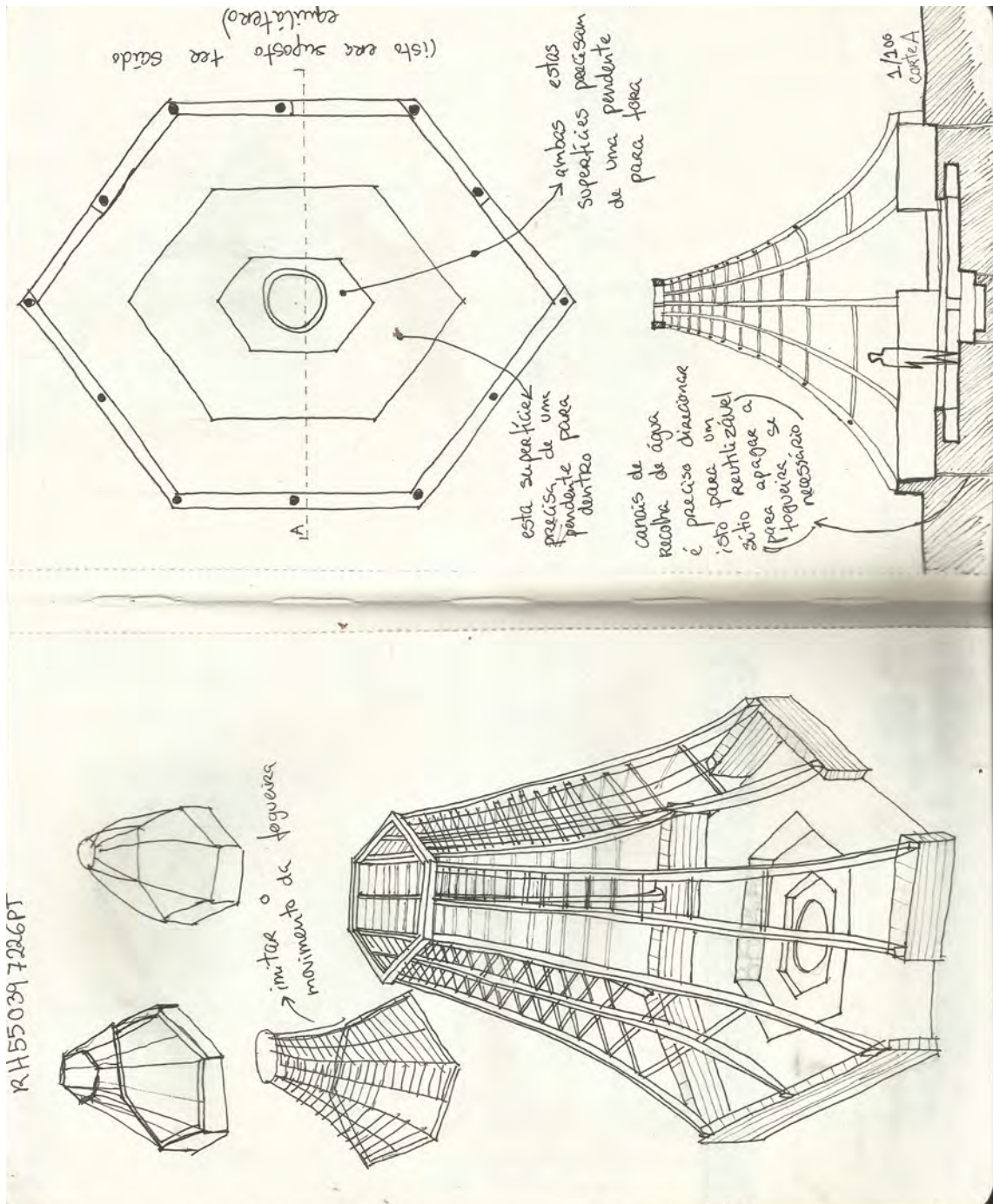
Esquços . Dimensão Bloco A5





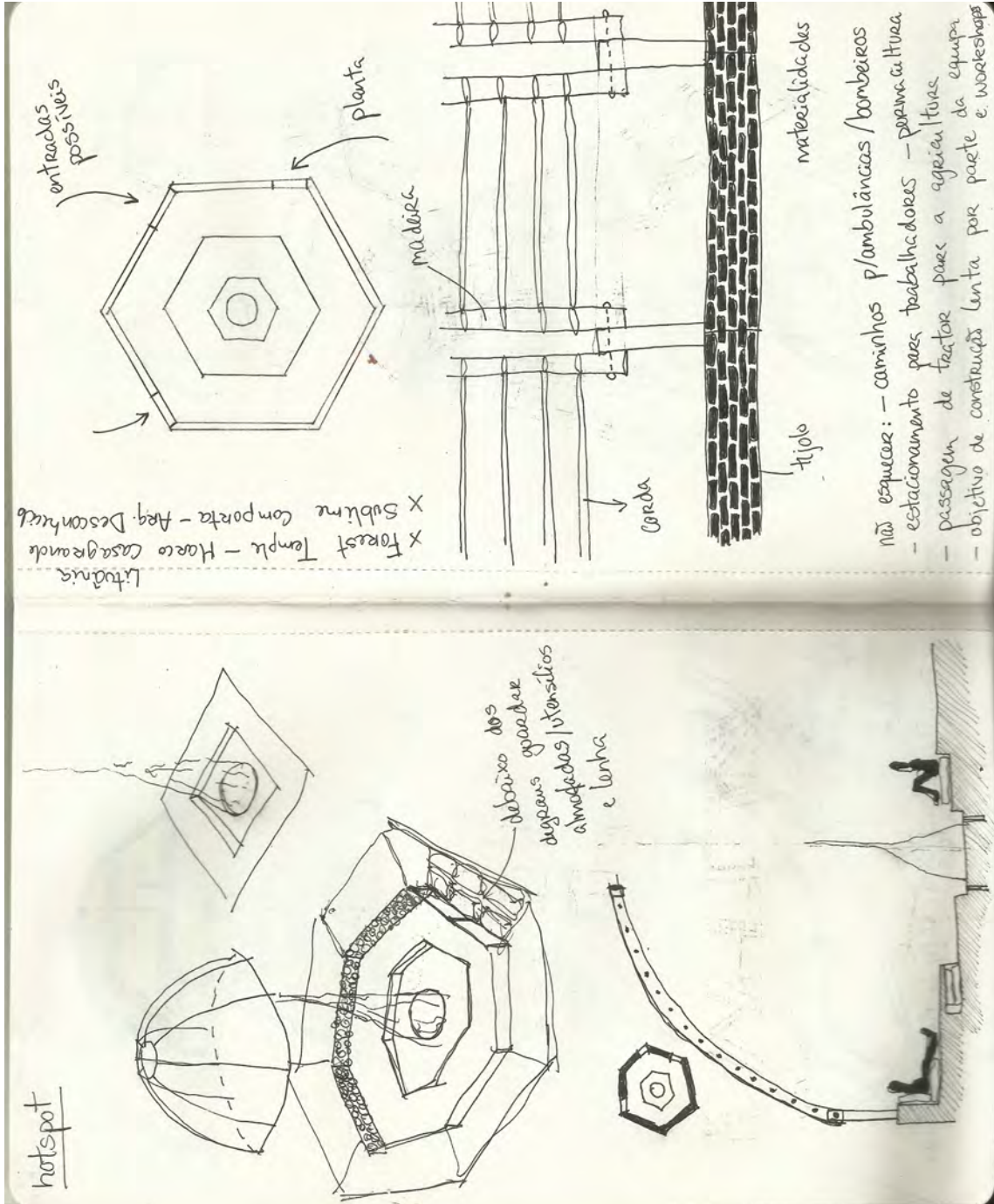
Esquícios . Dimensão Bloco A5

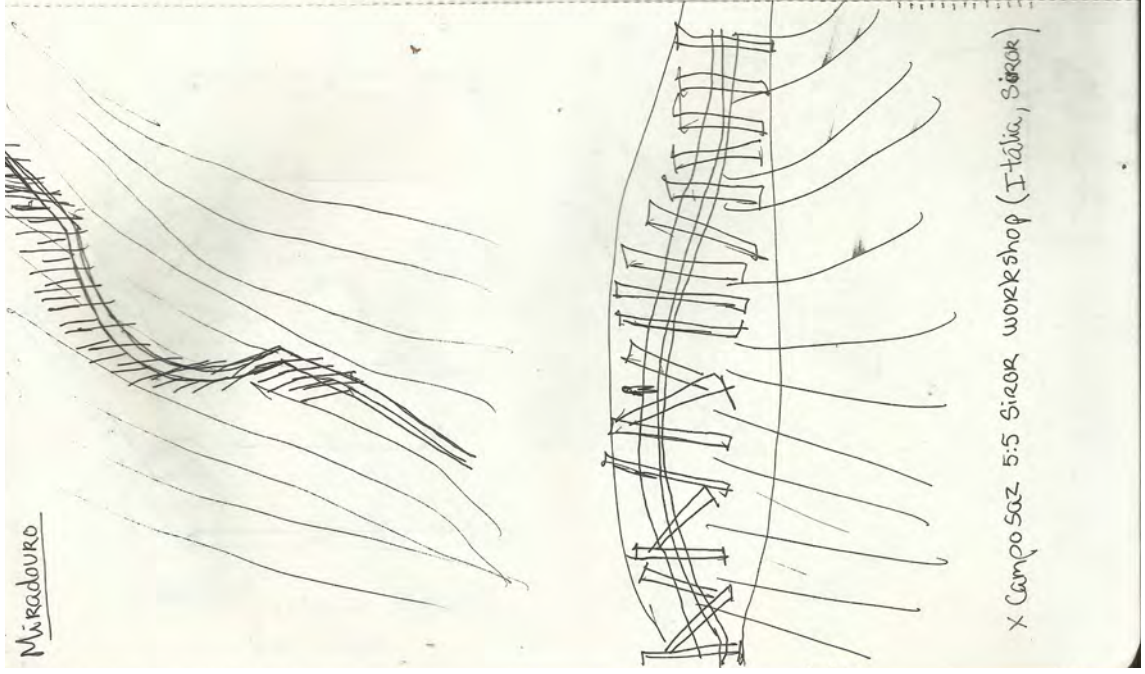
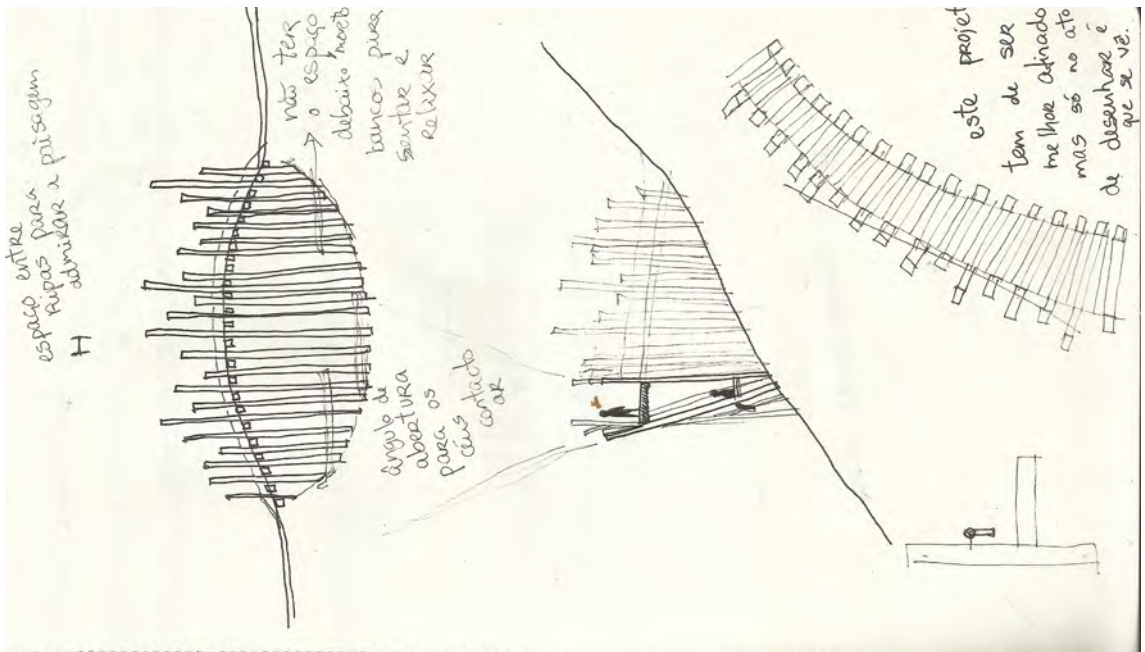




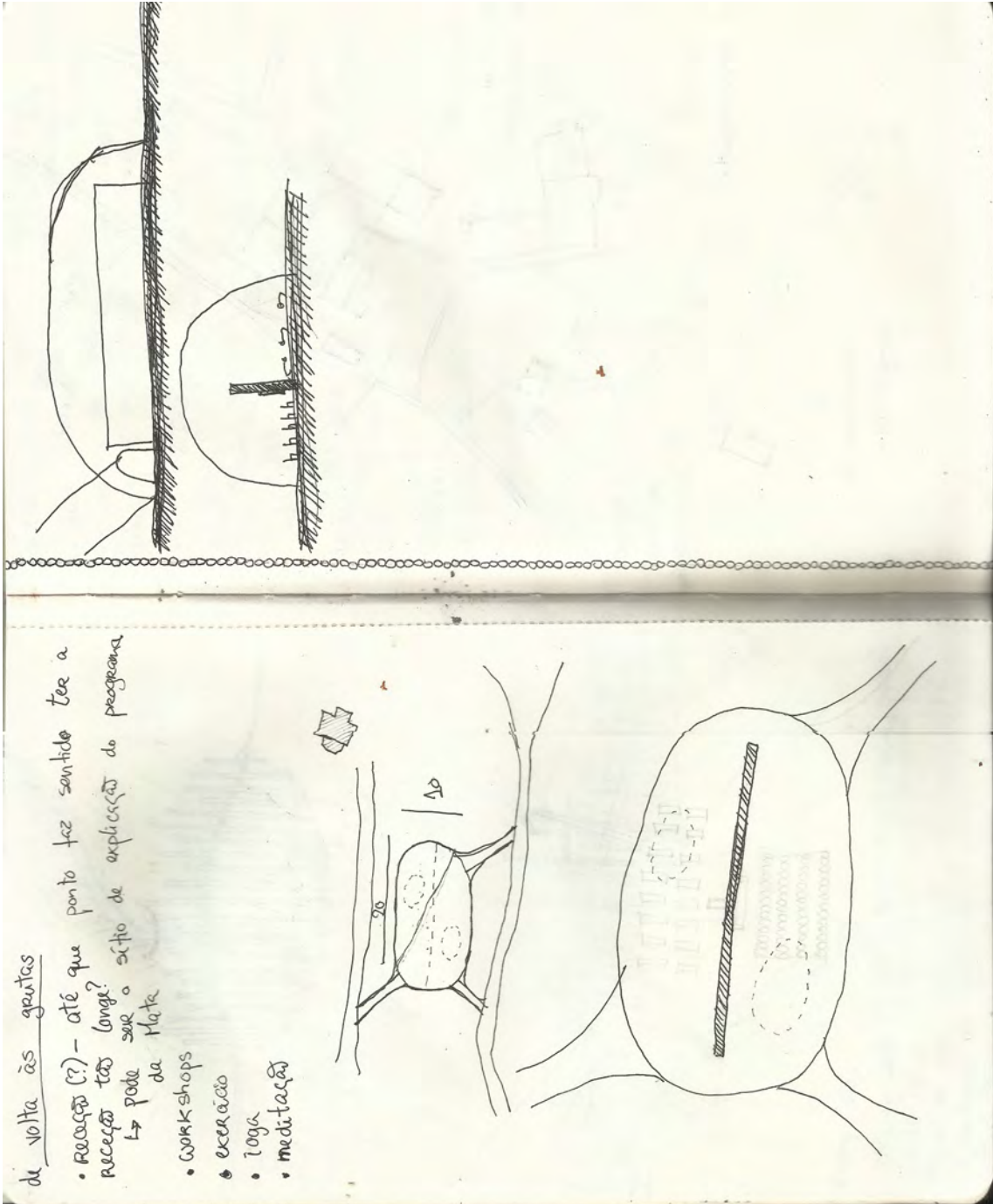
Esquços . Dimensão Bloco A5

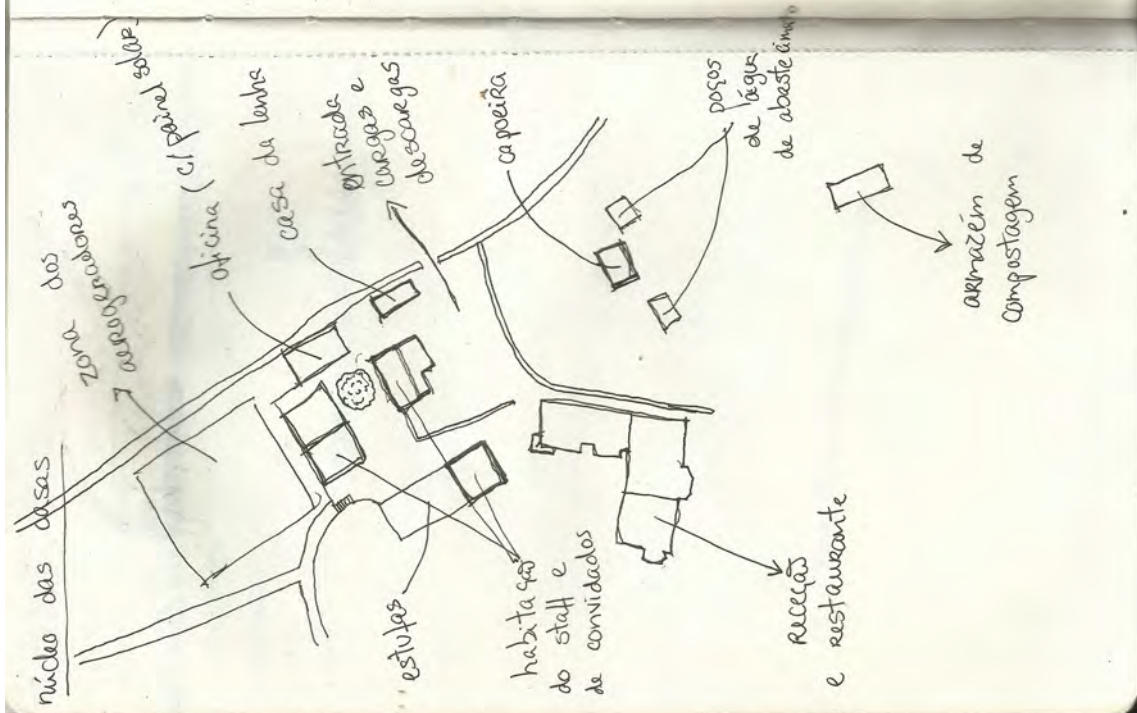




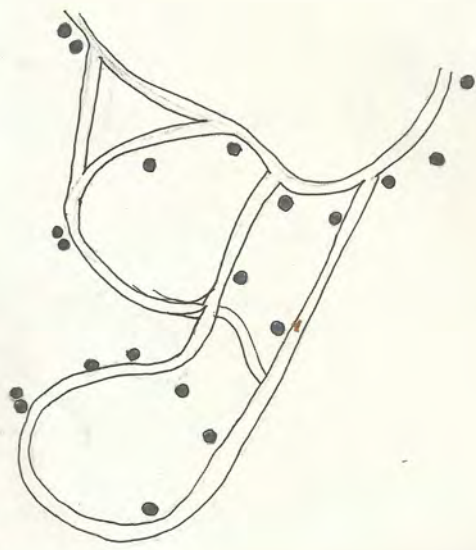


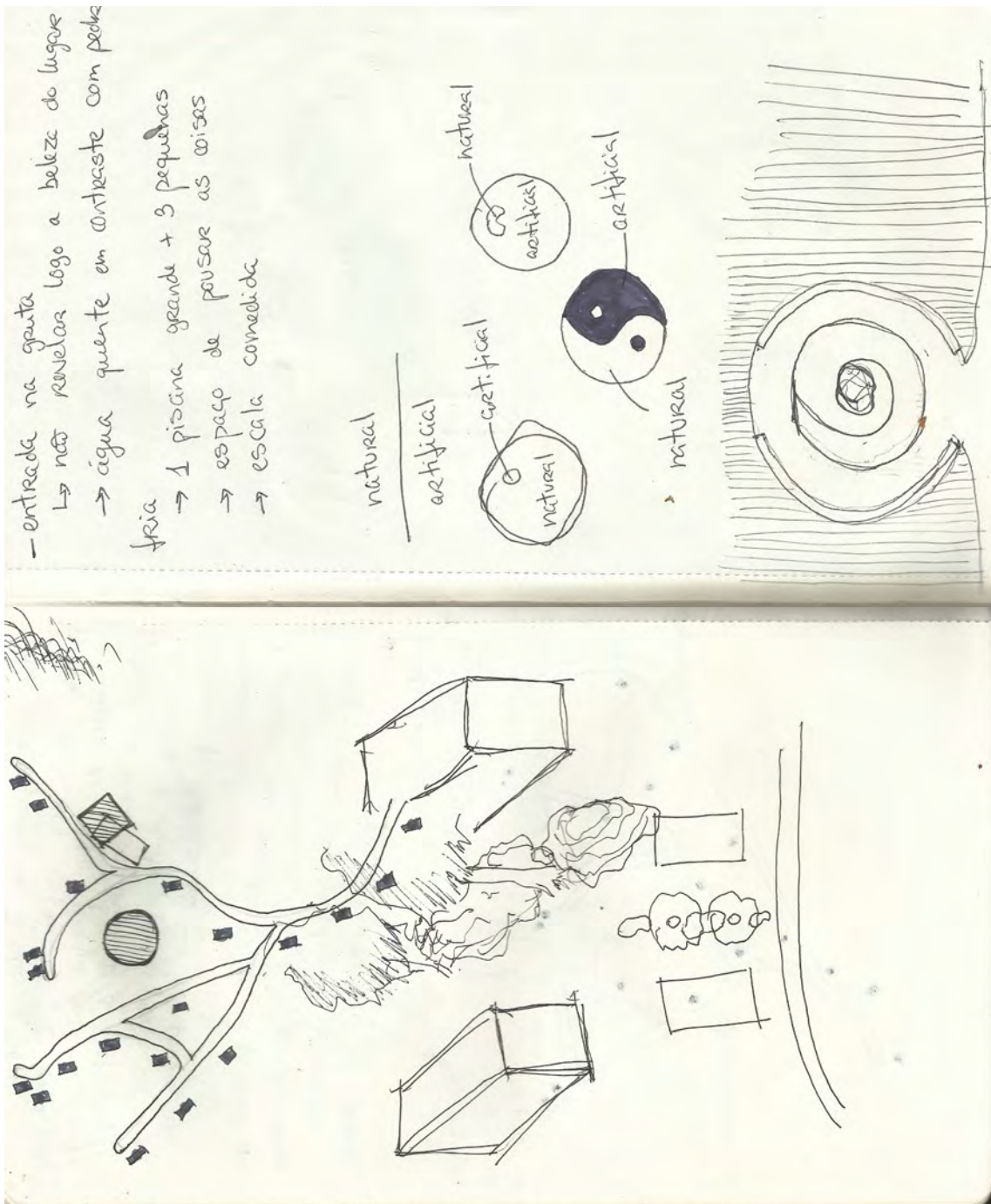
Esquços . Dimensão Bloco A5

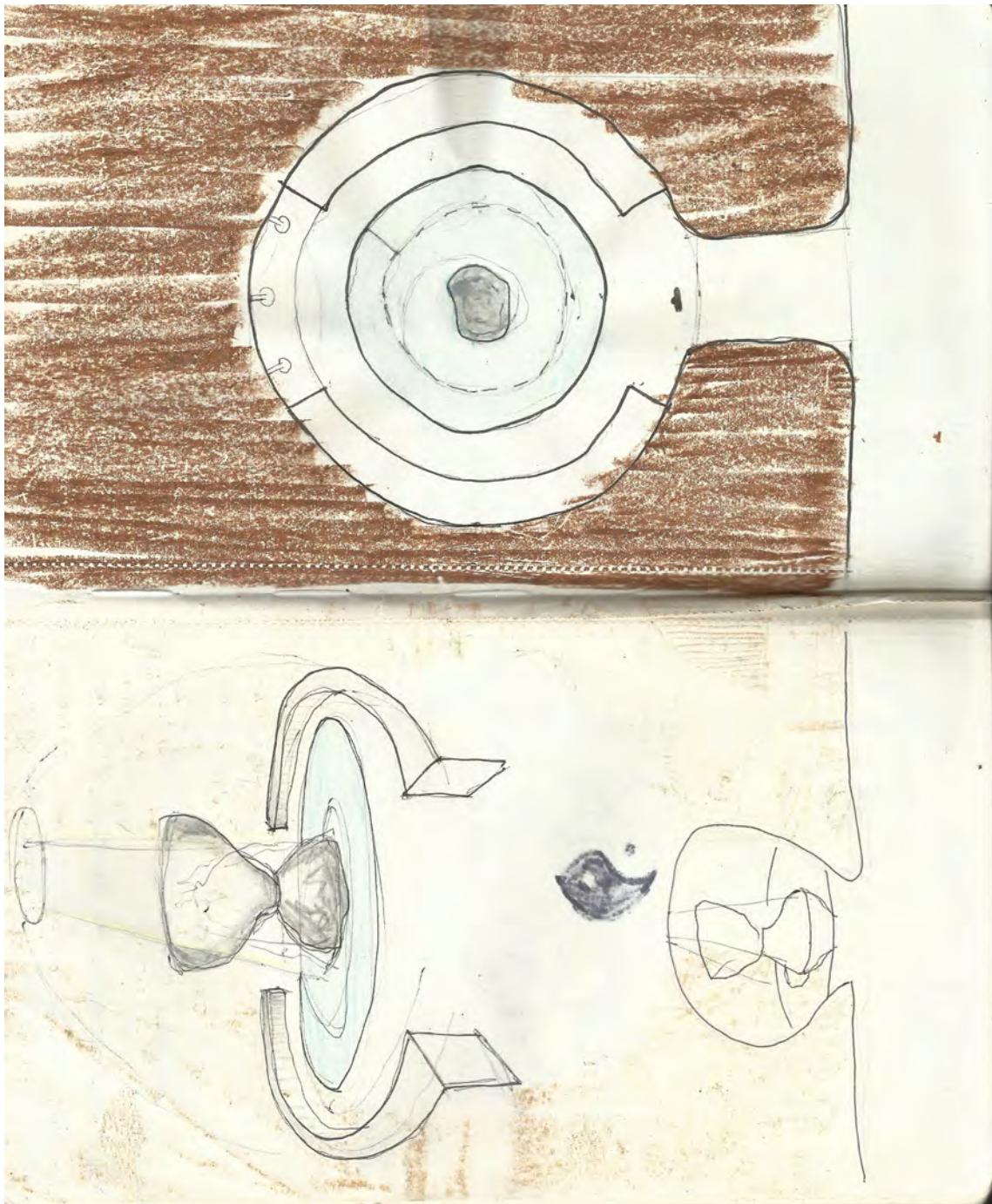




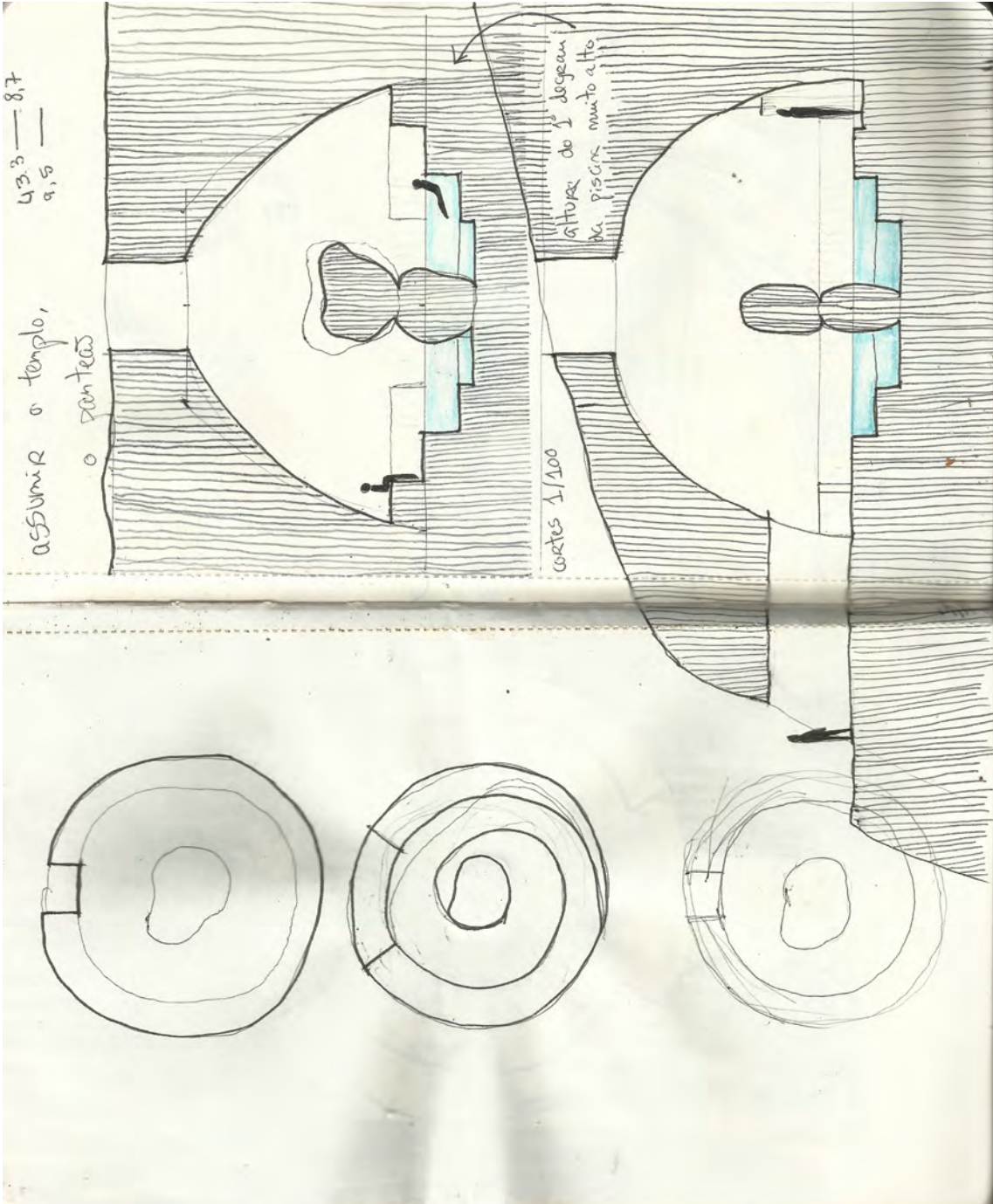
ter cuidado com a escala de tudo  
 • dar uma boa expressão principalmente no núcleo de planta (porque não há muito projeto é mais organização de espaços)  
 • a oficina é muito pequena para estar madeira p/ construção → só coisas de pequena escala.  
 • estufas → ver área p/ estufa vertical  
 • só uma armazém de compostagem chuga  
 • alinhar bem os tamanhos e proporções das coisas que eu desanhei do pré-existente.  
Recinto das cabanas

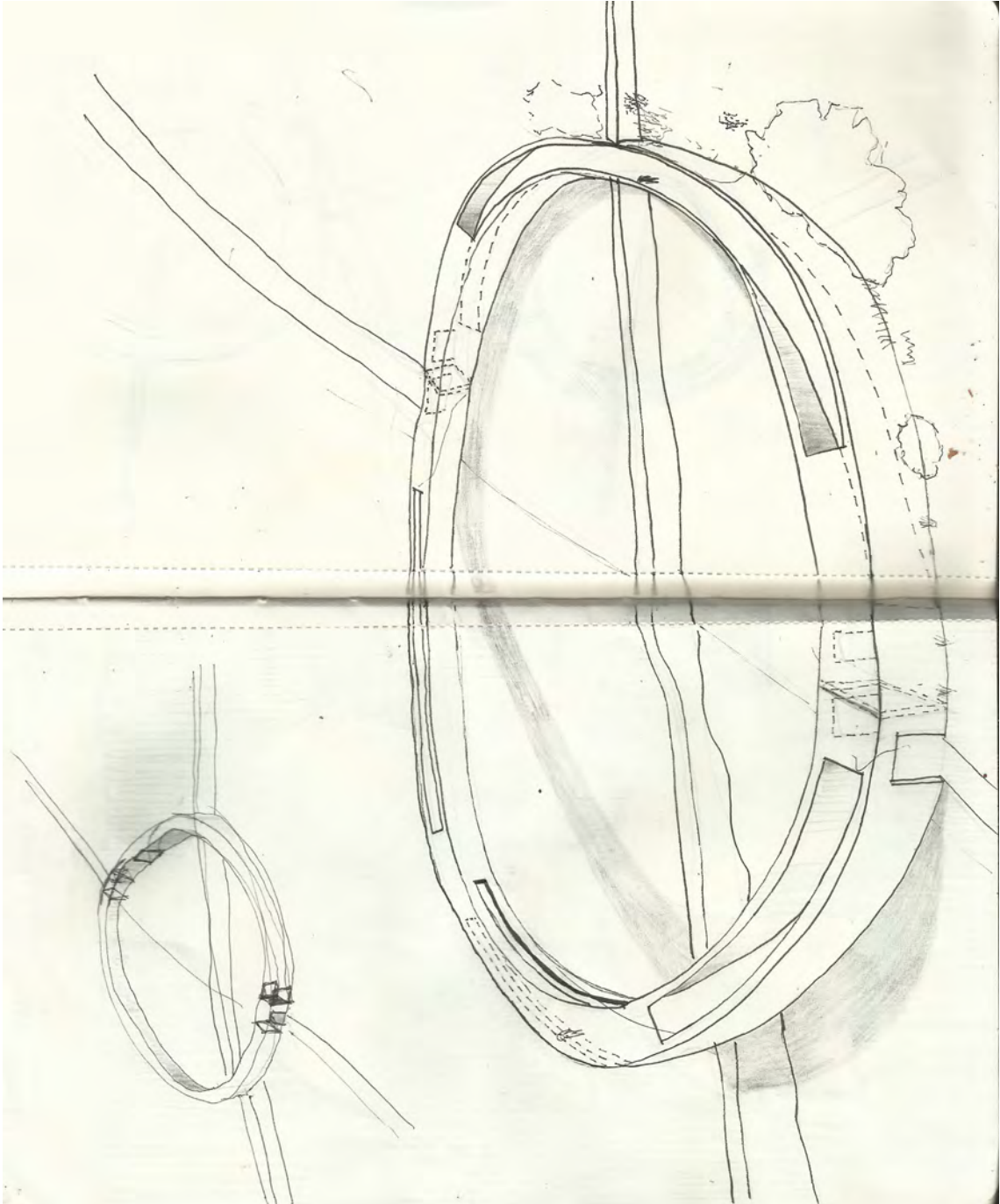






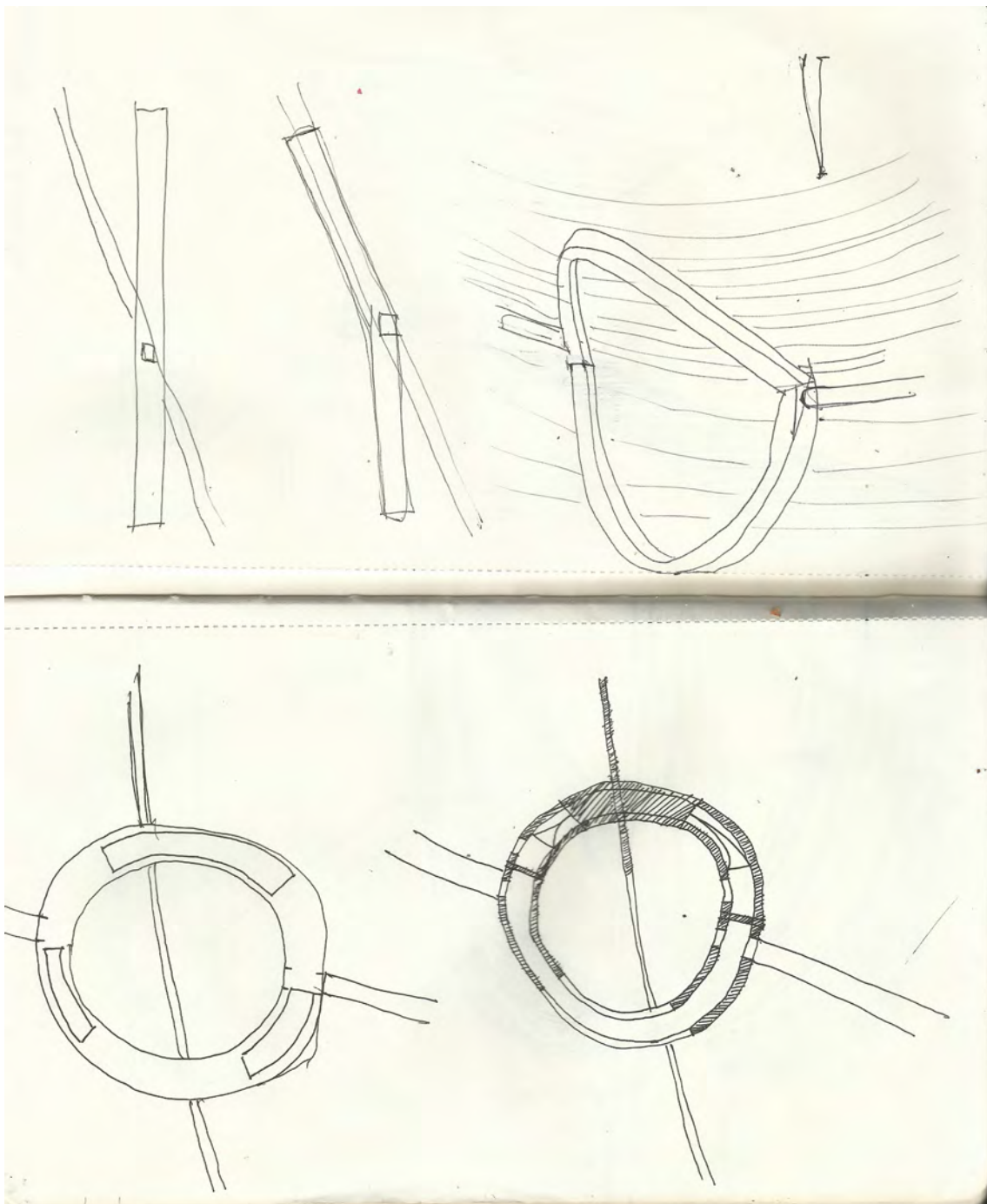
Esquços . Dimensão Bloco A5

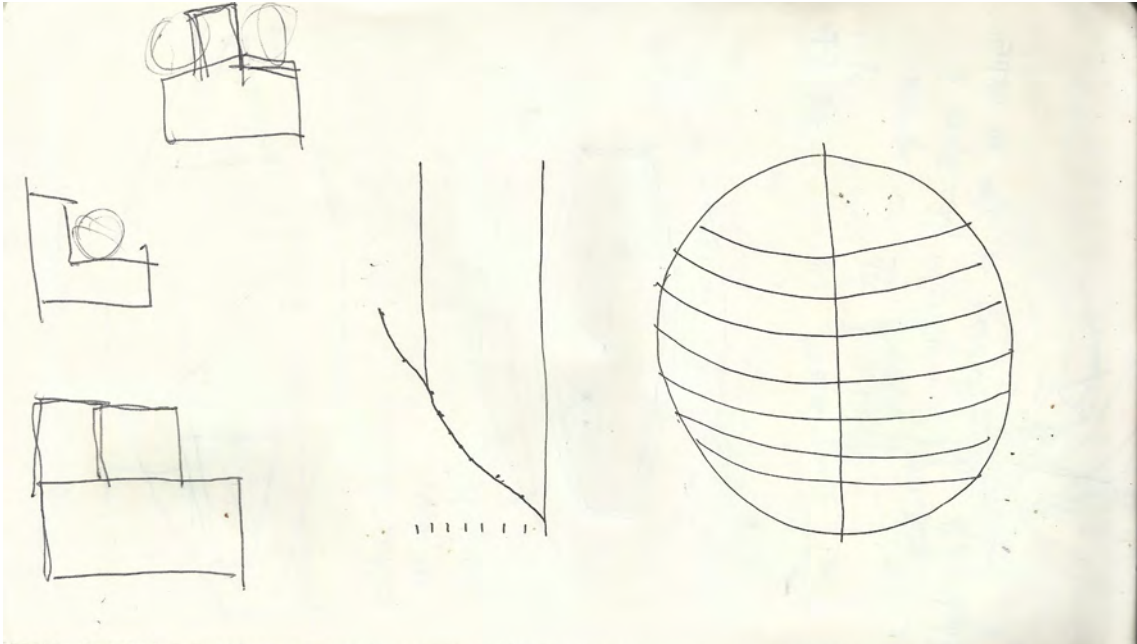




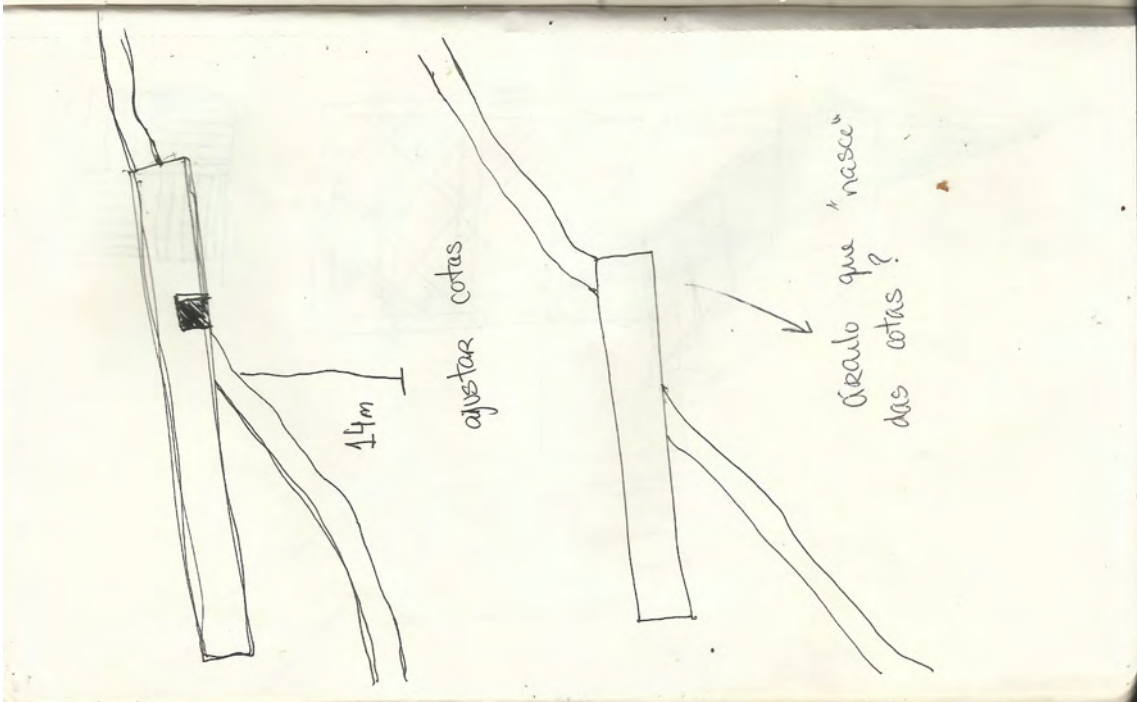
Esquiços . Dimensão Bloco A5



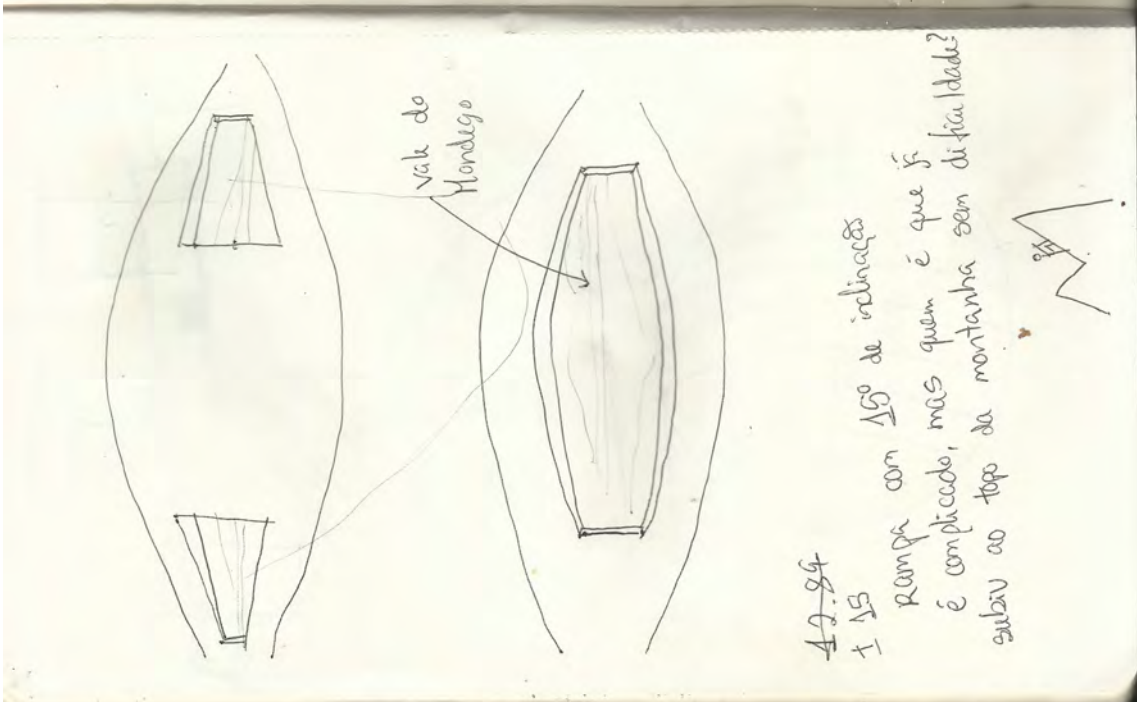
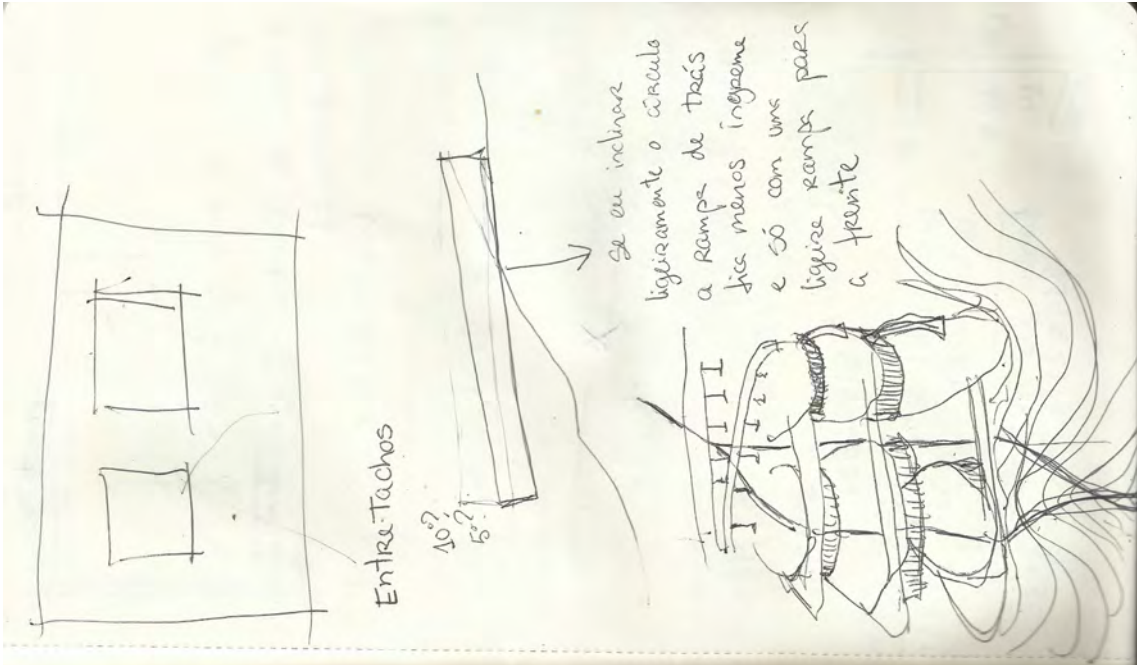


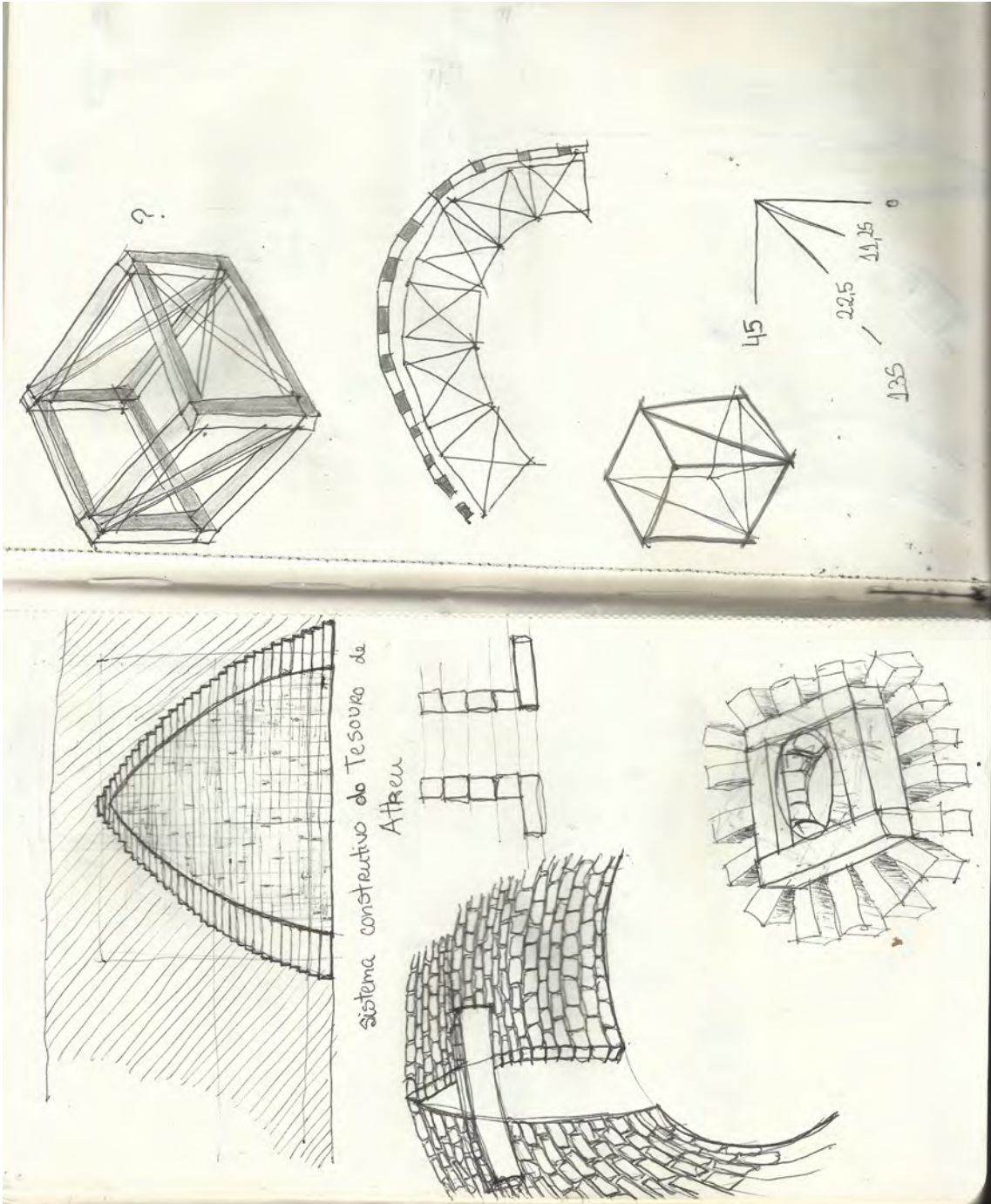


334

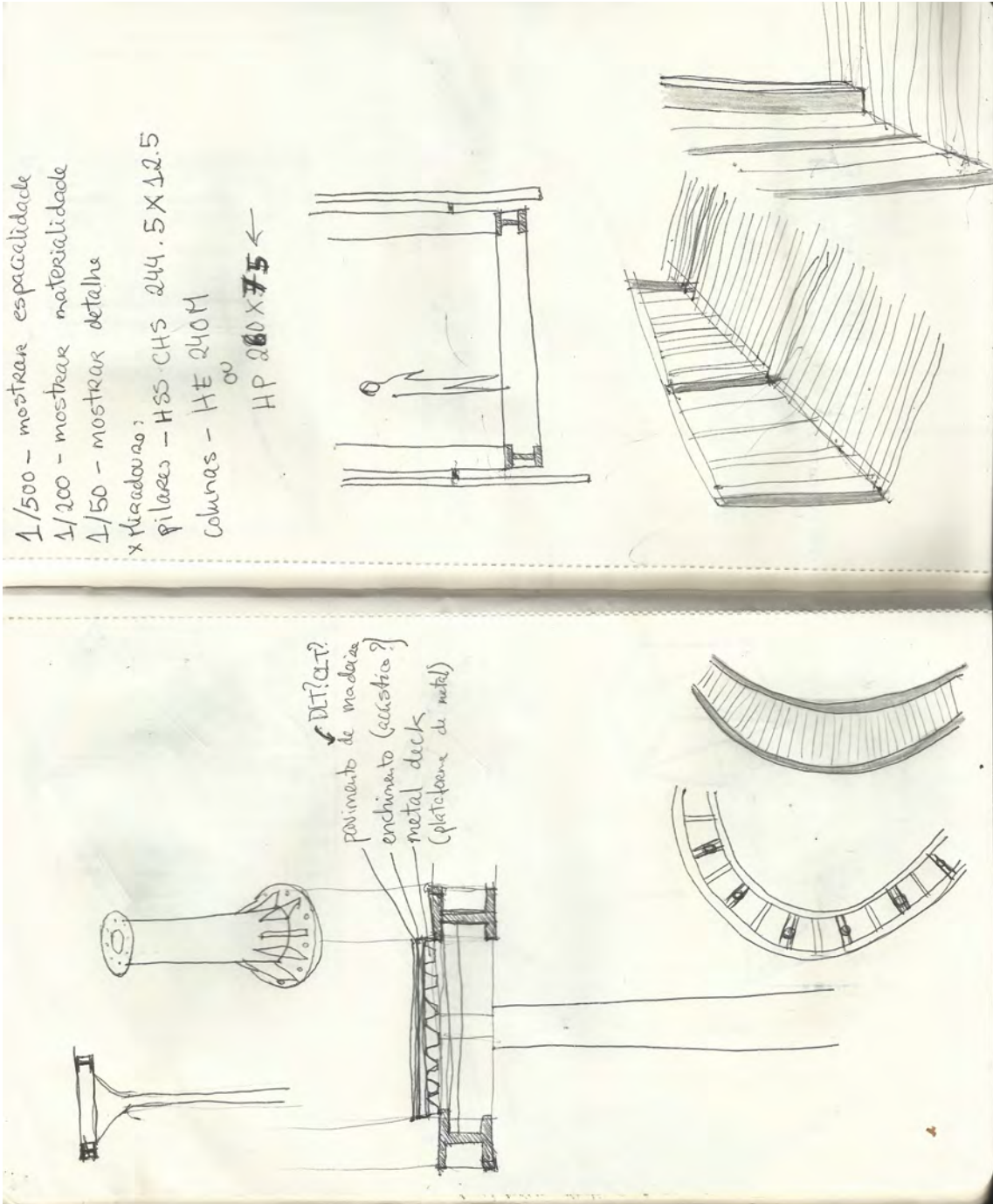


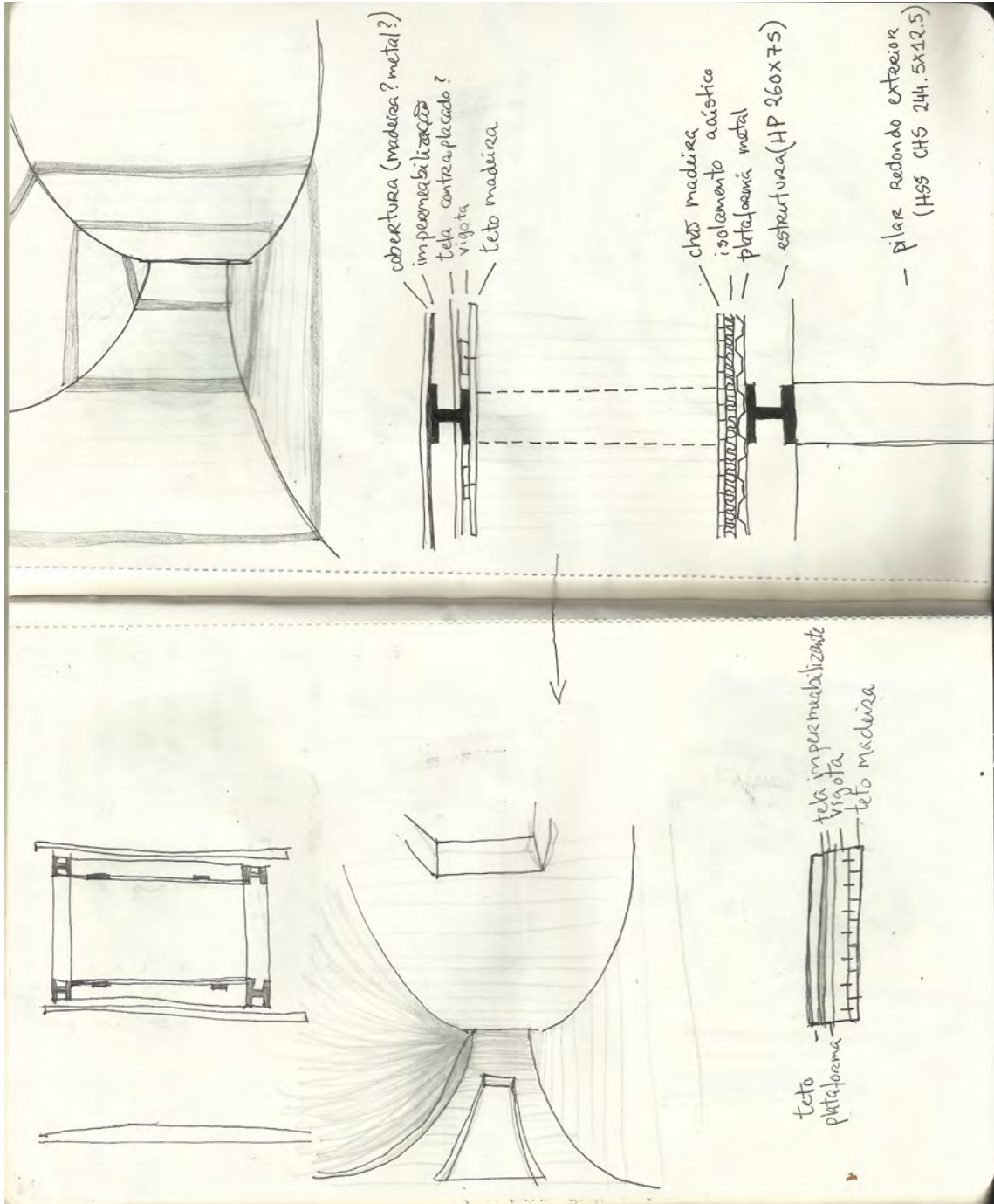
Esquços . Dimensão Bloco A5



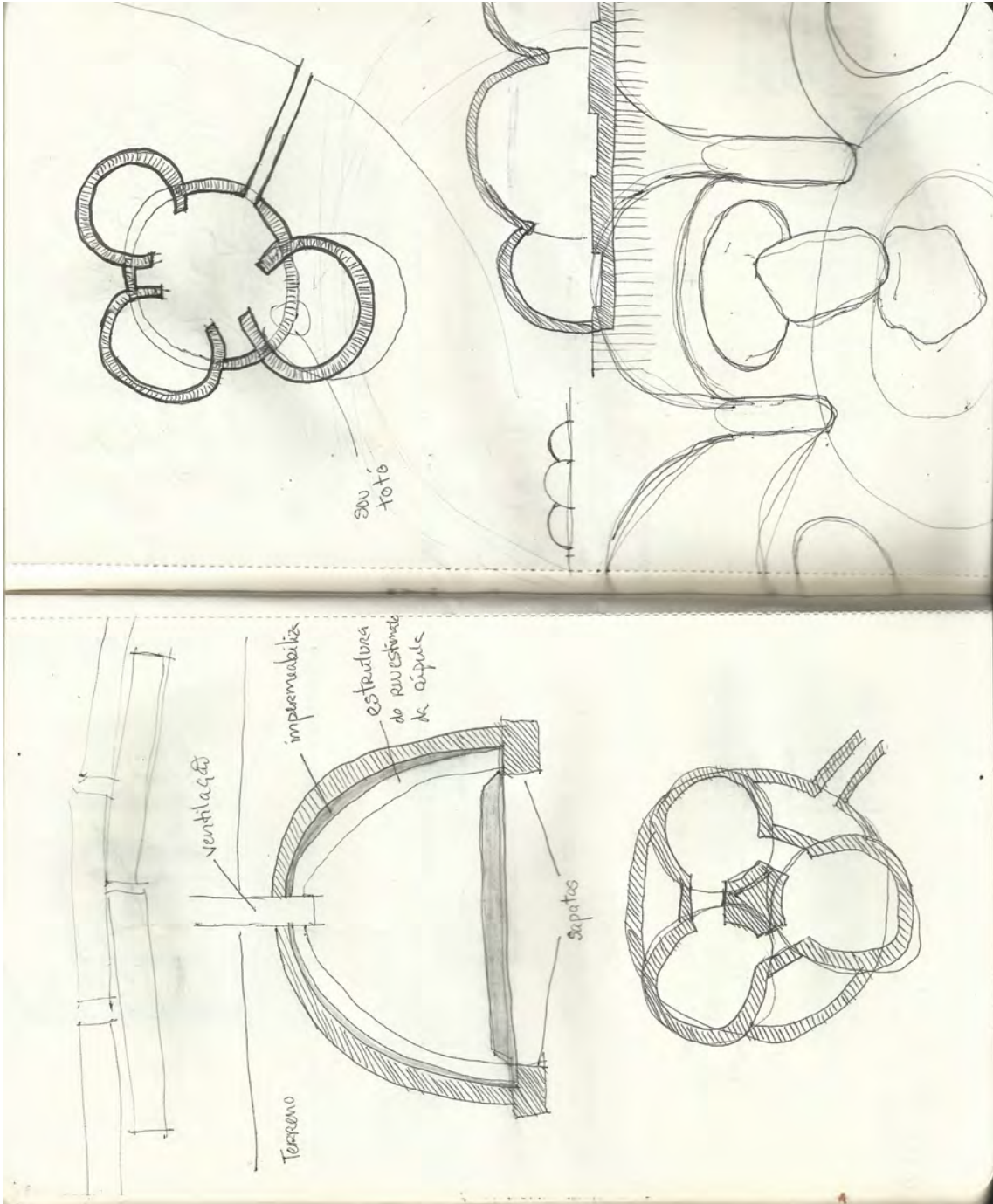


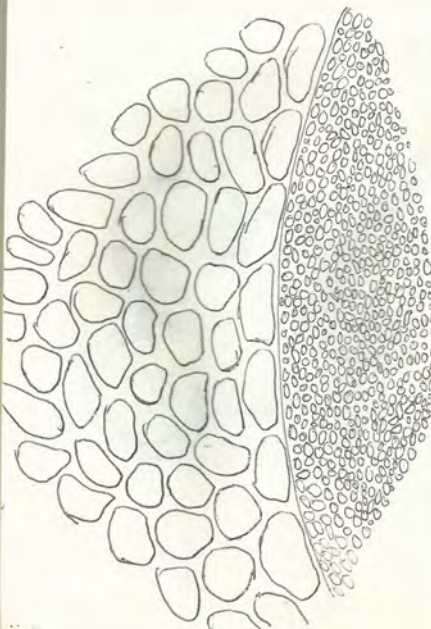
336





Esquços . Dimensão Bloco A5





detalhe do betão com o terreno

tela de impermeabilização horizontal

laje de betão

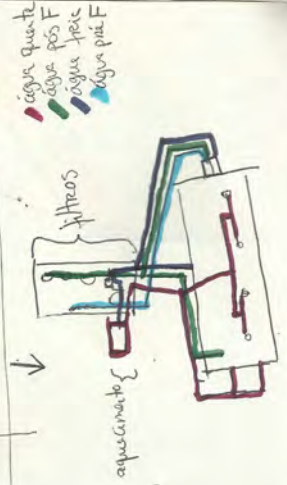
geotêxtil

encrocamento para evitar humidade por sapat. captação

terreno

# Clear Water Revival\*  
diferenças entre:

lago 50% de plantas	piscina natural 80% de plantas
não podem ser aquecidas nem cobertas	podem ser aquecidas até 28°C podem ser cobertas e indoor
se precisarem mantêm-se durante o inverno	mantêm-se regular como as outras piscinas mas com custos muito mais baixos que uma piscina normal
a água é limpa através das plantas	a água da piscina natural é bombeada para filtros biológicos mantendo a água potável
experiência natural (quase selvagem)	piscinas naturais são potáveis e 100% chemical free

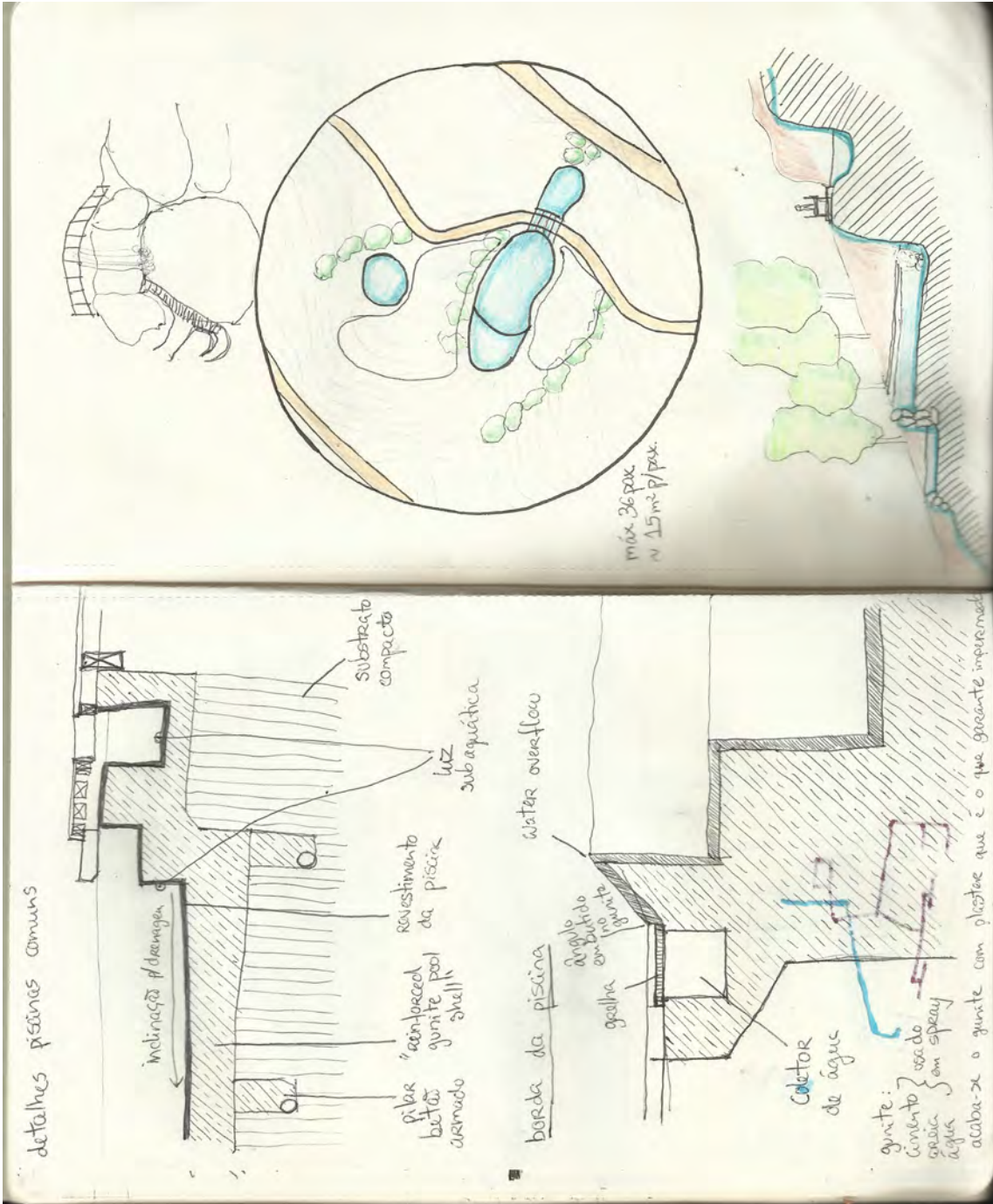


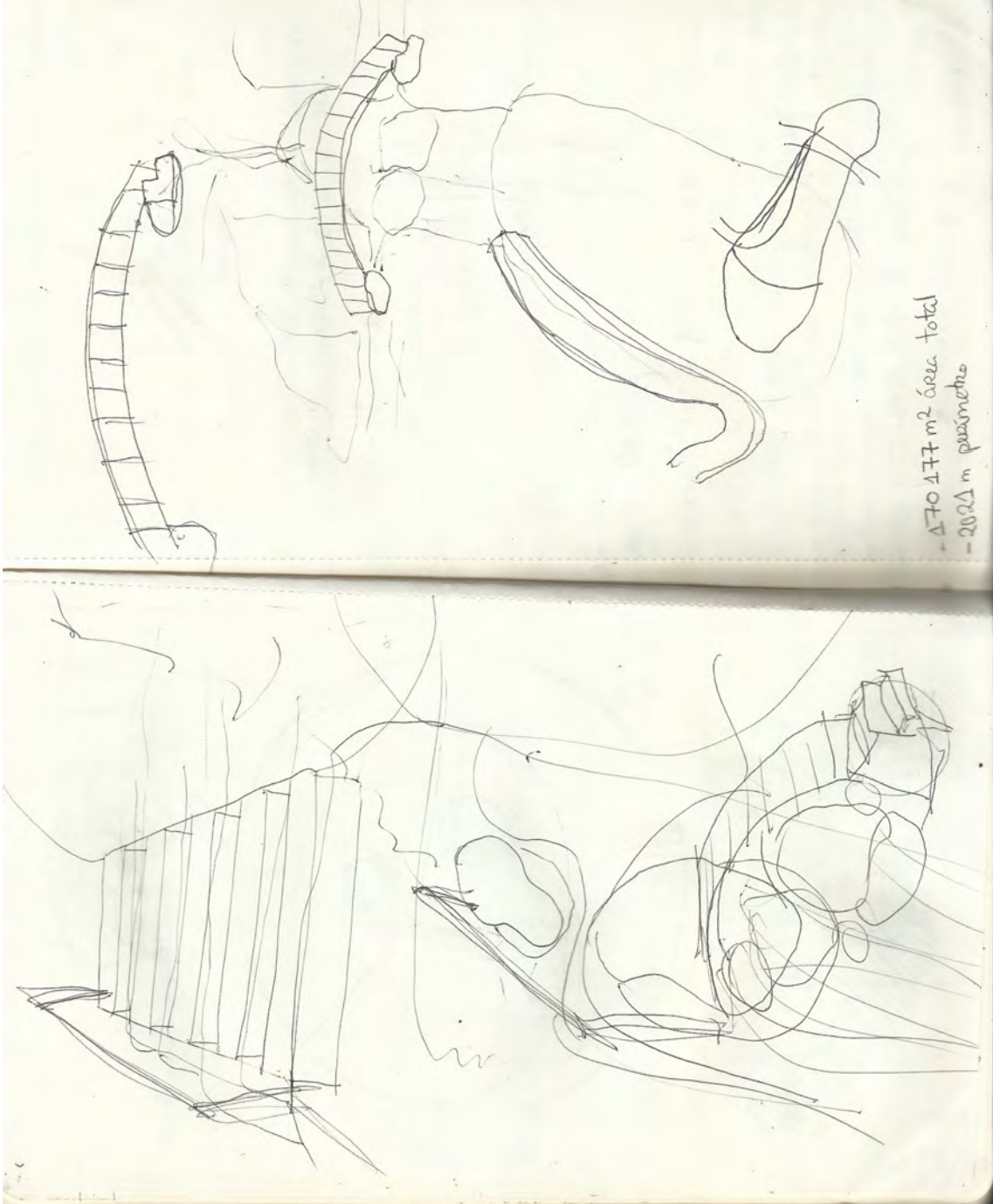
água quente  
água pot F  
água fria  
água pia F

aquário { filtros

não esquecer:  
fazer planta a indicar pontes nos caminhos







Esquços . Dimensão Bloco A5

Conversa com professor e Bárbara Silva  
22/05/20



"Cremona" - grelha de treliças  
peças de travamento cruzadas

caleira!!!

brincar com



(esaltador)

círculo da sereia - Chafes - pedra  
opiniões

desmaterialização do jardim interior para o  
seNagem

axonométrica explodida - misadouro

1ª expressão portuguesa de Arte Nova  
cerâmicas de Bordalo Pinheiro ←

- 2 portas curvas nas partes da piscina?

hum

plataformas meio esta

para as piscinas

- um preado de vegetação selecionada indígena

"linha de rasante do terreno"

- desenho neoclássico } pode ser uma colagem

- desenho romântico } mas tem de ser

- desenho } justificado com a intenção

- descur para a gruta

- capex bienal de Venezia - Santo Moura

- Sejina - aquecimento geotérmico - Zolvereign

- atonia de briteiros

- geotérmica (aquecimento)

- Escravos o projeto!!!

- atonia de briteiros - temas:

- Zolvereign School - SANAA - aquecimento geotérmico

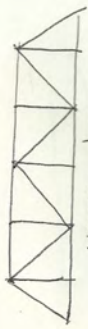
- Valério Oligatti } arq. outline - coisas bonitas

- Livio Vecchini

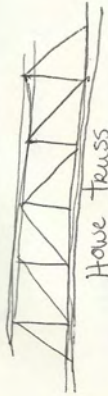
- Fran Silvestre - muito branca - composição espacial  
boa

- Mandar mensagem a Rui Chafes (?)

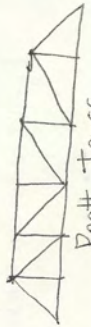
31/05/20



Warren Truss



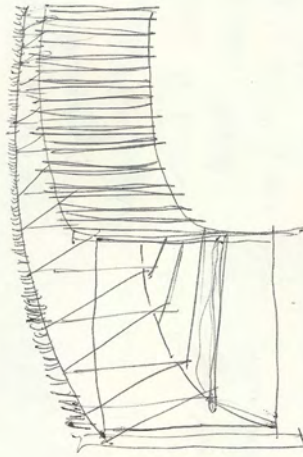
Howe Truss



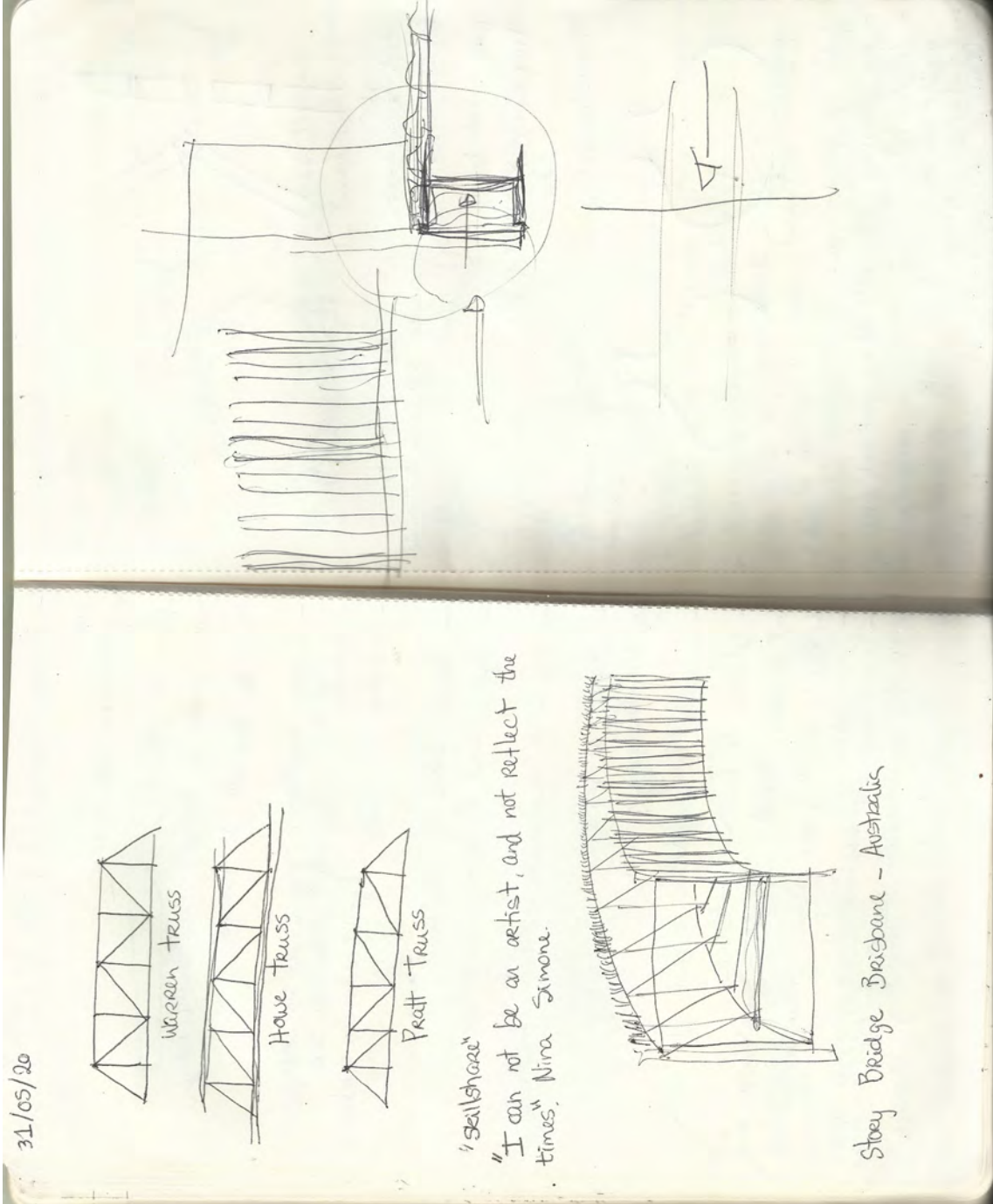
Pratt Truss

'scalphaze'

"I can not be an artist, and not reflect the times." Nina Simone.



Stoney Bridge Brisbane - Australia



tipo ~~20x20~~  
 Klinker 24x15x7 - Vermelho Vulcânico texturizado  
 para o chão:  
 Tira Romana X 50 X 280 X 50

fazer diagrama de:  
 - que sentidos são estimulados em cada um  
 - dia/noite  
 - verão/inverno  
 - sozinho/acompanhado  
 - indica ou pedagógico

---

- estabilizar cotas de caminhos
- desenhare entrecasas da Teta
- ligares com a circular e a antede
- pedras da cúpula no fecho do óculo têm de ser mais robustas
- pedras arredondas fazem o cilindro de óculo
- Augustin Baroque  
↳ sobre jardim japonês
- assenta-se a pedras com areia e cal
- altura de bancas 0,38 - 0,43  
0,42
- profundidade, 45

- caldeiras - ver coisas bonitas
- Fernando Siqueira Bancas - património vernacular
- desencaminhar-te - alto Minho - foto de pontos
- Oxigénio a atravessar a lajeira
- efeito venturi - feio que tem a torçoa e o fumo para cima
- fies - creque do tijolo à vista - estereotomias
- engrossar o muro de tijolo
- Anore de Vide (?) Klimt - Scarpa
- Alan de Botton - Arquitetura de Felicidade

TED EX  
 Renzo Piano  
 CNBD

- Alain de Botton - casas de arquitetura
- Brandas - casas vernaculares do Alto Minho
- ↳ Monsanto "pools"
- Grand Canyon Skywalk
- casa no Gêz - Corraia/Ragazzi Arquitetos



- vapor de água
- arco-íris
- Olafur Eliasson

Buckminster Fuller

"If we want to change something about the climate, it needs to be made explicit. It needs to be physical. And this is what culture is, culture is, to a large extent, physical. It's stuff out in the world." 37:50 - Netflix, Abstract

- "Design things that have a positive narrative" about the environment.
- Project
- Serpentine Pavilion - Peter Zumthor, 2004
- Plas Yfôr - RCR
- Jardim do Eden
- Alliesthesia = varying sensory stimulation

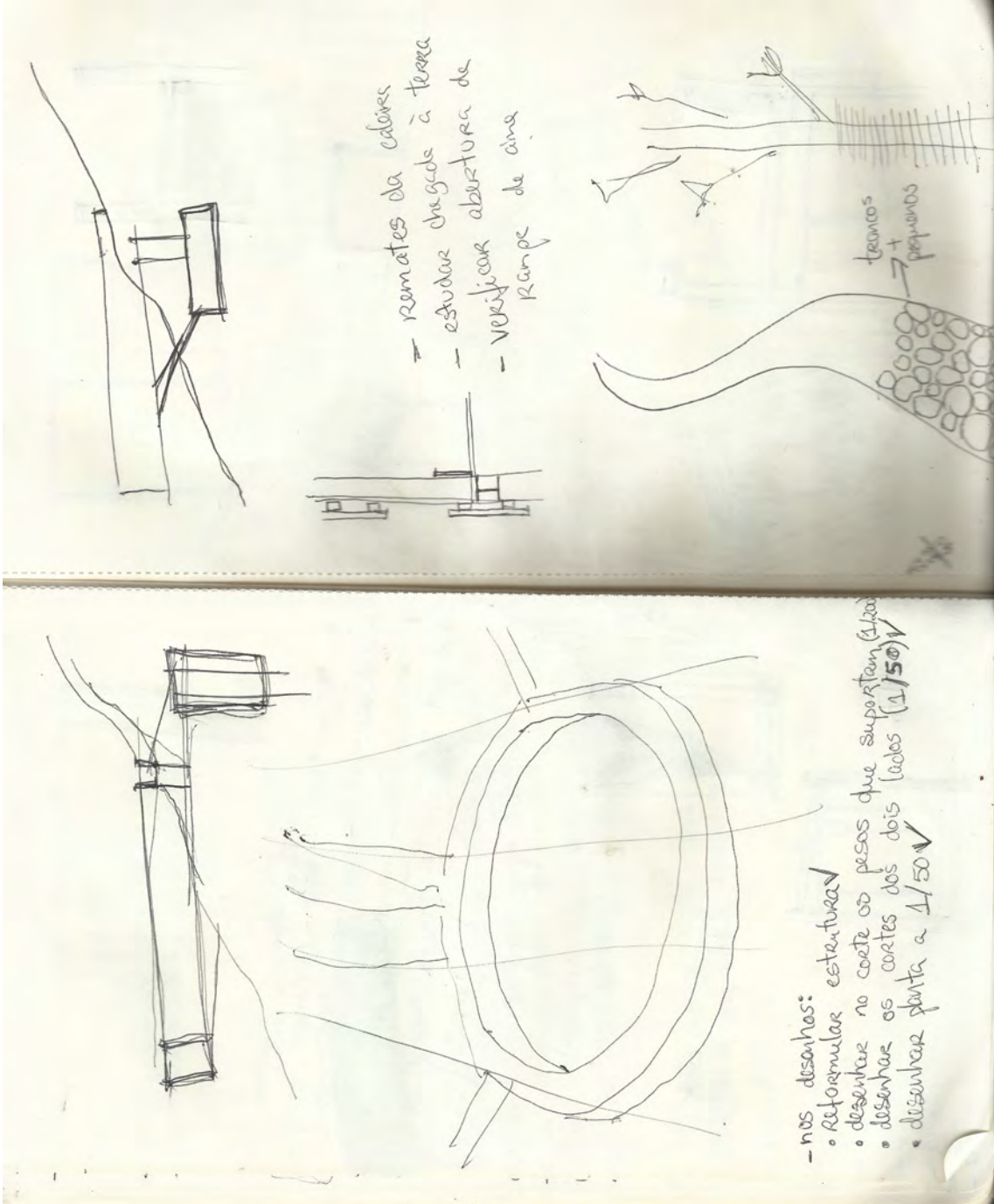
greta - terra - ~~root~~ - nascimento - infância  
 maldouro - ar - wall - crescimento - infância  
 piscinas - água - mound - veículo (humidificação com a subestrutura de vida)  
 hotspot - fogo - hearth - ~~mapote~~

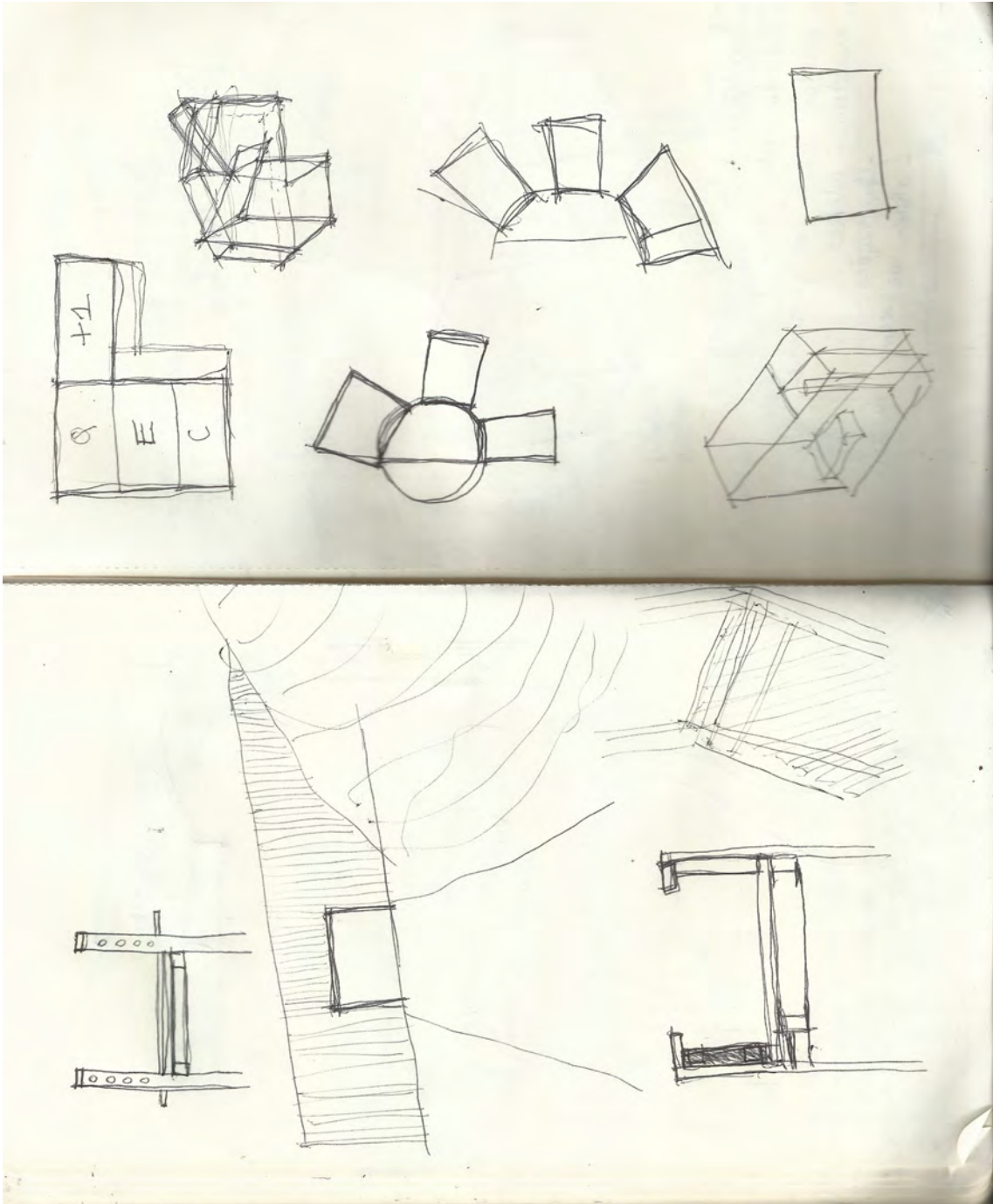
**TECIDO**

\* música angelical e jogo de luz aqui \*

- Glacier Skywalk  
 Sturgess Architecture

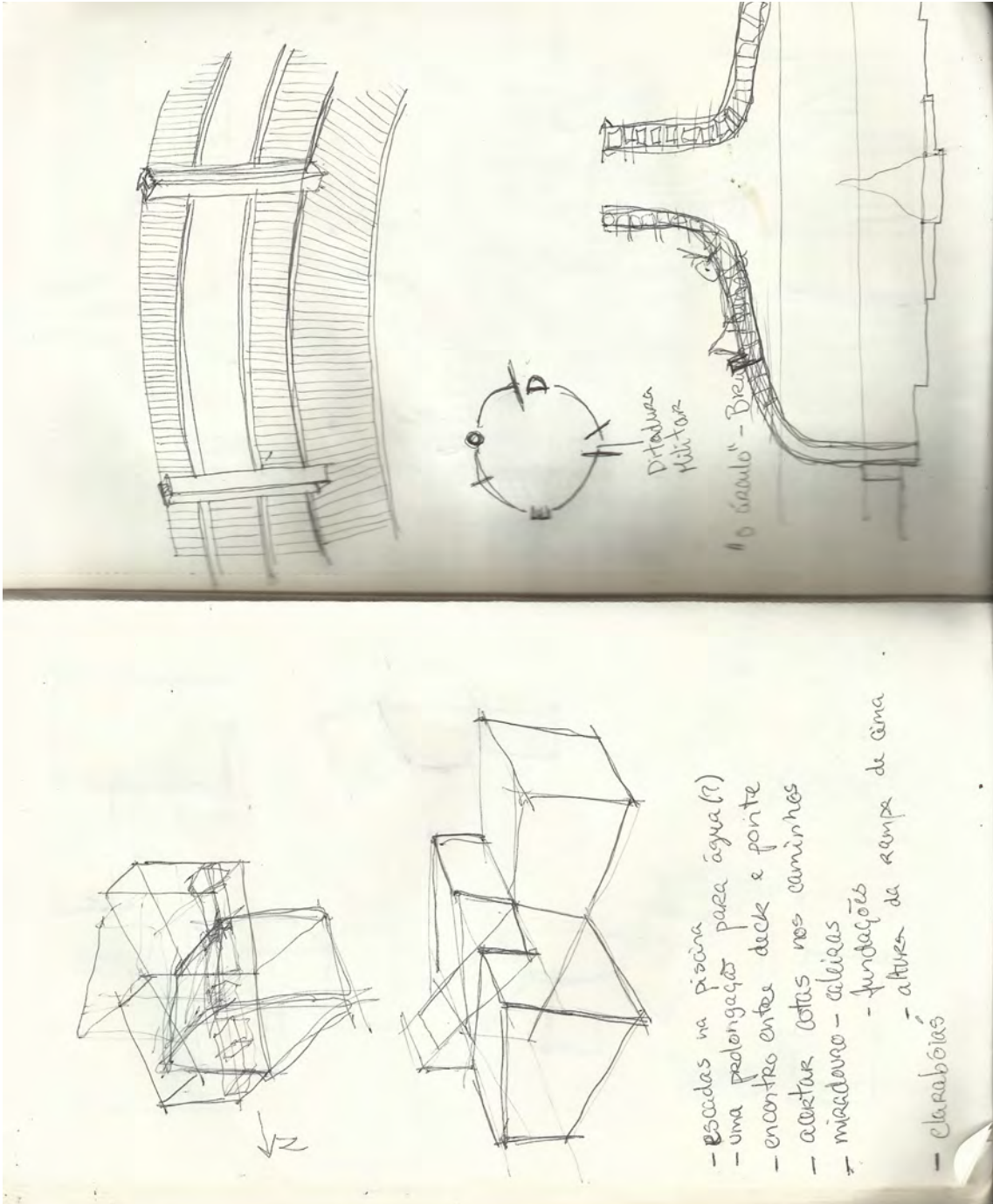
17 - 1000  
 3,5 - 347m  
 suspensão da  
 Glacier walk

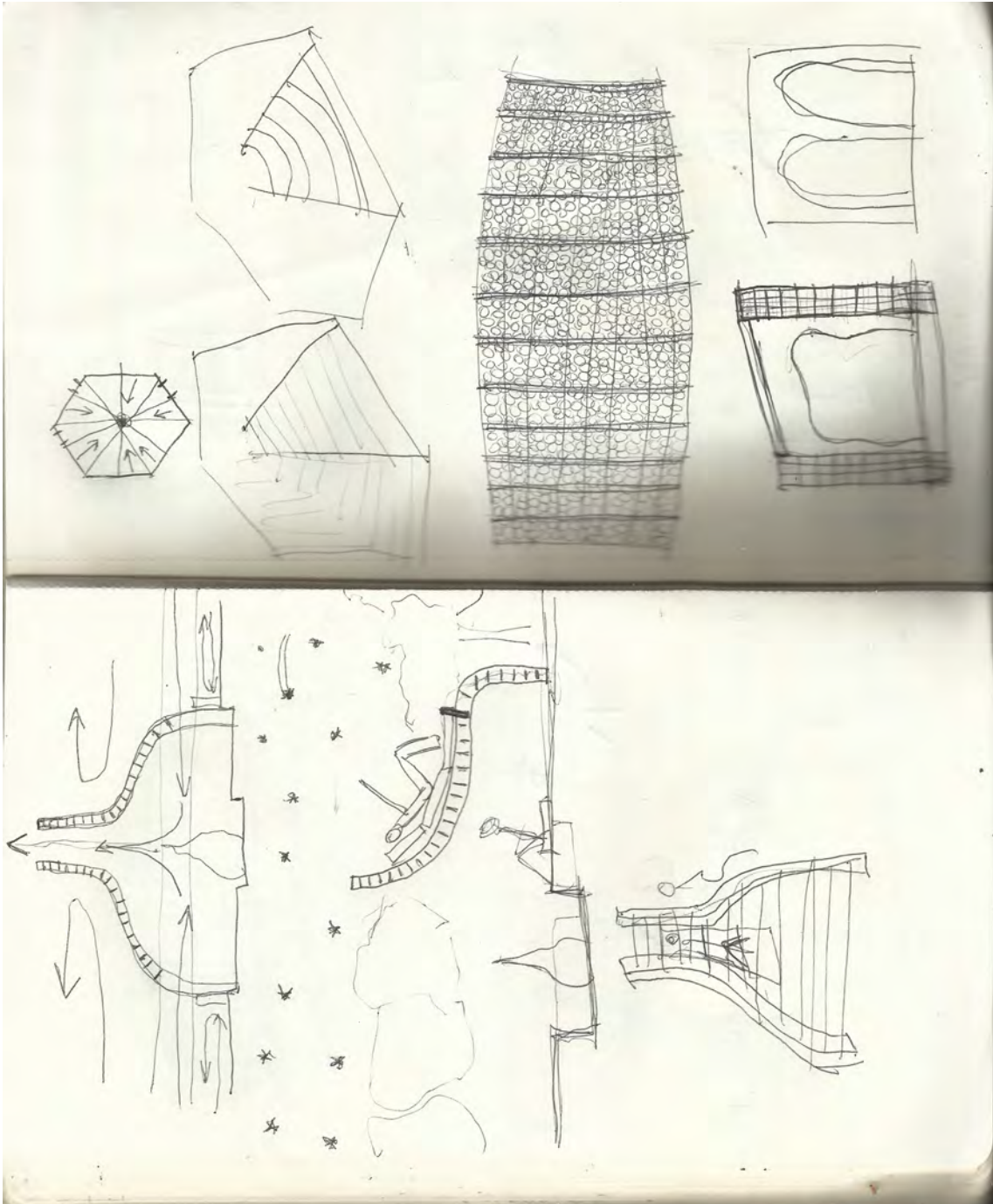




Esquiços . Dimensão Bloco A5







Esquços . Dimensão Bloco A5

Anta da Pedra da Orca, Rio Torto

Orografia → estudo descritivo das montanhas

ICNF - Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas

Rede Natura 2000

Amenhã:

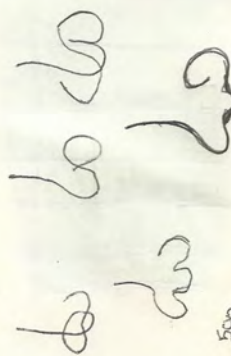
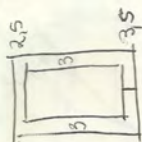
- Acabar Análises

- Fazer estratégias

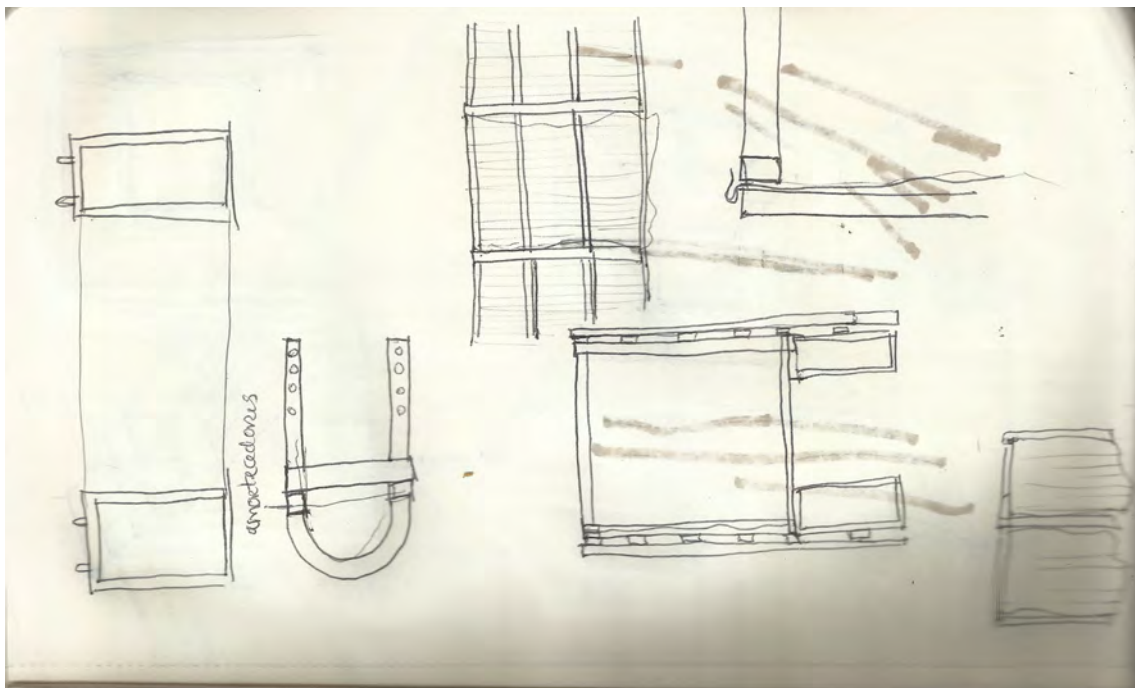
- Diagramas de Projeto

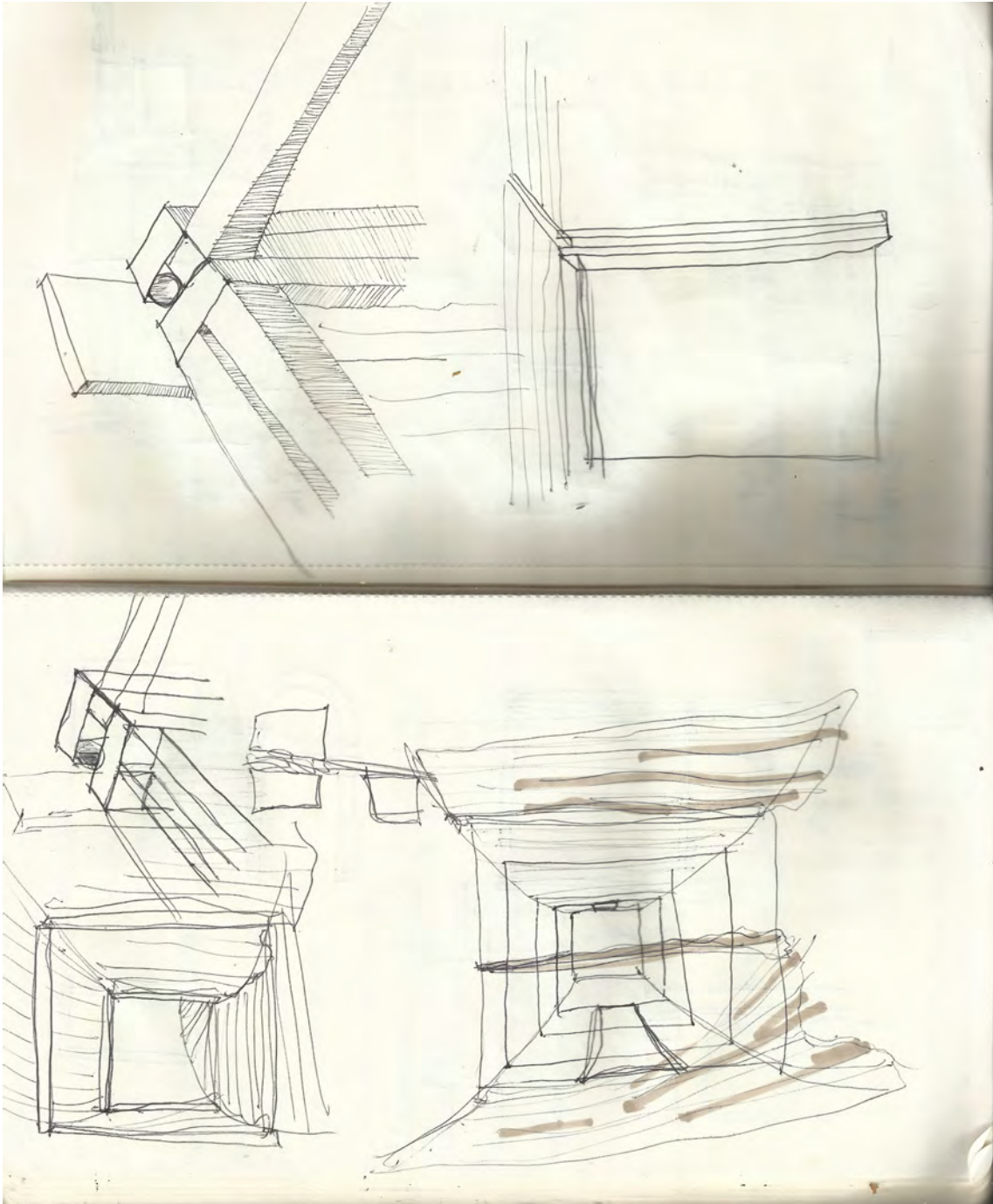
- Diagrama de vegetação ao longo dos anos

- Geopark - áreas muito desígnificadas

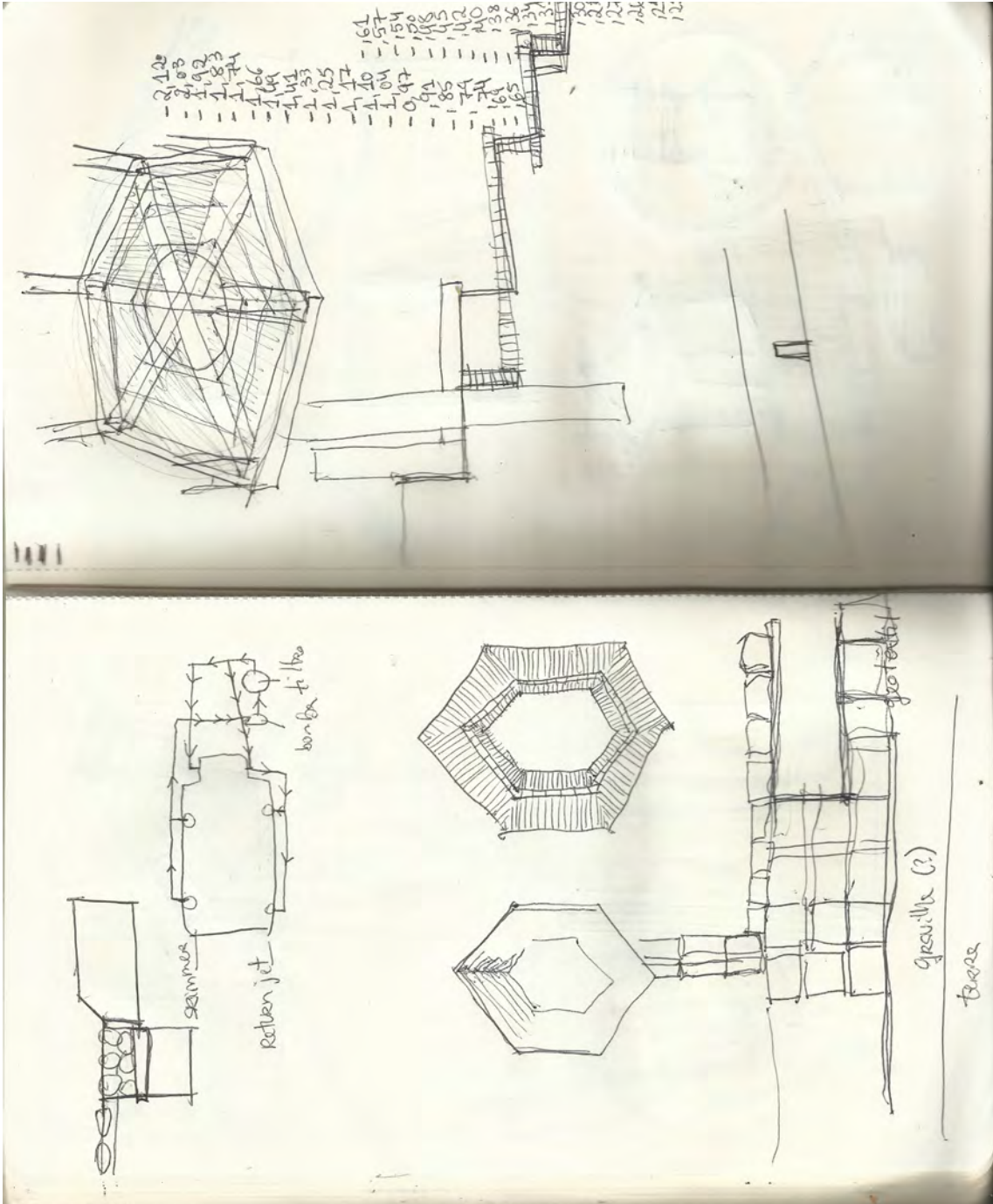


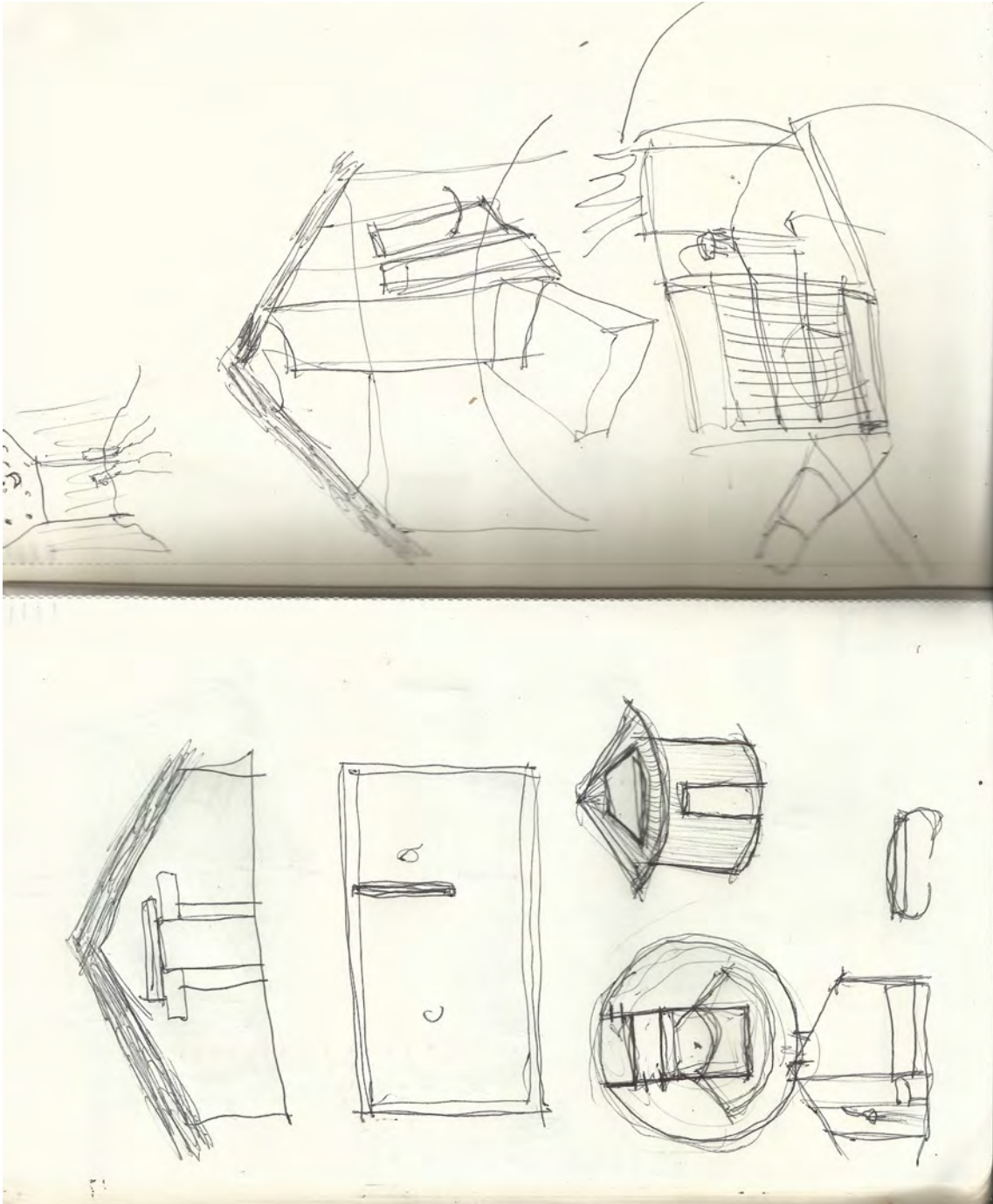
amostradores de massa sintonizados  
Grand Canyon = 450 000 kg/metro! 36 000kg-vidro



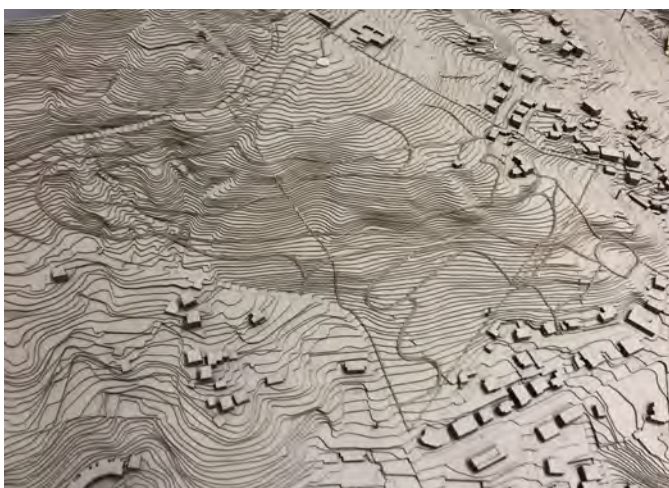
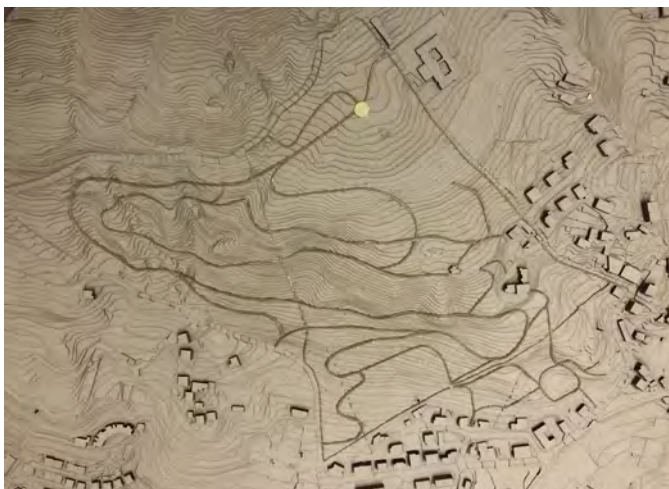


Esquiços . Dimensão Bloco A5





Esquços . Dimensão Bloco A5



Maquete de estudo . 1/1000



356



Maquete de estudo . 1/1000





Maquete oficial . Em exposição nos Paços do Concelho em Gouveia . 1/1000



358



Maquete oficial . Em exposição nos Paços do Concelho em Gouveia . 1/1000



Maquete oficial . Em exposição nos Paços do Concelho em Gouveia . 1/1000



Planta Base de Intervenção

**A Mata da Cerca**

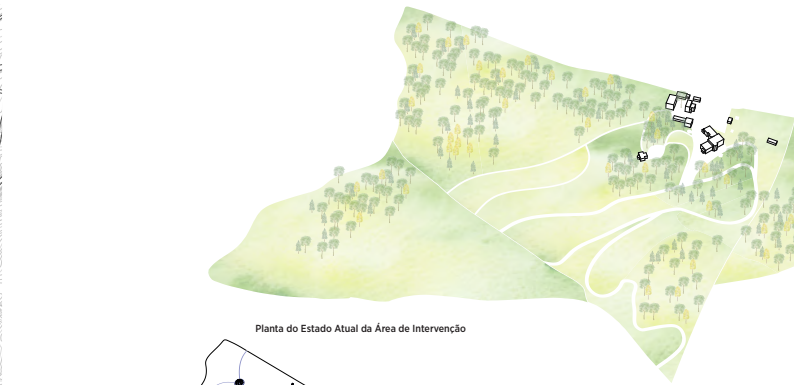
Um espaço de retiro para a reconexão Natural

A Mata da Cerca surge num dos pontos mais altos de Gouveia como transição entre a malha urbana da cidade e o tecido natural que se estende até ao Parque Natural da Serra da Estrela. É um parque rico em património arquitectónico que se encontra presentemente em estado de abandono e este projeto pretende precisamente dar vida ao seu potencial adormecido e preservar o património existente, devolvendo-o aos habitantes da cidade e a novos convidados.

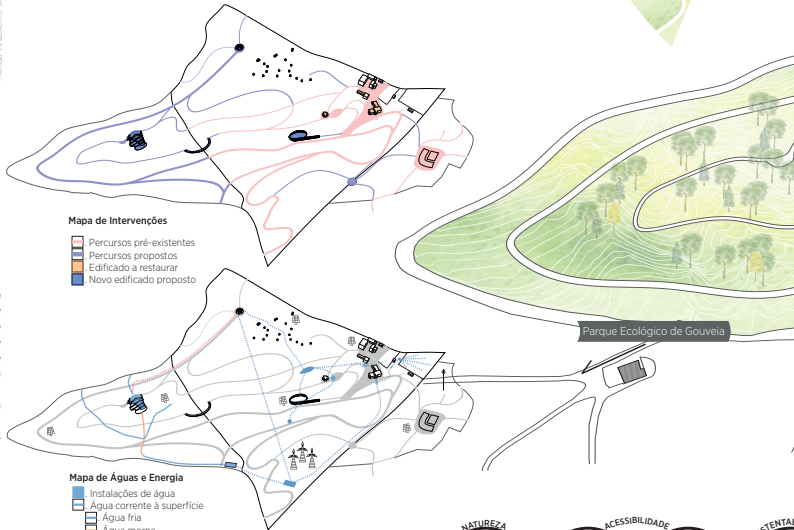
O conceito-chave desta intervenção é a ascensão espiritual e física através do encontro entre as se sações e os elementos. Assim desenvolveu-se um percurso que acompanha as cotas e alguns caminhos pré-existentes através de intervenções que nos revelam os quatro elementos naturais.

Palavras-Chave para o desenvolvimento do conceito:

- Ecologia
- Natureza
- Indivíduo
- Conexão



Planta do Estado Atual da Área de Intervenção



**Mapa de Intervenções**

- Percurso pré-existent
- Percurso proposto
- Edifício a restaurar
- Novo edifício proposto

**Mapa de Águas e Energia**

- Instalações de água
- Água corrente à superfície
- Água fria
- Água morna
- Água aquecida
- Água corrente em canais subterrâneos
- Energia eólica
- Energia solar



Palavras-Chave para o desenvolvimento do projeto



Planta do Núcleo Central da Cerca Identificação do Foco do Observador na Casa

- Legenda
1. Entrada principal
  2. Casa da Cerca
  - Residência
  - Café & Restaurante
  3. Casas de Apoio ao Staff
  4. Área agrícola
  5. Armazéns de apoio
  6. Fonte de água para rega
  7. Estufas



NE. Corte pela Gruta



NE. Corte pelo Miradouro

**Pontos de Vista**



Do terreno: Vista 1



Da Casa: Vista A



Vista B



Vista 2



Vista 3



Vista 4



Vista 5

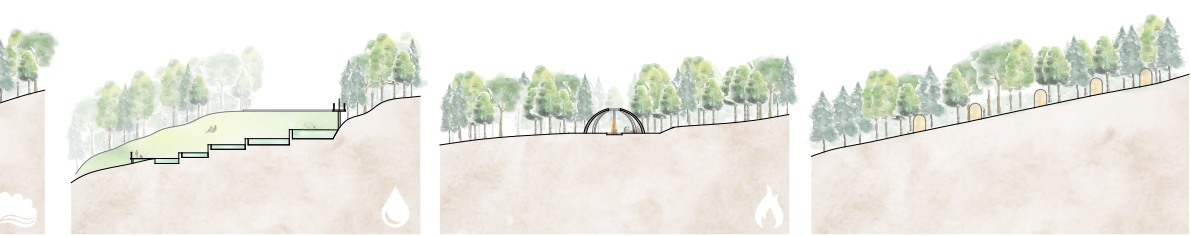


Vista 6

**A Mata da Cerca . Um ponto de reconexão natural**

Bárbara Batista

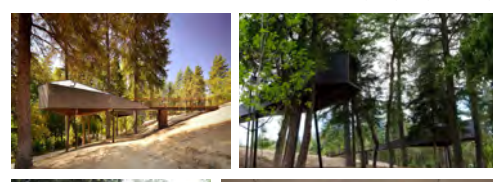
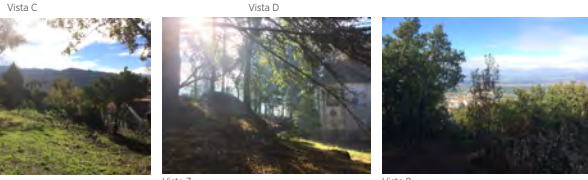
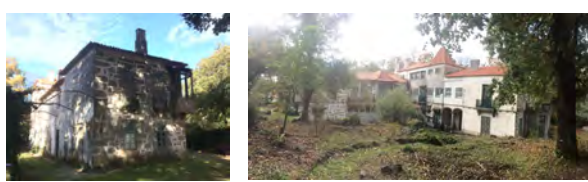
Reinventar Gouveia : Visões Urbanas



NE . Corte pela Biopiscina

NE . Corte pelo Hotspot

NE . Perfil pela área das Cabanas



Caso de estudo: Pedras Salgadas Spa & Nature Park

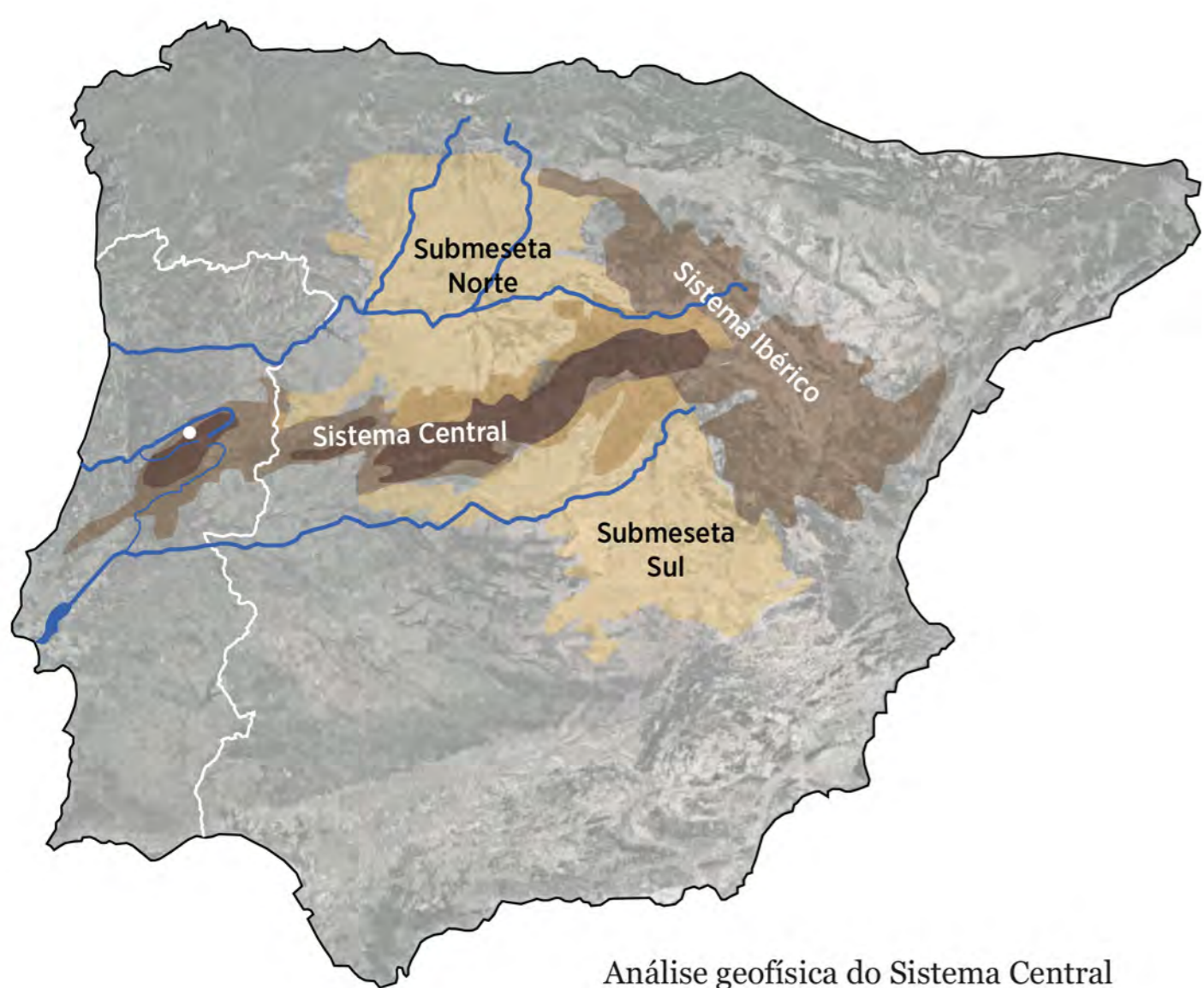




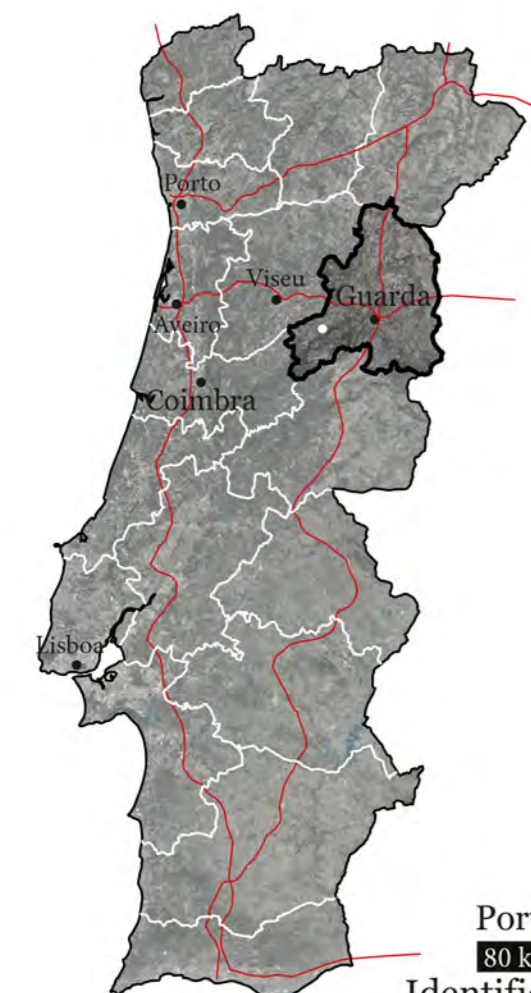
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

D'Arq  
FCT.UC

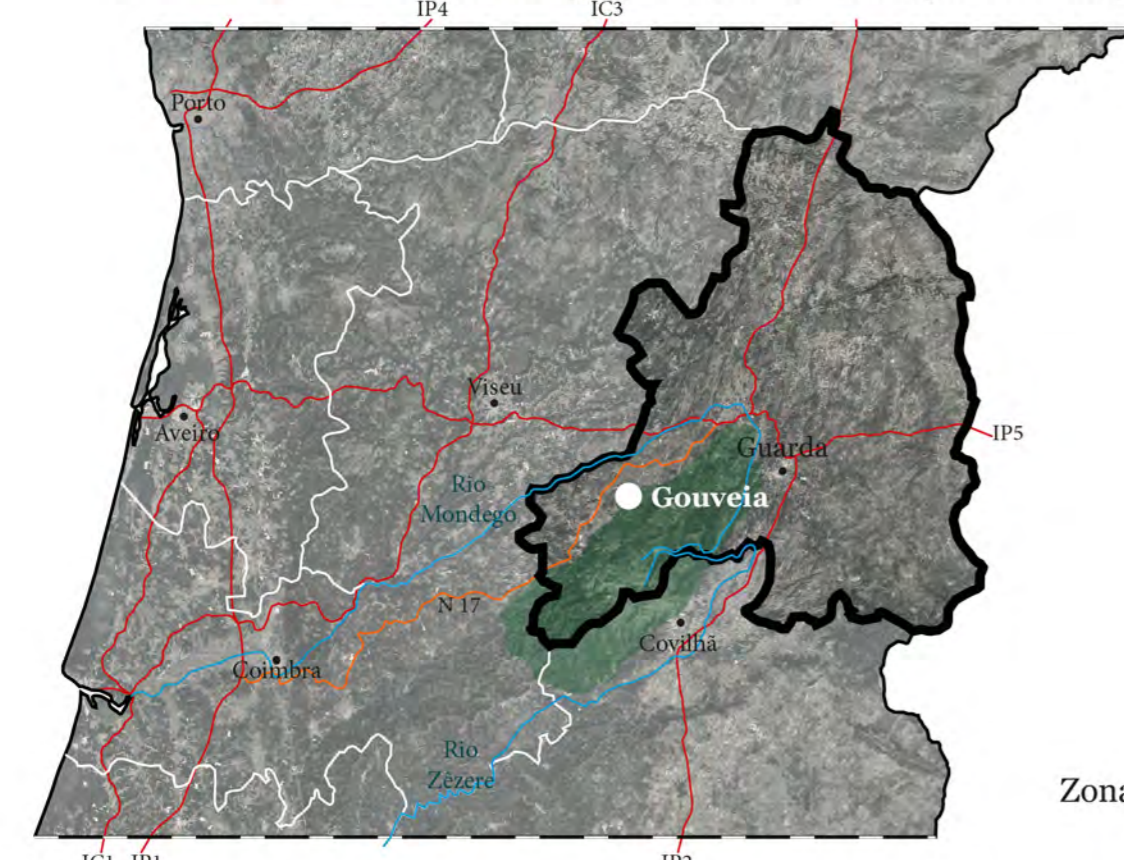




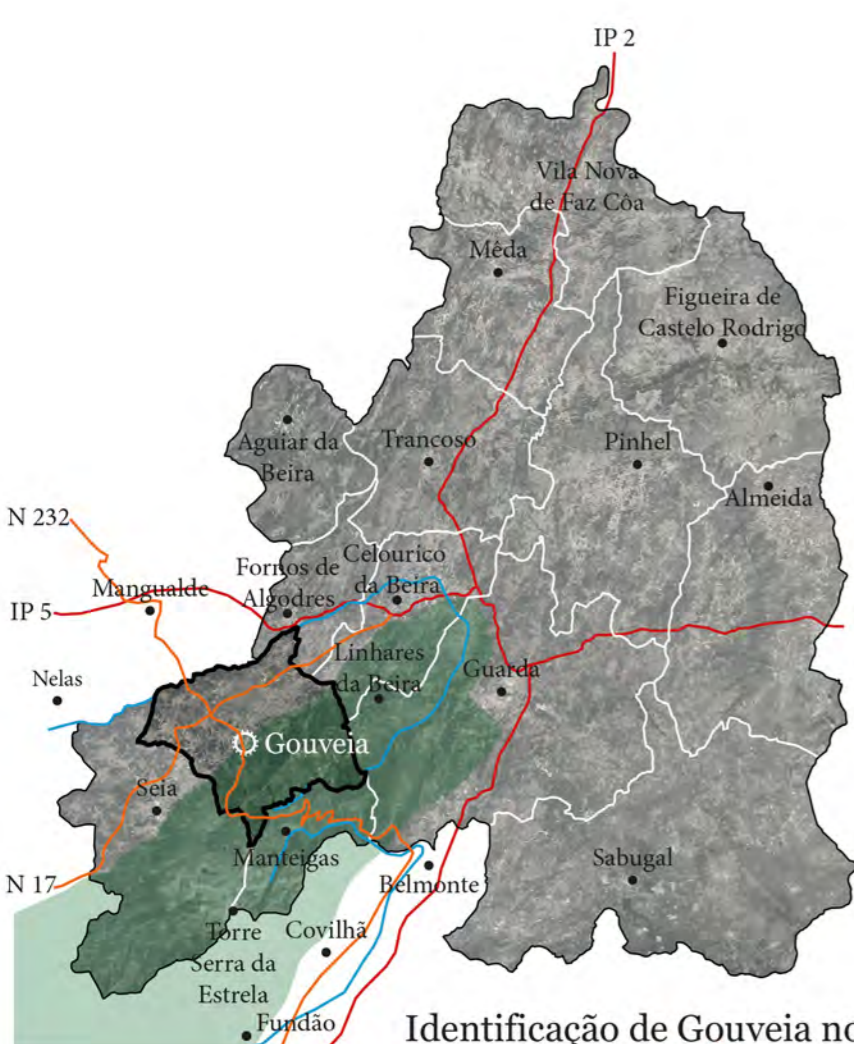
Análise geofísica do Sistema Central



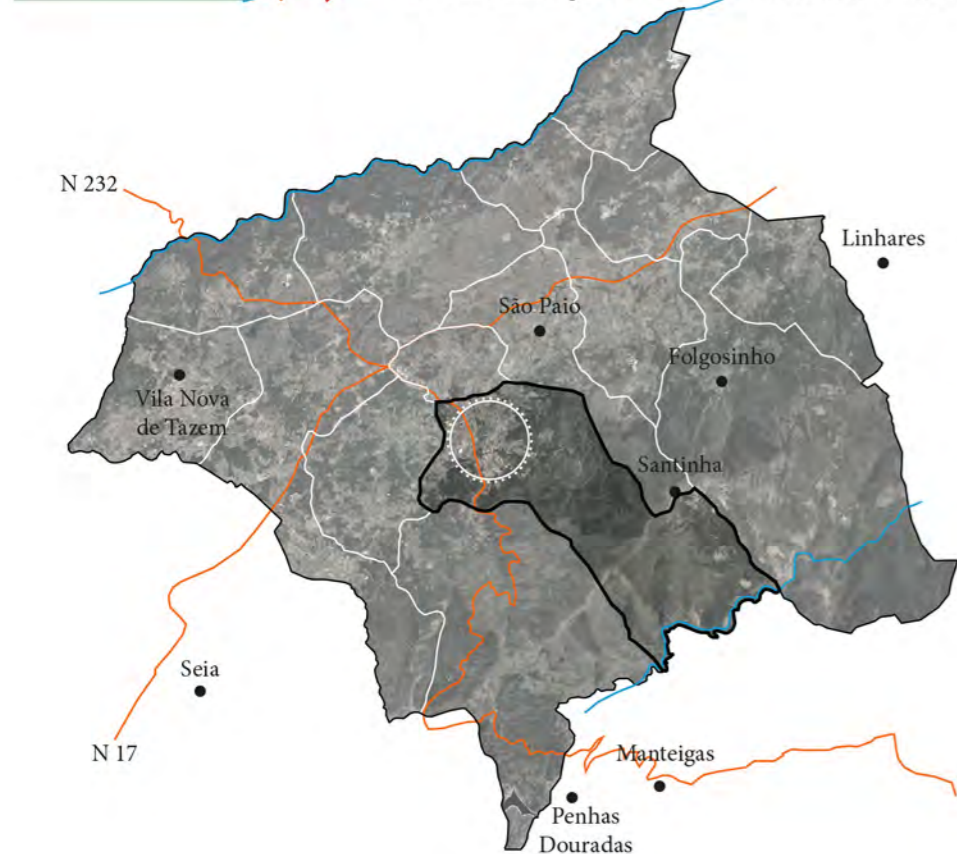
Portugal 80 km  
Identificação de Gouveia no Mapa de Portugal



Identificação de Gouveia na Zona Centro

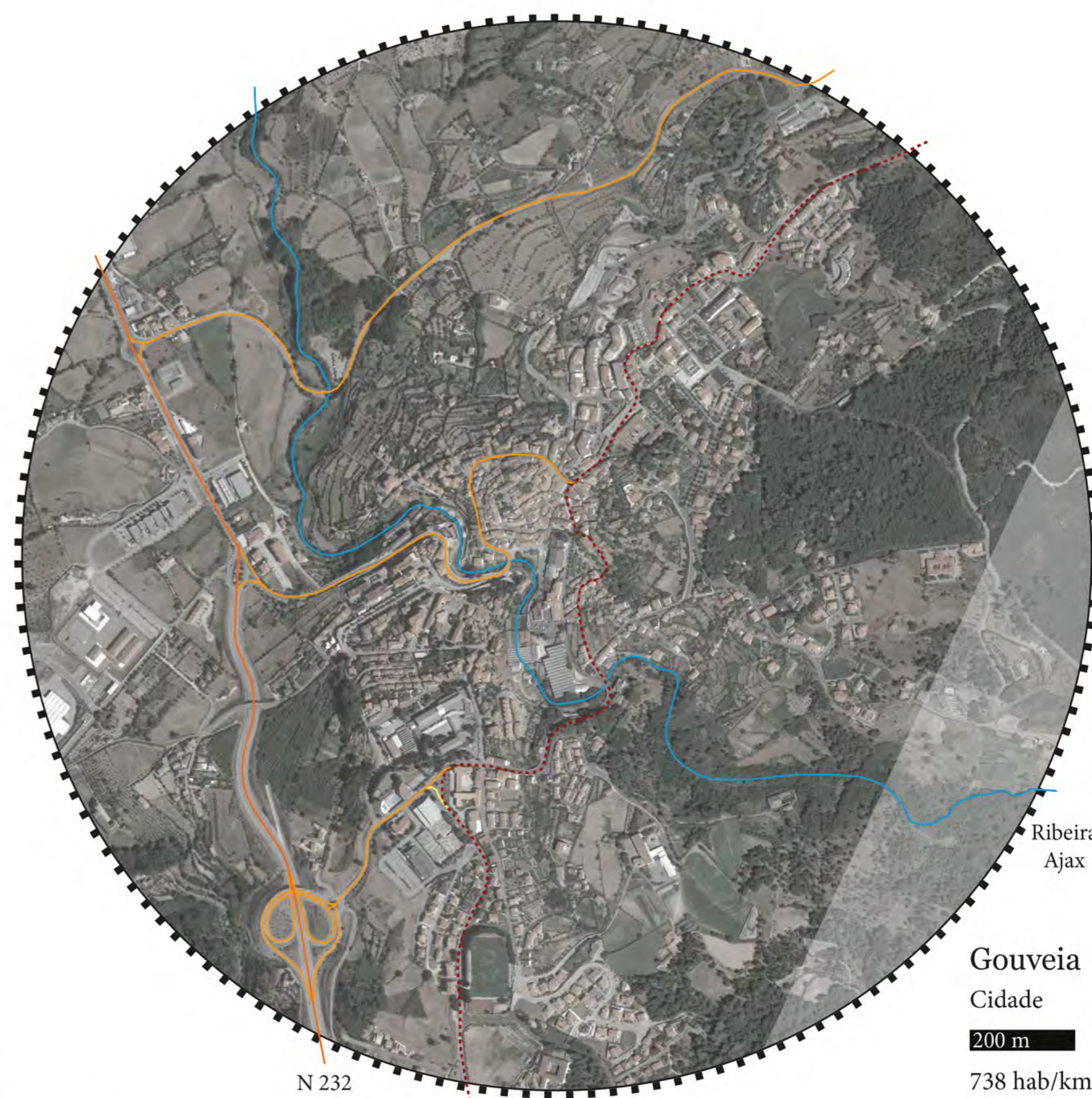


Guarda Distrito 10 km  
Identificação de Gouveia no Distrito da Guarda



Município de Gouveia

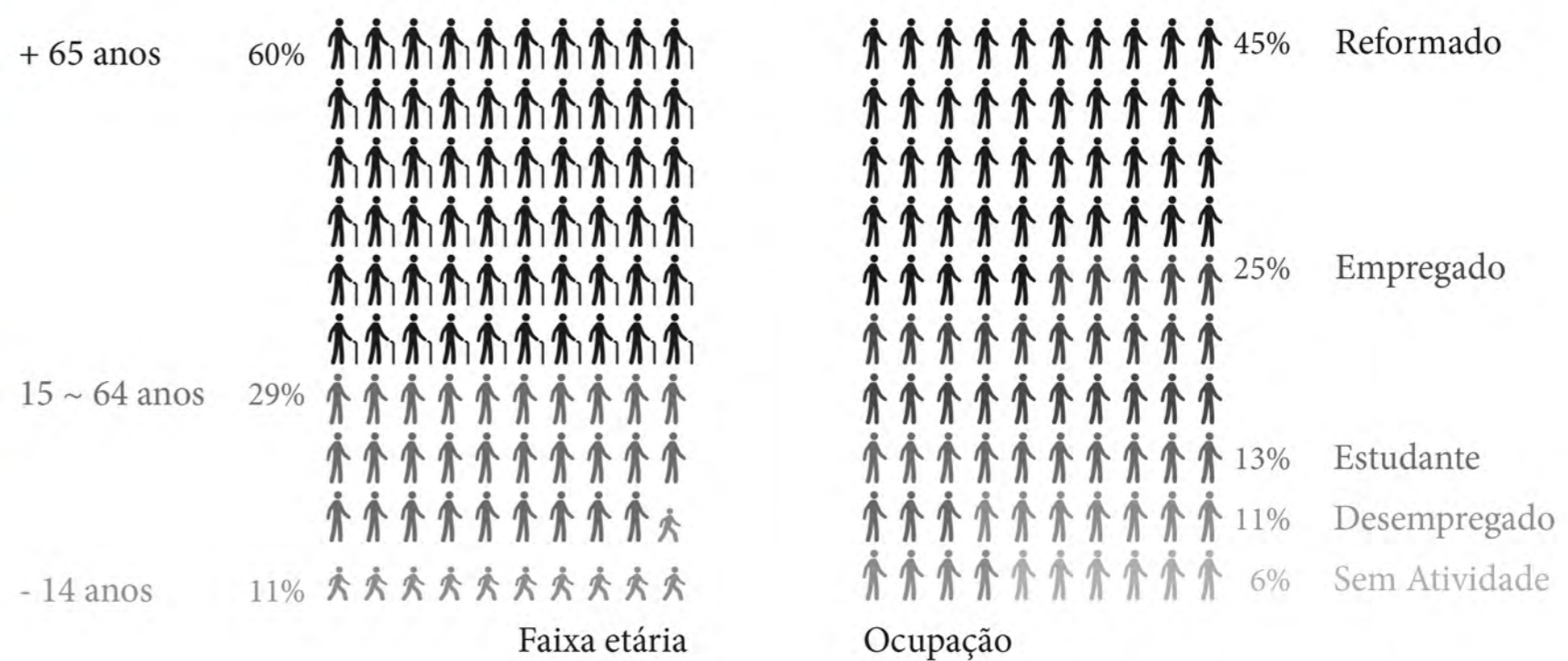
Gouveia Concelho  
300,6 km<sup>2</sup>  
12.715 Habitantes  
42 hab/km<sup>2</sup>  
0,4 hab/ha



Ribeira Ajax  
Gouveia Cidade  
200 m  
738 hab/km<sup>2</sup>  
7,4 hab/ha

Legenda :

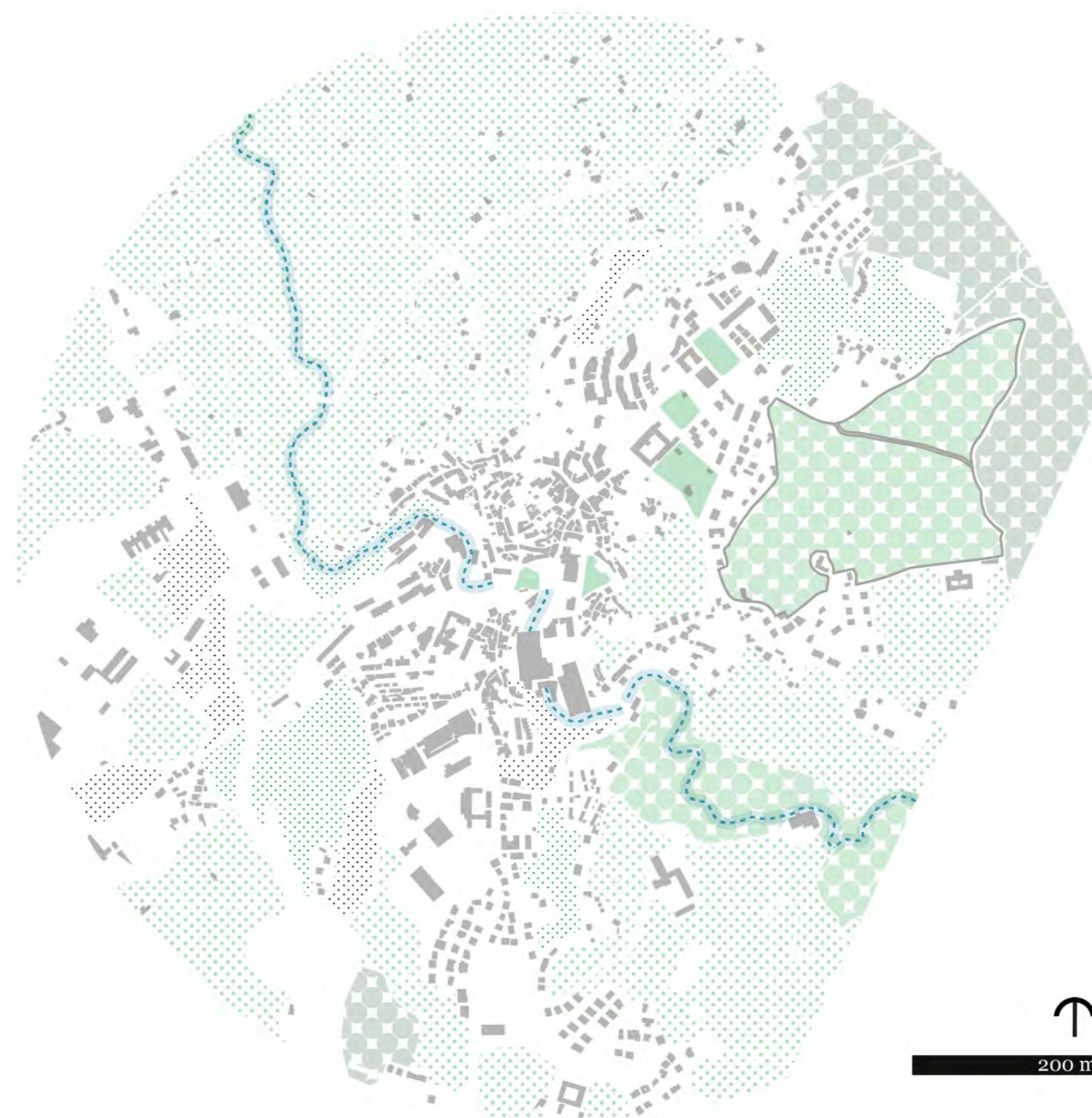
- Rio
- Parque Nacional Serra da Estrela
- Via Rápida
- Estrada Nacional
- Estrada Municipal
- Ligação Histórica



Mapa da Cidade de Gouveia e Dados demográficos



Análise SWOT



- Ribeira Ajax
- Jardim
- Mata da Cerca
- Mata de Farvão
- Florestal
- Agrícola
- Expectante
- Plantado
- Não Definido

Análise da estrutura verde de Gouveia

# A Mata da Cerca em Gouveia

Um lugar para a reconexão natural e a experimentação sensorial

Laboratório de Projeto II C, sob orientação do Professor Doutor João Paulo Cardielos Ana Bárbara Rios Cardoso Ferreira Batista, Julho de 2020



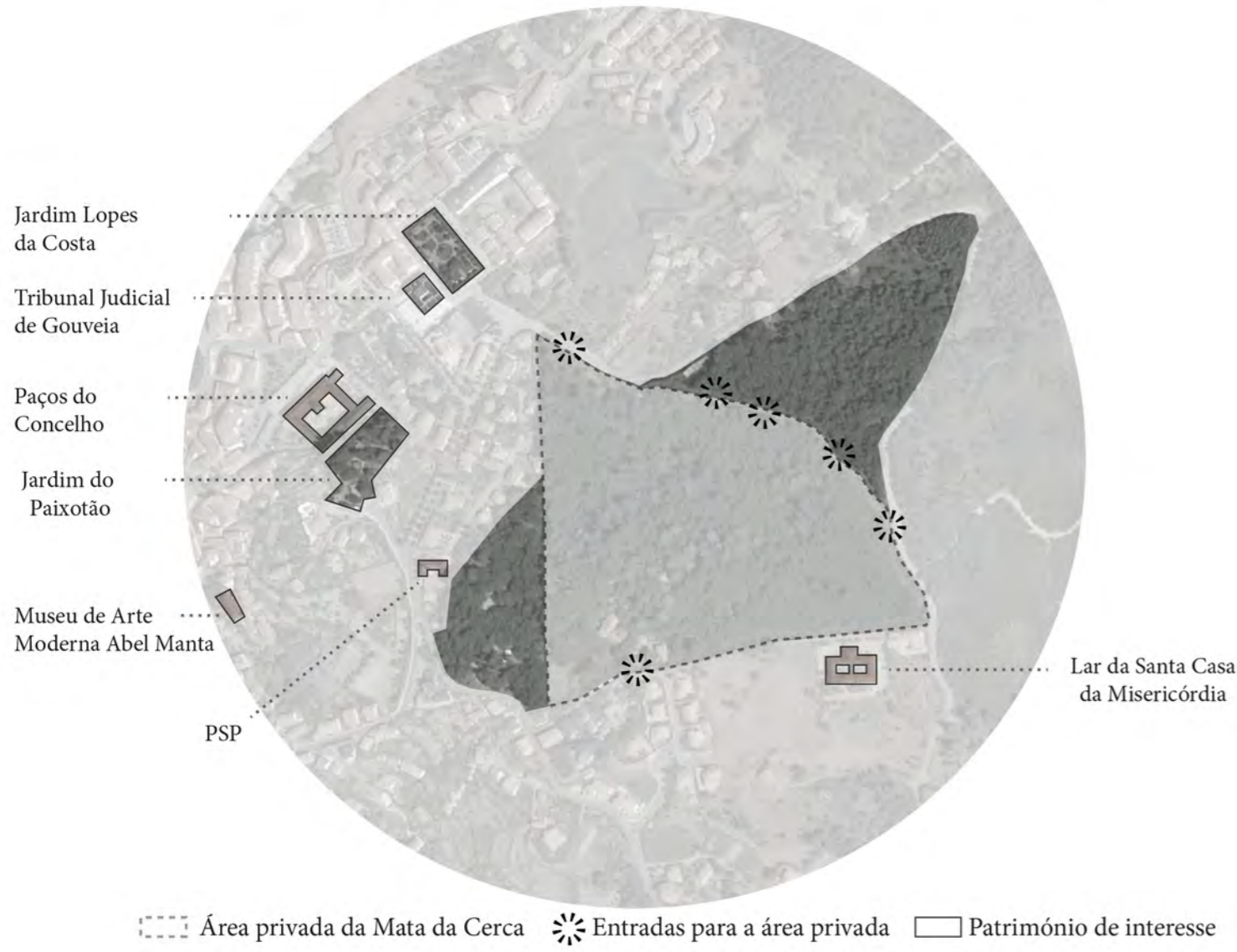
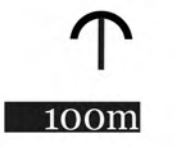
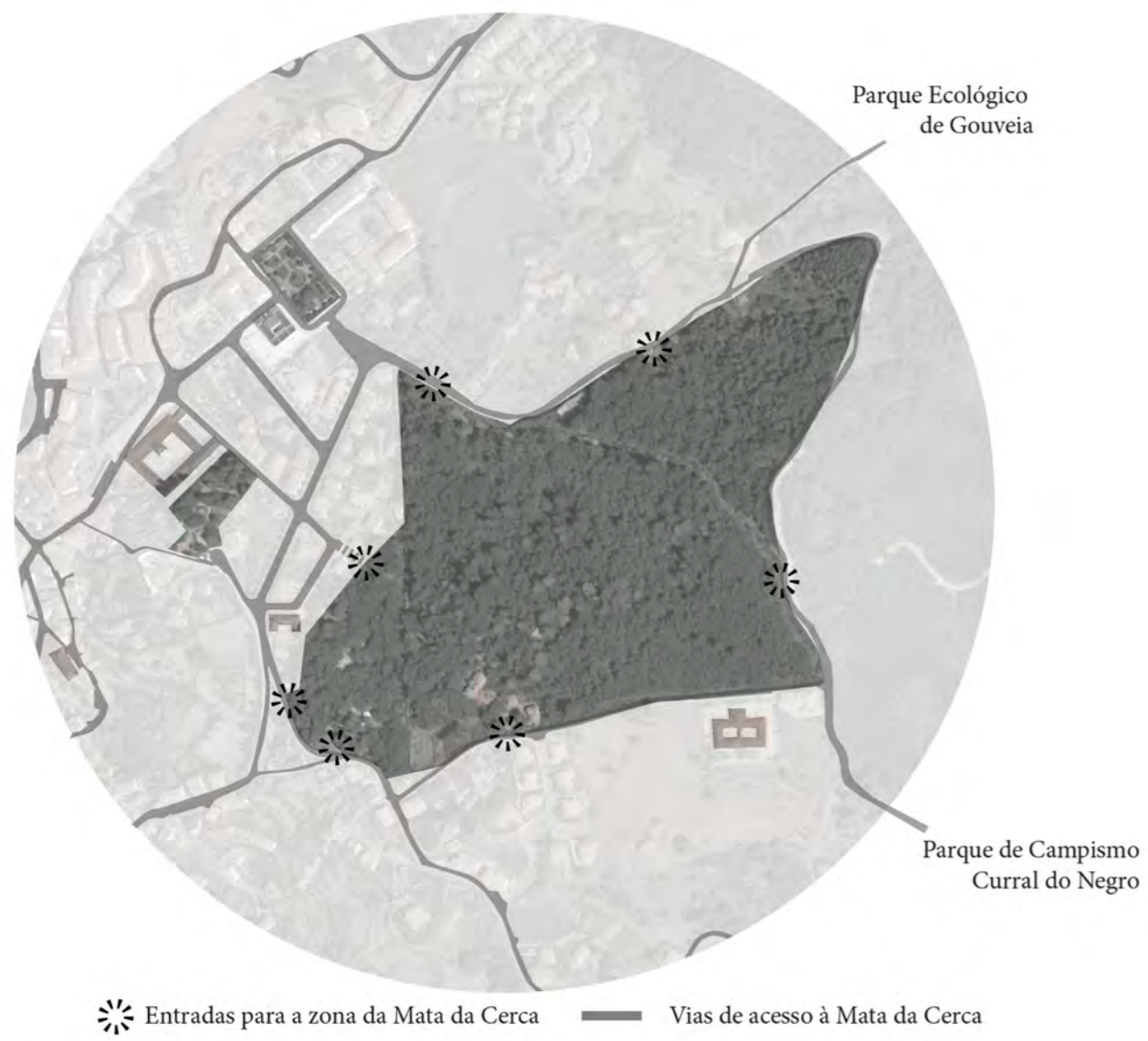
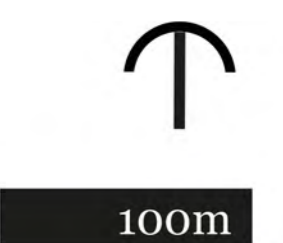
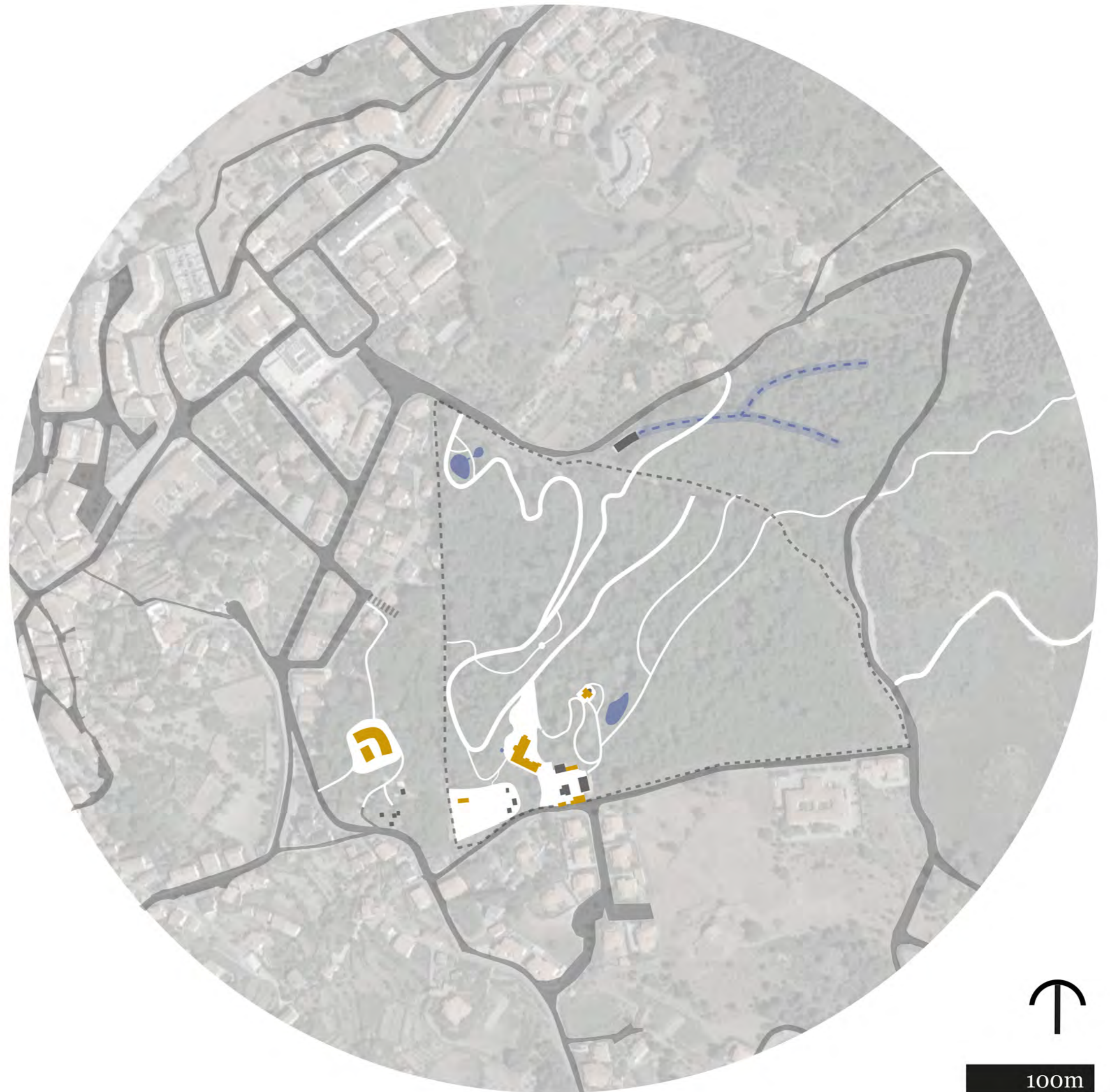


Diagrama de acessos e património de interesse da Mata da Cerca

Comparação da Morfologia entre o Parque das Pedras Salgadas e a Mata da Cerca



- |                                           |                                   |
|-------------------------------------------|-----------------------------------|
| 1. Casa da Cerca - Restaurante e Recepção | 7. Área técnica dos aerogeradores |
| 2. Capela dos Marqueses                   | 8. Lago de patos                  |
| 3. Casas do staff                         | 9. Zona agrícola                  |
| 4. Portaria                               | 10. Armazém de compostagem        |
| 5. Oficina de madeiras                    | 11. Casa de aves                  |
| 6. Estufas                                |                                   |



- |                                    |                |                       |
|------------------------------------|----------------|-----------------------|
| Percursos florestais preexistentes | Linhas de água | Edificado a restaurar |
| Muro da Cerca                      | Lagos/ fontes  |                       |

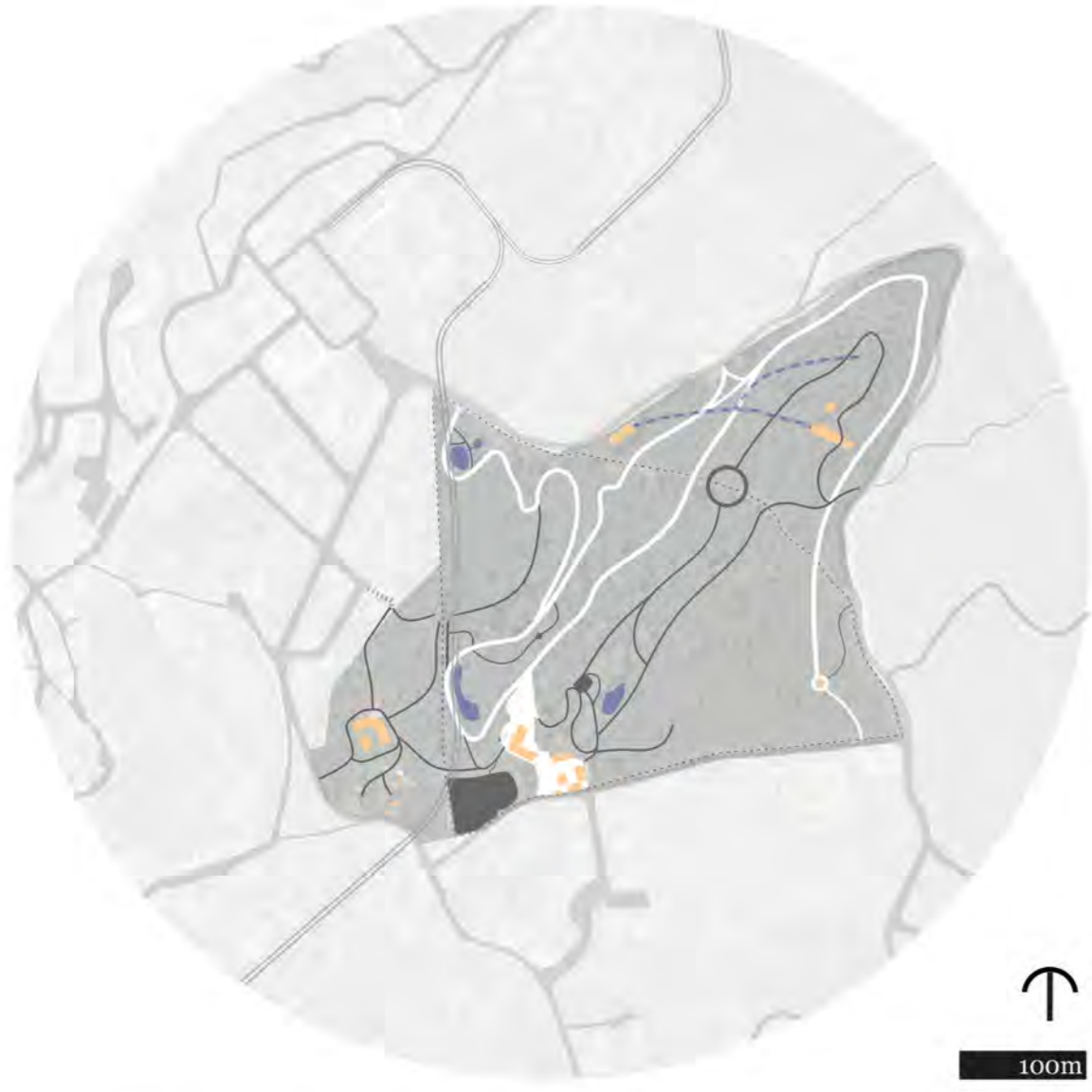
Planta do Coração da Cerca



Planta de percursos preexistentes e edificado a restaurar

# A Mata da Cerca em Gouveia

Um lugar para a reconexão natural e a experimentação sensorial

Laboratório de Projeto II C, sob orientação do Professor Doutor João Paulo Cardielos  
Ana Bárbara Rios Cardoso Ferreira Batista, Julho de 2020



 Percursos preparados para automóveis  
 Percursos pedonais

Planta de percursos pedonais e automóveis

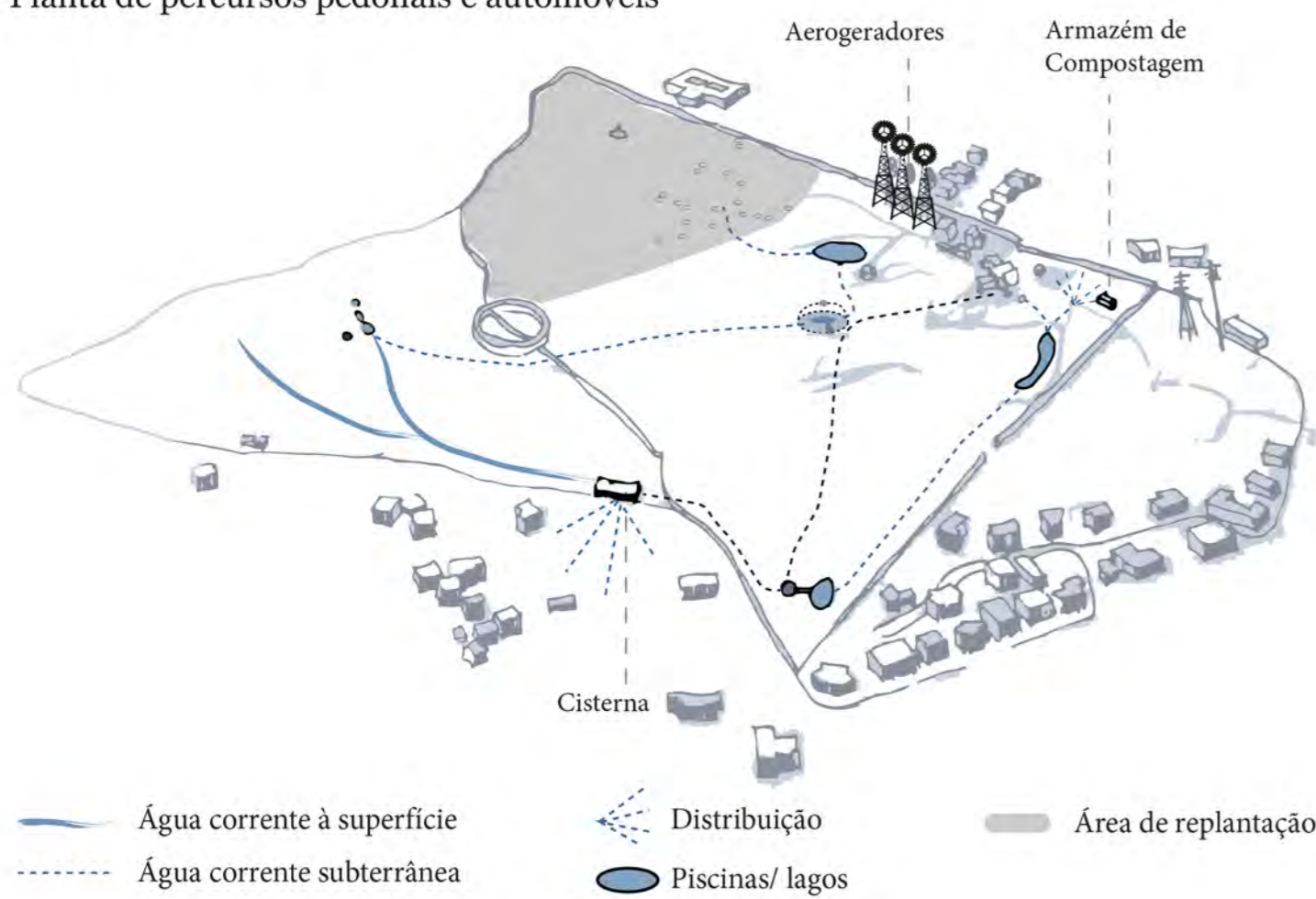


Diagrama da rede hídrica e energias

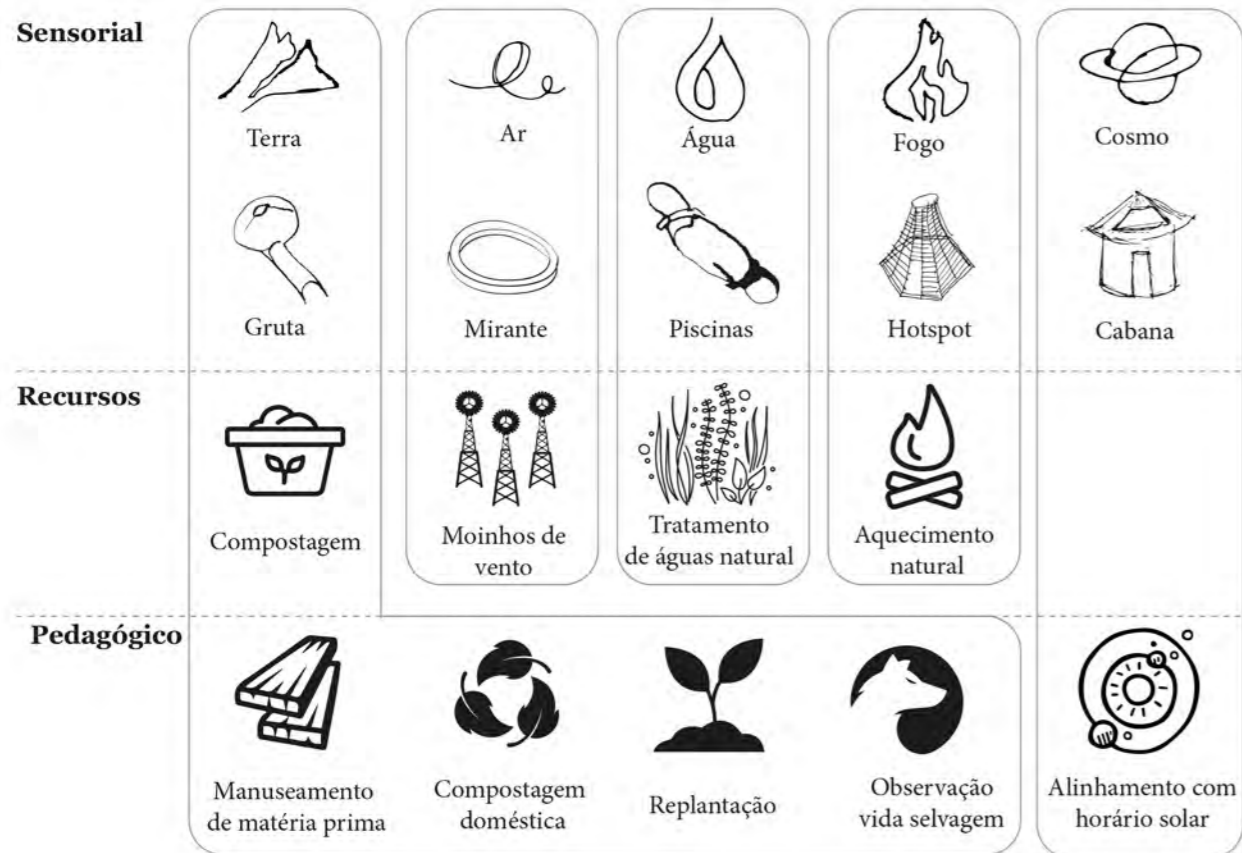
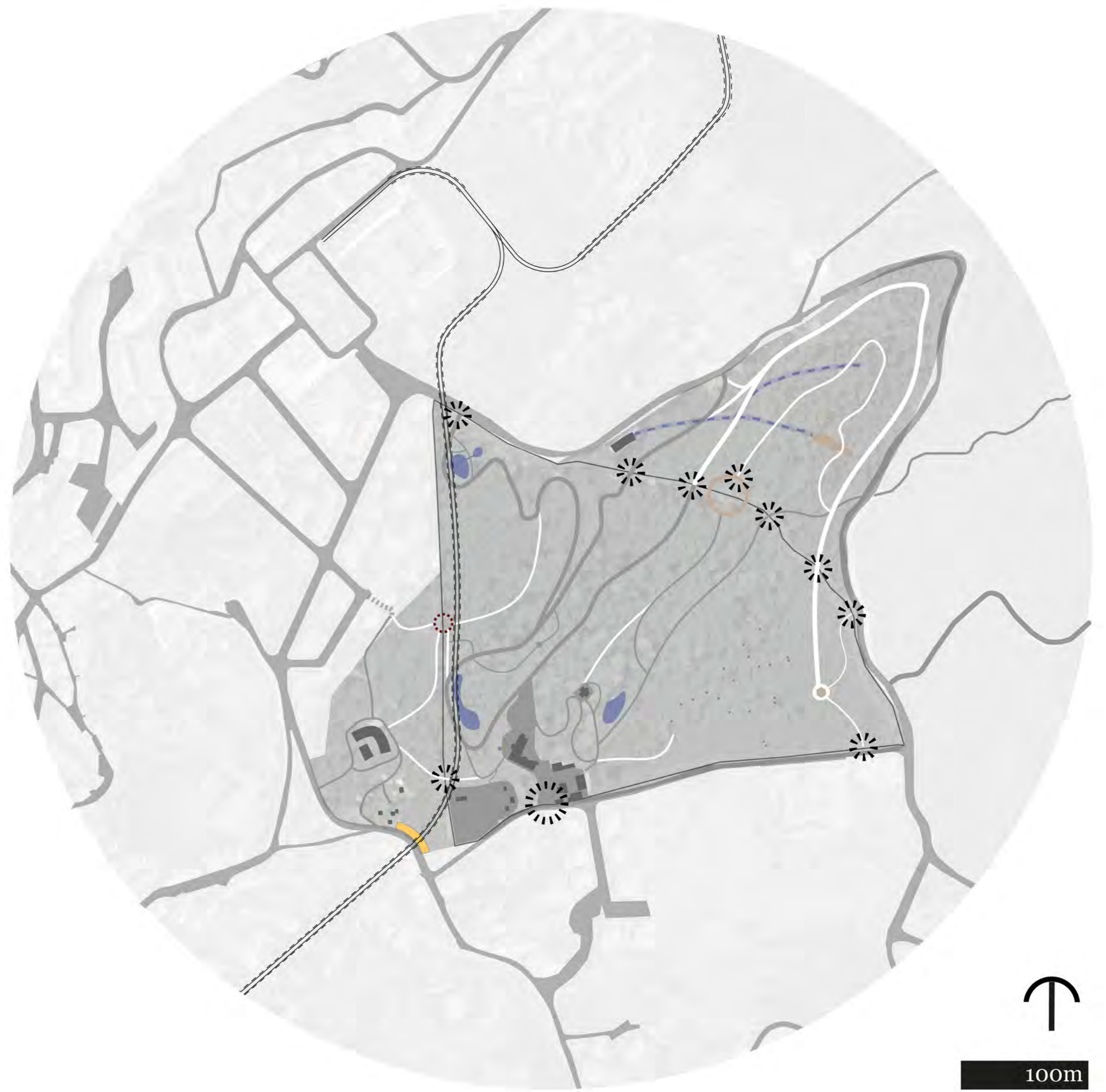


Diagrama esquemático das dinâmicas presentes no projeto



 Entradas na Cerca     Monorail     Percursos propostos  
 Entrada principal     Paragem Monorail     Estacionamento staff e mobilidade reduzida

Fig. 56 - Planta de Circulação da Mata da Cerca

Planta de Circulação da Mata da Cerca

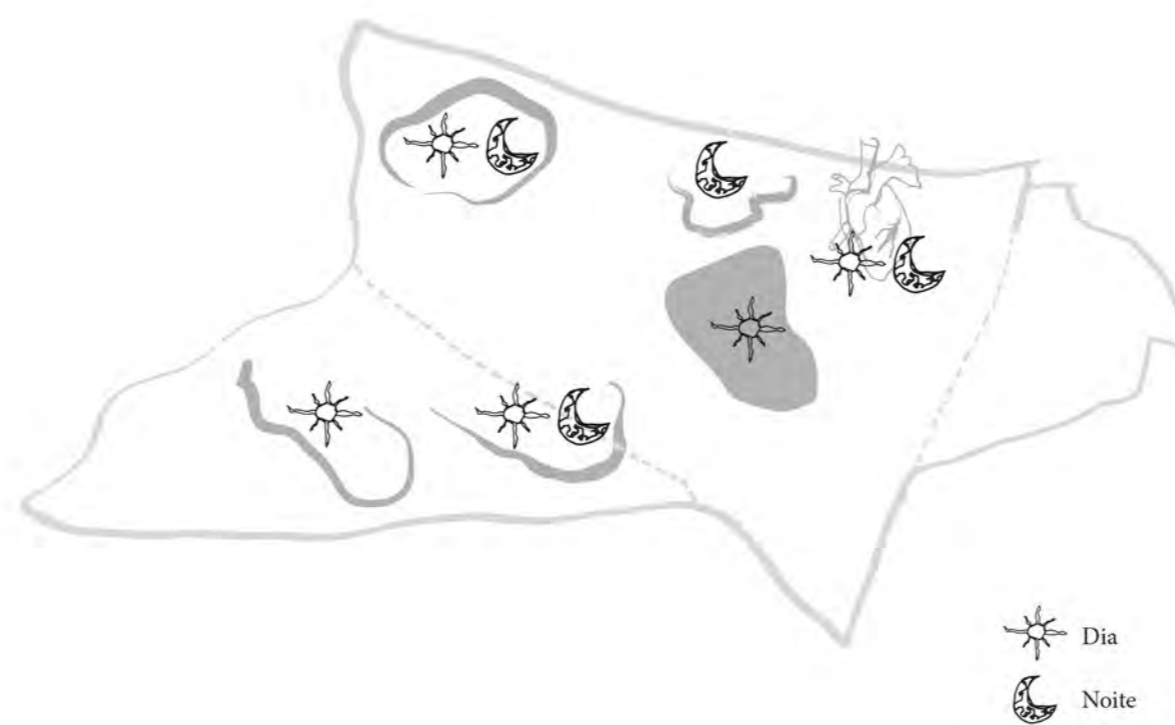


Fig. 64 - Diagrama de funções noturnas e diurnas

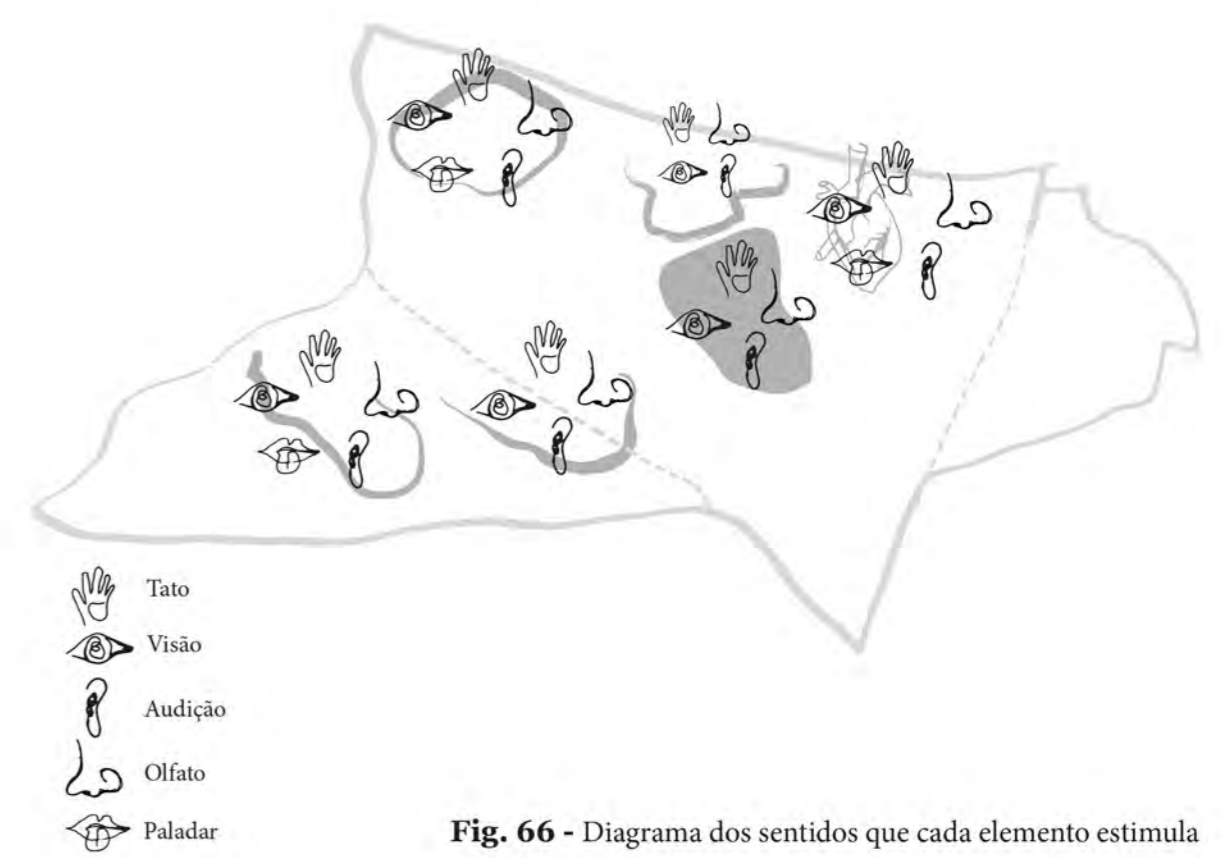


Fig. 66 - Diagrama dos sentidos que cada elemento estimula

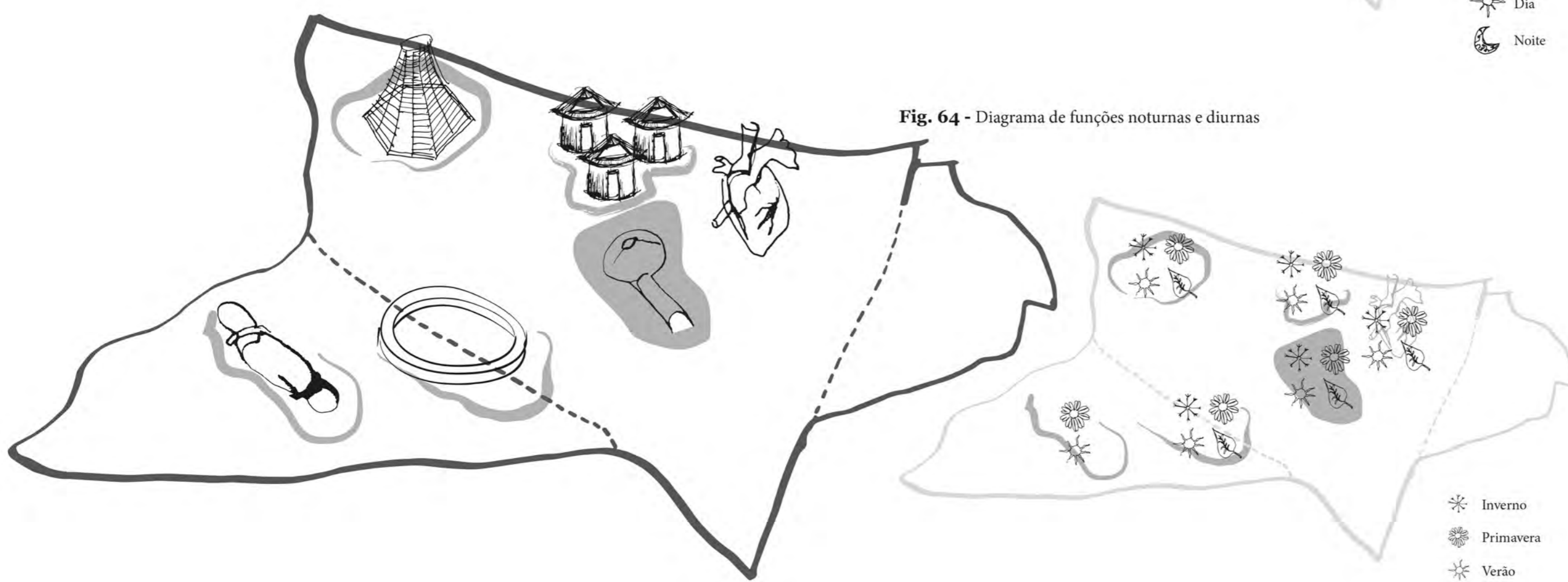


Fig. 65 - Diagrama das estações do ano recomendáveis para cada Elemento

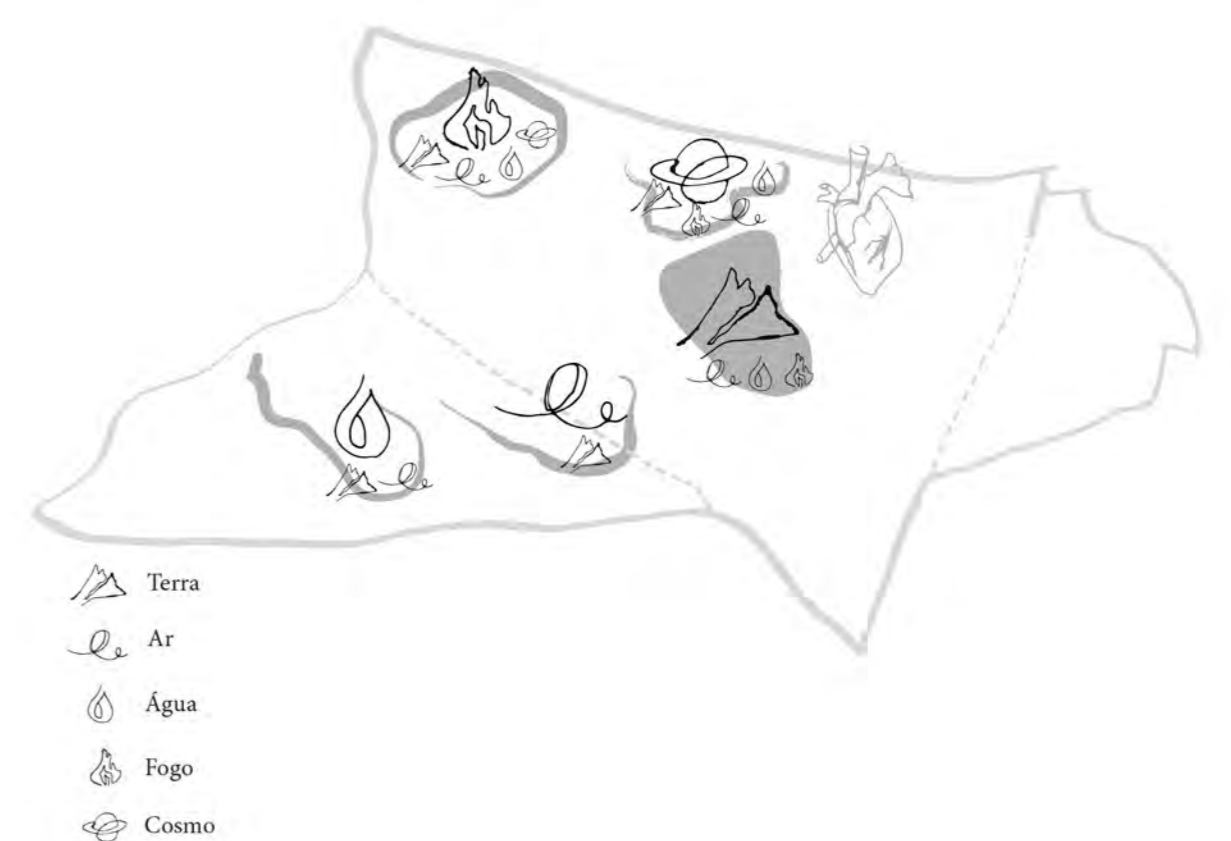


Fig. 67 - Diagrama dos elementos principais que cada objeto simboliza e elementos secundários

Diagrama conceptual do projeto

# A Mata da Cerca em Gouveia

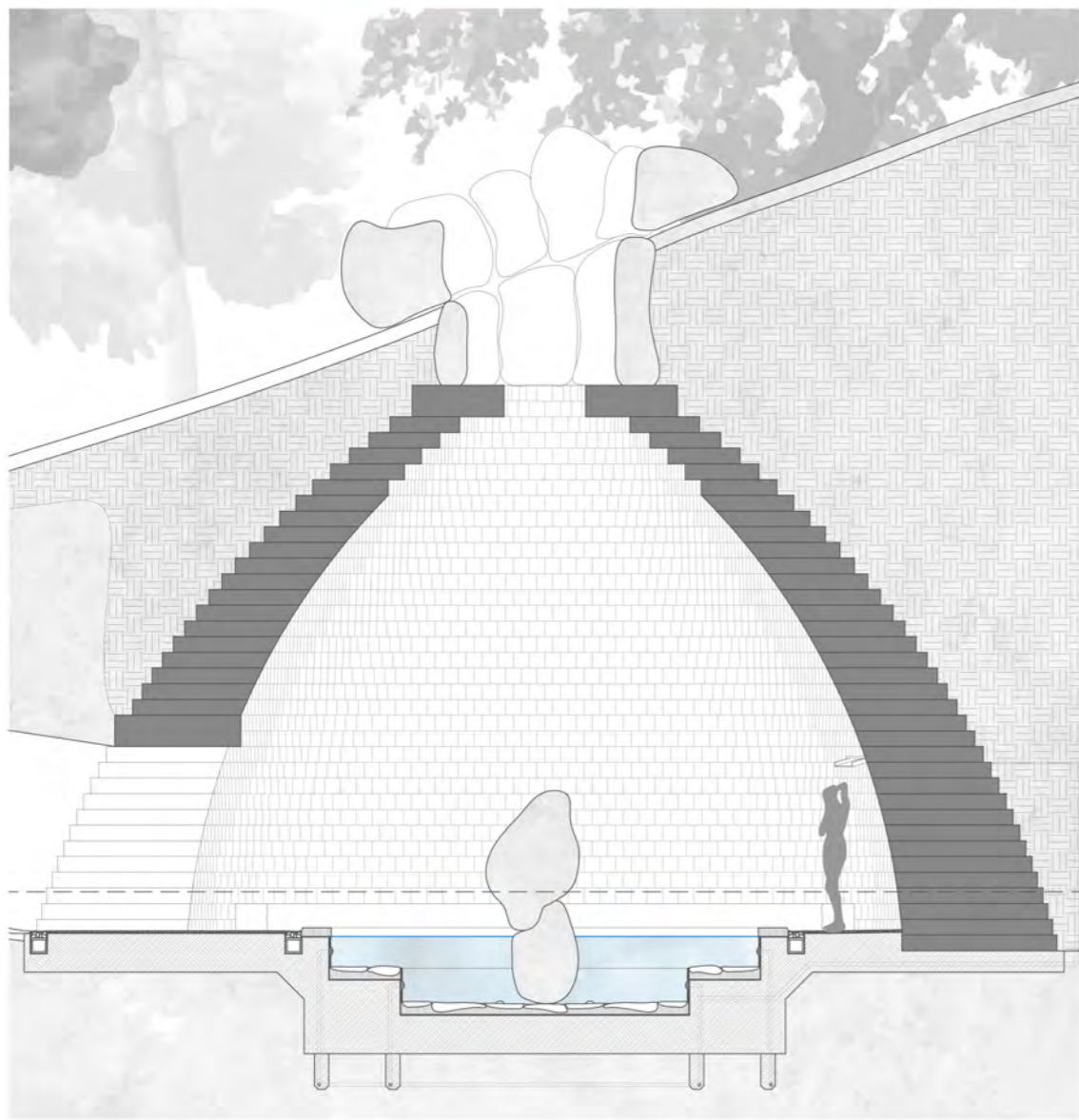
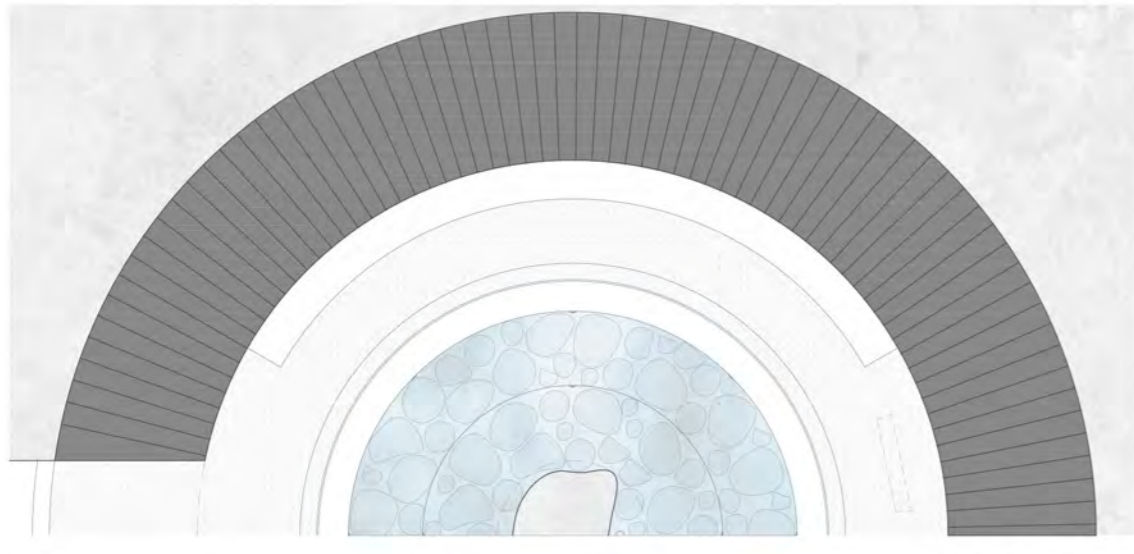
Um lugar para a reconexão natural e a experimentação sensorial

Laboratório de Projeto II C, sob orientação do Professor Doutor João Paulo Cardielos  
 Ana Bárbara Rios Cardoso Ferreira Batista, Julho de 2020

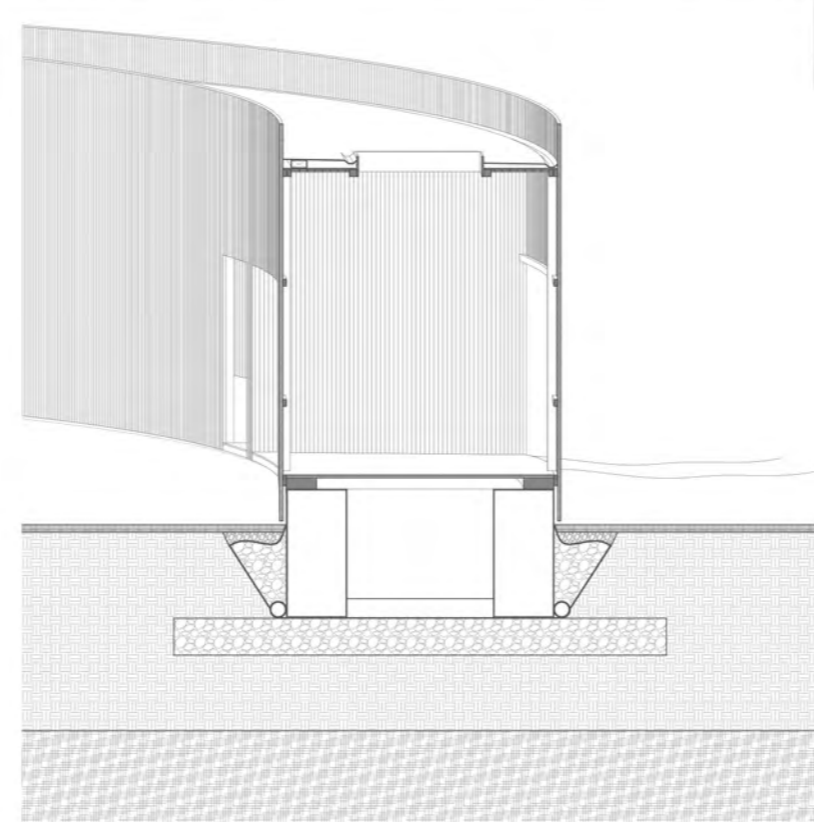
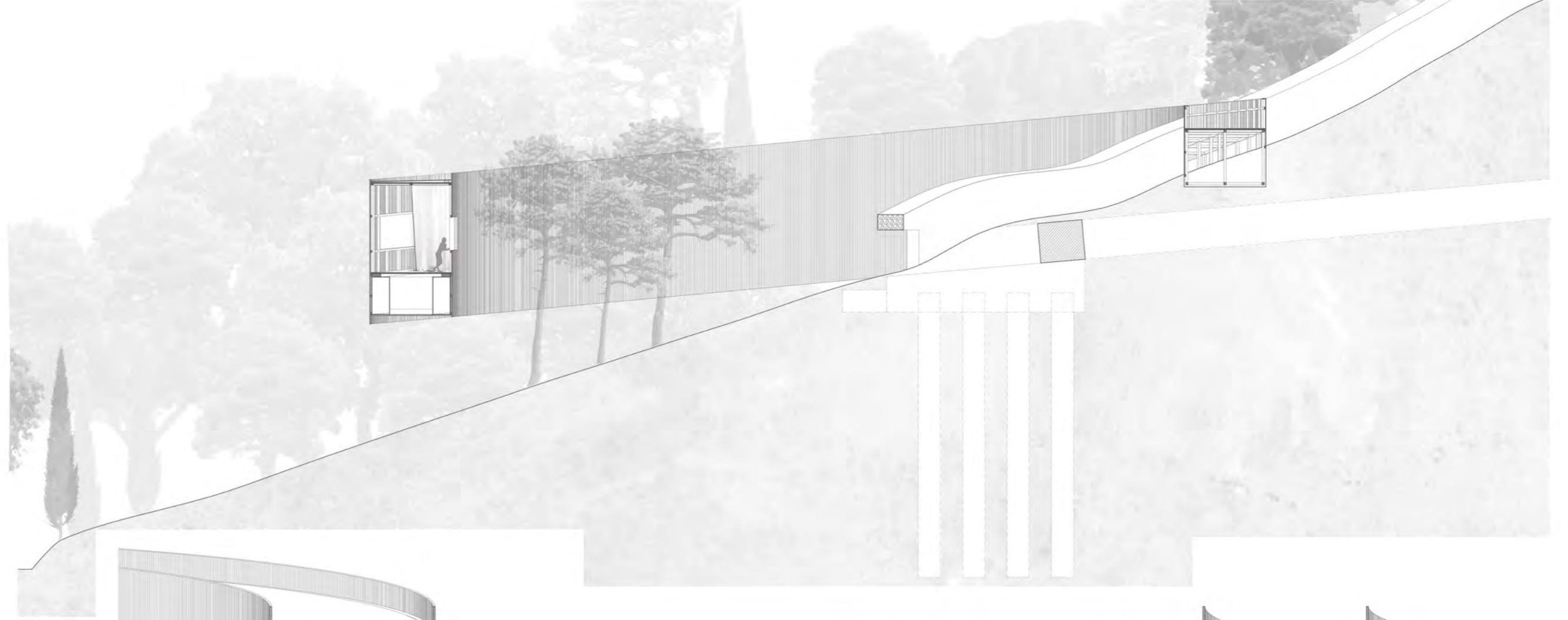
D'Arq  
 FCT.UC



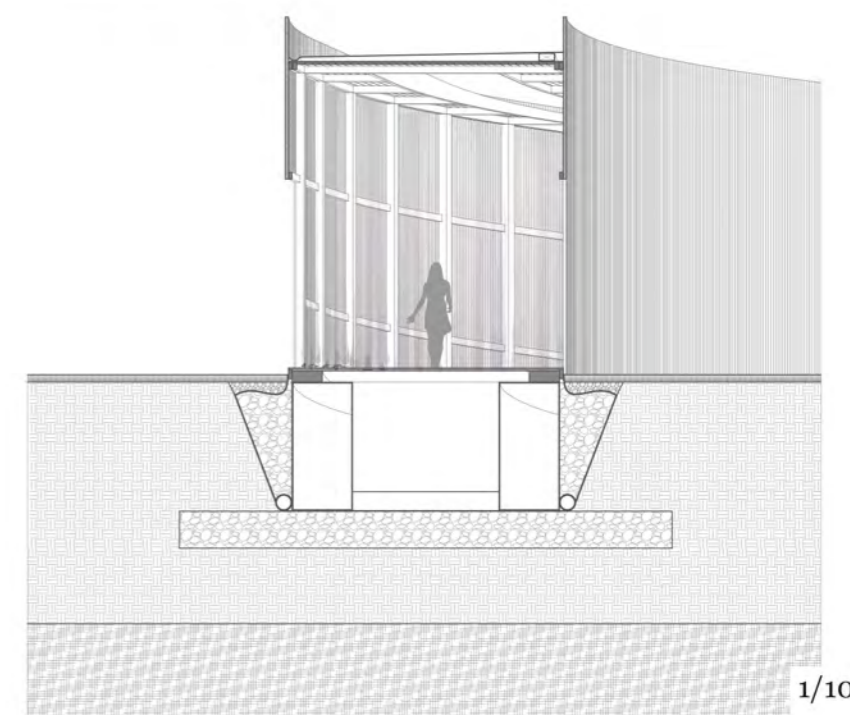
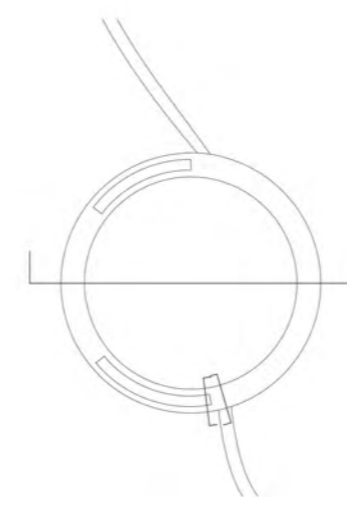
03  
 04



Planta de detalhe e corte transversal . Gruta



1/100



1/100

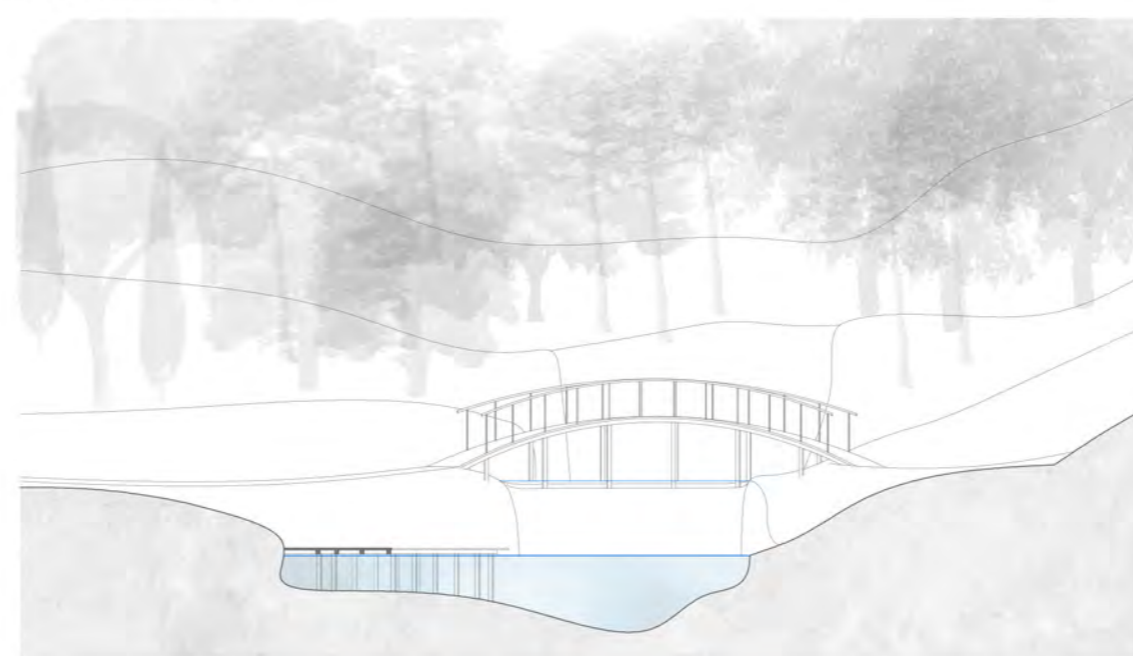
Corte e Detalhes . Mirante



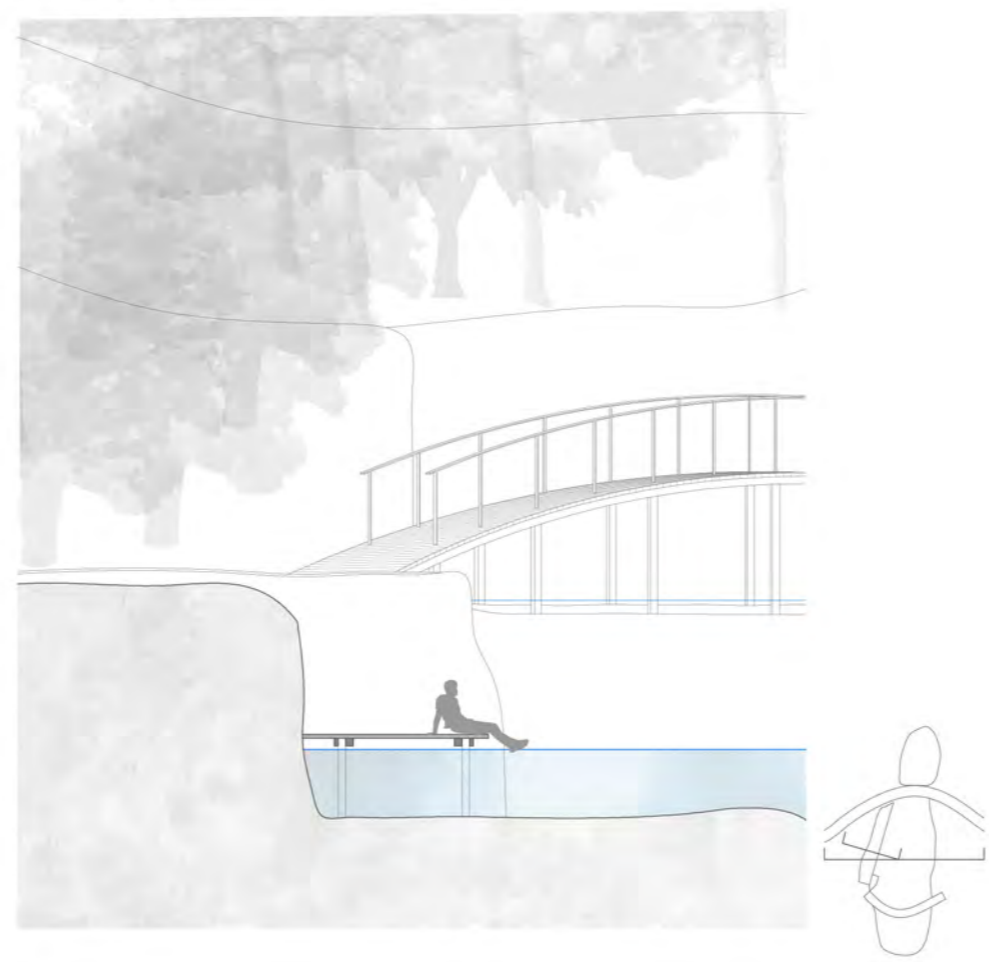
Planta . Piscinas



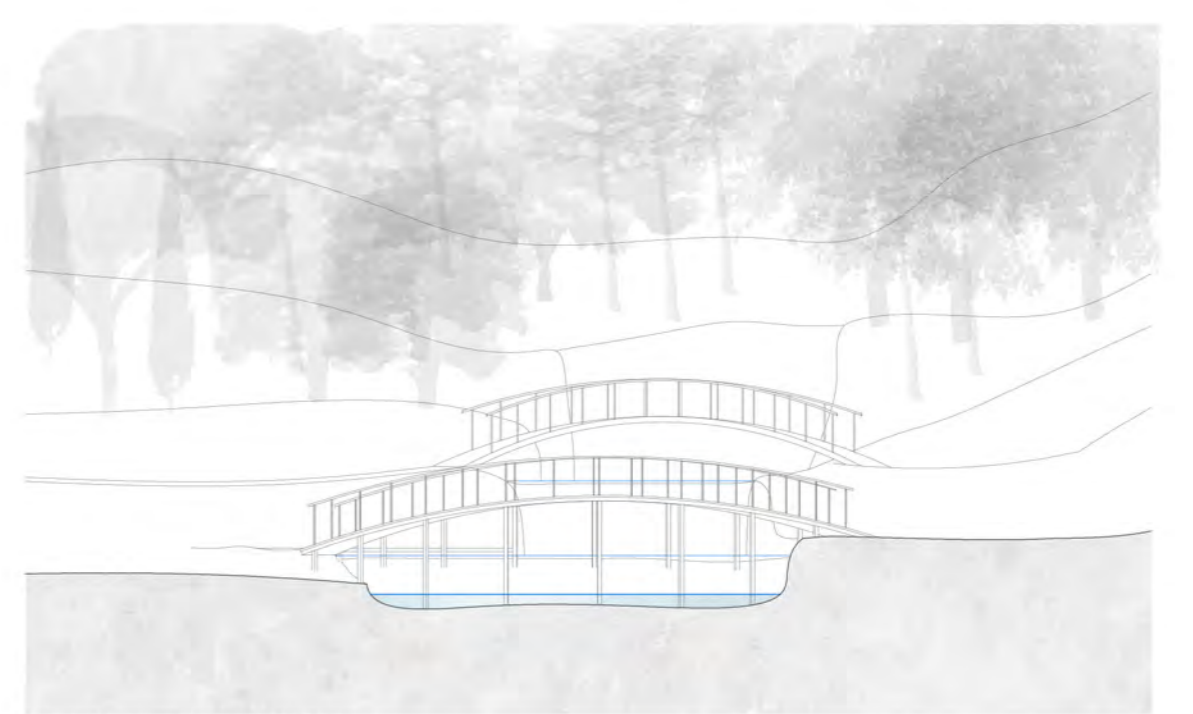
Corte longitudinal . Piscinas



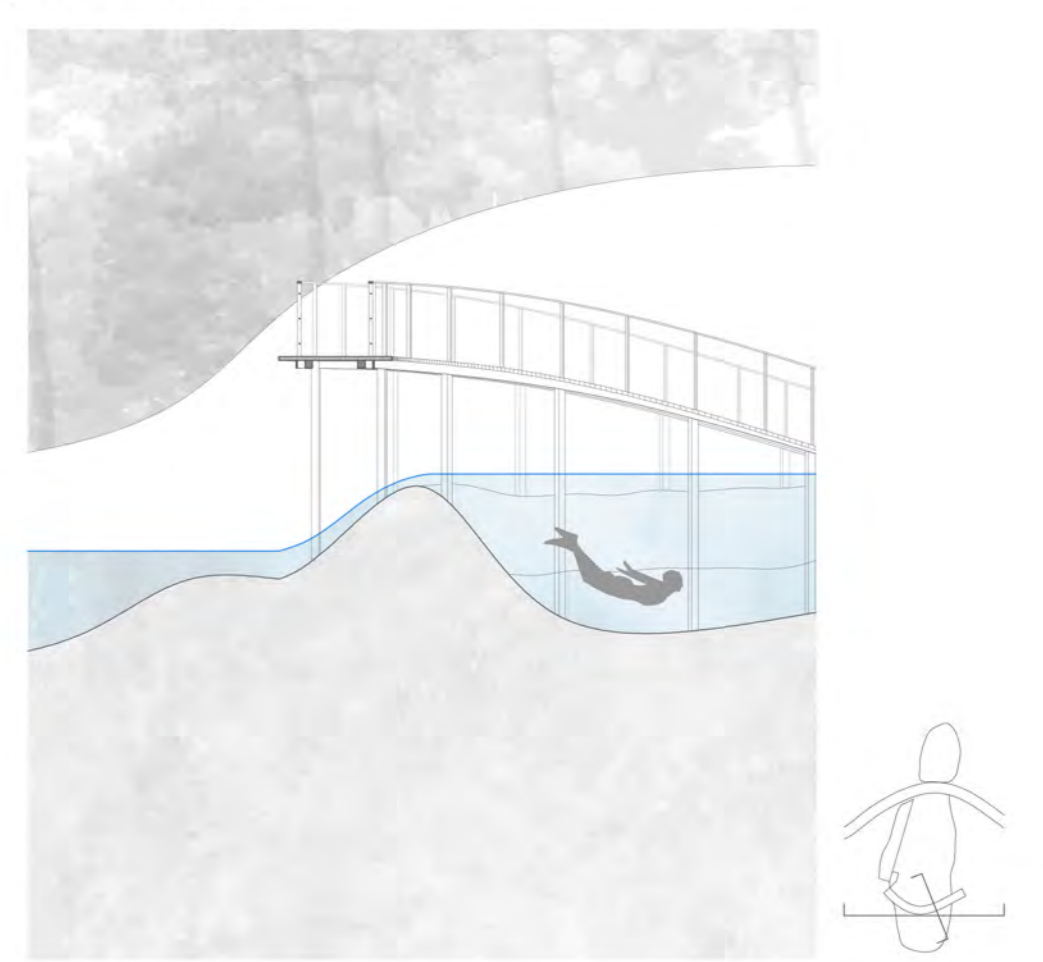
Corte deck . Piscinas



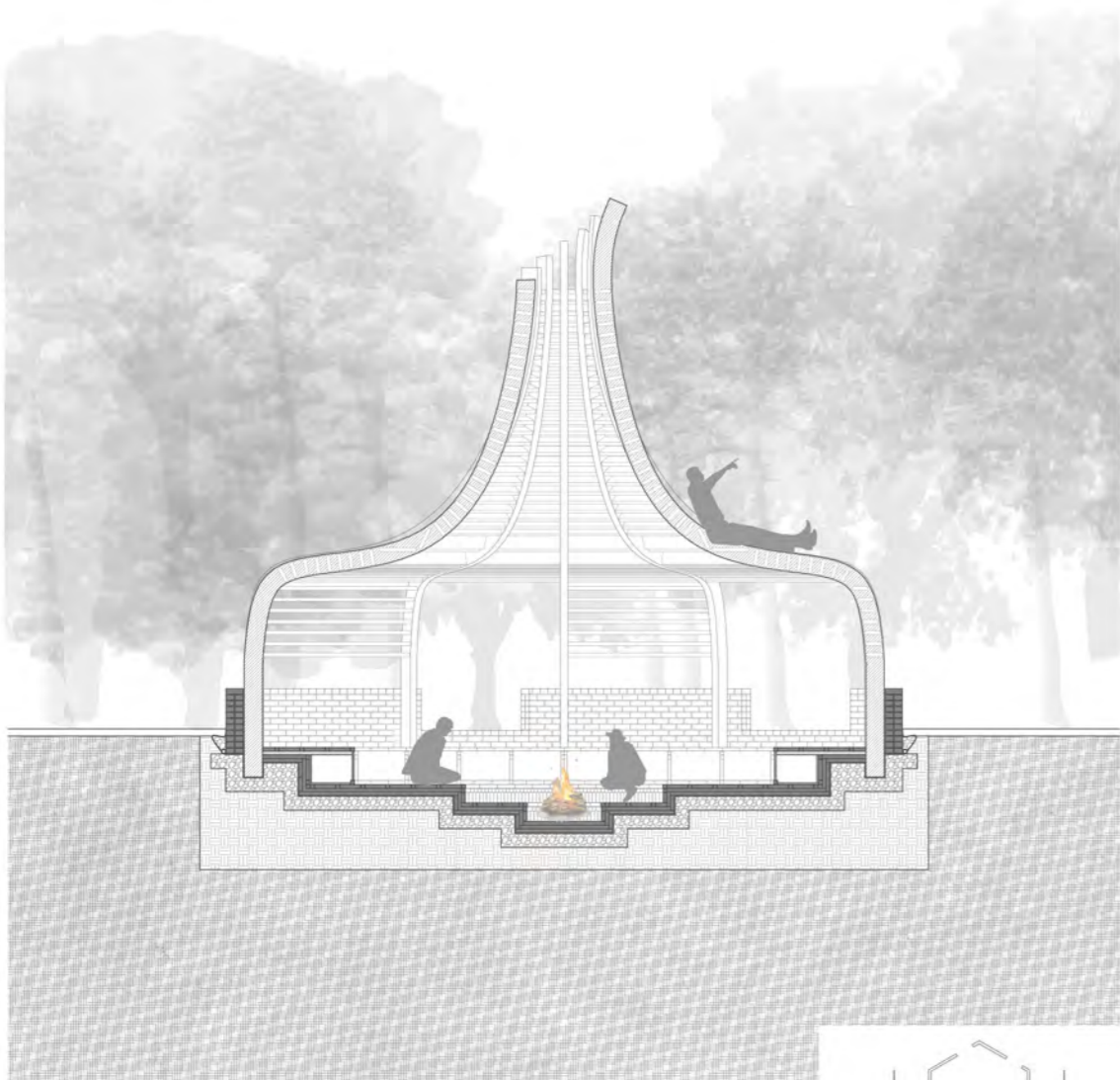
Detalhe deck . Piscinas



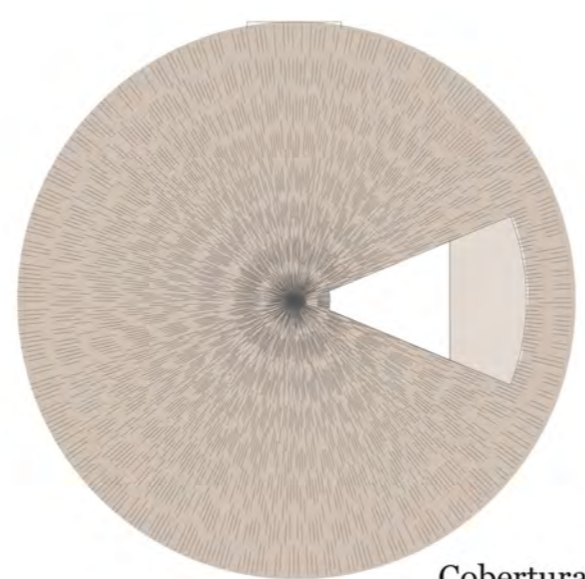
Corte ponte . Piscinas



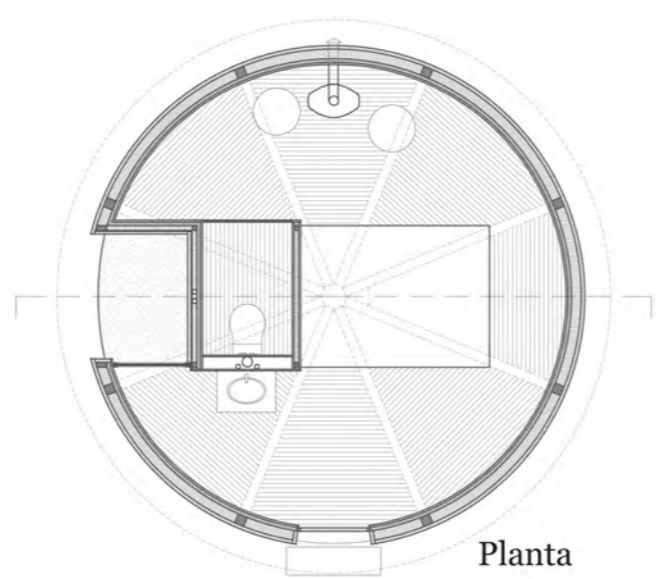
Detalhe ponte . Piscinas



Detalhe . Hotspot



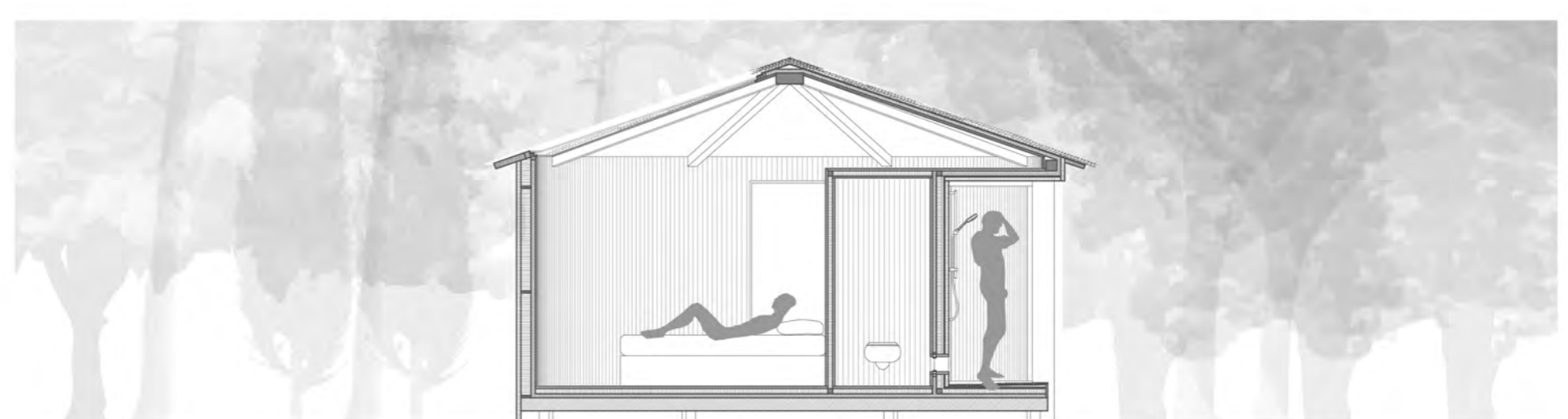
Cobertura



Planta



Alçado Sul



Corte

As Cabanas

# A Mata da Cerca em Gouveia

Um lugar para a reconexão natural e a experimentação sensorial

Laboratório de Projeto II C, sob orientação do Professor Doutor João Paulo Cardielos  
Ana Bárbara Rios Cardoso Ferreira Batista, Julho de 2020

D'Arq  
FCT.UC



04  
04